

Um táxi para a rua Amaro Lopes Madeira...



Newton Barretto Lins

Newton Barretto Lins

**UM TÁXI PARA A RUA
AMARO LOPES MADEIRA**

Quando o amor impera, o apoio para todos os problemas pode ser encontrado nas raízes.

Natal, junho 2019

Newton Barretto Lins

**UM TÁXI PARA A RUA
AMARO LOPES MADEIRA**

Dedico:

A meus netos, Samuel e Anna Luiza, para que conheçam e valorizem as memórias familiares e o amor de onde se originam.

A Lunara, neta que está vindo e já compartilha desse amor.

A meus tios, Margarida, Valdemar e Marluce. Personagens que transitam no cenário dos primeiros anos do encontro de meus pais, testemunhando a história aqui contada e cujas presenças queridas nos é dada até os dias atuais, como brinde Divino.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
PRÓLOGO	12
Quarta-feira, 13 de junho de 2007	15
<i>Sobre como Evaldo deu entrada no Hospital Geral com trombose mesen-térica</i>	
Segunda-feira, 18 de junho de 2007	22
Vida comprida, estrada alongada	25
<i>Sobre as origens, infância e juventude de Mariinha e o sítio de Vó</i>	
Os meus dias são tristes, vazios, são tristes os meus dias	32
<i>De como o jovem Evaldo, ainda em Ipojuca buscava independência</i>	
Parto à procura de alguém ou à procura de nada	37
<i>Trata da vinda de Evaldo para o Recife e de como passaram a morar pró-ximos</i>	
Terça-feira, 19 de junho de 2007	41
Um dia nos caminhos que cruzaram nossas almas	42
<i>De como o destino levou Mariinha ao encontro de Evaldo</i>	
Somos dois corações solitários à procura de alguém	47
<i>De como o destino levou Evaldo ao encontro de Mariinha</i>	
Quarta-feira, 20 de junho de 2007	65
Quando a lembrança com você for morar	66
<i>Trata da mudança do sítio para a Iputinga</i>	
Quem sabe na volta te encontre ainda no mesmo lugar	71
<i>Sobre o encontro na Escola Normal e o anúncio de viagem</i>	
Pombinha, quando tu fores, escreve pelo caminho	82
<i>Narra a despedida de Evaldo em 31 de maio de 48</i>	
Leva consigo um mundo vazio que é seu coração	86
<i>Sobre a viagem de Evaldo ao interior de Pernambuco</i>	
Mas se existe ainda quem queira me condenar	100
<i>Sobre o episódio da aplicação de injeção em Dona Bela</i>	

Quarta-feira, 21 de junho de 2007	105
Um conselho é tão fácil de dar	107
<i>A experiência de ensino na Estrada de Barbalho</i>	
Duas almas que o destino um dia escolheu	111
<i>Sobre o casamento em 19 de novembro de 1950</i>	
Os sonhos mais lindos sonhei	113
<i>Da primeira visita à casa da Amaro Lopes Madeira</i>	
E os canteiros da janela brotarão os romaninhos	132
<i>Trata do mutirão familiar de limpeza da casa</i>	
Quando madrugada já surgida os pombos voltarão p/ seu ninho..	135
<i>Narra a primeira passagem de ano no Engenho do Meio</i>	
Sexta-feira, 22 de junho de 2007	137
Quando a notícia correu vieram logo me dizer	139
<i>Sobre premonições e o acidente em Paulo Afonso</i>	
Sábado, 23 de junho de 2007	149
Amar é viver, é um doce prazer embriagador e vulgar	150
<i>Narra a chegada do primogênito</i>	
Domingo, 24 de junho de 2007	157
Aos domingos na capela, bota a saia de algodão	158
<i>Reunião familiar para anunciar segunda gravidez e viagem a Fortaleza</i>	
Ele se vai então, mas deixa a alma no Rio	162
<i>Sobre o dia de partida para Fortaleza</i>	
Vou indo caminhando sem saber onde chegar	165
<i>Narra a viagem de navio entre o Recife e Fortaleza</i>	
Segunda-feira, 25 de junho de 2007	176
Sempre no meu coração perto ou longe estarás	177
<i>Um ano em Fortaleza e a chegada do segundo filho</i>	
Terça-feira, 26 de junho de 2007	182
Outro lar não quero ter além daquele que sonhei	183
<i>O retorno ao Recife e recuperação da casa da Amaro Lopes Madeira</i>	
Sábado, 28 de julho de 2007	190
E quando esse milagre acontece tudo é diferente	191
<i>A chegada de Fátima num agosto tumultuado</i>	

Domingo, 29 de julho de 2007	199
O futuro seria bem grande, só eu e você	199
<i>O Externato 6 de Janeiro</i>	
Segunda-feira, 30 de julho de 2007	205
És malandrinha não precisas trabalhar	206
<i>Narra outras experiências empreendedoras</i>	
Terça-feira, 31 de julho de 2007	211
Margarida vai à fonte, vai encher a cantarinha	212
<i>Trata da chegada de Carlos Alberto e Evaldo Filho</i>	
Difícil no amor é saber renunciar	213
<i>Sobre nova visão premonitória e o nascimento de Leila</i>	
Com sofreguidão mil venturas previ	216
<i>O complemento da prole: Luiz Carlos e descendência</i>	
Quarta-feira, 01 de agosto de 2007	218
Da boca faz o tinteiro, do bico pena molhada, dos dentes letra miúda, dos olhos carta fechada	220
<i>Sobre a diversidade de tarefas na educação dos filhos</i>	
Quinta-feira, 02 de agosto de 2007	230
Nosso apartamento agora vive à meia luz	231
<i>A chegada da televisão e os “televizinhos”</i>	
Sexta-feira, 03 de agosto de 2007	236
Acorda minha bela namorada, a lua nos convida a passear	237
<i>Sobre Atividades culturais e passeio a praia</i>	
Sábado, 04 de agosto de 2007	242
Abro a porta temeroso, expressivo, esperançoso de te encontrar a sorrir	243
<i>As traquinagens dos filhos absorvidas por Mariinha</i>	
Domingo, 05 de agosto	247
Tudo que você queira, tudo farei por você	248
<i>Sobre a preservação da tranquilidade para o repouso do marido</i>	
Segunda-feira, 06 de agosto de 2007	251
Sempre no meu coração, na alegria e na dor	253
<i>Trata do surgimento de espondilite crônica</i>	

Terça-feira, 07 de agosto de 2007	257
Sofre porque a dor vai ensinando a gente a amar	258
<i>De como o espiritismo entrou na vida do casal</i>	
Quarta-feira, 08 de agosto de 2007	263
Sei que voltarás ao salão <i>grenat</i> que era o nosso ninho.....	264
<i>Narra diversas saídas curtas da Amaro Lopes Madeira</i>	
Quinta-feira, 09 de agosto de 2007	267
A sorrir, a cantar e a sonhar.....	267
<i>A trilha sonora cantada por Mariinha</i>	
Sexta-feira, 10 de agosto de 2007	273
Um táxi para a Rua Amaro Lopes Madeira, 44	273
<i>Sobre como, em delírio, Evaldo pede um taxi para seu refúgio de paz</i>	
Domingo, 09 de agosto de 2009	278
Caminheemos, talvez nos vejamos depois	278
<i>Dois anos sem o marido e os cuidados com a própria saúde</i>	
Domingo, 10 de janeiro de 2010	293
Dia do irmão	293
<i>Descreve a continuidade da família unida em amor</i>	
NOTAS DO AUTOR	298
AGRADECIMENTOS	303
REFERÊNCIAS	305
SITES PARA e-VISITAÇÃO	306
ANEXO: TRILHA SONORA	309
O AUTOR	334

PREFÁCIO

No início do mês de dezembro [2019], recebi uma mensagem do amigo Newton Barretto Lins, indicando que gostaria de falar comigo. Atolado nas tarefas de final de semestre na UFRN, terminei até demorando um pouco para retornar o contato. Finalmente, pedi desculpas, conversamos por telefone, e ele me surpreendeu convidando para prefaciá-lo seu livro.

Embora preocupado com as minhas limitações, eu jamais poderia deixar de aceitar o convite pela boa amizade e pelo profundo respeito e admiração que tenho pelo colega.

Aceitei de imediato o desafio e percebi o entusiasmo dele descrevendo o conteúdo de “Um Táxi para a Rua Amaro Lopes Madeira”.

Entusiasmo, aliás, é uma marca de Newton que fica evidente em todas as atividades em que se envolve. O conheço desde o início dos anos 80 quando trabalhávamos na TELERN, onde ele atuava como projetista (excelente) de redes telefônicas. Rigoroso no cumprimento de prazos, pessoa decente, bom caráter, nível cultural elevado, firme nas posições que assume, mas respeitador de opiniões diferentes.

Na TELERN, atuou com destaque no programa de Qualidade Total, foi dinâmico e criativo como presidente do clube dos empregados da empresa. Trabalhou também na área de Operações da região Oeste em Mossoró. Sempre foi um excelente redator, acredito que herdou esse dom de Dona Mariinha, sua mãe, que era professora. Aliás, esse aspecto da redação de Newton, sempre me é comentado pelo amigo comum Antônio Abreu, que faz elogios rasgados à carta dele dirigida à TELERN solicitando emprego (foi contratado de imediato!).

Formado e pós-graduado em Administração, atuou com destaque como professor e diretor universitário, também prestou/ presta serviços à empresa Conectrom e atuou no Tribunal de Justiça, além de outras atividades de consultoria.

“Um Táxi para a Rua Amaro Lopes Madeira” apresenta um relato da vida de Mariinha Andrade e Evaldo Barreto Lins. Contrariando o pensamento do autor, que se julga iniciante na arte literária, definitivamente Newton Barretto Lins não me parece um marinheiro de primeira viagem. De enorme sensibilidade, sua obra retrata a grandeza dos sentimentos nobres, uma avalanche de recordações. Sua fecunda imaginação lapida com carinho e paciência fragmentos de 57 anos de convivência harmônica através de depoimentos, cartas, anotações, testemunhos de familiares que tiveram a felicidade de compartilharem do dia a dia de Evaldo e Mariinha, seus pais.

Como quem pinta uma tela, Newton dá vida em cores vivas à narrativa em tempo recente, no retorno ao passado e na transcrição de depoimentos de múltiplas origens. E ainda nos brinda com os versos da trilha sonora de Mariinha que por tanto tempo embalou a vida dos filhos.

Costurando memórias a partir de uma frase dita no leito do hospital, o autor paralelamente retrocede no tempo até as origens de Mariinha e o sítio de Vó, enquanto o jovem Evaldo, ainda em Ipojuca, vislumbra independência rumo ao Recife. O primeiro encontro no palco do coreto da praça ao som de “Fascinação”. Mudanças, viagens, experiências, vivências, encontros e desencontros, sonhos entrelaçados, sorrindo sem motivo, brilho nos olhos – o casamento.

Posso garantir que o livro prende a atenção do leitor do começo ao fim, a escrita é prazerosa, num passeio suave, agradável e lúdico, acompanhando a história da família, os episódios marcantes, o romantismo do casal.

As dificuldades para garantir a estabilidade familiar dos avós, a obstinação de Evaldo e Mariinha buscando uma vida melhor, a Escola Normal como referência educacional, as normalistas com prestígio, as festas na Praça, a noite de Santos Reis, o coreto, o flerte, as paisagens da cidade, o trem, o bonde. Tudo isso está contemplado na presente obra.

Em especial para os amigos e membros das famílias Barretto e Andrade, a leitura proporcionará uma viagem no túnel

do tempo, um reencontro de gerações emocionante e agregador. Como muito bem escreveu o autor na dedicatória aos netos “para que conheçam e valorizem as memórias familiares e o amor de onde se originam”.

As vidas de Evaldo e Mariinha viram um livro que vale um filme. Emocione-se leitor!

Fred Sizenando Rossiter Pinheiro

PROLÓGO

Quando um casal compartilha uma vida comum durante quase 57 anos, em convivência harmônica e, mais que isso, amorosa, “até que a morte os separe”, não se pode desperdiçar o exemplo, no mínimo para entender a receita dessa união. Quem sabe, reproduzi-la.

Numa reunião familiar depois da partida de Evaldo, Luiz Carlos compartilhou com os irmãos uma solicitação feita pelo pai, em um momento angustiante, de sofrimento, delirando sob efeito de febre intensa, por conta de infecção hospitalar que ceifaria sua vida.

Fora do seu raciocínio normal, Evaldo requisitara o filho para próximo de si e pedira: “Chama um táxi para a Rua Amaro Lopes Madeira, 44, por favor”.

Queria ele deixar o hospital para fugir do sofrimento por que passava? Ou simplesmente sua mente referia-se ao endereço onde sentia-se seguro e confortável? Onde fora feliz e tivera apoio e carinho ao longo de todos os anos de sua vida ao lado de Mariinha?

Estas memórias não têm a pretensão de ser uma biografia do casal, nem se interessa em manter relato fiel à história e ao tempo, com exatidão. Mas se ocupa em girar no entorno dos acontecimentos, ao menos vinculados à sequência cronológica e aos fatos mais evidentes e conhecidos do casal.

Os eventos e fatos que parecem ter dado liga ao conjunto são o foco do relato do romance vivido: interdependência, projetos compartilhados, apoio solidário, harmonia, respeito, carinho, renúncia e, acima de tudo, amor. Amor encontrado nas entrelinhas, nas declarações explícitas e nos detalhes.

Para quem conviveu com o casal, uma lembrança viva de momentos emocionantes. Para quem não os conheceu, oportunidade de saber que é possível viver por amor.

A narrativa transcorre em três tempos: um deles o tempo real, nos diálogos do hospital onde Evaldo estava sendo atendido, sempre acompanhado por Mariinha e constantemente visitado pelos filhos, travando entre si várias sessões de reminiscências e depoimentos; em outro momento, a divagação histórica que retorna no tempo para reviver as situações do passado remoto; por fim, a transcrição de depoimentos de múltiplas origens, sobretudo das anotações de Mariinha, registradas em cadernos encontrados em seus pertences à guisa de diários, porém somente anotados esporadicamente, em eventos ou situações especiais, trazidas como apoio testemunhal da forma como a protagonista os vivenciou.

Enquanto os dois primeiros tempos são narrados na terceira pessoa, trazendo os depoimentos, a história e até mesmo os diálogos sob a ótica e percepção do escriba, o último, relativo a excertos de cartas e notas retiradas dos cadernos, por se tratar de fonte documental, é apresentado na primeira pessoa, sintetizando a perspectiva de Mariinha, Evaldo e outros depoentes.

Resta introduzir o leitor na explicação de que, tal como afirmado, não há aqui nenhuma pretensão de fidelidade histórica, por isso, os registros redigidos por Mariinha foram tratados de forma a selecionar apenas a síntese que corrobora cada situação enquanto que, mesmo não grafados em tais cadernos, foram incluídos seus depoimentos verbais, arquivados na memória viva.

Para emprestar maior fidedignidade, confrontou-se as datas ou, no mínimo, o período histórico cronológico narrado por Margarida Andrade de Figueiredo, irmã de Mariinha, no livro por ela publicado em 2005: "... e assim eu vi – Memórias", cotejando os fatos ora narrados com os registros que, aqui e acolá, se cruzam com os daquele documento, mantendo sem questionamentos os ali referidos, em respeito à anterioridade da

publicação e à vivência da autora – ela própria no foco das situações descritas.

Sensível à lição aprendida da análise sobre os motivos que levaram Evaldo a pedir um táxi de volta pra casa, já me peguei algumas vezes, quando em situações desconfortáveis, repetindo, como mantra, o mesmo pedido salvador, ao ponto de, numa reunião chata de trabalho, na qual as peças não pareciam querer se encaixar às estratégias em discussão, cansado e prestes a desistir, acabei jogando a toalha e pedindo, não em pensamento, mas (ato falho) em voz alta, para espanto e interrogação geral dos circunstantes: *um táxi para a Rua Amaro Lopes Madeira, 44, por favor.*

Quarta-feira, 13 de junho de 2007

HOSPITAL GERAL. 10h15.

– A situação é bem grave, precisamos de uma intervenção imediata. Parece haver um tumor volumoso impedindo a passagem do intestino grosso.

Quando o Dr. Ramos falava com tal seriedade, havia que se considerar a urgência sem questionamentos. A primeira vez em que ele tratou de Evaldo com uma intervenção cirúrgica foi por conta do ressecamento de um ramo da veia coronária impedindo a circulação sanguínea, com sintomas semelhantes ao do infarto do miocárdio.

Apesar da especialidade cardiológica, Dr. Ramos tornou-se desde então o médico da família, a quem Evaldo e Mariinha recorriam sempre que a saúde sofria golpes, para ouvir a opinião, ainda que outro especialista já tivesse oferecido o primeiro diagnóstico. Aprenderam a confiar desde a intervenção inicial precisa. Sobretudo o carinho e atenção com que o casal passou a ser recebido pelo médico, selou uma relação de respeito, confiança e fraternidade. Dr. Ramos dizia que cuidava de Evaldo como se tratasse o próprio pai, e o casal sentia isso, verdadeiramente.

Assim, quando Evaldo foi encaminhado para o Hospital Geral com indicação de cirurgia, Mariinha tomou de imediato a providência de telefonar para o Dr. Ramos e pedir-lhe que estivesse presente para acompanhar o esposo, garantindo a atenção na qual confiava.

De pronto, o médico atendeu ao chamado e, sendo reconhecido e respeitado pela equipe interna do Hospital, recebeu as boas-vindas para acompanhar o procedimento cirúrgico a ser realizado e assumir total controle no pós-operatório.

De estatura longilínea e porte atlético, sua movimentação rápida chamava a atenção pela presença forte e clara imposição de poder e domínio da situação, ordenando o que deveria ser feito, apontado para os equipamentos a serem mobilizados e, ao mesmo tempo, colaborando com execuções, mesmo as mais simples, como a de empurrar a maca, agilizando os processos.

A obediência dos auxiliares e enfermeiras não demonstrava submissão, mas respeito e admiração colaborativa. Sabiam que a contribuição de cada um resultaria em sucesso, visto ser o que sempre se esperava da intervenção competente e dedicada do médico.

Mariinha cuidou de dar passagem para não impedir a mobilidade necessária à execução, mas deslizou entre os profissionais postando-se ao lado da cama, inclinada sobre o marido, com uma mão entre os seus cabelos brancos, induzindo-lhe conforto e forças e garantindo que tudo daria certo.

– Dr. Ramos já tem o diagnóstico correto da situação e vai atuar com rapidez para lhe trazer alívio. – Sussurrou Mariinha no ouvido de Evaldo. - Logo tudo terá passado. Você sabe como ele é competente, pois já se submeteu a uma intervenção anterior. Ele tem muito carinho e respeito por você e por mim, vai tratar do caso como se tratasse de seu próprio pai...

Até que a maca atingisse a porta do quarto do hospital, Dr. Ramos não perturbou a intimidade da despedida do casal, fazendo parecer que não notara a presença de Mariinha, até porque seu comportamento não estava obstruindo a movimentação. Somente quando a maca girou na passagem para tomar a direção do corredor e ganhar velocidade em busca da sala de cirurgia, Dr. Ramos aproximou-se, segurou carinhosamente o braço de Mariinha e afagou seus cabelos:

– A partir de agora deixe comigo que eu continuo esse carinho. Prometo.

E voltando-se para Evaldo:

– O senhor tem muita sorte com um anjo protetor desses ao seu lado. Confie em mim e em nossa equipe e nós também faremos o melhor. Vai dar tudo certo.

Mariinha encostou-se à parede e ficou rezando enquanto a maca rolava até o elevador onde um enfermeiro já retinha a porta. Viu a maca manobrar e toda a equipe embarcar. Somente quando o corredor ficou vazio e silente ela concluiu suas orações e entrou no quarto começando a arrumar as coisas: os óculos sobre a mesa de cabeceira, o evangelho, a carteira com documentos.

Sentou-se na poltrona de acompanhante e passou os olhos pelo quarto. As paredes, de uma alvura extrema e o piso refletindo as lâmpadas do teto, revelavam o zelo e higiene do local. Sobre a cabeceira da cama agora vazia, os equipamentos de controle de circulação e respiração, torneiras de oxigênio e tela de monitoramento desligados.

Na parede oposta, um armário, também muito branco e de contornos simples. Mais à esquerda a porta de acesso ao banheiro e sanitário, de uma largura exagerada para permitir a passagem de cadeira de rodas ou eventuais equipamentos de apoio ligados ao hóspede em tratamento.

Lembrou que sempre se manifestara, causando estranheza a alguns ouvintes, dizendo que gostaria de tirar “férias”, uma semana que fosse, por ano, para vir a um hospital e ser tratada, paparicada, tomada de conta por terceiros, sem fazer nada! Em sua simplicidade e poucas condições financeiras, um hospital era a acomodação de serviço mais próxima de hotelaria que ela conhecera, por isso o paralelo que fazia.

Esse era o segundo dia de permanência naquele apartamento de hospital, mas somente agora ela observava as acomodações. Até então sua atenção era toda ao marido, com quem conversava buscando confortar. Lia trechos do Evangelho. Mesmo quando ele cochilava, seu olhar e atenção eram todos dele, observando movimentos e respiração.

Seu ingresso havia ocorrido após quase uma semana de tentativas domésticas de controlar uma prisão de ventre que impedia totalmente o funcionamento do intestino. Evaldo reclamava que precisava evacuar, mas passava longos minutos de tentativa sem conseguir qualquer sucesso. Foram laxantes, xaropes, lavagens. Tudo em vão. Apesar disso Evaldo preferia buscar solução caseira, evitando uma consulta médica:

– Vai passar, não quero alarmes! – Dizia, teimoso.

Foi Luiz Carlos, seu filho mais novo, que morava na mesma rua e os visitava todas as noites ao retornar do trabalho, quem percebeu a alteração de humor do pai pelo agravamento do problema.

– Vamos buscar ajuda médica imediatamente. – Propôs alarmado. – Não faz sentido ficar esperando e convivendo com esta situação!

Os primeiros exames não detectaram com exatidão o problema. Uma tomografia finalmente mostrou uma “massa” obstruindo o intestino e a imagem clara permitiu o diagnóstico preciso: trombose da mesentérica com possível necrose de parte do intestino. Ficou claro que a disfunção estava retendo fezes que precisavam ser eliminadas. Com a cirurgia, a visão direta da “massa” possibilitaria também verificar o risco ou mesmo a ocorrência de ruptura.

Transferido para o Hospital Geral, a cirurgia não pôde ser realizada naquela mesma noite, como desejável, mas possibilitou o contato com o Dr. Ramos para dar mais segurança ao casal, que tinha absoluta confiança na intervenção espiritual para que as coisas se organizassem de forma mais propícia, mesmo quando parecia haver algo negativo: tudo se encaminharia para a melhor solução – acreditavam.

Mariinha foi até a janela do hospital e ficou observando o trânsito lá embaixo.

Não parava de rezar, o que era seu costume. Dizia que as horas de solidão e silêncio eram sempre excelentes oportuni-

dades de oração. Mesmo durante a execução das tarefas domésticas, se não estivesse cantando, com certeza estaria rezando.

Sua imagem, de pé, no portão de casa até que Evaldo dobrasse a esquina, três quadras acima, na direção do terminal de ônibus, era conhecida dos filhos e da vizinhança: estava rezando, pedindo proteção divina para o dia de trabalho do marido, para a segurança do percurso, para todos os riscos do dia a dia e para que retornasse, tranquilo, para casa, ao final do expediente. Somente quando ele desaparecia na esquina, ela fazia o sinal da cruz e entrava fechando atrás de si o portão para iniciar a rotina do dia com a casa, os filhos, o Externato 6 de Janeiro e outras atividades.

Após um banho para recuperar energias, Mariinha sentou-se para ler o Evangelho, refletindo e buscando apoio para o enfrentamento da situação de saúde de Evaldo. Registrou algumas notas em seu caderno de cabeceira e voltou a orar pedindo que os espíritos de luz guiassem as mãos dos médicos.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

13 de junho de 2007. Jesus e Irmãos da Espiritualidade: Estou agora no Hospital Geral enquanto Evaldo foi levado para um procedimento cirúrgico devido a uma trombose mesentérica. Rogo e confio que os irmãos possam dar assistência, conduzindo as mãos do cirurgião, acompanhado pelo Dr. Ramos, em quem temos muita confiança, porém, maior ainda em vossa misericórdia. As horas de espera parecem intermináveis, mas em tuas mãos entrego e confio.

Cochilou um pouco, vencida pelo cansaço. Acordou com a entrada da enfermeira nos aposentos.

– A cirurgia já terminou. Tudo correu bem e ele ainda está sedado na sala de recuperação. – Informou carinhosamente a enfermeira enquanto trocava toda a roupa de cama e deixava o apartamento pronto.

– Graças aos céus. Obrigado Senhor. – Orou Mariinha, em agradecimento.

Uma hora depois, Dr. Ramos entrou no apartamento e fez breve relato da situação.

– Houve uma necrose da parede do intestino por falta de irrigação sanguínea. Uma preocupação importante agora está no fato de termos constatado a ocorrência de contaminação fecal de tecidos internos. Procedemos a limpeza, mas será preciso acompanhar para garantirmos que não sobrevenha infecção. Retiramos a parte afetada e voltamos a ligar o intestino sem necessidade de colostomia. Ele vai ficar na UTI em recuperação pelo menos até que a elevação de temperatura que constatamos ceda para a normalidade. Amanhã venho vê-lo e possivelmente liberar sua volta ao apartamento. Ele está muito bem e aconselho a senhora ir para casa para dormir uma noite tranquila e repousante já que esta noite ele não receberá visitas. Fique tranquila. Vai dar tudo certo.

– Não, Dr. Ramos. Não quero ir para casa. Eu não dormiria me sentindo distante dele. Prefiro permanecer no hospital para estar por perto em qualquer necessidade. Eu repouso por aqui mesmo. Estou confortável.

– Mas a senhora já está aqui há dois dias. Vá repousar em casa, é outra coisa. Além disso vai se alimentar melhor. Ademais, durante a permanência dele na UTI o apartamento não vai estar disponível para a senhora. – Alertou.

– Não, definitivamente! Vou permanecer aqui! Eu fico aguardando na recepção. Quero estar por perto se ele precisar de mim.

Como nada a demovesse, Dr. Ramos deu-se por vencido e despediu-se com palavras que buscaram transmitir tranquilidade e força.

Em toda a vida de casados apenas em algumas ocasiões, função de viagens rápidas, os dois haviam se separado.

Não seria agora que Mariinha ficaria à vontade para deixar o marido sozinho no hospital. Temia que acontecesse alguma necessidade urgente e ela não estivesse atenta e disponível.

– Não me perdoaria nunca. - Dizia.

Acomodou-se na recepção do hospital e começou a pensar em sua vida, nos filhos, nos momentos de dificuldade e nos bons momentos compartilhados. Repetiria tudo outra vez. O balanço que fazia era positivo.

– Apesar de todos os problemas, fui, e sou, feliz. – Costumava dizer.

A permanência na UTI não foi tão breve quanto se esperava na primeira avaliação. Acabou demorando cinco dias, durante os quais Mariinha preferiu permanecer no hospital.

Durante as noites dava breves cochilos, entre orações e reminiscências de sua vida a dois.

Preocupado, Luiz Carlos decidiu não a deixar sozinha e passou a acompanhá-la todas as noites, levando consigo as roupas de trabalho que, pela manhã, trocava em algum banheiro do hospital antes de seguir para o emprego, num esforço solidário já que ninguém convencera Mariinha a deixar o hospital.

Segunda-feira, 18 de junho de 2007

HOSPITAL GERAL. 09h43.

Dr. Ramos já estava no Hospital aquela manhã, justo no horário de abertura da UTI para visitas, e encontrou Mariinha:

– Pronto, já vi Seu Evaldo e já autorizei o retorno ao apartamento. Logo mais ele será conduzido e a Senhora já pode esperá-lo. Veja na enfermaria qual o apartamento que será disponibilizado.

– Graças a Deus. – Replicou Mariinha.

Indicado o apartamento que os receberia, Mariinha foi acomodada. Tudo já estava muito organizado, limpo e pronto para receber o paciente. A partir daquele momento ficou atenta. A cada minuto ia olhar o corredor. Arrumava os lençóis para garantir que tudo estivesse impecável para a chegada. Voltava a observar o corredor. Levantava-se a cada ruído externo e abria a porta para ver de que se tratava.

Evaldo tinha permanecido na UTI desde a cirurgia há cinco dias. Durante este período só era possível a visitação em dois horários por dia e Mariinha aproveitou cada minuto deles.

Newton, seu segundo filho, viera de Natal, onde morava. Estava participando de um Congresso de Administração que acontecia no Centro de Convenções de Pernambuco entre os dias 14 e 16. Visitara o pai na UTI e na sexta-feira, dia 15, levava a mãe em casa para que tomasse um banho e se trocasse, voltando imediatamente. No restante desse período ela havia permanecido na recepção do hospital e se alimentara numa lanchonete vizinha.

De repente a porta foi escancarada e a maca fez, agora, o caminho inverso. Atendendo aos procedimentos, enfermeiros

e maqueiros seguraram nas bordas do lençol e transferiram o paciente para a cama. Equipamentos de monitoração foram ligados, soro foi suspenso acima do paciente para ficar gotejando nas veias, proporcionando a medicação aconselhada.

Dr. Ramos veio em seguida, recomendando que o paciente evitasse falar, entre outros protocolos normais do pós-operatório. As visitas estavam liberadas, mas deveria ser observada a higienização dos recém-chegados da rua.

Cumprimentou Evaldo amigavelmente, utilizando a conhecida e infame linguagem hospitalar de mimar os pacientes tratando tudo no diminutivo:

– Fique “bonzinho”, tome os “remedinhos” na hora certa. A partir de amanhã já vai receber uma “comidinha” sólida para a gente ver o retorno do funcionamento do intestino. Se tudo der certo, no máximo em três dias terá alta. Se comporte, mas sei que terá um tratamento especial, pois além do suporte do hospital, tem consigo uma acompanhante super dedicada. Qualquer coisa, é só telefonar, vou estar atento.

Tão logo o médico se retirou e o apartamento restou solitário para os dois, Mariinha assumiu os cuidados com o recém-cirurgiado, para além da atenção com a saúde: cuidados pessoais, carinho e afago – que curam mais rápido do que qualquer medicação.

Entrelaçando seus dedos entre os cabelos do marido para lhe aplicar cafunés, numa carícia já há anos pactuada, dessas que transmitem paz comunicando que tudo está sob controle, Mariinha debruçou-se sobre o marido, beijou-lhe a face e começou a sussurrar em seu ouvido:

– Estou aqui, vai dar tudo certo. A cirurgia foi um sucesso e agora vamos cuidar da recuperação integral.

Evaldo abriu os olhos castanhos, ainda sonolento e fixou os olhos da esposa, demonstrando, com aquele olhar, que estava bem desperto para sintonizar o carinho e a segurança transmitida. Nada falou, mas os anos de convivência permitiam que

se comunicassem pelos olhares – isso Mariinha garantia orgulhosa para todos os que conviviam com o casal, enquanto Evaldo, com seu jeito caladão e discreto, olhava de soslaio, nessas ocasiões, como que duvidando, numa forma brincalhona que todos entendiam, sorrindo com a cena.

Naquele momento, ali no hospital, ela estava lendo em seus olhos a pergunta: - “Quando vamos voltar para casa?”

Continuando com o afago nos cabelos ela “respondeu”, com a fala pausada e mansa, tal como se a pergunta houvesse, de fato, sido formulada:

- Em breve vamos para casa. Agora temos que ter paciência e muita fé nos bons espíritos que estão nos assistindo. Eu estou com você e não vou sair do seu lado, fique tranqüilo.

Apesar da presença sentida através do carinho, bastou alguns momentos de silêncio para Evaldo abrir os olhos à procura da esposa.

- O que foi? – Perguntou ela mansamente e, mais uma vez afirmando ler os pensamentos, continuou:

- Quer ficar ouvindo minha voz? Está com medo que eu possa me afastar enquanto você cochila? – Brincou.

Evaldo voltou a olhar profundamente em seus olhos, o quê, para ela, foi uma confirmação de que ele preferia continuar ouvindo sua voz enquanto estivesse de olhos fechados. Para ele, era uma garantia de que ela estava por perto.

Buscando assuntos para manter a voz presente nos ouvidos do marido, Mariinha, ora rezava ou lia o Evangelho Segundo o Espiritismo – fé que o casal comungava desde alguns anos – ora relembrava momentos vividos pelo casal.

Começou aí uma série de reminiscências que trouxe à tona, naqueles dias de hospitalização, toda a história de uma vida cheia de amor, carinho, respeito e atenção de um para com o outro.

Enquanto ela falava, Evaldo sonhava acordado, deixando-se conduzir pelos cenários e situações da narrativa.

Vida comprida, estrada alongada...

1945... A jovem franzina não precisava se adequar a regimes para manter a forma. Mariinha até era chamada de “Graveto” dentro do círculo doméstico, em alusão à sua magreza e à pele escura, queimada de sol. Os olhos avolumados e negros destacavam-se em sua face morena, emprestando-lhe uma beleza exótica.

O andar ágil denotava muita energia, adquirida no costume de caminhar longas distâncias, o que fazia por prazer, mas também pela necessidade de andar a pé para economizar a tarifa do transporte.

Sua mãe, Felisbela Espadeiro, mais conhecida como Dona Bela, tivera, até os doze anos, uma história de riqueza, com viagens ao exterior, joias e conforto, enquanto filha do bem-sucedido industrial do ramo de refrigerantes, estabelecido em Manaus, José Maria Espadeiro e Dona Maria, portugueses da Vila de Tabuaçu, região do Alto Douro, radicados no Brasil.

O pai de Mariinha, Manoel de Andrade, também português, de Póvoa de Varzim, chegara ao Brasil no final da década de 1910 e tornara-se sócio pró-labore de José Maria, na filial pernambucana da fábrica amazonense de refrigerantes.

Com a morte de José Maria a fábrica pernambucana não prosperou e acabou sendo vendida, tendo Seu Manoel voltado a Póvoa de Varzim.

Três anos depois ele retornaria ao Recife e, a despeito de nunca ter tido uma relação amigável com a viúva do ex-sócio, casou-se com sua filha, a jovem Felisbela, então com 15 anos. Jamais uma explicação convincente sobre o episódio do retorno e casamento foi claramente alcançada pelos filhos.

Nessa ocasião a situação econômica da família já não ia bem, pois o espólio de José Maria, com a venda da fábrica, permitira à viúva apenas a compra de um sítio, no Escobar, região ribeirinha do Capibaribe no bairro de Afogados, no Recife, além de uma pequena quantia que apenas garantia o giro enquanto se comercializavam frutas e peixes produzidos no sítio.

Por outro lado, Seu Manoel, agora casado com uma brasileira, ganhara permanência no País, mas não conseguia colocação de trabalho.

Manoel e Felisbela iniciaram sua vida conjugal entre altos e baixos, sempre na dependência de Dona Maria, ora vivendo sob o mesmo teto, ora tentando angariar independência de forma precária. Foi por esses tempos que nasceu Mariinha, em 1928.

Em 1944 – quando Mariinha contava 16 anos e tinha já outros cinco irmãos — moravam em casa alugada, no bairro da Torre, na Rua Conde de Irajá, 414.

Seu Manoel trabalhava como bilheteiro no Cine Torre, situado na mesma rua, mas, nesse ano, perdeu o emprego passando a trabalhar em uma farmácia que lhe rendia menos ainda, impossibilitando a manutenção do aluguel, o que levou a família a se transferir, mais uma vez, para o “sítio de Vó”.

A Rua Francisco Silveira ficava escondida e lembrava a Mariinha o livro “*O Jardim Secreto*”. Limitada, de um lado pela maré e, do outro pela linha do trem, só poderia ser vista por quem subisse o aterro construído pela RFFSA para elevação dos trilhos bem acima do nível da movimentada Avenida Sul, bloqueando, assim, a visão da rua, naquela época com poucas casas, todas habitações singelas situadas logo no início. Ao final, margeando a maré, mais solitário, ficava o sítio.

Ali, entre coqueiros, mangabeiras, mangueiras e vegetação própria de região de mangue, passaram a se adaptar a uma nova situação, bem diferente do bairro da Torre, totalmente urbanizado e movimentado.

Quando crianças, ficavam alheios aos problemas e viam as oportunidades do local. Na faixa etária atual, preferiam o bairro da Torre, bem mais central, numa rua de “passagem”, ainda mais com o pai trabalhando de bilheteiro do cinema, o que lhes oportunizava assistirem gratuitamente aos filmes e seriados da época. Agora, no sítio, os mais velhos eram mais reflexivos. Já não era tempo de subir e descer de árvores dando preocupações à mãe e à vó. Já não era tempo de cavar o solo em busca de botijas de tesouros. Para eles já se passara o tempo de escorregar de joelhos em catembas de cachos de coco na ladeira do pontilhão do trem.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

04 DE MARÇO DE 1940 – Hoje Toinho se machucou feio na rampa da linha férrea. O aterro que empresta altura aos trilhos tem a subida suave do lado da Avenida Sul, mas, após o topo coberto de britas e cascalhos para apoiar os dormentes, a descida na nossa rua é mais íngreme e alongada e, como nos invernos a água escoava carregando o aterro, a Rede Ferroviária fez uma pavimentação de cimentado para contenção da ladeira. Os meninos, junto a outras crianças da rua, pegam as “catembas” dos cachos de coco apanhadas no sítio, sobem a rampa pavimentada, ficam de joelhos dentro da “catemba” seca e descem escorregando. Há dias que eu alertava para o risco, mas não pararam e, nessa brincadeira, Toinho desequilibrou e acabou desembarcando da “catemba” e descendo a ladeira com os joelhos escorregando diretamente no cimento crespo. Nem precisa dizer do sufoco e do corre-corre para tratar do ferimento. Mamãe, grávida, já entrando no nono mês, ficou apavorada. Tentamos esconder de papai, que acabou sabendo e proibindo a brincadeira, com um tremendo carão. Talvez melhor assim, antes que aconteça outro acidente.

Por outro lado, a mudança foi boa, vez que as frutas, os peixes e caranguejos que apanhavam ajudavam a complementar ou suprir as refeições, enquanto que o ambiente amplo possibilitava um sem número de brincadeiras e travessuras, dando

liberdade para os menores que, assim, perceberiam menos os problemas econômicos e de relacionamento.

O lado ruim da situação era a convivência com outros parentes sob o mesmo teto e as constantes discussões entre Seu Manoel e Dona Maria, que criticava o genro pela falta de trabalho, gerando constantes desavenças que deixavam o clima tenso.

O início do ano de 1945, encontra Seu Manoel desempregado, dependendo totalmente de algum rendimento da sogra. Foram tempos de muitas limitações. A família, com recursos escassos, às vezes passava necessidades até de gêneros alimentícios. Houve ocasião de Mariinha pedir a pessoas amigas alguma coisa para dar o que comer aos menores.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

15 DE JANEIRO DE 1945 -. Estou muito triste. Chorei ontem à noite, escondida. A situação financeira aqui em casa continua difícil. Ontem Dona Almira me parou para uma conversa rápida e me deu uma porção do que tinha preparado para o almoço em sua casa. Mentiu que se tratava de alguma receita nova para experimentarmos. Ela foi gentil em não dizer, mas acho que o propósito era mesmo ajudar, pois sabe das nossas dificuldades. Agradeço a Deus e a Nossa Senhora de Fátima, pois cheguei em casa com os alimentos e, não fora por essa intervenção, os meninos não teriam o que comer. O dinheiro está tão limitado que tenho ido a pé para a escola. Assim também meus irmãos, que têm que enfrentar uma caminhada considerável.

A condição não era exclusividade de sua família. A guerra escoava a economia do país e do mundo atravancando investimentos que não os da área bélica. As oportunidades de emprego eram poucas e as habilidades de Seu Manoel, escassas. Mas o pior era a situação conflituosa entre seu pai e sua vó, sempre em discussões severas, provocando a saída do pai para a rua, sob reclamações que, em casa, continuavam mesmo em

sua ausência, com as queixas de Dona Maria que nunca aprovara sequer a sociedade com o finado marido, que dizer o casamento com a filha e, agora, a permanente derrocada econômica e a dependência, com o acréscimo de bocas para alimentar – Queixava-se a vó entre impropriedades que bradava no seu ainda notável sotaque português.

Mariinha não suportava esse clima e encontrava na escola uma fuga para não ficar ouvindo as ladainhas e discussões diuturnas.

Também sua fé se aprofundava como forma de apoio e esperança em um futuro diferente.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

01 DE FEVEREIRO DE 1945 - A falta de carinho e compreensão que presencio me deixam mais tristes do que qualquer problema financeiro. Mais uma vez papai e mamãe discutiram e ele saiu resmungando e fazendo ameaças. O foco na verdade era alguma discordância entre ele e Vó Maria, mas acabou envolvendo mamãe e meu tio Adriano. Não suporto este clima, vozes altas, ameaças e impropérios.

Essas discussões não derivam apenas do fato de estarmos morando no sítio de Vó. Claro que isso agrava a situação. Mas, na verdade, meu pai sempre foi ranzinza em casa. Ano passado, quando ainda morávamos na Conde de Irajá, eu o via no balcão da padaria Nova Armada, bem em frente de casa, sorrindo com os amigos. Fico magoada de pensar porque ele não se apresenta assim, feliz e disponível, para a família? Somente na rua tem esse comportamento alegre. Em casa é sempre ranzinza. Que Deus abra a sua cabeça e o ilumine.

Querida que as aulas já retornassem o quanto antes, pelo menos tenho as manhãs num ambiente amigável. Me sinto acolhida.

Que Nossa Senhora de Fátima continue nos abençoando, para que nada nos falte, principalmente a meus irmãos. Tenho fé de que Ela há de me conceder um lar harmonioso e hei de zelar por isso.

De qualquer forma, a vida no sítio permitiu alternativas de fuga para muitos dos problemas e suas histórias constituíram capítulos à parte, sempre lembradas com carinho cada vez que, no futuro, os irmãos vieram a se reunir.

HOSPITAL GERAL. 11h00.

As reminiscências sobre o sítio do Escobar chegaram ao conhecimento de todos os filhos, que amaram a possibilidade de reavivar a memória.

No hospital, Luiz Carlos viera para acompanhar Evaldo enquanto Mariinha tomava alguma refeição. Essa atenção do filho perdurou durante toda a internação do pai. Luiz trabalhava em uma fábrica de cervejas e refrigerantes e seu expediente externo lhe permitia dedicar o horário de almoço e os pernoites nos períodos de UTI.

O filho mais jovem era conhecedor de muitas histórias sobre o sítio e a infância dos Andrades, contadas pela mãe ou pelos tios, nas ocasiões de reuniões familiares, quando prendiam a atenção da criançada e povoavam seu imaginário. Mas Luiz Carlos tinha poucas notícias sobre a infância e juventude do pai.

Provocou, então:

– E papai? Nessa época, por onde andava antes de vocês se conhecerem? – Perguntou.

– Eu tinha vindo do interior para a capital, em busca de emancipação. Acho que tínhamos algumas coisas em comum quanto a dificuldades e quanto ao desejo de nos tornarmos independentes. – Arriscou Evaldo, em resposta, logo cortado por Mariinha em obediência à recomendação para que não falasse.

– Esse anseio por independência nós compartilhamos e identificamos logo, um no outro. Foi, talvez, nossa primeira liga – Atalhou Mariinha.

– Eu morava em Ipojuca, no interior. Mas vim morar no Recife para arriscar um trabalho diferente, em 1944, ao completar 20 anos. – Falou Evaldo, desobedecendo, sob protestos da esposa e do filho.

Os meus dias são tristes, vazios, são tristes os meus dias

1944... O Engenho Queluz situava-se a cerca de uma légua do centro de Ipojuca. Seu Manoel, pai de Evaldo, administrava o negócio, além de trabalhar no Cartório.

Evaldo não passou pelas mesmas dificuldades financeiras que assolou a família de Mariinha, mas também nunca teve fartura. Era preciso batalhar pela vida.

A infância e juventude foram duras, na lide da agricultura, no manejo do gado e nas tarefas cotidianas da área rural.

DEPOIMENTO DE EVALDO.

Lembro de um episódio no Engenho Queluz, que ficou marcado, numa ocasião em que eu e Dinaldo fomos tanger o gado em horário avançado, quando o sol já tinha se recolhido. Na volta para o curral atravessamos o rio que ficava numa baixada do caminho. Depois da “passagem molhada” desviamos por uma vereda estreita que ia direto para os fundos do curral. Foi então que Dinaldo paralisou diante de mim, com o olhar fixo nas sombras do mato alto à nossa frente. Imediatamente voltei o olhar para a mesma direção querendo entender o que lhe paralisara, ficando eu próprio congelado, preso ao chão, totalmente arrepiado com a visão de um vulto enorme que parecia se debruçar de dentro do mato para alcançar quem o desafiasse.

*Passado o primeiro susto, gritamos quase ao mesmo tempo:
Corre!*

Soltamos as varas guias, largamos cordas e corremos à solta, sem perceber cerca de arame farpado, galhos secos, leirões de verduras... nada nos poderia deter diante do medo do “fantasma” ameaçador.

Ao chegar ao curral, ofegantes, ficamos quietos olhando a estrada. Nem estávamos dispostos a entrar em casa e dizer que tínhamos deixado o gado no caminho, nem teríamos coragem de voltar ao local da “assombração” para enfrentá-la. Em pouco tempo ouvimos passos e barulho de gravetos quebrando. O mato balançava abrindo passagem. Já nos preparávamos para voltar a correr quando Dinaldo reconheceu e alertou: - São as vacas!

Estanquei para olhar e confirmei: o gado já acostumado com a trilha concluiu, por conta própria, o caminho até o curral. Graças, pois nos livramos do carão. Só tivemos que terminar a tarefa abrindo a cancela e pondo o gado para dentro.

No dia seguinte, com o sol claro, voltamos ao local para ver o que poderia haver por lá e, para nossa imensa vergonha, constatamos que uma touceira de bananeiras e suas folhas se agitando ao vento fora o “fantasma” da corrida noturna.

A distância entre o engenho e a escola e a imposição do trabalho requerido foram componentes para uma formação acadêmica precária. Apesar disso, Evaldo, que chegou apenas a concluir o antigo curso primário, tinha um interesse pessoal pelo desenvolvimento de conhecimentos e habilidades profissionais e de tal forma aproveitou as aulas frequentadas que angariou conhecimentos bastante para lhe possibilitar competir vitoriosamente ao longo de sua carreira profissional.

No final de 1942, aos 18 anos, começou a colaborar no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, preenchendo as fichas dos afiliados e se responsabilizando pelo arquivo de documentos. Apenas saído da adolescência, se via orgulhosamente servindo de intérprete para que os trabalhadores rurais, alguns deles

nunca alfabetizados, entendessem o teor de contratos e de propostas de adesões que lhes eram apresentados, muitas vezes até assinando, “a rogo”, tais mandatos. A remuneração era pouca, mas o trabalho burocrático, longe da rotina rude do campo, o deixava vaidoso e sonhador com um futuro diferente.

Seu sonho era sair do interior, empreender em um negócio próprio: alguma atividade de serviço ou uma pequena empresa industrial ou comercial. Mas o móvel central da mudança desejada era a busca de independência, a constituição de uma família educada ao seu estilo, compartilhada por uma esposa que lhe acompanhasse no ideal e nas atividades, lado a lado, como parceira.

Em outubro de 1944, Evaldo tomou a decisão: iria para a capital arriscar-se na procura por um emprego dentro da área administrativa burocrática.

– Dinaldo... Dinaldo... – Sussurrou Evaldo, mergulhado no breu noturno de seu quarto, sondando se o irmão ainda permanecia acordado.

Dinaldo virou-se no quarto escuro. Estava quase “pegando no sono”, como se diz regionalmente.

– Hum? Que foi? – Perguntou Dinaldo, também falando baixinho para não chamar a atenção.

Seu Manoel, pai dos rapazes, adotava um regime severo de educação, quase ortodoxa, de forma que, depois de todos deitados, luzes apagadas, não se tolerava conversas ou “risadagens”, como ele definia os bate papos noturnos. Os irmãos homens dormiam em um quarto enquanto as irmãs comungavam outra acomodação, a elas dedicada com tal critério que aos rapazes era proibido o ingresso nas dependências femininas. Por conta desse estilo rigoroso, os jovens conversavam sussurrando no escuro.

– Meu irmão, não consigo dormir. – Confidenciou Evaldo. – Estou com uns planos que não me saem da cabeça. Completei vinte anos no mês passado e não quero para mim o futuro que me espera aqui no engenho ou mesmo no interior

do Estado, na rua, seja em Ipojuca ou em Escada. Estou pensando em sair de casa, em ir para o Recife!

A notícia dada de chofre despertou Dinaldo, definitivamente, de seu sono. O moço sentou-se na cama surpreso pela conversa encetada.

Mesmo estando no escuro, Evaldo percebeu o movimento do irmão. Sentou-se também, as costas na cabeceira da cama, as pernas encolhidas pressionando o travesseiro contra o peito. As mãos alisando as faces onde sentia os fios da barba crescerem desde a última escamação.

– Você vai sem falar com papai? – Perguntou Dinaldo, assustado.

– Não! – Explicou Evaldo em sussurros. – Quero falar com eles, com papai e com mamãe. Quero que eles abençoem meu projeto. Só não sei como vou fazer isso. Mamãe tem andado muito triste desde que Lula incorporou na Força Expedicionária e, pior ainda agora que embarcou para a Itália. Não queria lhe trazer mais preocupações.

– Não tiro sua razão em querer sair deste fim de mundo. E além de mamãe, você vai ter que enfrentar papai, que pode não querer apoiar essa ideia. – Retrucou Dinaldo, mais velho que Evaldo, fazendo as vezes de conselheiro.

– Penso que papai vai aprovar melhor do que mamãe. Ele é durão e entende que os filhos devem mesmo procurar independência. Mamãe é quem vai sentir. Mas não posso adiar esse projeto. Tenho maior idade, é hora de arriscar. – Disse Evaldo detalhando seu plano.

– Queres partir imediatamente? - Inquiriu Dinaldo.

– Sim, quero. Há tempos acalento este plano. É por isso que estou sem sono. Penso em conversar logo amanhã cedo, antes de ir para o Sindicato. Primeiro aviso aqui em casa e, lá, vou pedir o desligamento. – Respondeu Evaldo.

– Meu irmão, deixe eu lhe dar um abraço. – Disse Dinaldo, solidarizando-se e dando-lhe força. – Vou sentir sua falta por aqui, mas a gente tem que procurar nossas melhoras.

Evaldo levantou-se e os irmãos se abraçaram.

Em seu quarto, Seu Manoel pigarreou alto, propositadamente, num sinal de alerta de que estava percebendo ruídos fora de hora.

Os irmãos voltaram para seus respectivos leitos.

– Queria ir com você! – Cochichou Dinaldo depois de alguns minutos de silêncio.

HOSPITAL GERAL. 14h30.

Mariinha tinha retornado do almoço e Luiz Carlos os deixou, voltando à sua rotina de trabalho. Mas, com tantos filhos, não faltavam visitas e, agora, Evaldo Filho chegara para ver o pai e dar atenção aos dois.

Tomou conhecimento das notícias médicas sobre o pai e, também, da conversa que estava em andamento.

– Ah! Então os dias aqui vão ser muito interessantes para a gente lembrar muita coisa gostosa e, também, para conhecer detalhes. O que foi que já perdi? – Questionou Evaldo Filho.

– Eu estive lembrando os tempos do sítio em Afogados e falamos também de como Evaldo tinha projetos de sair do interior para a capital. – Disse Mariinha, fazendo algumas divagações sobre as conversas anteriores.

Tão logo Mariinha concluiu seu resumo, Evaldo Filho quis saber se o plano do pai, para mudar de Ipojuca para o Recife, tinha mesmo se concretizado.

– Ah, sim. Ele já me contou esse episódio. Acho que posso falar por ele, não é meu filho? – Comentou Mariinha assumindo a narrativa.

Parto à procura de alguém ou à procura de nada.

1944... Evaldo já tinha ido algumas vezes ao Recife acompanhando o pai, mas não saberia andar sozinho na cidade. Pôs a mala sobre o assento e acomodou-se à janela para acenar para Dona Lídia, sua mãe, que viera com Seu Manoel até a praça, no centro de Ipojuca, de onde o ônibus – um *loré* de linhas arredondadas, vindo de Escada – partiria com destino à Capital.

Abraçara as irmãs e o irmão, ainda em casa e, ali, na Praça Central, abraçou o pai e a mãe, assim que o ônibus surgiu na esquina, crescendo na inclinação da rua. Seu Manoel ofereceu algum dinheiro para as primeiras necessidades, mas Evaldo recusou gentilmente, não por vaidade, mas porque estava com o valor de sua dispensa do sindicato e mais algum dinheiro que havia poupado para o projeto. Explicou ao pai. Sabia que alguma soma que viesse a aceitar poderia fazer falta em casa.

– Não passe dificuldades, meu filho. – Anunciou, solene, mas carinhosamente, seu pai. – Se precisar, ou quando quiser voltar, as portas estarão abertas e a casa é sua.

– Se cuide, meu filho, mande notícias e venha nos ver. – Pediu Dona Lídia, arrumando o nó da gravata e dando tapinhas sobre o peito de Evaldo como se lhe removesse alguma poeira.

Durante o embarque de passageiros e conferência de passagens, Evaldo permaneceu olhando seus pais, com uma pontinha de saudade prévia. Ele e Seu Manoel fingiam ser fortes, mas a emoção os dominava. Dona Lídia não fingiu. Pegou o lenço e já enxugava os cantos dos olhos, de vez em quando.

Quando o motorista tomou posição ao volante, fechou as portas e soltou o freio de mão, os três sintonizaram os olhares e acenos. Evaldo virou-se no assento para ver ainda um pouco mais sua família. Somente depois que o ônibus dobrou a esquina da Rua do Comércio ele deixou algumas lágrimas deslizarem por sua face. O lugar de passageiro ao seu lado estava desocupado e Evaldo ficou grato por não haver um estranho bisbilhotando sua intimidade. Pensou em Dinaldo, que deveria segui-lo em breve... no irmão mais velho, que estava na maldita e insana

guerra... pensou no futuro que o aguardava... sacudiu a cabeça espantando os pensamentos. Resolveu concentrar-se na paisagem que desfilava pela janela, para que a emoção não o dominasse.

Estava pulando do ninho. Rumo ao Recife. Rumo ao futuro.

O ônibus seguia célere. Já haviam passado pela cidade do Cabo, onde o coletivo voltou a embarcar passageiros. Um senhor de idade, pele enrugada pelo sol, sentou-se ao seu lado carregando, nas mãos rudes de agricultor, um chapéu desgastado pelo uso. Atravessavam agora uma região dominada por vegetação típica de pântano e a estrada de ferro corria paralela, bem ao lado da rodovia, em Pontezinha.

Mais adiante começaram a surgir casas e pontos comerciais indicando uma intensificação populacional. Por fim o ônibus margeou o longo muro do Aeroporto do Campo do Ibura, onde um avião bimotor estava estacionado, com mecânicos se movendo ao seu redor, possivelmente em manutenção. As cores e símbolos na aeronave não deixavam dúvidas de que era um avião militar. “Maldita guerra”, pensou Evaldo, desviando o olhar como se, boicotando a curiosidade geral, deixasse patente seu protesto contra o conflito.

A presença de automóveis, ônibus e bondes, a partir daquele trecho da longa avenida que agora percorriam, não era o bastante para ser classificada de “trânsito intenso”, mas já era muito diferente do que se avistara na estrada, mostrando que estavam ingressando numa cidade grande: o Recife.

Ao final daquela avenida, o ônibus cruzou a Ponte do Motocolombó para mergulhar no bairro de Afogados e no Largo da Paz, primeiro núcleo com agito de cidade grande, semáforos e casas comerciais. O ônibus fez uma parada para a descida de algum passageiro.

Evaldo levantou da cadeira e pôs a cabeça para fora da janela. Depois olhou pelo para-brisa frontal e, em seguida, pelas janelas laterais à esquerda do corredor. Gostou do movimento.

Sentiu um ímpeto de descer. Apressou-se em pegar a mala no bagageiro acima da poltrona. Pediu licença ao senhor sentado ao seu lado. O ônibus balançou como se fosse seguir viagem.

– Vai descer, motorista! – Gritou Evaldo.

Um novo freio reteve o ônibus fazendo Evaldo balançar em desequilíbrio para logo em seguida se recompor, caminhando pelo corredor com sua mala à frente. Parou e virou-se na direção do senhor que, silencioso, fizera parte do trajeto ao seu lado:

– Boa viagem! – Desejou num impulso espontâneo.

– Seja feliz meu jovem. – Retribuiu o velho, alvissareiramente.

Evaldo desceu e o ônibus seguiu viagem. O velho senhor torceu o pescoço acompanhando-o na calçada. Seus olhares se cruzaram e o velho ergueu o chapéu tocando a testa com um cumprimento. Evaldo acenou discretamente.

Estava no Recife.

À sua frente a Praça do Largo da Paz. Do outro lado, as torres da Igreja de Nossa Senhora da Paz apareciam por sobre as copas das árvores. Caminhou até lá. As portas estavam fechadas, senão entraria um pouco. Mas fez, ali mesmo, na calçada, uma oração pedindo proteção para seus projetos, enquanto apreciava a arquitetura do templo católico. Depois seguiu até a esquina da Rua São Miguel. Não tinha endereço certo para onde ir. Avistou mais adiante uma placa sobre a fachada de um prédio de dois andares: “Pensão São Miguel”. Ao menos por enquanto, seria ali. Precisava arriar sua mala. Depois poderia tomar outra decisão.

Registrou-se. Subiu ao quarto que lhe foi indicado. Depositou a mala no chão, próximo à cama. Abriu a janela e apreciou o movimento. Bem à frente, no lado oposto da rua, a algazarra de estudantes no pátio de uma escola chamou sua atenção. O detalhe sobre a fachada anunciava: “Grupo Escolar Amaury de Medeiros”. Resolveu descer. Queria aproveitar a claridade do dia

para fazer um reconhecimento melhor. Depois arrumaria as coisas.

Na rua, voltou para o Largo da Paz. Olhou para toda aquela paisagem nova ao seu redor. Atravessou a rua na direção da ponte de onde o ônibus viera.

Ele não sabia, mas ali estava um “braço” do rio, na região em que o estuário do Capibaribe forma um complexo de ilhas para desaguar no Atlântico. Menos ainda poderia imaginar que, cem metros adiante da Ponte do Motocolombó, rio acima, a maré oferecia suas margens como limites do Sítio de Vó, onde Mariinha e os irmãos caçavam caranguejos de andada.

Evaldo e Mariinha moravam agora a cerca de 2 km de distância, um do outro, sem, contudo, se conhecerem.

Terça-feira, 19 de junho de 2007

HOSPITAL GERAL. 08h20.

No apartamento do Hospital Geral, enquanto Mariinha relembrava, com Evaldo, pequenos detalhes sobre as situações passadas em suas juventudes, Fátima havia chegado para visitar o pai e prestava atenção à história.

Mariinha concluiu:

– Por mais difícil que tenham sido a ocasião ou os acontecimentos, as agruras da pobreza ou as trelas de infância, na verdade foi tudo muito bom, reconheço. Quanta saudade do sítio. – Acrescentou, com o pensamento distante. – Especialmente para mim, pois representou também a armadilha que o destino preparara para me aproximar de Evaldo, por isso entrego aos céus cada momento de sofrimento e bendigo a decisão tomada pela família.

Veza em quando Evaldo abria os olhos para confirmar que estava ouvindo e voltava, em pensamento, àquele lugar.

– O local do acontecimento com Toinho, na rampa do trem, também era meu conhecido e, às vezes, as solas dos sapatos deslizavam na descida perigosa, quando eu ia ver Mariinha. – Falou, corroborando o relato.

– Ah! Mas isso foi quando vocês já namoravam e você passou a ir ver mamãe no sítio, não foi? – Perguntou Fátima ao pai. – Antes, porém, eu queria ouvir, mais uma vez, para lembrar com detalhes, como vocês se conheceram.

Mariinha tomou a palavra atendendo à filha.

– Lembra daquele dia? – Perguntou Mariinha a Evaldo. – Era dia de Santos Reis. E eu nem queria ir àquela festa em Afogados... – Começou improvisando uma forma de garantir a cadência de sua voz tranquilizadora aos ouvidos do marido.

Um dia nos caminhos que cruzaram nossas almas.

1945... Mariinha tinha forte decisão de mudança de vida. Sonhava em galgar novos horizontes e em ter um lugar somente seu – não pela família, à qual amava incondicionalmente, mas pela oportunidade de exercitar seu próprio estilo com liberdade.

Para tanto, valorizava a educação e queria ser professora.

No final de 43 concluíra o curso primário no Grupo Escolar Amaury de Medeiros, na Rua São Miguel, em Afogados e decidiu, em comum acordo com seus pais, que seria “normalista” (expressão usada naquele tempo para nominar as alunas frequentadoras da Escola Normal).

Os cursos normais, modalidade de ensino surgida na Europa a partir do século XVIII com o objetivo de preparar professores para atuarem no magistério do chamado ensino primário, foram implantados no Brasil em 1835, atendendo ao plano de governo que visava à melhoria da educação fundamental no país, tendo permanecido até 1971, quando passou a vigorar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, que substituiu as Escolas Normais pela habilitação específica de Magistério.

O Exame de Admissão ao Ginásio no IEP – Instituto de Educação de Pernambuco, instituição que assumira a execução do Curso Normal no Estado – seria realizado no início do ano vindouro e dava a opção de, após a conclusão dos quatro anos de ginásio, ingressar automaticamente no ciclo pedagógico, com mais três anos de duração – o Curso Normal.

Mariinha desde logo se inscreveu e começou a estudar com afinco, preparando-se para as provas.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

28 DE FEVEREIRO DE 1944 - Escola Normal Oficial. Foi o dia no qual submeti-me ao exame de admissão. Gostei muito e tenho fé em Deus que passarei.

Foi aprovada e iria ser normalista.

Mariinha vibrava com toda expectativa. Estudar numa instituição de renome. Fazer o curso normal, com todo o prestígio que o programa governamental lançava prometendo mudar a cara do Brasil através da educação, ao entregar à sociedade as jovens preparadas para este fim.

Mas, justamente quando iniciava o primeiro ano ginásial, ocorre o agravamento da crise financeira familiar e o retorno para o Sítio de Vó, em Afogados.

Não era fácil cursar a Escola nas condições econômicas de então. Na falta de cadernos, Mariinha estudava escrevendo sobre papel de embrulho reaproveitado. A cor amarronzada dos sacos de pão, comumente usados naqueles idos, se confundia com o grafite dos lápis e tornava ainda mais difícil os estudos noturnos realizados à luz de lampião.

Para ir de Afogados ao Parque Treze de Maio, onde se localizava o IEP, Mariinha por diversas vezes chegou a fazer o percurso de ida e volta andando, já que faltava dinheiro para apanhar um ônibus ou mesmo o bonde, cuja tarifa era mais barata.

Ao final do primeiro ano fizera amizade com uma colega de sala que também morava em Afogados. Adenilda tornou-se sua amiga e confidente. Também era de origem humilde, mas naquele momento específico estava em condição bem melhor. Muitas vezes repartiu seu lanche com Mariinha. Em outras ocasiões, quando podia, não permitia que Mariinha voltasse caminhando e se prontificava a lhe pagar a passagem. iam as duas no bonde, conversando.

Certa ocasião, dispondo apenas do valor de sua exclusiva tarifa, resolveu fazer o percurso caminhando ao lado de Mariinha.

– Hoje eu vou contigo para fazer exercício e terminarmos nossa conversa... – Anunciou Adenilda entrelaçando o braço ao da amiga.

– Menina! Tu estás doida? – É muito longe... Dona Maria vai ficar preocupada com a tua demora. – Quis compreender.

– Oxente menina, tu não vais todo dia? Por que eu não posso ir de vez em quando? – Insistiu Adenilda, já puxando a amiga para tomarem o destino. Assim seguiram as duas jovens, sorrindo do percurso que enfrentariam juntas.

O sacrifício não era pequeno, mas nesse dia as duas foram se divertindo e comentando as coisas que viam à sua frente: o caminho tornou-se agradável e a distância até parece que encurtou.

Essa aproximação e solidariedade amadureceu para uma amizade que duraria toda a vida. As duas tornaram-se confidentes inseparáveis.

No encerramento do primeiro ano letivo, ambas aprovadas com louvor, lamentaram o período de férias de final de ano quando deixariam de se ver diariamente na Escola. Ainda bem que moravam não muito distante.

Naquele início de ano, em 1945, ainda não tinham se visto. Adenilda foi até o sítio no sábado, dia 06 de janeiro. Abraçaram-se felizes, trocaram cumprimentos de Ano Novo, conversaram e sorriram bastante enquanto caminhavam sob as árvores do sítio. Mariinha até arriscou subir em uma mangueira cujos troncos facilitavam o acesso e lá do alto jogou algumas mangas maduras que a amiga segurava embaixo. As duas jovens sorriam da empreitada infantil.

No portão, ao se despedirem, combinaram de se ver no dia seguinte:

– Vamos assistir à Missa das sete da manhã? Assim nos encontramos e conversamos mais. – Propôs Mariinha.

– Ei. E porque não vamos à Missa hoje à noite e ficamos um pouco na Festa de Santos Reis, na Praça do Largo da Paz, em frente à Igreja? – Contrapôs Adenilda.

Em princípio Mariinha relutou e não quis ir:

– Não sei, Adenilda. Não tenho uma roupa adequada para ir à festa. Aqui em casa o clima não está bom, houve algumas discussões entre meu pai e minha vó. – Desculpou-se Mariinha.

– Menina, é uma festa de rua, não precisa estar super arrumada! – Brincou Adenilda. – Além disso, é justo uma oportunidade para arejar, sair um pouco de casa, ver gente nova, ouvir música, quiçá dançar um pouco. – Argumentou.

– Papai só vai permitir que eu vá se um dos meninos forem comigo. – Relutou Mariinha.

– Vamos perguntar logo agora se eles concordam? – Apressou-se a amiga.

Sem deixar saída, puxou Mariinha pelo braço e retornaram para a casa.

Não foi difícil. Toinho, em seus quinze anos, não perderia a oportunidade de ir a uma festa e logo concordou. Milton, então com treze, se ofereceu para acompanhar e Zeca, com dez anos, pediu para ir junto.

– Pronto! Se o problema era companhia você agora tem logo três guarda-costas. – Comemorou Adenilda.

Seu Manoel não estava em casa, mas Dona Bela deu o seu aval, garantindo que, na companhia dos rapazes, não haveria problemas.

Mariinha não teve como contra-argumentar e nem adivinhar que Universo conspirava a seu favor. Bendita festa de Santos Reis, cujo emblema marcaria, doravante, a sua vida.

À tardinha os irmãos subiram a linha do trem com a recomendação de Seu Manoel para estarem em casa antes das dez da noite.

HOSPITAL GERAL. 10h00.

A conversa foi interrompida pela enfermeira que veio aplicar um medicamento e fazer os procedimentos de praxe: temperatura normal, soro em andamento, tudo em ordem. Admirava-se da união da família, sempre por ali, presente e em conversas.

– Puxa vida, que apartamento bonito e amoroso. – Disse a enfermeira, em tom elogioso, enquanto cuidava dos procedimentos. – Nós nos admiramos dessa presença constante da esposa e dos filhos, sempre numa conversa carinhosa. O senhor é muito amado! – Complementou.

– Ah, minha filha, Graças a Deus nossa família é muito unida. – Disse Mariinha.

Depois que a enfermeira se retirou sob agradecimentos, foi Fátima quem fez um comentário provocativo para que o relato da história de vida continuasse, sem perda do fio da meada:

– Puxa que legal. – Disse – Eu conhecia a narrativa do encontro na festa de Santos Reis, mas não com tantos detalhes! E papai? – Questionou. – Como decidiu ir à mesma festa?

– Eu estava morando ali perto da Igreja. Tinha feito algumas amizades e já trabalhava numa loja, também nas imediações, na Estrada dos Remédios. – Informou Evaldo, em desobediência à recomendação de não falar.

Mariinha, cujos detalhes conhecia tão bem quanto ele, atalhou assumido a história para fazê-lo calar.

– Fazia três meses que Evaldo tinha chegado de Ipojuca e, como conseguira logo um trabalho por ali, permanecia ainda na mesma pensão onde se hospedara na chegada. A festa já

seria, para ele, a programação daquela noite de sábado. Até tinha combinado com um amigo da pensão e outro da vizinhança para irem juntos.

Somos dois corações solitários à procura de alguém.

1945... Evaldo chegou do trabalho um pouco mais tarde. O movimento na loja comercial era grande nos dias de sábado e, após o fechamento da loja, às dezoito horas, ainda tinha que ficar mais um pouco, internamente, para as prestações de conta e encerramento do dia.

Tomou banho e trocou de roupas para chegar à igreja antes da missa das sete. Pôs o seu paletó de linho cinza e escolheu uma gravata bem combinada com a cor da camisa. Olhou-se no espelho enquanto penteava os cabelos.

Era um belo jovem, em seus vinte anos. As ombreiras do paletó lhe emprestavam mais largura aos ombros. Os olhos castanhos eram vivos e logo se faziam notar. Além disso, sempre primava pela elegância, usando ternos na cor clara, muito em moda naqueles tempos. O bom gosto no modo de vestir, herdara do pai que tinha como padrão tal exigência, fazendo com que os filhos se apresentassem bem vestidos nas ocasiões públicas e até em casa, em certos eventos.

Bateu na porta do quarto de Edilson, mas ninguém respondeu. Insistiu, para se convencer de que ele já saíra. O encontraria na Igreja.

Desceu o lance de escadas que dava direto na recepção simples, no rés da rua. Olhou rapidamente o movimento daquele começo de noite e tomou a direção da igreja quando os sinos já anunciavam o início da Missa. Apressou-se.

A Igreja de Nossa Senhora da Paz estava cheia: além dos fiéis que normalmente afluíam à missa, o dia festivo atraía outro público interessado no lado mundano da festa.

Evaldo não encontrou o amigo logo na chegada. Assistiu à missa de pé, atrás da última fileira de assentos.

Quando a missa terminou, ficou, de onde estava, observando o fluxo de pessoas que saíam, na esperança de encontrar Edilson. Enquanto olhava para o corredor central, o amigo saiu pela lateral esquerda e o surpreendeu puxando-o pelo braço. Estava acompanhado de José Maria, morador ali de Afogados, todos da mesma faixa etária, já acostumados a compartilhar a programação de final de semana nalgum lugar pelas imediações ou até mais além.

Lá fora os alto-falantes espalhados pela praça começaram a tocar músicas e anunciar as atrações da festa, tão logo a missa terminara, para reter o público antes que se dispersasse.

Os três atravessaram a rua e iniciaram seu passeio olhando as meninas que também trocavam olhares tímidos com os rapazes, flertando – como se dizia então.

Mariinha e Adenilda estavam tendo oportunidade de passear sozinhas depois que negociaram com os meninos um ponto de encontro para deixá-los à vontade com suas brincadeiras preferidas, nos botes de balanço e demais atrações armadas no local.

As duas subiram os degraus do coreto e, da murada, observavam o movimento.

De onde estavam, os rapazes as viram e José Maria deu de cotovelos no braço de Edilson, inclinando a cabeça para mais próximo dos amigos, apontando as jovens com a elevação das sobrancelhas:

– Conheço a de azul. Mora vizinho à minha casa – Alardeou, gabola, referindo-se a Adenilda. – Vamos até lá?

Aproximaram-se pelo lado de fora do coreto. Evaldo mais atrás, pois não gostava de se insinuar de primeira. Preferia sentir o clima, saber se seria aceito. Aproximar-se formalmente.

– Boa noite Adenilda! – Cumprimentou José Maria – Gostando da festa? – Perguntou, puxando conversa.

– Sim. – Respondeu a jovem olhando do ponto mais alto onde se encontravam as duas. – Não o vi na missa. – Acrescentou Adenilda.

Mariinha observou os três rapazes e notou de imediato o misto de timidez e respeito como um deles se comportava, sem atirar-se agressivamente à conquista.

– Quem é sua amiga? – Perguntou, ainda, José Maria.

– Uma colega da Escola. – Respondeu Adenilda, evitando oferecer mais detalhes.

– Vamos subir até aí! – Anunciou José Maria, sem dar tempo para recusas.

Os três rapazes ardearam o coreto até a sua entrada e subiram os degraus. Evaldo sempre procurando estar em posição menos atrevida. Detestava receber “um fora” e não dava oportunidades para tal. Assim, naquela abordagem intempestiva e incerta, preferia não tomar iniciativa.

José Maria fez uma mensura inclinando-se para cumprimentar Adenilda e depois tomar as vezes de dono da situação, apresentando a vizinha aos amigos.

Em seguida, Adenilda introduziu Mariinha, apresentando-a aos três.

– Esta é Espadeiro, uma colega da Escola Normal. – Disse, anunciando-a pelo sobrenome, como era conhecida no curso.

Citar a Escola Normal como referência dava prestígio. As normalistas eram cantadas em prosas naqueles tempos em que as mulheres ganhavam espaço na sociedade. Uma forma de demonstrar independência.

– Espadeiro! Que nome interessante. – Argumentou Edilson, mostrando-se saliente.

– Na verdade, é Maria Espadeiro. Na Escola nos acostu-
mamos a chamá-la assim, para diferenciá-la de outras Marias da
nossa turma. – Acrescentou Adenilda.

– Podem me chamar de Mariinha: é como me conhecem
nos demais círculos. – Autorizou.

Edilson permaneceu segurando sua mão, retendo-a,
numa clara tentativa de fazer-lhe a corte enquanto as duas da-
vam explicação a respeito do nome. Em seguida, como se há
tempo já a conhecesse, apresentou-a aos amigos.

Primeiro José Maria a cumprimentou. Em seguida,
Evaldo, depois de ter sido apresentado a Adenilda, e somente
então tomando a frente e posicionando-se diante de Mariinha,
meneou a cabeça com um breve sorriso e apertou-lhe a mão,
expressando seu prazer em conhecê-la.

Mariinha já estava notando o rapaz desde que o trio ainda
estava fora do coreto. Agora, ao ser pessoalmente apresentada,
sentiu-se logo atraída pelo aperto de mão e pela atitude reser-
vada e respeitosa que o diferenciava dos amigos. Durante a
apresentação, uma pequena orquestra começou a tocar “*Fasci-
nação*” no palco do coreto e Mariinha não ouviu direito o nome
do rapaz cuja fala foi abafada pela música.

Mais tarde, aceitando o convite para a dança e sentindo
o perfume e o calor do jovem que lhe interessara e cujos olhares
já haviam se cruzado diversas vezes no grupo de amigos depois
de apresentados, criou coragem de lhe perguntar o nome que-
rendo confirmar se havia escutado corretamente.

– Como é mesmo o seu nome?

– “É Valdo” – foi como ela interpretou a resposta e ficou
pensando consigo mesma: “Valdo”. Será nome ou apelido?
Achou estranho.

– Valdo? – Repetiu procurando confirmação.

– Não! Evaldo. – Repetiu o rapaz, dando ênfase à divisão
silábica.

Só então Mariinha percebeu: havia encontrado Evaldo. E seria para sempre (isso, não sabia).

Animados, os amigos permaneceram juntos o resto da noite. Evaldo e Mariinha tiveram poucas oportunidades de ficar ombro a ombro e trocar palavras. Os olhares, no entanto, se cruzaram e surpreenderam o olhar do outro muitas vezes naquela noite de Santos Reis.

Passearam, os cinco, pelo parque. Evaldo e Mariinha sempre procurando se posicionarem lado a lado.

Já eram quase dez horas da noite quando Mariinha alertou a Adenilda e ao grupo que deveria retornar para casa, passando assim a ficar atenta para encontrar seus irmãos, driblando a multidão, desviando a cabeça para sondar cada atração da festa onde eles pudessem estar.

– Ah, não! Está cedo! – Reclamou Evaldo, tentando convencê-la.

– Seria ótimo ficar mais um pouco, mas devo atentar para a determinação do meu pai. Além disso, um dos irmãos que vieram comigo tem somente 10 anos. – Alertou.

Um pouco adiante Mariinha avistou Milton e conseguiu chamar sua atenção, acenando para ele. Logo em seguida avisou Toinho e Zeca, que apreciavam o estande de tiro ao alvo.

Mariinha apresentou fugazmente os irmãos que acenaram para o grupo. Logo em seguida despediu-se. Adenilda aproveitou para se despedir dos rapazes e recolher-se.

Caminharam juntas até a esquina da Praça do Largo da Paz. Ali pararam um pouco antes de se separarem. Adenilda apertou, cúmplice, a mão de Mariinha e lhe piscou o olho num sinal de que havia percebido seu interesse em Evaldo.

– Depois conversamos. – Disse apenas.

Despediu-se dos meninos e tomou rumo oposto ao de Mariinha, que seguiu com os irmãos na direção da Ponte do Motocolombó, para entrar na primeira rua à esquerda: a Rua Francisco Silveira, onde localizava-se o sítio.

Antes de cruzarem a Avenida Sul para subirem a linha do trem, Toinho, que até então estivera calado, perguntou:

– Quem eram aqueles rapazes? – Apesar de mais jovem, usou um tom severo e inquiridor.

– Amigos de Adenilda. – Respondeu Mariinha, percebendo o ciúme e cuidado do irmão. – Mas não precisa falar em casa: papai pode achar ruim e só estávamos conversando. – Entrou em acordo, embora Toinho continuasse a olhar atravessado.

Não parou de pensar no jovem e desejar revê-lo.

Ainda bem que foi recíproco e Evaldo procurou informações sobre aquela moça, criando oportunidade para voltar a se encontrarem.

Conversando depois com Adenilda, Mariinha revelou como tinha ficado impressionada pelo jovem Evaldo e que não parava de pensar nele. Contou de como havia confundido seu nome pensando inicialmente tratar-se de “Valdo”. Riram juntas do episódio.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

08 DE JANEIRO DE 1945 -. Estou com o coração em festa. Desde sábado, dia 06, não consigo pensar em outra coisa. Conheci um rapaz na festa de Santos Reis, no Largo da Paz e acho que estou gostando dele, mesmo sem termos conversado a sós. Fomos apresentados por amigos de Adenilda. Depois eu o surpreendi várias vezes olhando para mim e, é claro, só percebi por que eu também estava a olhar para ele. Adenilda vai tomar informações com um vizinho seu que o conhece. Nossa Senhora de Fátima abençoe o que tiver de acontecer, mas acho que estou apaixonada.

Na mesma segunda-feira em que Mariinha rabiscara sua anotação, Adenilda foi abordada por sua vizinha, Hermelinda, irmã de José Maria.

Foi Hermelinda quem iniciou a conversa:

– Adenilda, um amigo do meu irmão ficou muito interessado em uma colega que estava com você na Festa de Reis. Está curioso para saber quem é ela e desejoso por uma oportunidade de aproximação. José Maria pediu que lhe perguntasse a respeito. O nome dele parece que é “Valdo”. Mas não sei quem é a menina. – Argumentou Hermelinda, que também confundia a pronúncia do nome.

Adenilda causou espanto em sua amiga ao decifrar a charada, juntando as informações:

– Ah, já sei quem são. A menina é Espadeiro, uma amiga da Escola Normal. E o nome dele não é “Valdo”. É Evaldo. – Disse reforçando as sílabas, tal como Evaldo fizera ao pronunciar para Mariinha. – O nome dela é Maria, chamada por todos pelo diminutivo Mariinha e, entre nós, na Escola, é conhecida pelo sobrenome: Espadeiro.

– Como pode ter tanta certeza? Você conhece o rapaz?
– Questionou Hermelinda.

– Não. Eu o vi pela primeira vez na festa, mas conheço a história! E ela me confidenciou que também ficou muito interessada nele. Vamos promover o reencontro? – Sugeriu Adenilda.

– Vamos sim. Seremos Cupidos nesta história. – Complementou Hermelinda, com sorrisos cúmplices de ambas.

Foi assim que Evaldo e Mariinha foram convidados para um sarau que lhes daria oportunidade de se reverem no final de semana seguinte. Tudo armado de surpresa para ambos.

A reunião seria organizada para acontecer na casa de Hermelinda e José Maria.

À tarde Adenilda foi ao sítio visitar a amiga.

Em princípio a sugestão era que o sarau fosse na sexta-feira, dia 12. Mas coincidiria com o aniversário de Dona Bela.

– Eu não queria sair de casa justo na noite do aniversário de mamãe. Não podemos dar uma festa, mas pelo menos vou tentar fazer um bolo pequeno e quero estar com ela. – Informou Mariinha, sem imaginar que Evaldo também seria convidado para o tal convescote.

– Acho que não haverá problema. Eu falo com Hermelinda para que seja no sábado. Também falo com teu pai, logo agora, aproveitando que ele está em casa.

Adenilda tratou de pedir diretamente a Seu Manoel que deixasse a filha ir passar a tarde com ela e ficar até à noite, pois haveria essa reunião na casa da amiga vizinha. Amaury, seu irmão, viria deixar Mariinha em casa antes das dez. Lembrou que estavam de férias e seria oportunidade de se divertirem juntas.

Sendo um pedido de Adenilda – que a família já conhecia e sabia ser moça de bons princípios – ainda mais arquitetado com tantos arranjos convincentes, Seu Manoel deu a permissão.

– Mas cuidado, heim? Não se pode descuidar estando por aí à noite. É sempre perigoso. – Alertou com seu sotaque português.

Lá fora, sob a mangueira da entrada do sítio, Mariinha e Adenilda deram-se as mãos e saltaram de alegria.

– Deu certo, estás vendo? É só saber pedir. – Disse a amiga, comemorando o sucesso da negociação.

Acertado com Mariinha – que era o lado mais difícil de solucionar – Adenilda, junto com Hermelinda, pediram a José Maria que convidasse Evaldo e Edilson para o bate papo no terraço de sua casa, no sábado à noite.

Assim foi feito e ambos acataram a programação sugerida para o final de semana.

Naquele segundo encontro, tão logo os olhares se cruzaram, eles sabiam que não haveria como evitar a aproximação. Os olhos brilharam e, certamente, as pupilas dilataram.

Evaldo cumprimentou a moça com um aperto de mão suave, mas vigoroso e deu um jeito de sentar-se ao seu lado. Aliás, não foi necessário fazer nenhum esforço, pois sendo o evento programado justo para promover o encontro, tudo já tinha sido arranjado para que os dois estivessem juntos.

O amplo terraço, de um lado anexo à casa e, do outro aberto para o jardim através de colunas de ferro com arranjos florais, deixava-se atravessar por uma brisa leve e perfumada. Em seu entorno foram instaladas cadeiras individuais e bancos para até três pessoas. No centro, sobre a mesa redonda de ferro torneado, uma travessa com um coquetel suave de vinho com frutas fora cercada por taças para que os convivas pudessem servir-se à vontade.

Mais outros três jovens – moças e rapazes amigos – tinham sido convidados e iniciaram uma noite de prosa agradável. Evaldo e Mariinha conversaram com o grupo, mas também tiveram ocasiões de trocarem ideias entre si e ficaram sabendo um pouco mais, um sobre o outro.

Mais tarde, no jardim, antes de se despedirem, Evaldo perguntou se poderia voltar a encontrá-la:

– Foi muito bom conversar com você Mariinha. Será que poderemos nos ver novamente? – Propôs.

– Também gostei de lhe conhecer melhor, hoje. Talvez possamos nos encontrar outras vezes. – Respondeu Mariinha.

– Como namorados? – Perguntou Evaldo sem pestanejar.

Mariinha enrubesceu e demorou a responder.

– Aí você vai ter que falar com o meu pai. – Disse timidamente após longa pausa.

Evaldo perdeu de vez a timidez e disse:

– Posso até falar com ele, mas não sem antes saber se você quer. Afinal, ele só vai dar a permissão, mas não quero namorar com ele, sim com você.

– Engraçadinho!

Evaldo, de olhos colados aos de Mariinha, aproveitou uma aproximação e a beijou pela primeira vez. Um beijo roubado, de surpresa. Mariinha permitiu e correspondeu ao beijo para, em seguida, fugir apressada gritando, sobre o ombro esquerdo, enquanto se afastava:

– Você tem que falar com meu pai! – Cobrou alegremente enquanto corria, trêmula de emoção juvenil com o primeiro beijo.

Evaldo ficou ali parado, sorrindo vendo-a fugir entre assustada e leve, percebendo que a conquistara e que ela estava feliz... Iria sim falar com Seu Manoel. Estava apaixonado.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

14 de janeiro de 1945 -. Sexta-feira, 12, foi aniversário de mamãe. Aqui em casa não pudemos fazer nada para comemorar, mas fui eu que ganhei meu melhor presente antecipado: ontem à noite voltei a encontrar, o rapaz que conheci na Festa de Santos Reis: Evaldo. E, o melhor: ele me beijou e pediu para namorar comigo. Ainda estou trêmula, até agora. Não consegui dormir. Bem atrevido o rapaz. Eu disse que ele tinha que falar com papai e ele disse que falaria, mas antes queria a minha resposta. Acho que ele leu nos meus olhos, porque antes que eu pudesse evitar ele roubou-me um beijo. Meu coração está acelerado.

Evaldo honrou o compromisso e foi conversar com Seu Manoel depois que Mariinha já havia alertado em casa sobre a visita e sobre o mútuo interesse.

Seu Manoel não saiu de casa na noite em que o encontro foi agendado, disponibilizando-se para conhecer o rapaz. Até vestiu-se mais formalmente do que de costume. Toinho também permaneceu na sala vigilante e ciumento.

Foi Mariinha quem fez as apresentações:

– Papai, este é Evaldo, de quem lhe falei.

– Boa noite Seu Manoel. – Cumprimentou Evaldo, entre tímido e nervoso, atropelando a conversa para pedir de chofre – Eu gostaria de ter sua autorização para ficar vindo aqui conversar com Mariinha...

Seu Manoel foi taxativo. Não se deu a muita conversa e foi ditando as condições. Duas apenas, mas deixou-as bem explícitas:

– Não me oponho a que se conheçam, mas espero muito respeito, somos pobres, porém dignos e duas coisas fiquem desde logo estabelecidas: só sairão juntos, se acompanhados, e os estudos são prioridade na vida de Mariinha.

Significava que Mariinha só casaria depois de concluir o Curso Normal, isso não era negociável.

Começaram então a namorar sob os olhares ciumentos dos irmãos que, aos poucos acataram a novidade até começaram a gostar de Evaldo, sobretudo Valdemar que, na ocasião, estava para completar cinco anos e não tentou fingir sua discordância da permissão dada pelo pai: selou os lábios, franziu o cenho e demonstrou, com evidências, sua animosidade.

Margarida, então próxima dos sete anos, registraria depois, em seu livro:

“Lembro-me dela, com Evaldo, seu namorado, sentados num tronco de coqueiro que fazia as vezes de banco, e se situava junto ao portão do sítio.” (Figueiredo, p. 46)

Faltava um mês para Mariinha completar 17 anos. Evaldo estava com 20. Enlevados pelas primeiras trocas de confidências, apaixonados ao perceberem que comungavam ideais, rapidamente sentiram que era amor o que os unia. E que seria para sempre.

Toinho e Milton ficaram vigilantes com relação à irmã. Afinal, aquele estranho chegava agora, de última hora, e já ganhava o privilégio de requisitá-la para si a noite inteira, ali sentados no “velho tronco” a conversar e fazer planos? O ciúme foi inevitável.

Para que Mariinha pudesse, vez ou outra, sair para o cinema, qualquer passeio ou mesmo a missa dominical no Largo da Paz, um deles era sempre convocado para fazer companhia.

Zeca, apesar de mais novo, também servia de “guarda” para a irmã e todos zelavam para que não houvesse “excessos” naquele “roubo” da companhia de infância, de trelas e brincadeiras. Mariinha, de fato passou a um comportamento mais maduro. Em parte, devido à sua idade que já saíra da fase de adolescência. De outro lado, o compromisso com o Evaldo a posicionou, em termos de comportamento, mais distante dos irmãos, mais seletiva nas brincadeiras e correrias entre as árvores ou em cima delas.

Aos dezessete anos ainda não tinha sido “moça” como se dizia no Recife naqueles tempos, referindo-se à maturidade feminina. Anunciava-se a ocorrência da menarca dizendo: “fulana foi moça” e Mariinha ainda não fora, o que somente ocorreu quando ela já namorava Evaldo.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

22 de abril de 1945 -. Semana passada menstruei pela primeira vez. Dou graças à Virgem de Fátima, porque papai estava conversando com mamãe sobre me levarem a um médico para um exame, pois eu já estava até namorando e continuava sem ocorrer meus períodos. Eu morreria de vergonha e já estava apreensiva. Graças aos céus tudo agora se normalizou.

A percepção de “ser moça” também contribuiu para seu isolamento do grupo de irmãos, apesar de continuar compartilhando muitas brincadeiras.

Os irmãos sentiam este afastamento e, em princípio, culpavam “o intruso” de ter-lhes roubado a irmã.

Evaldo, por outro lado, com seu jeito tímido e formal, demonstrava que tinha firmes intenções com a namorada e foi aos poucos conquistando a confiança e até o carinho dos cunhados, sobretudo dos mais jovens, Margarida, que completara sete anos em maio e Valdemar, cinco, em abril.

Evaldo gostava da paisagem bucólica do sítio e à medida em que foi sendo aceito começou a frequentar o local em ocasiões familiares. Seu Manoel e Dona Bela se afeiçoaram ao rapaz.

No São João de 46, já com um ano de namoro, Evaldo participou ativamente da preparação da fogueira, arrumada próximo à maré, com galhos secos das árvores do sítio. Trouxe algumas bandeiras e enfeitou os troncos das árvores, junto com Mariinha, Margarida e Valdemar. À noite ficaram olhando o fogo consumir a madeira e, quando as brasas estavam formadas, passou a assar milho verde a pedido de Valdemar.

Seu Manoel veio mais tarde apreciar a fogueira e se sentou em um tronco de coqueiro de onde ficou observando pensativo. Mariinha contou a Evaldo que ela gostava de assistir ao espetáculo da queima que Seu Manoel promovia de vez em quando, juntando a palhada seca dos coqueiros na beira da maré para atear fogo. Nessas ocasiões Seu Manoel ficava solitário, sentando-se em algum tronco de árvore a apreciar a queima. Mais atrás, procurando uma posição que não o incomodasse, Mariinha gostava de ver as chamas avermelhadas lambem as folhas crepitando em faíscas que flutuavam riscando o céu, como vagalumes, até se apagarem. Gostava sobretudo de ver como seu pai se recolhia em pensamentos e parecia apaziguado consigo mesmo a apreciar o fogaréu.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

23 de junho de 1946 – A noite de São João foi muito especial para mim. Evaldo participou desde a organização até o final

quando Valdemar e Margarida não se aguentaram mais de sono.

Papai e mamãe também vieram olhar a fogueira.

Depois que Evaldo saiu, papai permaneceu alimentando o fogo e olhando e nem o vi entrar. Acho que ele estava bem feliz hoje e agradeço a Nossa Senhora de Fátima esta convivência familiar.

Valdemar está bem afeiçoado a Evaldo e queria todo o tempo requisitá-lo para brincar. Estou muito feliz. Foi uma noite maravilhosa.

No sábado, 7 de setembro, Evaldo veio logo cedo cumprir a promessa feita a Valdemar de irem todos ver o desfile militar.

Já no ônibus, Mariinha, acomodada a seu lado, inclinou-se para segredar:

– Temos uma novidade! Mamãe está grávida. Vamos ter mais um irmãozinho.

– Verdade? – Perguntou Evaldo arregalando os olhos, surpreso.

– Bem, ainda não é certeza, mas tudo indica. Ela conversou comigo que está com algumas semanas de “atraso”. Os meninos não sabem! Estou lhe contando em primeira mão! – Confiou a novidade.

No final de abril de 1947, Dona Bela deu à luz Marluce.

No Natal, já com 8 meses, a pequena ganhou uma boneca do cunhado, que naquele dia a pôs no colo pela primeira vez.

Se os demais cunhados tiveram que se adaptar à sua presença, Marluce foi crescendo já percebendo Evaldo no convívio da família e ao completar 1 ano e dois meses até já falava o nome do cunhado.

Esta e outras provas de carinho que os mais jovens dedicavam a Evaldo, ficaram registradas em correspondências trocadas entre os namorados:

EXCERTOS DE CORRESPONDÊNCIAS.

11 de junho de 1948. – Querido Evaldo, (...) Marluce já diz o teu nome bem explicado...

Margarida e Valdemar só vivem perguntando se virás ou não para o são João, pois estão com saudades.

19 de junho de 1948 – Inesquecível Mariinha (...) Meu forte abraço a Zeca juntamente com minhas felicitações pelo transcurso de seu décimo quarto aniversário. A Toinho e Milton, meu forte abraço.

Diga a Valdemar e a Margarida que eles não me fogem da mente, beijinho em Marluce e a você, querida, os meus sinceros e melhores cumprimentos.

23 de julho de 1948 – Querido Evaldo. (...) Margarida já começou indo à aula e está com vontade de ondular o cabelo, mas diz ter medo que fiques zangado com ela, que dizes?

24 de julho de 1948 – Querida Mariinha (...) Diga a Margarida que quando eu estava aí dei opinião para que ela não cortasse nem ondulasse os cabelos, entretanto, agora ela faça uma apuração de votos dos que acham se ela deve ou não ondular os cabelos. Garanto que dois votos contra ela, tem: o meu e o de Seu Manoel, o resto eu não sei, ela que faça a apuração e mande-me o resultado que eu me conformo com o que vencer.

5 de agosto de 1948 – Querido Evaldo (...) Valdemar mandou te dizer, todo orgulhoso, que extraiu um dente sem chorar!

Assim Evaldo foi se integrando à família de Mariinha e aos poucos sendo querido por todos.

Foram quase seis anos desde que se conheceram até o casamento no final de 1950, amadurecendo afinidades de interesses e dedicação.

HOSPITAL GERAL. 11h15.

No hospital, Evaldo abriu um leve sorriso com o canto da boca, concordando com as reminiscências contadas.

– Valeu cada minuto de convivência, não foi meu filho? – Comemorou Mariinha.

Depois do almoço, a tarde foi de repouso total. Evaldo cochilou quase todo o tempo. Luiz Carlos passou, antes de anoitecer, para saber se estava tudo bem. Trouxe algumas frutas, biscoitos e água mineral para a mãe.

Mariinha conversou com o filho, sempre em voz baixa para preservar o repouso do enfermo. Perguntou sobre a casa, as contas, conferiu que estava tudo pago e em conformidade.

– Seu pai, mesmo aqui internado, se preocupa e fica perguntando se está tudo em dia. – Explicou.

– Tranquelize-o, estou cuidando de tudo. Todo o dia vou lá em casa – Contou. (apesar de morar em sua própria casa, o costume de falar “lá em casa” era um vício, nele, e em todos os irmãos) – Estive com Carlos Alberto para fazer o relato da situação. Ele está bem e tem vindo aqui na portaria. – Complementou dando notícias do irmão que tinha verdadeiro pavor de hospitais, chegando a passar mal quando entrava em um para visitas.

Desde o início da internação do pai, Carlos Alberto fora até a portaria encontrar os irmãos e tomar notícias, ou telefonava para a mãe para se atualizar. Mas lhe faltava coragem para ingressar e fazer uma visita pessoal. Sua presença tinha sido mais constante em acompanhar o pai enquanto ele permaneceu em casa. Não contou esforços, inclusive arriscando idas e vindas no carro que estava praticamente fora de condições de uso.

DEPOIMENTO DE IRENE.

Em determinada ocasião, enquanto nos dirigíamos à casa de Seu Evaldo, fomos parados em uma blitz de policiamento de trânsito. O documento do carro estava vencido. O policial quis prender o carro, ao que Carlos Alberto explicou a situação que estavam passando, com necessidade de assistir o pai doente. Como o policial se manteve impassivo na decisão de recolher o veículo, Carlos Alberto recorreu ao sargento que comandava a blitz. O sargento sensibilizou-se, mas impôs uma condição: “Acredito nas suas dificuldades. Vou olhar o seu carro e, se tiver qualquer acessório, um rádio de luxo que seja, seu carro não sai daqui”.

Com as pernas trêmulas, vi o sargento abrir a porta e inspecionar o interior do veículo. Mas diante da situação encontrada, solidarizou-se e dirigindo-se a mim, disse: “A coisa está difícil, né madame?” e nos deixou seguir viagem.

Claro que nosso velho Chevette não tinha nada além da direção. Conta Irene. – Na hora saímos rindo da cara do subalterno que não concordava com a decisão, mas ao mesmo tempo agradecendo a Deus a bonomia do sargento.

Como Luiz Carlos teve que se ausentar para uma reunião na empresa, Mariinha ficou sozinha enquanto Evaldo cochilava. Aproveitou o silêncio para dar continuidade à leitura de um romance espírita que estava desfrutando.

A enfermeira entrou no quarto algumas vezes, fez aplicações de medicamentos ou trocou a bolsa de soro; aferiu a temperatura de Evaldo; fez anotações no prontuário e outros procedimentos de rotina.

Por volta das nove da noite passou para, mais uma vez, verificar o soro e perguntou ao paciente se estava tudo bem.

Apagou as luzes ao sair.

O casal ainda ficou algum tempo acordado, mas depois que Evaldo dormiu, Mariinha também se rendeu ao sono, apesar

de manter-se alerta para qualquer movimento ou necessidade do marido.

As noites foram tranquilas nessa primeira semana de pós-operatório.

Quarta-feira, 20 de junho de 2007

HOSPITAL GERAL. 07h31.

A manhã de quarta-feira começou amena. Mariinha tomou um banho e alimentou-se. Estava conversando baixinho com Evaldo, acariciando seus cabelos, quando Marivaldo e Luiz Carlos chegaram para ver o pai. Tinham, coincidentemente, se encontrado na recepção e subiram juntos.

Tão logo se apropriaram das informações sobre a evolução da melhora do pai, demonstraram curiosidade pelas narrativas que já estavam se tornando uma deliciosa rotina naqueles dias.

– E então? Qual vai ser a lembrança de hoje para as conversas? – Foi Luiz Carlos quem provocou.

Evaldo ousou falar, apesar de as palavras ficarem roucas, presas na garganta:

– A casa. – Disse ele, sugerindo, a voz quase imperceptível.

– O que ele falou? – Perguntaram os irmãos, a um só tempo.

Mariinha, que estava mais próxima e sintonizada, interpretou:

– “A casa”. – Repetiu esclarecendo. – Não é isso, “meu filho”? Mas não vá desobedecer... não é para falar... – Repreendeu carinhosa.

Sempre o chamava de “meu filho”, enquanto Evaldo tinha o costume de se dirigir a ela como “menina”, ou, ao chamá-la, usar uma entonação característica, que todos os filhos e até a vizinhança conheciam: - “Ô Menina”!

Evaldo meneou a cabeça, confirmando que estava sugerindo lembrar a história da casa do Engenho do Meio, aonde foram morar logo depois de casados e onde residiam até então.

Marivaldo reforçou o interesse no assunto:

– Pois é! Isso é muito interessante, como foi a ida de vocês para a nossa casa? Como era o Engenho do Meio naquela ocasião?

– Tem muitos fatos curiosos. A começar pelo nosso casamento que foi de certa forma antecipado para garantirmos a casa. Em princípio só nos casaríamos depois que eu houvesse me formado, mas justo para garantir prioridade na aquisição do imóvel, nos casamos um mês antes da conclusão do curso Normal – Mariinha começou a lembrar...

– Quase seis anos, entre namoro e noivado, foi tempo bastante para sabermos que nos completávamos – afirmou, enquanto acariciava o braço do marido que a ouvia atento, revendo mentalmente as imagens daquele tempo.

Quando a lembrança com você for morar.

1947... Evaldo tinha saído da pensão em Afogados. Estava agora trabalhando em uma loja na Rua das Águas Verdes, no bairro de São José. Seu irmão, Dinaldo também estava morando no Recife e trabalhava em uma alfaiataria no centro da cidade, desenvolvendo a arte do corte em modelos masculinos, muito em voga naqueles tempos.

Ambos estavam hospedados no próprio bairro de São José, no Centro do Recife.

A pensão no bairro de Afogados apresentava mais comodidade pela proximidade com o sítio, no Escobar. Porém, desde o mês de outubro, naquele ano de 1947, a família de Mariinha se movimentava para mudar de endereço: o sítio seria vendido, de forma que não apenas Seu Manoel, mas Dona Maria, vó de Mariinha, também deixariam, em breve, o local.

Por isso, quando Dinaldo lhe mostrou a pensão para onde se mudara, Evaldo aproveitou a oportunidade e se alojou por ali, para ficar mais próximo ao trabalho.

Na noite de Natal, Evaldo veio ficar com Mariinha e foram todos assistir à Missa do Galo na Igreja de Nossa Senhora da Paz. Após a missa, a Praça do Largo da Paz e todas as ruas adjacentes estavam inundadas de pessoas, apesar de já passar de uma hora da manhã.

De braços dados, Evaldo e Mariinha faziam o conhecido caminho até o sítio, em animada conversa com Toinho, Milton, Zeca, Margarida e Valdemar.

A especulação sobre aonde iriam morar era o assunto, vez que a decisão a respeito da venda do sítio estava tomada e deveriam sair para a entrega da propriedade.

– Sabe, apesar de tudo, vou sentir saudade daqui. – Falou Mariinha.

– O sítio marcou nossas vidas. – Afirmou Toinho. – É um paraíso se comparado aos novos bairros que surgem na cidade: casas imprensadas umas nas outras, com quintais cada vez mais reduzidos.

– Poucas crianças tiveram as oportunidades que desfrutamos de brincar à vontade, subindo em árvores, pescando, correndo soltos. – Acrescentou Zeca.

– É verdade. – Confirmou Milton. – Mas à medida em que saímos da infância para a juventude, começa a fazer falta uma vizinhança mais ampla. Aqui em Afogados quase tudo já é comércio, além do trânsito de automóveis que também já se faz presente. Em contraste, a nossa rua, após passar os trilhos, é um isolamento só! E dentro do sítio, nem se fala. Ficamos muito isolados. Nem oito, nem oitenta! – Afirmou taxativo - Eu pessoalmente estou com muita expectativa sobre nosso novo endereço.

Milton parecia ser o mais propenso à mudança.

Margarida apenas ouvia, pensativa.

Valdemar arriscou sua opinião, do alto de seus oito anos:

– Eu não quero morar em outro lugar, Mariinha. – Reclamou. – Eu gosto do sítio!

– O negócio já está fechado? – Perguntou Evaldo. – Como foi mesmo esse processo?

Toinho, que andava um pouco à frente, veio para o lado de Evaldo, aproximando-se do casal, para explicar.

– A venda do sítio será a saída viável para os problemas financeiros de Vó. – Começou – Eu a ouvi dizendo que o dinheiro que restara da fábrica de vovô tinha acabado. Até aqui ela vivia dessa pouca renda, somada ao que conseguia com a venda dos cocos e frutas do sítio, criação de peixes em tanques e outras coisinhas. Agora tinha que buscar uma alternativa e a venda do sítio seria inevitável. – Concluiu Toinho.

– E Seu Manoel? – Perguntou Evaldo. – Não tem direito a uma parte da venda?

– Na verdade quem teria esse direito seria mamãe, mas papai não quer receber. Diz que não precisa dos favores de Vó. – Disse Mariinha.

Milton interveio corrigindo:

– Não é correto afirmar que mamãe tenha direito, segundo ouvi das discussões sobre o assunto. Esse direito só viria por herança, mas, enquanto Vó estiver viva, o sítio é dela, para todos os efeitos, e ela pode dispor dele como entender.

– Mas Vó, reconhecendo a necessidade de moradia da gente, se dispôs a ceder uma parte da venda. Papai é quem não quer. – Corrigiu-se Mariinha.

– Por que não? – Perguntou, surpreso, Evaldo.

– Pura vaidade. – Opinou Mariinha. – Ele não dá o braço a torcer.

– Eu o ouvi dizendo a mamãe que ele “não precisa de esmola de Vó!” – Completou Toinho.

– Foi só ele começar a trabalhar na Loja Maçônica do Grande Oriente para entender que, apesar do pequeno salário, pode recusar a ajuda de Vó. Eles dois nunca se entenderam, não vai ser hoje que as coisas vão se ajustar. – Juntou Mariinha.

– Qual a previsão de concretização dessa venda? – Questionou Evaldo.

– Já existem interessados e Vó está negociando um prazo apenas para que dê tempo para ela providenciar outro lugar. – Informou Toinho - E ela já tem em vista uma casinha, aqui mesmo em Afogados, logo depois do pontilhão do trem da Estrada dos Remédios, entrando na primeira rua à direita. Fica bem próximo à maré, no fim da rua. Eu estive lá com Adriano. Se fecharem negócio vão fazer uma limpeza e já se mudam.

– E parece que papai está negociando o aluguel de uma casa lá pelos lados da Iputinga. Ele não fala com a gente sobre o assunto, mas o ouvi dizer a mamãe.

Margarida e Valdemar acompanhavam a história, entristecidos com a possibilidade de deixarem o sítio.

– Onde é “Iputinga”, Mariinha? – Perguntou Valdemar.

– É muito longe daqui, mas não se preocupe, meu amor. Nos todos vamos estar juntos. Qualquer lugar pode ser bom se estivermos juntos. – Sugeriu Mariinha, fazendo sinal para que os mais velhos não continuassem o assunto que estava assustando os menores.

Também era hora de mudar o assunto, porque estavam chegando ao Sítio. Dona Bela e Vó Maria estavam acordadas e decoravam a casa com enfeites natalinos improvisados, naquele último Natal no sítio.

Margarida e Valdemar se juntaram a elas para ajudar com a colocação de arranjos e assim, mergulhados na atividade, logo esqueceram a conversa.

Evaldo despediu-se de Mariinha no portão:

– Não conheço aqueles lados da cidade, mas é como você diz: o importante é estarmos juntos... e vou com você aonde quer que vocês vão.

Mariinha o abraçou carinhosa. Beijaram-se.

– Feliz Natal, Mariinha.

– Feliz Natal, meu amor.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

16 de fevereiro de 1948 – Hoje foi meu último aniversário no Sítio de Vó. Papai está negociando para mudarmos para a Iputinga. Sentirei muita falta da paisagem bucólica, das árvores, das brincadeiras de menina, mas vamos ganhar mais tranquilidade com o fim das incessantes brigas que presenciemos.

Ainda não conheço o local, mas Nossa Senhora de Fátima abençoe nosso novo endereço para que somente coisas boas aconteçam.

Evaldo me deu de presente um perfume delicioso em um lindo frasco: “Colônia Marajoara”. Estou muito feliz.

O ano letivo começou esta semana. Agora serão dois anos até minha formatura. Nossa situação financeira continua ruim, mas ao menos estou indo para escola de bonde ou mesmo de ônibus. Quando necessário, Evaldo tem me ajudado pois não quer que eu faça tal sacrifício.

HOSPITAL GERAL. 08h00.

Fátima chegara enquanto a conversa estava acontecendo. Gesticulou para que continuassem sem interrupção. Passou próximo a cada um beijando os irmãos e sua mãe. Depois posicionou-se próximo ao pai para assumir a costumeira atitude carinhosa. Beijou-o e ficou passeando sua mão sobre os braços de Evaldo.

Na pausa do relato fez sua intervenção, curiosa.

– Já ouvimos muitas histórias do sítio. Sempre que nos reuníamos em família, mamãe e nossos tios acabavam contando alguma aventura vivida acolá. Mas minha percepção era de que vovô Manoel tinha se mudado com vocês, mas sua Vó permanecera por lá. Então saíram todos na mesma ocasião por causa da venda? – Perguntou.

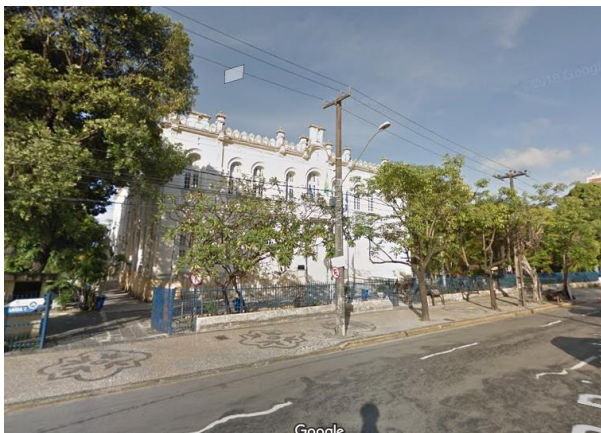
– Na verdade minha Vó ainda ficou por lá depois que saímos. Mas foram apenas cerca de quatro meses. Nós nos mudamos para a Rua São Mateus, 129, em meados de maio. Minha Vó continuou morando no sítio até o mês de agosto! Mas a venda já estava sendo fechada. Os compradores tinham ido olhar o sítio e confirmaram a compra. Com um valor dado como “sinal”, Vó comprou uma casa em Afogados e iria fazer algumas mudanças para tornar o lugar habitável. – Explicou Mariinha.

– Eu não recorro exatamente a data de nossa mudança, mas sei que o semestre letivo já tinha começado, pois lembro muito bem o dia em que Evaldo foi me esperar na saída da Escola para me dar duas notícias de uma só vez... – Disse Mariinha mergulhando em recordações. – Era o mês de maio e eu ainda estava no sítio, mas nos mudamos logo depois.

– Que notícias foram estas? – Perguntou Fátima.

Quem sabe na volta te encontre ainda no mesmo lugar.

1948... A Escola Normal do Recife funcionava na Rua Princesa Isabel com Rua do Hospício, no Instituto de Educação de Pernambuco – IEP, em imponente prédio de dois andares, de arquitetura clássica, com janelas arredondadas e torres que apontavam para o céu, emprestando-lhe o aspecto de um castelo, na visão sonhadora de Mariinha.



Fachada do Instituto de Educação de Pernambuco – IEP –, no Parque Treze de Maio, onde funcionou o curso normal no Recife. (Atualmente ali funciona a Câmara de Vereadores do Recife).

Incrustado no Parque Treze de Maio, integrava-se a uma região de amplos espaços, abundante arborização, as mais belas paisagens e edificações da cidade do Recife. Mariinha achava prazerosa a permanência na Escola, assim como o passeio em seus arredores.

Por volta das onze e trinta da manhã, quando soava o toque de final de aulas, os portões da Escola derramavam em seu entorno uma alegre algazarra de moças que deslizavam, aos pares ou em grupos, comentando seus desafios acadêmicos, programando reuniões de trabalho ou lazer ou simplesmente – e sempre – sorrindo e comemorando a vida, orgulhosas em seus trajes azuis e brancos, reconhecidas, respeitadas e até exaltadas na música “*Normalista*”, sucesso de então na voz de Nelson Gonçalves:

*Vestida de azul e branco
Trazendo um sorriso franco
No rostinho encantador
Minha linda normalista
Rapidamente conquista
Meu coração sem amor
Eu que trazia fechado*

*Dentro do peito guardado
Meu coração sofredor
Estou bastante inclinado
A entregá-lo ao cuidado
Daquele brotinho em flor*

*Mas, a normalista linda
Não pode casar ainda
Só depois que se formar
Eu estou apaixonado
O pai da moça é zangado
E o remédio é esperar*

Os versos pareciam ter sido construídos com base na realidade de Mariinha.

Naquela manhã ensolarada de início de maio, Mariinha saiu da Escola quando a afluência de primeira hora já se havia dispersado. Havia demorado um pouco para tomar emprestada uma obra na biblioteca, suprimindo a falta de livros próprios que não podia adquirir. Tinha encerrado o ciclo ginásial e estava agora cursando o primeiro ano do pedagógico.

Ao seu lado, Adenilda, Ester e Nanes, discutiam os detalhes de uma reunião de trabalho que deveriam realizar para concluir uma pesquisa sobre técnicas pedagógicas na primeira infância, pois deveriam produzir relatório para entregar até a semana seguinte. Entretidas em concordar sobre o local e hora do encontro, pararam um pouco na esquina.

– Espadeiro, olha à nossa frente quem está te esperando! – Murmurou Adenilda, segurando-a pelo braço para apontar discretamente na direção da Faculdade de Direito.

Mariinha elevou a cabeça procurando na direção apontada, para encontrar o olhar de Evaldo que, embevecido, acompanhava as estudantes em seu trajeto, desde a saída dos portões, apreciando, sobretudo, a sua namorada.

Elegante, trajando o seu terno de linho branco, gravata escura, ostentando um físico aparentemente mais corpulento graças às ombreiras costumeiramente usadas sob o paletó,

Evaldo era um jovem que chamava atenção pela postura e seriedade sempre presentes, assim como pelo rosto e olhar decidido.

O namorado atravessou a rua para encontrar as moças. Tomou a mão de Mariinha, beijando-a em cumprimento, para depois dirigir-se às demais. Beijou carinhosamente Adenilda. Em seguida estendeu a mão para Ester e Nanes, às quais estava sendo apresentado pela primeira vez.

– Estas são Ester e Nanes. – Mariinha fez as apresentações – Este é Evaldo, meu namorado. – Retribuiu, apresentando o namorado para as amigas, com indisfarçado orgulho.

– Que surpresa! Não tem expediente agora à tarde? – Perguntou Mariinha interrompendo a conversa com as amigas.

– Pois é. Tive uma reunião de trabalho, aqui no centro, que durou a manhã inteira. Pedi dispensa agora à tarde para completar o dia. Daí, resolvi vir esperar para lhe acompanhar até sua casa. – Respondeu Evaldo, se justificando para não transparecer a verdadeira ansiedade de revê-la.

Depois dos cumprimentos e breve conversa finalizando o acerto da reunião vespertina, as amigas se despediram, deixando Mariinha a sós com Evaldo:

– Espadeiro, então nos vemos à tarde na biblioteca. – Despediu-se Adenilda, afastando-se com as duas amigas. – Até logo Evaldo!

Mariinha e Evaldo continuaram seu caminho e atravessaram na direção do imponente prédio da Faculdade de Direito.

Iam conversando, sem pressa, quase num passeio, para aproveitar a beleza paisagística e arquitetônica do lugar.

– Fiquei feliz por você vir encontrar-me na saída da Escola. – Declarou Mariinha, abraçando contra o peito sua pasta de anotações, juntamente com o livro retirado da biblioteca. O outro braço, entrelaçado ao de Evaldo.

Estavam chegando à Ponte Princesa Isabel e dali, sobre o Rio Capibaribe, vislumbravam a estonteante paisagem à frente, de um lado o quintal arborizado do Palácio do Campo das Princesas – residência oficial do governador do Estado e, do outro, o Teatro Santa Isabel, tirando-lhes o fôlego, em complemento à emoção da conversa que remetia, a ambos, a projetos futuros de união e emancipação.

– Isso aqui é lindo. Sempre fico encantada com esta paisagem, mas poucas vezes venho por aqui. Prefiro subir pela Rua do Hospício até a Conde da Boa Vista. É mais frequentado. Mas com você me sinto segura. – Divagou Mariinha.

Evaldo também declarou sua predileção por aquelas paisagens, voltando-se, sobre a ponte na direção da Rua da Aurora para dali apreciar os casarões antigos de cores fortes que lhe encantavam.

Depois que atravessaram a ponte, deveriam tomar a Rua do Sol, mas Mariinha propôs continuarem o passeio em frente ao Palácio do Campo das Princesas, ao que Evaldo resistiu, puxando-a para seguir o caminho convencional.

– Ah, vamos? – Pediu, manhosa. – Temos tão pouco tempo para estes passeios! Vamos ao menos arrodar a Praça da República.

O namorado cedeu e atravessaram a rua pela lateral, depois pela frente do Teatro. Apreciavam a arquitetura de cada prédio, os jardins e estátuas, o pé de baobá em frente ao Palácio do Governo com seu enorme tronco.

Cruzaram por dentro da praça e se viram diante do majestoso Palácio da Justiça, encimado por sua admirável cúpula.

Mariinha, brincalhona, soltou o braço do namorado para subir, aos saltos, os degraus de acesso ao pátio central, voltando-se para Evaldo, posicionada entre as colunas que pareciam alongar a altura do átrio, fingindo-se de estátua: rija, com o corpo levemente inclinado para frente e um braço estendido na direção da enorme porta, em posição de quem convida a entrar no prédio.

Evaldo sorriu da espirotuosidade da moça que, em seguida, lhe propôs, ainda “congelada” na entrada do Palácio da Justiça:

– Vamos nos casar?

Evaldo olhou-a pensativo e subiu alguns degraus ao seu encontro.

– Você leva uma surra de Seu Manoel, mas eu aceito. Agora! – Respondeu.

Mariinha desceu sorrindo, atirando-se, e mesmo esbarrando nos braços de Evaldo, que a retiveram – fortes – para um abraço e um beijo enamorado.

Caminharam de volta para a Rua do Sol, abraçados, sorridentes. Já em frente ao Liceu de Artes e Ofícios, Evaldo iniciou uma conversa para a qual imprimiu seriedade:

– Mariinha, sei que ainda não falamos especificamente sobre nossos planos futuros de casamento, a não ser o detalhe que você e seu pai deixam claro de que só pretende casar-se depois de formada. – Puxou o assunto, sem rodeios.

Mariinha olhou de soslaio, sem reter os passos da caminhada, mas mostrando-se interessada no rumo dessa conversa, deixando-o continuar, sem interferência.

– Pois bem. – Evaldo retomou o assunto depois de perceber que o silêncio de Mariinha era de curiosidade pelo que ele queria dizer. – Há inscrições abertas para candidatos a uma casa do Serviço Social Contra o Mocambo, numa vila que está em construção para os lados do bairro da Várzea. Não tenho detalhes sobre a localização nem sobre as condições, pois não quis tomar nenhuma iniciativa sem antes lhe consultar. O que você acha? – Inquiriu.

Os olhos de Mariinha brilharam. Pela primeira vez conversavam sobre uma casa para os dois. Um lugar somente seu, administrado ao seu modo. Um lugar para compartilhar a vida a dois com Evaldo. Para constituir família.

– Claro, Evaldo. – Respondeu Mariinha. – Devo me formar em dezembro de 50, são dois anos e meio até lá. Penso que também seja o tempo necessário para se construir um conjunto habitacional. Então, fazer a inscrição agora para garantir o interesse é uma boa ideia.

Apesar do interesse no assunto, Evaldo parecia tenso e Mariinha notou em sua expressão.

Desceram pela Rua do Sol para tomar um bonde em frente ao prédio dos Correios. Sentaram juntos, apreciando a paisagem, calados, mãos dadas, em toda a extensão da Avenida Guararapes.

Quando o bonde tomou a direita na Avenida Dantas Barreto, ambos acompanharam a passagem pela fachada barroca da Igreja de Santo Antônio, virando os rostos, como que magnetizados pela beleza dos detalhes do templo. Evaldo, então, quebrou o silêncio:

– Há um outro assunto que preciso tratar. Esse, talvez você não goste. – Disse, meio que fugidio.

– O que há? – Mariinha fixou o olhar no namorado entre inquisidora e preocupada.

– Estou pensando em viajar ao interior do Estado a trabalho e devo ficar algum tempo. Quero aproveitar uma oportunidade. – Disse Evaldo, num único arranco, para concluir logo a notícia que certamente desgostava a ambos pela perspectiva da distância temporária.

– Foi por isso que você veio me buscar, não foi? E por isso, tratou primeiro do assunto da casa para preparar meu espírito para essa outra notícia. – Desafiou Mariinha.

– Eu sabia que você não ia gostar. Eu também não gosto. – Desculpou-se Evaldo. – Mas ambos os projetos – da compra da casa e da viagem ao interior – têm um ponto comum: estamos buscando melhores condições para um futuro juntos.

– O que o levou ao interior, se você já veio de lá para aproveitar melhores oportunidades aqui, no Recife? – Questionou Mariinha, procurando entender o projeto que a desgostava.

– Dona Elvira, uma senhora a quem conheço desde Ipojuca, indicou-me ao proprietário de um hotel em Arcoverde, recomendando-me para assumir a gerência do empreendimento. Reuni-me agora pela manhã com ele, a indicação foi acatada e ele quer que eu assuma numa espécie de sociedade, na qual eu posso ganhar de acordo com os resultados alcançados. Talvez possamos acertar um percentual do lucro. Eu seria uma espécie de sócio pró-labore – aquele que entra na composição da sociedade com trabalho ao invés de dinheiro. O que mais me atrai, além da expectativa de ganho, é a possibilidade de exercitar meu estilo gerencial com autonomia, pois vou ser o encarregado geral, tomando todas as decisões, já que o proprietário está se organizando para vir morar no Recife e entregará o hotel em minhas mãos, em confiança pela indicação de Dona Elvira.

– E quando seria esta viagem? – Perguntou Mariinha.

– Deve demorar ainda algum tempo. Você está participando desta decisão desde o começo. – Explicou Evaldo. – Ainda não há qualquer detalhe acertado. Tudo foi muito de repente. Dona Elvira telefonou-me hoje pela manhã e eu corri de imediato para conversar com Seu Apolinário. Ele acatou a indicação, mas mal teve tempo de me cumprimentar depois de eu ter esperado a manhã inteira. Fez somente algumas perguntas e ficou de acertar os detalhes posteriormente. Encarregou Dona Elvira de intermediar o assunto. Eu apenas disse a ela que tinha ficado bem inclinado, mas que daria a resposta amanhã. Queria primeiro conversar com você e ouvir sua opinião. Dona Elvira veio ao Recife cuidar de coisas do hotel, onde também trabalha. Voltará amanhã e antes vai conversar comigo para ver se aceito a proposta. Por isso, queria logo lhe contar, para ver sua opinião.

Mariinha ouviu atentamente. Percebeu o brilho nos olhos de Evaldo, que sempre sonhou em ser autônomo e agora via a oportunidade a seu alcance. Não tinha como contra-argumentar.

– Você sabe que tudo eu entrego nas mãos de Nossa Senhora de Fátima. Confio em Deus que, se tiver que ser para o melhor, recebe suas bênçãos e proteção. Vou sentir, e muito, a sua falta. Já estou me acostumando a ter o seu apoio nos momentos de maior dificuldade, mas confio que tudo se resolverá a seu tempo e que nosso destino, juntos, tem todo futuro pela frente. Faça o que entender que seja melhor. Eu lhe esperarei.
– Conformou-se Mariinha.

O bonde já atingia a Rua Imperial, na altura da Praça Sérgio Loreto. O casal permaneceu pensativo, em silêncio, até a parada do Largo da Paz, quando desceram juntos.

Pensavam em como enfrentariam um período distantes, agora que estavam acostumados um ao outro, se apoiando mutuamente.

Evaldo foi deixar Mariinha em casa, comprometendo-se a vir logo mais à noite, para conversar sobre detalhes da viagem. Mas decidiram que não tocariam ainda no assunto da compra da casa com a família de Mariinha. Não queriam que Seu Manoel percebesse o assunto como ameaça de antecipação do casamento.

Depois de um beijo de despedida, Evaldo retornou, pelo mesmo caminho, para o Largo da Paz. Ao chegar no alto da elevação da RFFSA, que fechava a Rua Francisco Silveira, voltou-se, sobre a linha de trem e, como sempre, lá estava Mariinha, no portão do “sítio de Vó”, aguardando para lhe acenar e encerrar sua prece, hoje em sua farda de saia azul plissada e blusa branca, abraçada aos cadernos, somente entrando no sítio depois que a figura de Evaldo aos poucos desaparecia, descendo o pontilhão, na Avenida Sul.

HOSPITAL GERAL. 14h00.

Mariinha almoçou na lanchonete do hospital enquanto Luiz Carlos permaneceu no apartamento, observando o pai que cochilava. Os demais irmãos haviam se dirigido, cada um, às

suas responsabilidades cotidianas, todos confortados pela melhora sensível da saúde de Evaldo.

A tarde morna de junho convidava ao repouso. Mariinha cochilou na poltrona ao lado da cama enquanto Luiz Carlos permanecia atento ao nível do soro, que escoava preguiçosamente suas últimas gotas.

Luiz foi até o corredor e acenou para uma das enfermeiras que davam plantão no centro de enfermagem, ao final do corredor, para que providenciasse a troca do soro.

Um breve diálogo, quando a enfermeira entrou no apartamento, despertou Mariinha, que não voltou a dormir.

Depois que a enfermeira se retirou, em voz baixa para não despertar o pai, Luiz Carlos quis tirar uma dúvida com sua mãe:

– Essa viagem para Arcoverde? Você falou que a intenção de papai seria “aprender sobre hotelaria para projetos futuros”? Eu não sabia desse detalhe. Que projetos eram esses?

– Seu pai sempre teve um destacado espírito empreendedor. Aliás, esta é uma sessão interessante de memórias: as investidas empreendedoras de Evaldo. Lembre-me depois, quando ele estiver acordado e poderemos listar as diversas tentativas. – Brincou Mariinha.

– Você falou que ele teria uma participação no hotel. Então essa foi uma primeira iniciativa empreendedora? – Reforçou Luiz Carlos.

– Sim. Apesar de ter sido uma expectativa frustrada. Ele passou todo o segundo semestre de 1948 no interior, em Arcoverde e, depois, em Gameleira.

– Então você deve ter sentido duas faltas intensas naquele ano: a saída do sítio e a viagem de papai. – Opinou Fátima.

– Sim. Verdade. Nos mudamos para a Iputinga em meados de maio, logo após essa conversa com Evaldo. Ele viajou

no dia primeiro de junho. Depois da mudança eu não voltei mais no sítio. Vó saiu de lá em meados de agosto, quando Evaldo estava em Arcoverde. – Informou Mariinha, com o olhar perdido, como se mergulhada em pensamentos distantes. – O sítio de Vó, no Escobar, é uma lembrança que nunca vai perder o brilho. Fez parte de nossa infância e juventude. Saímos de lá quando fomos morar na Torre, mas acabamos voltando. Desta vez foi definitivo, visto que fora vendido. Até hoje sentimos saudades.

EXCERTO DE CORRESPONDÊNCIA.

26 de agosto de 1948. – Querido Evaldo, (...) Sábado (21/08) os meninos, Milton e Zeca foram em Afogados e não encontraram ninguém no sítio. Fazia uma semana que haviam se mudado (14 e 15/08). Estão morando perto do Largo da Paz.

Luiz Carlos voltou a interferir:

– Mas papai tinha lhe dado duas notícias: uma delas, sobre a viagem, já sabemos que acabou se concretizando. Mas quanto à casa? Ele se inscreveu antes de viajar?

– Sim. – Respondeu Evaldo. – Na última semana de maio, quando eu já estava com tempo livre, pois havia solicitado desligamento do emprego para assumir a nova empreitada, fomos conhecer o projeto na Liga Social Contra o Mocambo. Analisadas as condições de renda, o pedido foi aprovado. Nos inscrevemos, então, como candidatos a uma casa na Vila da Fundação da Casa Popular, que depois ficou conhecido como Engenho do Meio. – Concluiu, arriscando-se a ouvir novamente as recomendações para não falar, apesar de que, desta feita ninguém lhe repreendeu.

A Liga Social Contra o Mocambo era uma instituição fundada no governo Getúlio Vargas para combater as estruturas de favelas, então chamadas de mocambos. A construção ficava nos arredores da cidade, desbravando áreas até então ocupadas por engenhos, olarias, cerâmicas, sítios e fazendas, nas proximidades do Rio Capibaribe. Uma região de várzea, como chamavam.

Havia uma forte tendência de crescimento da cidade para aquelas bandas.

Mariinha já estava morando na Iputinga, mas tanto ela quanto Evaldo só conheciam a região à direita da Avenida Caxangá, em direção ao rio, mas acataram a inscrição para a Vila, cuja construção já fora iniciada e tinha previsão para ser concluída em dois anos, justo o tempo em que terminaria o Curso Normal e pretendiam casar-se.

Na semana seguinte à inscrição para a casa, veio o acerto definitivo para Evaldo assumir a gerência do hotel em Arcoverde.

Pombinha, quando tu fores, escreve pelo caminho.

1948... Era uma segunda-feira, a última noite de maio e, como sempre nesse período do ano, tinha caído uma chuva fininha.

Se há um recanto do qual Evaldo sentia falta desde a mudança para a Rua São Mateus, era o toco de coqueiro em frente à casa do sítio, onde ele e Mariinha costumavam conversar, todas as noites.

No novo endereço, ficavam numa estreita passagem entre a fachada da casa e o muro, para onde Mariinha trazia duas cadeiras para o casal. O entra e sai dos cunhados e de Seu Manoel interrompia a todo tempo o diálogo entre ambos. Pior ainda naquela noite em que Evaldo estava se despedindo de Mariinha para a viagem a Arcoverde na manhã seguinte. Tanta coisa a tratar, tantos detalhes a combinar sobre como se corresponderiam neste período... e justo naquela noite ameaçava chover impossibilitando o casal de permanecer do lado de fora!

– Não tenho mesmo sorte. Tudo para mim dá errado. Precisamos acertar tantos detalhes ainda hoje e tem coisas que não quero compartilhar com todo mundo! – Reclamou quando Mariinha sugeriu que ficassem na sala.

– Já lhe pedi para não falar assim, meu amor. Nunca diga essas coisas. Tenha fé e seja mais confiante. – Repreendeu-o carinhosa.

Mas Evaldo insistiu. Queria um pouco de privacidade para o diálogo e para matar a saudade prévia que já sentiam pela distância que enfrentariam nos dias ou até meses vindouros.

Para atendê-lo, Mariinha posicionou as cadeiras próximo à porta, onde os dois se sentaram sob a réstia de luz que escoava da sala. Se chovesse poderiam se abrigar rapidamente.

– Está tudo acertado para minha viagem. Dona Elvira agendou uma reunião amanhã à tarde com o proprietário do Hotel. Tão logo eu esteja acomodado, lhe envio um telegrama informando o endereço para onde você mandará correspondências. Comprei hoje esta folha de selos para que você não tenha despesas de envio. Tão logo tenha negociado com o proprietário as condições de trabalho e remuneração, eu lhe escreverei contando os detalhes, porque aí já saberei se valerá a pena. Vamos manter uma correspondência intensa para mitigar a saudade que será grande para ambos. – Disse Evaldo, beijando-a, ansioso para arrumar todos os detalhes.

Mariinha abraçou-o já antecipando as saudades.

– Escreverei sim. Organizarei meus horários para os estudos do período de provas que se avizinha, mas darei prioridade a manter uma correspondência contigo.

– Ah, uma novidade! – Disse Evaldo, alvissareiro. – Telefonei hoje cedo para a Liga Contra o Mocambo. Disseram que nosso cadastro foi aprovado e segue para uma lista de escolha dos contemplados, mas já somos pretendentes. – Comemorou, dando as boas novas sobre a casa.

– É uma excelente notícia. Mesmo assim não consigo comemorar sabendo que ficaremos longe. – Disse Mariinha, entre manhosa e emocionada. – De que horas você viaja?

– Comprei passagens para o trem que sai às sete. Quero chegar em tempo para me situar na cidade. Acho que me hospedarei no próprio hotel. – Anunciou Evaldo, retirando do bolso o bilhete de passagem e uma “folhinha” de calendário a partir de onde passaram a examinar as datas de provável permanência e retorno.

Após análise e projetos, rasgou a “folhinha” relativa ao dia 1º de junho e o talão da caderneta, deixando os papéis presos sob o vaso da mesa para que Mariinha depois os descartasse.

Abraçaram-se em despedida.

Evaldo entrou em casa para se despedir de todos.

– Boa viagem, meu filho. Que Deus o abençoe. – Disse Dona Bela, abraçando-o. – Mande notícias por Mariinha.

Cumprimentou os cunhados, apertando as mãos de Toinho, Milton e Zeca, ganhando um abraço de cada um deles.

Margarida e Valdemar também vieram abraçá-lo.

– Você vai embora? – Perguntou Valdemar.

– Não vou embora. Mas vou fazer uma viagem e demorarei a voltar, talvez um mês, ou mais.

– Você não vem para o São João? – Perguntou o pequeno Valdemar, empolgado com a festa vindoura, pois já há dois anos Evaldo os acompanhava nos festejos juninos.

– Tentarei voltar no São João. Eis aí uma ótima ocasião, mas não prometo! Vai depender do meu trabalho. – Disse Evaldo, tentando ser consolador.

Faria um esforço para vir no São João para alegrar o jovem Valdé – como o chamavam – e rever Mariinha.

No portão, o casal pôde ficar mais um pouco a sós. Mariinha fazia esforço para não chorar, pois preferia aproveitar aqueles momentos para ficar mais juntinho do namorado e para

apoiá-lo com palavras de incentivo. Sabia que para ele também estava sendo difícil.

Não fora um chuveiro que ameaçou começar a engrossar e teriam ficado ali por muito mais tempo. Mas o céu estava se transformando, de cinza claro, em chumbo ameaçador.

Despediram-se e Evaldo apressou o passo, quase correndo. Mariinha ficou ali, apoiada no portão. Rezava, como sempre, só que desta vez com maior concentração, pedindo proteção para a viagem, para o projeto, para o futuro: o retorno breve, a casa esperada, a vida a dois definitivamente comungada.

Evaldo voltou-se e acenou. Nem sempre se dava a este gesto, mas hoje, além de acenar relutou antes de empreender uma corrida para chegar à Avenida Caxangá antes que a chuva desabasse.

Mariinha afastou-se do portão mais para o centro da rua, para ganhar maior visibilidade. Agora, as lágrimas de fato rolavam, mas – ainda bem – não poderiam ser vistas de longe.

Evaldo perdeu-se de sua vista em face da fraca iluminação da rua, mais escura aquela noite devido ao tempo fechado.

– Que Nossa Senhora de Fátima te abençoe e proteja.

Correu para entrar em casa antes que a chuva, anunciada por trovões ao longe, viesse. Procurou sobre a mesa a folhinha e a capa da caderneta que Evaldo deixara ali. Não as encontrou. Talvez a ventania que antecipava a precipitação chuvosa, os tivesse varrido para longe.

Correu, fechou a porta e foi direto para o seu quarto, atirando-se na cama, num choro de saudade antecipada. O barulho da chuva no telhado a fez dormir.

Curiosamente, no final do mês, os papéis descartados por Evaldo no dia de sua partida foram encontrados, carinhosamente guardados na gaveta de Valdemar, quando Mariinha cuidava de arrumar as roupinhas que acabara de passar, emocionando-a, ao perceber o gesto do pequeno.

Antes do sol aparecer, Mariinha acordou e ligou seu pensamento em oração, imaginando os movimentos do namorado que, àquela hora devia estar chegando à Central da Rede Ferroviária para iniciar sua viagem.

Leva consigo um mundo vazio que é seu coração.

1948... O trem fazia um esforço perceptível para subir a Serra das Russas, soltando mais fumaça, fazendo mais barulho, reduzindo a marcha.

Pela janela, Evaldo olhava a paisagem sofrer transformações à medida que avançava rumo ao seu destino. Pedras enormes margeavam a linha férrea. À direita um abismo permitia uma amplitude de paisagem que encantava pela vegetação, que naquele início de junho fazia mil contrastes de verdes: claro, médio, escuro.

À medida que o trem vencía a face da serra a temperatura caía para um agradável frescor.

Desejou ter Mariinha ao seu lado. Sabia como ela apreciava essas paisagens e gostava de viajar, mas quantas poucas vezes tivera essa oportunidade.

Desde que chegara, bem cedo, ao hangar da Estação Ferroviária, no Recife, Evaldo sentia uma melancolia por estar se afastando do aconchego e do conforto que a namorada lhe transmitia com palavras de esperança, em contraste com o seu natural medo do futuro.

Tinha pedido uma xícara de café no balcão da lanchonete e um pedaço de bolo que não comeu por inteiro. Estava ainda em jejum, mas a ansiedade lhe roubava a fome.

Agora, a meio caminho, não conseguia apreciar a viagem. Seu pensamento estava ainda no Recife, no Sítio de Vó, na nova casa da Iputinga, nos cunhados, sobretudo nos pequenos, Margarida, Valdemar e Marluce, que mal completara um ano, mas cujo carinho de bebê já lhe era familiar.

EXCERTO DE CORRESPONDÊNCIA.

2 de junho de 1948. – Mariinha, saudades (...) Sei bem que ninguém mais que você, porém o Valdemar parece que sentiu bastante minha partida, não foi?

O dia avançara, entre trilhos e estações, num sobe e desce de passageiros, paradas mais ou menos demoradas e subidas que alongavam a viagem forçando a máquina a jogar vapor nas rodas que rangiam nas curvas. Evaldo gostava do cheirinho que a fumaça mais densa espalhava dentro dos vagões a cada esforço de subida. Em Caruaru a parada seria mais demorada para o almoço e abastecimento da máquina, com carvão e água para enfrentar o restante do caminho.

Chegaria em Arcoverde já no final da tarde, a considerar pela lentidão como a viagem transcorria. Em tese deveria ser hoje o seu primeiro dia de trabalho, mas só havia trem com destino a Arcoverde no domingo ou hoje, terça-feira, e não quisera antecipar em dois dias a sua ausência, ainda mais quando Seu Apolinário – proprietário do hotel – só viria no dia 02 para fazerem um balanço antes de Evaldo assumir. Preferira então aguardar.

Somente por volta das 15h30 o comboio começou a apitar alertando aos moradores das margens da ferrovia para não invadirem os trilhos, despertando Evaldo, que cochilava vencido pelo cansaço, depois do almoço.

Ficou observando algumas crianças que olhavam curiosas a passagem do trem, de pé no chão, barrigudos, malcuidados, porém, alguns deles abraçados a seus cadernos, demonstrando que estavam a caminho ou retornando da escola.

Evaldo pôs a cabeça para fora e ficou sondando a cidade, até que o trem iniciou a desacelerar, chiando os freios ao ingressar na estação.

Na parede a inscrição indicava: “Arcoverde”.

Evaldo apanhou sua mala sobre a grade no alto do vagão e aproximou-se da porta, aguardando a frenagem completa para

descer. Estava enfadado depois de mais de oito horas de viagem.



Estação Ferroviária de Arcoverde, atualmente desativada.

Na plataforma, estacionou por um instante, pondo a mala no chão. Tirou do bolso do paletó a caderneta onde anotara os dados fornecidos por Dona Elvira: “Rex Hotel – Arcoverde, PE”. Não havia indicação de um endereço propriamente dito.

Correu a vista pela paisagem, apreciando as montanhas que dominavam o horizonte. Um morrote encimado por uma pedra esbranquiçada, em contraste com a vegetação que subia a encosta até os pés do monólito, indicava a direção de onde o trem viera. Serviria de orientação, já que podia ser visto de quase todos os pontos da cidade. Naquela direção estava o Recife.

Mariinha deveria estar em casa a esta hora, pensando nele e orando: “Que Nossa Senhora o proteja”. Fez eco mental automaticamente: “Que Nossa Senhora de Fátima nos proteja e abençoe este projeto”.

O trem chiou ao soltar os freios e ouviu-se um estrondo dos vagões se ajustando aos engates. O maquinista fez soar um largo e sonoro apito, soltando fumaça pela chaminé. O fiscal de plataforma trinou um silvo bem mais modesto, sondou a plataforma vazia e sinalizou uma bandeira, autorizando o maquinista a pôr a locomotiva em movimento, em princípio com uma marcha

sofrida de pouco efeito sobre o deslocamento. Em seguida ganhando velocidade, com destino a Serra Talhada.

Evaldo assistiu a tudo e sentiu-se só quando a composição desapareceu, parecendo quebrar cada vagão ao fazer a curva. Ainda ouviu mais um apito distante, talvez em algum cruzamento, ou – quem sabe? – Despedindo-se para deixá-lo entregue à própria sorte.

Depois de cumprido seu papel de despachante, o fiscal de plataforma dirigia-se agora à sua sala para telegrafar avisando à Estação Central, no Recife, que o trem partira de Arco-verde.

Aproximou-se, antes, do jovem “forasteiro” bem vestido que ainda restava na plataforma:

– Boa tarde Senhor. Posso ajudá-lo?

– Ah, sim. Por favor. – Respondeu Evaldo. – Preciso chegar ao Rex Hotel, o senhor conhece?... Mas antes queria passar nos Correios.

– Claro que conheço o Hotel. Logo ali mais “embaixo”. – Falou, apontando o dedo sem muita precisão. – Mas se quiser alcançar os Correios ainda abertos terá que se apressar, pois eles fecham às 16h. Ali vai o funcionário que veio pegar o malote que acabou de chegar no trem. É só o senhor acompanhá-lo.

– Obrigado! – Respondeu Evaldo, alçando a mala para seguir o rapaz indicado.

Uma casa comum. Sobre a porta, uma modesta placa indicava a agência local dos Correios.

O rapaz pôs o malote no chão e procurou as chaves no bolso para abrir a loja, ao que Evaldo também depositou a mala e apressou-se em informar que queria passar um telegrama.

O funcionário o olhou com certo desdém e, sem responder, girou a chave abrindo a porta e entrando, seguido por Evaldo. Levantou uma portinhola horizontal e passou para trás

do balcão dominado, ao fundo, por uma colmeia de posta restante. Somente após se posicionar é que o servidor assumiu a postura profissional e dirigiu-se a Evaldo:

– O Senhor sabe que de qualquer forma seu telegrama só será enviado amanhã quando o trem descer para o Recife, não sabe?

– Sei sim senhor. Mas quero ditar logo hoje, pois amanhã não terei tempo para voltar aqui. – Respondeu Evaldo meio ríspido, entendendo que o “preguiçoso” preferia que o serviço fosse postergado para o dia seguinte a fim de dedicar-se, agora, a separar o conteúdo do malote e fechar a agência.

Respondeu saber que a mensagem só seria despachada no dia seguinte, mas não sabia “coisa nenhuma”! Só queria ser duro com aquele “bossal”.

Em sua atitude pessimista, pensou logo: “Já comecei mal”.

– “Mariinha VG cheguei bem PT Detalhes em carta PT Já saudoso PT Evaldo PT” – Ditou, observando o rapaz registrar com má vontade.

O funcionário contou as letras e consultou uma tabela presa no balcão:

– Dois Contos de Réis. – Anunciou, apresentando o texto para Evaldo assinar, confirmando os dizeres.

Evaldo pagou e saiu sem maiores delongas. Não tinha gostado do jeito daquele moço.

Sua primeira impressão não foi boa e impactaria mais ainda quando foi descobrindo em conversas ou percebendo pessoalmente as condições de subdesenvolvimento local.

EXCERTO DE CORRESPONDÊNCIA.

2 de junho de 1948. – Mariinha, saudades (...) Já estou bem certo: o meu conforto aqui será tuas correspondências. Nem

sequer um rádio se pode ouvir porque a energia é péssima, ilumina com auxílio de candeeiros; cinema dizem que é ótimo, porém você sabe como sou louco por cinema e este funciona por meio de baterias, eu faço ideia, deve ser um bom abacaxi.

No Rex, Dona Elvira o recepcionou, apresentou os funcionários e indicou o apartamento que lhe fora destinado para que permanecesse no próprio hotel o qual gerenciaria.

HOSPITAL GERAL. 15h00.

Evaldo Filho abriu lentamente a porta do apartamento para conferir se o pai estava acordado. Mariinha foi recebê-lo enquanto ele cuidava de higienizar as mãos com álcool gel disponível na entrada do apartamento.

Cumprimentou o pai com um cheiro na testa e acomodou-se ao seu lado:

– Estou sabendo que este lugar se tornou um confessional. Verdade? – Brincou dirigindo-se à mãe e ao irmão, Luiz Carlos, também presente.

– Confissões de amor e muitas lembranças. – Respondeu Mariinha.

– Mamãe estava relembando o dia em que papai deixou o Recife para tentar negócios no interior. – Disse Luiz Carlos.

– Isto é muito bom para a gente rever histórias já conhecidas e apurar detalhes de outras situações. – Argumentou Evaldo Filho. – Dessa viagem ao interior quando ele ainda era solteiro, por exemplo, eu não sabia.

– Quanto tempo ele ficou no interior? – Provocou Luiz Carlos, em busca de detalhes.

– Quase oito meses. Para mim foi uma vida. – Respondeu Mariinha, depois de algum tempo rebuscando na memória. – Evaldo até esperava passar mais tempo, porém o proprietário

demorava a aparecer para as prestações de contas e acertos de valores da participação do seu pai no negócio. Não foi sincero. Estava tratando vender o Hotel. Evaldo até pensou em fazer uma proposta, mas acabou não dando certo. Ele viajou para Arcoverde no dia 1 de junho. Em agosto o hotel foi vendido e Dona Elvira – a pessoa que o indicara – saiu do negócio junto com “os melhores empregados” como ele mesmo classificou. No final de outubro ele desistiu do projeto naquela cidade, mas ainda foi assumir um outro hotel do mesmo proprietário, em Gameleira, aonde ficou até dezembro. Na véspera de Natal ele foi para Escada, onde os pais moravam. Passou o Natal e ano novo com os pais, retornando para o Recife em meados de janeiro de 1949.

– Puxa! Depois de três anos e meio de namoro, passar oito meses distantes um do outro deve ter sido um período bem difícil para vocês. – Comentou Fátima.

– Nem queira saber como sofremos esta ausência, principalmente pela irregularidade na correspondência, devido à ineficiência dos Correios. Mas a frequência de envio de cartas era tamanha e a preocupação com a regularidade do recebimento era tal que reportávamos as datas em que tínhamos escrito para que o outro pudesse checar se faltava alguma correspondência ou mesmo pôr em ordem cronológica a leitura. Algumas cartas foram extraviadas e ficaram perdidas para sempre.

EXCERTO DE CORRESPONDÊNCIA.

Arcoverde, 14 de junho de 1948 – Inesquecível Mariinha. Saudades. (...) Foram 14 dias que se passaram, e cada dia mais me martirizava, já não tinha mais coragem de esperar o carteiro, bem sabes como gosto de um “não” e ver ele passar com montes de cartas na mão e, todos os dias, sem que sequer eu lhe perguntasse, já tinha a resposta “Para o senhor não tenho nada”. Nesses últimos dias já não o esperava mais: Quando se aproximava a hora dele, procurava sempre sahir (SIC) e hoje tinha ido ao açougue fazer pagamentos quando me deparei com ele dizendo, deixei cartas lá para o

senhor. Foi um choque que tomei; ao chegar em casa não sabia qual abrisse primeiro, receoso de encontrar alguma notícia desagradável... é quando pude compreender que também tinhas sido sacrificada com faltas de notícias...

Correio para aqui, não tem diariamente. Os dias de correio são os seguintes: do Recife para cá: terças, quintas, sábados e domingos e vice-versa: nas quartas, sextas, domingos e segundas.

Quando à tarde ouço o trem chegar vou logo à estação saber se tem correspondência para mim...

Iputinga, 30 de junho de 1948. Querido Evaldo (...) Queira Deus esta chegue com brevidade e não tenha o mesmo fim das outras com data de 19, 22, 26 e 27. Embora estejas aborrecido comigo, aceita um forte abraço saudoso e apreensivo, dessa que, se Deus quiser será sempre tua.

– Mas nesse intervalo, vocês não se viram nenhuma vez? – Perguntou Luiz Carlos – E quanto à ideia de passar o São João no Recife? – Acrescentou.

– Ele não conseguiu vir para o São João como queria, porque o Sr. Apolinário não foi para Arcoverde, o que o deixou muito contrariado. Mas ele veio em agosto. Ficou comigo do dia 12 até o dia 17. Aproveitamos bem essa semana para matar as saudades. Fomos até o Parque de Dois Irmãos, atravessando no bote que cruzava o Rio Capibaribe no final da Rua São Mateus. Zeca foi conosco e tiramos fotos.



Mariinha no horto de Dois Irmãos – Agosto, 1948

– Nós que vivemos hoje a época da comunicação fácil, com a Internet permitindo imagens e troca de informações *on line*, nem conseguimos imaginar essa situação em que as pessoas ficavam sem ter a mínima ideia do que estava acontecendo com o outro. – Lembrou Luiz Carlos.

– Nós devíamos ter logo percebido que o problema não estava na gente e sim nos meios de comunicação ineficientes da época. Mas antes que chegássemos a um acordo de paciência e confiança mútua, passamos por situações bem difíceis e até constrangedoras, como no caso de uma carta em que ele se queixava da falta de notícias, me mandava encontrar uma “*desculpa melhor e mais bonita*” para não estar lhe escrevendo e, por fim, após a assinatura, ainda escreveu “*Note: responda se quiser, não tens obrigação*”. Isso me abalou sobremaneira. Nem gosto de lembrar.

– Não sei como não abalou a relação entre vocês. – Comentou Luiz Carlos.

– Eu diria que não abalou as relações porque tínhamos muita confiança um no outro. Por outro lado, eu sabia que Evaldo era muito pessimista. Sempre via as coisas pelo lado mais difícil e ele próprio reconhecia isto. Lutei muito até conseguir modificar esse aspecto de personalidade. – Acrescentou Mariinha. –

Mesmo obtendo bons resultados de sua gestão, como ele me escreveu, fazia péssimas expectativas:

EXCERDOS DE CORRESPONDÊNCIA.

Arcoverde 28 de junho de 1948 – Querida Mariinha, (...) Não sei a desgraça que tem reservada para me acontecer no fim do mês, como um pessimista, só tenho feito mal juízo, muito embora esteja com um apurado nunca visto, segundo dizem os empregados e mesmo pude constatar no livro de registros.

– Aos poucos ele foi modificando e até assumindo a minha fé. – Comemorou com os olhos brilhando. - Nessa mesma carta, ele escreveu:

(...) tudo meu é assim, até as cartas que tenho a receber, ou atrasadas ou extraviadas. Porém, quase revoltado com tudo, ainda me vem em mente ‘Deus é misericordioso’ e há de me dar forças e resignação para vencer.

– Mais feliz ainda, fiquei quando ele me escreveu se desculpando pelas palavras duras que usou para reclamar a ausência de minhas cartas extraviadas.

Arcoverde, 03 de julho de 1948 – Querida Mariinha, (...) Vou encerrar confiando, primeiramente em Nossa Senhora de Fátima e depois em ti para que jamais se reproduzam tais cartas entre nós e te prometo que cartas minhas daquela natureza, nunca mais irás receber.

– A esta declaração eu respondi:

Iputinga, 07 de julho de 1948 – Querido Evaldo, saudades (...) Não avalias como estou alegre em teres te tornado devoto de Nossa Senhora de Fátima. Ela há de nos ajudar sempre.

Luiz Carlos tinha horário a cumprir na fábrica onde trabalhava, mas estava gostando tanto daquelas revelações que foi

se demorando um pouco mais. Depois compensaria este horário, pensou consigo mesmo, acomodando-se na cadeira.

Observando que Evaldo cochilava tranquilo, falou baixinho para fazer uma intervenção na narrativa da mãe:

– A imagem que tenho dele é sempre de muita seriedade, caladão, mesmo em situações alegres, como nos encontros familiares, papai costumeiramente preferia ouvir e só se expressava quando requisitado, com frases curtas... Mas as cartas dele sempre eram iniciadas com expressões do tipo “querida” ou “inesquecível Mariinha”, revelando muito afeto.

– Ah, claro que sim. Tanto em cartas quanto pessoalmente ele nunca me deixou dúvidas de seu carinho para comigo. – Esclareceu Mariinha, sem subterfúgio – Em suas correspondências ele mostrava esse lado amoroso. Fazia questão de expressar amor, saudade, lembranças doces de momentos nossos.

EXCERDOS DE CORRESPONDÊNCIA.

Arcoverde, 28 de junho de 1948 – Querida Mariinha (...) Vamos uma vez por todas acabar com esses insultos de mim para você, provocando-os de você para mim, vindo a resultar mágoas, que deus nos livre de acontecer.

(...) Para aumentar as recordações de tuas férias do ano passado está sendo exibido aqui um filme que assistimos então, no Moderno, veja se te recordas e mande me dizer. Estou com vontade de assisti-lo novamente.

Arcoverde, 03 de julho de 1948 – Querida Mariinha (...) Precisas, ou precisamos, sofrer com paciência esses dias que pouco a pouco vão se transformando em meses.

(...) Vou passar agora, querida, a te contar como me vieste em sonho de ontem para hoje. (...) Eram precisamente três horas da madrugada quando me interromperam o sonho...

– A isso, eu respondi, um tanto ousada:

Iputinga 07 de julho de 1948 – Querido Evaldo, (...) Não deviam ter te acordado para veres o final do sonho, não achas?

Os irmãos se entreolharam sorrindo, pois eram confissões de dois jovens apaixonados, mas para os filhos, mesmo já adultos, eram intimidades de seus pais.

– Em outra carta de Evaldo, eu adorei a forma como ele, indiretamente, pedia desculpas:

Arcoverde, 07 de julho de 1948 – Querida Mariinha (...) Nesta tenho que lamentar tuas contrariedades e tuas preciosas lágrimas derramadas em vão.

– Esse trecho tem cara de poesia. – Brincou Luiz Carlos sorrindo, no que foi acompanhado por Mariinha.

– Eu também classifiquei assim e fiquei com a carta pressionada contra o peito por algum tempo. – Confessou, lembrando com o olhar perdido. – Ah, não tenham dúvidas. Era – e ainda é – muito amor. De ambas as partes. Nesse período, lá em casa, eu era chamada de “doente” de tanto que ficava escrevendo ou vigiando o carteiro para saber se havia correspondência para mim. Isso ficou registrado em uma carta minha para ele:

Iputinga, 07 de julho de 1948 – Querido Evaldo (...) Aumentar a saudade é impossível, pois mamãe diz que estou ficando é doente.

– A personalidade dele era cativante. – Completou Mariinha. – Meus irmãos, que em princípio foram ciumentos, acabaram se rendendo e gostando dele. Também tenho registro da ocasião, pois escrevi para ele narrando a situação ocorrida quando eu li, para Margarida e Valdemar, um trecho de carta recebida, na qual Evaldo afirmava que não esquecia os dois mais novos. Lembram da folhinha e da capa da caderneta que eu procurei em vão, no dia em que nos despedimos, pensando ter sido varrida pelo vento? Pois a carta dá conta desses papéis:

Iputinga, 07 de julho de 1948 – Querido Evaldo (...) Uma coisa notável sobre Valdemar, passo a relatar: ao ouvir dizer

*que ele e Margarida não fugiam ao teu pensamento, Valde-
mar começou a chorar. Também encontrei na gaveta dele a
folhinha do dia 1º de junho e o talão da tua caderneta que
jogaste fora no dia em que te despediste, lembra-te?*

– Que bonitinho! – Observou Fátima, embevecida.

– E o filme a que ele se referia numa das cartas, lembra qual foi? – Perguntou Luiz Carlos.

– “O fio da navalha”. Um clássico de 1946. Esteve em cartaz em 47, no Cine Moderno, que ficava de frente para a Praça Joaquim Nabuco. É baseado em um livro que eu já tinha lido. Muito bonito, tanto o livro quanto o filme. Eu respondi a ele na carta seguinte, mas ele não foi assistir. Demorou muito a ter algum relacionamento com a cidade.

– Muito interessante e bonita também é a história de vocês. – Elogiou Luiz Carlos.

– Pois é! Houve momentos críticos, é verdade. Mas tudo valeu a pena. Mesmo essa personalidade severa e pessimista. – Explicou Mariinha. – Eu, com minha fé inquebrantável em Nossa Senhora de Fátima, vinha acudir sua ansiedade, com palavras de conforto, esperança e futuro. Talvez por isso ele reclamava tanto quando as cartas demoravam a chegar até ele.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

01 de julho de 1948 -. Evaldo está em Arcoverde há um mês e trocamos correspondências frequentes. Ou pelo menos escrevemos com frequência, pois nem sempre as cartas estão chegando nas mãos do outro. Isso tem sido desgastante e Evaldo até me enviou uma carta reclamando. Chorei muito porque ele parecia desconfiar de que eu não lhe estivesse escrevendo. Jesus e Nossa Senhora de Fátima sabem como tenho me esforçado, mas as cartas dele também não chegam ou chegam fora da ordem em que foram escritas. Tive um resfriado forte, com dores de cabeça. Além disso, estou

em período de provas na Escola Normal, mas ele é a prioridade e ocupa boa parte do meu tempo, em pensamento. Espero em Deus que tudo se resolva e não fique nenhuma mágoa entre nós dois. Nossa Senhora de Fátima abençoe o seu projeto profissional.

– Acho que nos completamos. Ele entrou com os planos e a gestão que apontavam independência, tudo com que eu sempre sonhara, mas sozinha não teria iniciativa de prosperar. Já eu, servi de lastro para sua autoconfiança e afirmação, fé e otimismo, impulsionando o espírito batalhador.

HOSPITAL GERAL. 17h30.

Mariinha levantou-se, aproximando-se do leito de Evaldo, que acordara de cochilo prolongado. Ajustou a passagem de soro e deu um beijo na testa do marido, que circulou o olhar entre os filhos presentes.

– Qual era a fofoca que estavam fazendo de mim? – Perguntou brincalhão.

– Não era fofoca, estávamos falando bem de você. – Garantiu Mariinha alisando seus cabelos.

– Estávamos todos admirados de como você era integrado à família de mamãe quando vocês eram namorados. Nossos tios lhe queriam muito bem e você participava de assuntos da família.

– É verdade. – Confirmou Evaldo. – Eu tinha muito respeito pelos meus sogros e até penso que a família de Mariinha me acolheu como filho aqui no Recife. Havia de fato muita integração.

– Por falar em integração, houve um caso emblemático ocorrido quando Evaldo retornou do interior – Comentou Mariinha, se empolgando em contar mais um detalhe da convivência. – Foi um tanto assustador, mas depois de passado o susto, tornou-se até engraçado.

Mas se existe ainda quem queira me condenar...

1949... Evaldo desceu do bonde e voltou um quarteirão pela Avenida Caxangá para acessar a Rua São Mateus, a caminho da casa de Mariinha. Próximo à esquina encontrou Milton, que vinha saindo da Farmácia, apressado.

– O que houve? – Perguntou Evaldo.

– Vim saber se o farmacêutico faz aplicações em domicílio. Mamãe está doente e o médico receitou esta medicação. Mas ela vai ter que vir na farmácia, pois eles não atendem em casa.

Caminharam juntos e, ao se aproximarem, Mariinha, que aguardava o irmão apreensiva, ao ver que Evaldo vinha junto com ele, deixou seu posto de observação no portão e foi ao encontro dos dois. Beijou Evaldo e foi logo pegando o pacote das mãos de Milton para conferir o conteúdo: uma ampola injetável e um minúsculo vidrinho com tampa de borracha contendo o princípio ativo em forma de pó.

– E o farmacêutico? Está vindo fazer a aplicação? – Perguntou retornando para dentro de casa. Tão preocupada estava que, pela primeira vez não tomara o braço de Evaldo por companhia.

– Não vem! – Anunciou Milton. – Mamãe tem que ir à farmácia. – Completou.

Mariinha estancou antes de adentrar a sala. Queria discutir o assunto sem a presença de Dona Bela, para não lhe aumentar as preocupações.

– E agora? – Perguntou em tom de lamento. – Mamãe não vai aguentar se tiver que ir andando até a Caxangá! Ela está sentindo muita dor.

Evaldo então ofereceu-se:

– Você sabe que eu tenho prática de aplicação, não é? Desde que morava no Engenho Queluz, em Ipojuca, era eu o

responsável pelas aplicações. – Prontificou-se Evaldo. – Só preciso da seringa, se vocês quiserem que eu faça a aplicação.

– Temos aqui em casa um estojo de seringa e agulhas.
– Disse Milton. – Acho que está na gaveta da cômoda.

Enquanto Milton apressou-se em apanhar o estojo, Mariinha aproximou-se de Evaldo para certificar-se da sua disposição em fazer o procedimento.

– Tem certeza, Evaldo? Você sente-se seguro para fazer a aplicação?

– Claro. Sem problemas. Já fiz aplicações diversas vezes. Agora mesmo, quando estive em Arcoverde, Dona Elvira teve um problema de paralisia e fui eu quem apliquei as injeções recomendadas. Consiga algodão e álcool. Ponha a seringa e a agulha para ferver em um papeiro limpo. Dará tudo certo.

Na sala, Dona Bela estava espichada em uma cadeira, as pernas para frente, os olhos fechados. A respiração ritmada, como um gemido compassado, para dar suporte à cólica que lhe torturava.

– Mamãe, o farmacêutico não pode vir, mas Milton trouxe a medicação e Evaldo se dispõe a aplicar a injeção. Ele tem prática. – Explicou Mariinha. – Pode ser? – Perguntou enquanto alisava a testa da mãe tentando amenizar a indisposição.

Dona Bela não abriu os olhos. Respondeu no mesmo ritmo em que estava respirando, a voz soprada junto com a respiração ofegante:

– Pode sim. Com a dor que estou sentindo, não faço escolhas. – Colocou-se nas mãos do genro.

Evaldo arregaçou as mangas da camisa dobrando os punhos acima dos pulsos. Foi até a pia e lavou muito bem as mãos, exagerando na espuma entre os dedos.

Depois que a água entrou em fervura por alguns minutos, retirou o papeiro do fogão, forrou um pano de prato limpo sobre a mesa e começou o ritual.

A própria Mariinha nunca o tinha visto em ação na função de enfermeiro e ficou admirando todo aquele trejeito prático e sistemático. Assim, também fascinados, os cunhados por pouco não ficam de boca aberta com tamanha habilidade, deles desconhecida.

Tomou a seringa de vidro nas mãos, encaixou o êmbolo e o injetou várias vezes para dentro, para fora, fazendo as gotículas d'água que restavam serem expulsas em respingos. Depois retirou totalmente o êmbolo provocando um barulho próprio da pressão do vácuo explodindo. Torceu a agulha na seringa e repetiu os movimentos para deixá-la livre de água.

Deu alguns “petelecos” suaves na cabeça da ampola, assegurando-se de que o líquido fluíra para baixo. Serrilhou no “pescoço” da ampola e o torceu com segurança para quebrar o vidro.

Margarida lembrou de como o pai torcia o pescoço dos pombos com a mesma segurança e eficácia. Sentiu um arrepio percorrer seu corpo.

Na sala, podia-se dizer que ninguém respirava – exceto Dona Bela, que na verdade gemia – tal o silêncio da plateia atenta. Também Dona Bela era a exceção ao manter os olhos fechados, pois os demais, ao contrário, os arregalavam curiosos e mesmo, agora, respeitosos.

Evaldo mergulhou a agulha na ampola e sugou todo o seu líquido amarelado. Injetou-o por inteiro através da tampa de borracha do vidrinho. Agitou a mistura até completa solução do pó no líquido. Analisou a mistura contra a luz e voltou a sugar tudo para a ampola. Apontou para o telhado e empurrou lentamente o êmbolo até que algumas gotinhas do líquido escorressem pela agulha, garantindo que não havia ar dentro da solução.

Procedimentos tão corretos e metódicos só não arrancaram aplausos da audiência porque a dor de Dona Bela convocava a solidariedade de todos. Mas, ao menos, alguns desconfiados de primeira hora, agora respiravam aliviados pela segurança transmitida.

Evaldo aproximou-se de sua paciente e preparou-a psicologicamente:

– Dona Bela, fique tranquila, nós vamos lhe ajudar.

Com um gesto da cabeça, apontou a Mariinha seu papel na cena, prontamente entendido quando ela se posicionou ao lado da mãe, apoiando seu ombro para transmitir segurança.

O desenrolar marcou a jovem Margarida que, aos onze anos presenciou tudo assustada e depois escreveria:

Mamãe, sentada numa cadeira, ofereceu o braço a seu futuro genro, a agulha foi inserida, o líquido começou a entrar na veia. Mamãe desmaiou. Gritaria geral. Papai saiu do quarto, em cuecas, e ameaçou Evaldo, caso algo acontecesse com sua mulher. Mamãe retornou, e a paz voltou a existir. Nunca mais Evaldo aplicou injeções em qualquer um de nós. (Figueiredo, p. 55)

Lá fora, mais tarde, ao se despedir, Evaldo ainda estava constrangido:

– Perdoe pelo que aconteceu hoje. Minha intenção foi de ajudar. – Desculpou-se.

– Não se preocupe, meu filho. – Desculpou-o Mariinha, tentando levantar o astral do namorado. – Acabou dando certo e o que importa é que ela ficou boa. Não foi culpa sua. Ela desmaiou porque já estava tensa, com dor desde a tardinha.

Evaldo, inconformado, desceu a São Mateus meio cabisbaixo para pegar o bonde na Caxangá.

Mariinha, como sempre, ficou rezando enquanto o via subir a rua. Dessa vez um agradecimento a mais:

– Muito obrigada, Nossa Senhora de Fátima, por sua interseção e por terminar tudo bem.

Só Deus sabe que, desde o momento em que Dona Bela esmaeceu, Mariinha “agarra-se com os céus” pedindo assistência.

Dentro de casa ainda teve que aguentar os apupos dos irmãos e do pai. Somente Dona Bela ficou do seu lado:

– Pobrezinho, ele só quis ajudar. E eu estou bem, a dor se foi, é o que importa. – Conciliou Dona Bela. – Deixem disso e vamos dormir.

HOSPITAL GERAL. 18h00.

Após risos generalizados sobre o episódio da injeção, Marivaldo questionou:

– Minha memória tem registros de papai aplicando injeção, lá em casa!

– É verdade, você está certo. Ele ainda aplicou injeção algumas vezes, em extrema necessidade e apenas no seu núcleo familiar. – Explicou Mariinha.

– Realmente, quando Newton esteve doente, lembro que Seu Isavan ou Carlão – que na ocasião era estudante de medicina – saíam da farmácia para fazer as aplicações em domicílio. – Reconheceu Marivaldo. – Somente aos domingos, quando eles não iam, é que papai cuidava das aplicações.



Mariinha (ao centro no alto, com Marluce no colo) na Rua São Mateus, Iputinga. – 1949.

Quinta-feira, 21 de junho de 2007

HOSPITAL GERAL. 07h40.

Pela manhã os protocolos de praxe de um hospital, com entra e sai de camareira, arrumadeira, enfermeira...

Uma auxiliar de copa trouxe uma bandeja com o café da manhã de Mariinha. Trivial: um copo de suco de laranja, uma jarrinha com leite, um ovo cozido, uma torrada de queijo e presunto, uma fatia de bolo e quatro bolachas.

Mariinha sentia-se feliz. Seu sonho de passar um tempo sem ter que ir para a cozinha, sendo servida no apartamento, com toda a mordomia, estava ali concretizado. Pena que as circunstâncias da doença de Evaldo reduzissem essa sensação de merecido conforto.

Mais tarde veio o Dr. Ramos. Checou as anotações, perguntou sobre a noite e pessoalmente retirou os curativos para observar a incisão, constatando o sucesso da cicatrização em curso. Providenciou novo curativo.

– Estou bem satisfeito e até admirado da força e do poder de recuperação de Seu Evaldo. Se tudo continuar nesse ritmo, em três ou quatro dias, logo após o funcionamento dos intestinos, darei alta. – Conversou o médico, dirigindo-se a Mariinha, acompanhado pelo olhar atento do paciente.

– Recomendo que permaneça sem falar ainda por 48 horas, evitando a formação de gases, nesse tipo de cirurgia os gases podem ser mais prejudiciais do que apenas desconfortáveis. – Complementou dirigindo-se a Evaldo.

Depois orientou Mariinha, aconselhando que supervisionasse as visitas para evitar contato físico com o paciente, para

tratar do asseio com álcool gel na chegada ao apartamento e para fazer Evaldo permanecer falando o mínimo essencial.

Depois que o médico se retirou, Mariinha voltou para o seu “plantão” ao lado do marido, alisando seus cabelos. Deu um cheiro, ao que ele mexeu exageradamente as pupilas de um lado para o outro, como a repreendê-la, pois ouvira as recomendações médicas sobre evitar o contato físico.

Mariinha, adivinhando os pensamentos, como sempre fazia, retrucou brincalhona:

– Eu posso! Ele só proibiu os que chegam da rua! Além disso, sou sua mulher e meus beijos ajudam a lhe curar. – Brincou com objetivo de trazer alegria.

Evaldo torceu o canto da boca numa gesticulação de sorriso e, muito mais, de concordância.

Ficaram sozinhos por pouco tempo. Ainda era começo da manhã quando vieram os filhos para a visita costumeira: Marivaldo, chegou junto com Fátima. Logo em seguida chegaram Luiz Carlos e, depois, Evaldo Filho.

Mariinha fez breve exposição, em voz baixa e suave, sobre a evolução do quadro clínico. Evaldo acompanhava a conversa e notava, com um olhar carinhoso, a presença de cada filho.

Faltavam Carlos Alberto e Newton. O primeiro devido ao pavor de hospitais e, o segundo, por morar em Natal.

Os filhos ouviram o relato sobre a condição de saúde e, também, a parte curiosa da conversa dos dias anteriores sobre o começo da vida a dois.

Evaldo, de olhos fechados, parecia cochilar, mas estava acordado. Fátima apontou para ele com um gesto de olhar, erguendo as sobrancelhas.

Mariinha brincou:

– Ele finge que não presta atenção, mas ele me ama muito, não é meu filho?

Alisava seu braço carinhosamente e todos os filhos conheciam aqueles gestos de cumplicidade entre os dois.

Fátima interferiu querendo garantir a sequência das narrativas e, sentindo que a conversa do dia ainda não tinha tomado um rumo, quis garantir um ponto que muito lhe interessava, até porque, tal como a mãe, tinha estudado na Escola Normal:

– Eu tenho uma curiosidade sobre uma primeira escola, antes do Externato 6 de Janeiro. Em seu livro, tia Margarida cita esta iniciativa. Quando foi isso? – Inquiriu Fátima.

– Foi quando nos mudamos para a Estrada do Barbalho. – Começou Mariinha. – Margarida tinha começado a estudar também com vistas ao curso pedagógico, e eu era conluente. Foi no mesmo ano em que me casei.

Um conselho é tão fácil de dar.

1950... A Estrada do Barbalho, em relação à Avenida Caxangá, ficava duas paradas de bonde mais adiante, da parada para a Rua São Mateus. Porém a caminhada, da avenida até a casa, era bem menor.

O imóvel, em si, também era mais espaçoso, com um terreno frontal maior. O bairro pobre estava em fase de expansão. A pavimentação da BR-101, anunciada desde 1945 pelo Interventor Federal Agamenon Magalhães, e o seu traçado já iniciado, com máquinas trabalhando no trecho entre o bairro de Dois Irmãos e a Iputinga, atraía para a região, desde então, uma população crescente de pessoas de baixa renda.

Evaldo enxergou as condições favoráveis e tratou do assunto:

– Mariinha, por que você não começa a dar aulas particulares para as crianças do bairro? – Sugeriu Evaldo.

– Ainda não tenho a habilitação de professora. – Ponderou Mariinha.

– Mas já tem habilidade e conhecimentos necessários. – Enfatizou Evaldo – Vejo aqui no bairro uma deficiência enorme de infraestrutura. A quantidade de crianças em fase de alfabetização é grande e não há uma escola por perto.



Mariinha, à época da mudança para a Estrada do Barbalho (1950)

Mariinha, no último ano do Curso Normal, juntou todos estes fatores de oportunidade e somou-os à necessidade de recursos da família, para imaginar o projeto, com a ajuda de Evaldo, que puxou sua caderneta e apressou-se em fazer simulações sobre a provável receita a ser auferida, os custos operacionais e o conseqüente lucro derivado desta operação.

Mariinha olhou para os números cheia de incertezas.

– Em contabilidade sou melhor do que como enfermeiro!
– Brincou Evaldo em alusão ao episódio recente.

Mariinha sorriu e o beijou, tomando as anotações de sua mão.

No dia seguinte, à mesa, expos a ideia para a família. Mostrou os números rabiscados por Evaldo:

– Se eu conseguir dez alunos dá para ganhar um reforço interessante para o nosso orçamento. – Explicou. – E, para mim,

será uma importante aquisição de experiência em didática e pedagogia, talvez útil em minha monografia.



Em 1950, Mariinha, no último ano do Curso Normal

Seu Manoel pegou o “projeto econômico-financeiro” e depois de analisar as contas deu de ombros:

– Por mim, que seja! Não faço oposição. – Autorizou em bom português, quase interligando as palavras com seu sotaque forte.

Mariinha exultou de alegria. Segurou a cabeça de seu pai entre as mãos e lhe aplicou um beijo de agradecimento nas bochechas.

– Ora, não é prá tanto. – Esquivou-se, apesar de ter gostado da manifestação de carinho da filha.

A partir daí o expediente da manhã era na Escola Normal e o da tarde era um arrastar de cadeiras e uma urgência de deixar tudo arrumado antes da chegada dos alunos, que acabava envolvendo toda a família:

Todos os dias eu e Valdemar tínhamos de arrumar a sala para os alunos e fazer as pontas dos lápis. Mamãe fazia bolas (Sic) de leite para o lanche. O investimento tinha dois objetivos: aplicação dos conhecimentos adquiridos e ganhar algum dinheiro. O primeiro se fez, o segundo é duvidoso. (Figueiredo, p. 60)

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

04 de abril de 1950 -. Estou muito feliz, porém nunca mais tive sequer tempo de escrever. Estou no último ano pedagógico e nem acredito que vou me formar professora no final do ano. (E poder marcar nosso casamento!)

Tanto insisti que Margarida concordou em fazer o exame de admissão no IEP e, graças a Deus, com esforço próprio, passou. Agora está estudando na mesma Escola, comigo. Vamos sempre juntas e quando dá, voltamos juntas também.

Estamos em novo endereço, ainda na Iputinga, na Estrada do Barbalho, agora numa casa mais espaçosa. Por isso tomei coragem de começar a ensinar a uma turma de alunos iniciantes.

A experiência de ensino em casa não foi compensadora do ponto de vista de custo-benefício. Envolveria muitas atividades que mudavam a rotina doméstica, tirava preciosas horas de dedicação aos estudos naquela fase final de curso para Mariinha e, em contrapartida, um componente não previsto no projeto inaugural mostrou sua cara: a inadimplência derivada da situação de pobreza das famílias dos alunos.

Mas não foi um fiasco total: de um lado acrescentou a prática que comprovou para Mariinha sua real paixão pelo ensino. Era de fato o que queria fazer. De outro lado, a ocupação sistemática deu a impressão de aceleração do tempo, fazendo com que aquele ano passasse rápido.

Mariinha só se deu conta de estarem no último trimestre quando Evaldo alertou para o fato com uma notícia alvissareira.

Duas almas que o destino um dia escolheu para amar em desatino, são duas: tu e eu.

1950... Evaldo transbordava de alegria quando chegou para ver a namorada.

– Mariinha, fui hoje no Serviço Social Contra o Mocambo para saber o andamento de nossa inscrição. – Contou Evaldo, sem esconder a agitação que o dominava. – As casas começaram a ser entregues e já tem famílias morando na Vila do Engenho do Meio. Eles disseram que minha renda se enquadra e que tem até casas sobrando, pois muitas pessoas não aceitam a localização por acharem o bairro muito distante de tudo. Mas disseram que a ordem é dar preferências para as famílias constituídas. Minha condição de solteiro pode ser um impeditivo.

Para o bom entendedor, poucas palavras bastam e Mariinha percebeu aí a proposta velada de Evaldo para anteciparem o casamento, o quanto antes.

– As aulas devem terminar em dezembro. Eu não tenho dúvidas de estar aprovada, pois minhas notas estão excelentes. Podemos começar a nos mobilizar para o casamento. – Planejou Mariinha exultante. Nem acreditava que, de repente, estivessem tratando do assunto com tal urgência.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

10 de outubro de 1950 - . Decidimos nos casar. Conversamos sobre isto hoje e ainda não falei nada em casa. Evaldo está inscrito na Liga Social Contra o Mocambo para receber uma casa em uma vila aqui, próxima da Iputinga e sua renda se encaixou, mas eles dão preferência para os casados. Neste final de ano estou concluindo o Curso Normal e tínhamos decidido esperar minha formatura. Nosso casamento seria mais para a frente, talvez no próximo ano, mas diante dessa exigência vamos procurar marcar uma data mais urgente. Deus nos proteja e abençoe esta decisão. Nossa Senhora de Fátima nos ajude a obter a nossa casa, sob sua bênção e proteção.

– Vamos conversar com seus pais a respeito? – Questionou Evaldo.

– Não tenho certeza. Papai pode ainda querer tratar o assunto mais adiante e acho que não devemos perder tempo. – Disse Mariinha analisando a situação. – Na Liga Contra o Mocambo, eles dizem que há casas sobrando, mas se a gente não se apressar pode ser que a situação se inverta e percamos esta oportunidade de começarmos nossa vida em uma casa própria. Só eu sei os problemas que temos enfrentado, dependendo de Vó, depois pulando de um endereço para outro.

– Vamos então à Igreja do Largo da Paz? – Sugeriu Evaldo – Foi lá onde tudo começou.

Agendado o casamento, não havia dinheiro bastante para uma festividade isolada e pomposa. Ficou acertado com o padre que a bênção ocorreria após a missa, sem cerimônias além da liturgia. Foram convidados apenas Adenilda e seu irmão, Amaury, para acompanhar os noivos na condição de padrinhos.

Era o dia 19 de novembro de 1950, um domingo de sol e de muita luz.

Mariinha trajava um vestido branco, simples, de seu guarda-roupa mais “requintado”, dito “domingueiro”. Evaldo, em um dos seus ternos sempre no capricho.

Logo após a saída dos fiéis da missa da manhã, o padre anunciou a celebração de casamento e colheu dos noivos as juras e compromissos de praxe. Tudo muito rápido e sem aparatos.

Uma senhora que ficara após a missa e acompanhara toda a cerimônia, curiosa com a simplicidade do evento, veio abraçar o casal junto aos amigos Adenilda e Amaury.

– Que coisa bonita, minha filha. A gente vê o carinho entre vocês e, para ser feliz, não é necessário demonstrar riqueza, sim amor. Adorei ter ficado para assistir ao seu casamento. Deus

abençoe o casal. – Augurou a desconhecida testemunha, abraçando Mariinha e cumprimentando Evaldo.

Estavam, agora, oficialmente casados.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

Domingo, 19 de novembro de 1950. Jesus e Nossa Senhora de Fátima abençoe a nossa união. Estou muito feliz. Hoje celebramos nosso casamento, logo após a missa da manhã, depois que os fiéis deixaram a igreja. Ficamos somente eu, Evaldo, Adenilda e seu irmão Amaury, que foram testemunhas. (além de uma simpática senhora que depois veio me abraçar). Não tínhamos como fazer uma festa, mas estávamos muito felizes e depois da bênção do padre fomos fazer um lanche em comemoração. Vamos continuar separados até que a casa seja entregue, mas estou muito feliz e agradeço a todo o tempo as bênçãos dessa união. Nós nos amamos e Evaldo tem sido para mim um bálsamo que me dá suporte para enfrentar todas as dificuldades. Sou muito feliz. Nossa Senhora de Fátima é nossa Madrinha nesta decisão. Estou certa de receber sua bênção.

Continuar morando separados era uma circunstância à qual se submetiam a contragosto, pois, agora casados, a expectativa de constituírem definitivamente uma família tomava vulto sem limites.

Mas, graças aos Céus, as preces de Mariinha fizeram efeito antes mesmo do que esperavam.

Os sonhos mais lindos sonhei.

1950... O verão naquele ano estava especialmente quente e o Recife ardia, proporcionando a visão de linhas tremulantes relatadas por quem viaja num deserto, produzindo, às vezes, a miragem de existência de água represada mais adiante.

No entanto, a qualquer momento, uma chuva inesperada caía em torrentes, derramando cachoeiras a partir das calhas e pingueiras dos telhados. Era bom para refrescar o calor, mas tornava difícil as caminhadas, exigindo pular sobre as poças ou, até mesmo, obrigando a tirar os sapatos e entrar na água para atravessar os alagamentos maiores.

Evaldo foi ver Mariinha em casa, em plena quinta-feira, o que não era comum. No portão, Mariinha abraçou-o surpreendida.

– Que bom ver você. Eu não o esperava hoje. – Disse entre sorrisos, recebendo o agora marido, com um beijo.

– Trago boas novas: é como se fosse um presente de casamento para a gente!

– O que é? Qual o segredo que você está escondendo? – Perguntou Mariinha curiosa.

– Nossa casa! – Evaldo lançou, de pronto, as palavras – Logo na segunda-feira passei na Liga, com a certidão de casamento, para atualizar o cadastro. Hoje eles telefonaram informando que os papéis estão prontos para nossa assinatura. Você terá que ir assinar também.

Mariinha levou as mãos até a boca para conter um grito de felicidade. Seus olhos brilharam.

– Evaldo! Que surpresa maravilhosa... nossa casa... não pensei que seria tão breve. Quando podemos ir?

– Queria ir imediatamente, mas amanhã o movimento na firma é muito grande. Negocieie para me ausentar na segunda-feira.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

Domingo, 26 de novembro de 1950. Não sei se vou conseguir dormir de tanta ansiedade. Amanhã vou com Evaldo no Serviço Contra o Mocambo para assinar os documentos da

nossa casa. Nem acredito. Nossa Senhora de Fátima nos abençoe e acompanhe este projeto para que possamos receber as chaves, o quanto antes, e constituir nossa família.

Segunda-feira, 27 de novembro, Mariinha levantou cedo e tomou o café da manhã com um apetite inexplicável, considerando a ansiedade em que se encontrava.

Foi até o portão e ficou olhando, impaciente. Por volta das oito e meia Evaldo despontou na cabeceira da rua, com seu inconfundível terno branco. Mariinha ficou observando, vaidosa do marido, cheia de orgulho, ainda mais agora que teriam seu cantinho sonhado.



Evaldo e Mariinha, recém-casados (1951)

Tomaram o bonde até a Rua do Imperador Dom Pedro II. Desceram na Praça 17 e seguiram a pé. Pela primeira vez o casal, altivo, caminhava no centro do Recife como marido e mulher, braços entrelaçados, passos firmes. Um casal realmente bonito, ambos confiantes no futuro que estavam construindo.

Ao chegarem à esquina da Rua Marques do Recife, uma chuva torrencial começou a cair. Os dois correram antes que fossem alcançados e entraram em uma papelaria. Sorriam com a situação.

Enquanto esperavam a chuva passar, caminharam entre os balcões de atendimento. Evaldo apontou vários produtos em exposição – papel pautado, cadernos, lápis e borrachas... – e comentou que os preços estavam muito bons naquela loja.

Mariinha sorriu curiosa, apertando-lhe o braço, que não largava:

– Que referências você tem dos preços desses produtos?

– Tenho olhado com curiosidade estes itens no comércio. Vamos precisar deles quando formos abrir uma escola para você ensinar. Na vila aonde vamos morar deverá existir muitas crianças na fase de Jardim da Infância e alfabetização e, por lá, não deve ter nenhuma escola. Pode ser uma excelente oportunidade para você se estabelecer como professora!

Mariinha perdeu a respiração. De queixo caído, fixou o olhar em Evaldo, que sorria diante de sua surpresa.

– Meu amor! Uma escola particular. Adorei a ideia. – Puxou-o para mais próximo de si e beijou seu rosto carinhosamente.

Evaldo torceu o canto da boca, com seu pudor característico, alertando:

– Mariinha, estamos em público!

Ela sorriu de sua excessiva timidez e permaneceu extasiada de alegria, apaixonada, com um amor que, visivelmente, transbordava.

A chuva tinha cessado. Ainda na loja, Evaldo apontou um caderno de anotações e fez o pedido para o balconista, explicando a Mariinha:

– Vamos começar a anotar nossas despesas e nossos planejamentos aqui.

Pagaram o produto solicitado e voltaram à rua. As calçadas molhadas e o cheiro de terra amenizavam a temperatura. O

frescor deixado pela chuva tornava a caminhada mais agradável.

Na Liga Social Contra o Mocambo, dirigiram-se ao balcão onde a atendente localizou o contrato e os convidou até uma mesa, acomodando-os em cadeiras sóbrias, revestidas em couro escuro, fixado com pinos dourados que circundavam todo o design.

Meu nome é Eloísa – Apresentou-se com certa formalidade e sentou-se do lado oposto. Entregou ao casal uma pasta encadernada em capa padrão com o nome da instituição e, logo abaixo, datilografados, os dados gerais do contrato e nomes dos proponentes.

Mariinha se encantava com aquelas novidades. Seu nome – agora modificado, de Maria Espadeiro, para Maria de Andrade Barreto Lins – impresso ao lado do nome de Evaldo, lhe transmitia uma segurança, não apenas pelo vínculo carinhoso com o nome de Evaldo, mas pela certeza cidadã, de reconhecimento de direitos e pelo status civil que assumia, casada, assinando contratos em conjunto com seu amado Evaldo. Endireitou-se na cadeira, estirou a coluna, recebeu o material e o passou para as mãos de Evaldo que abriu a pasta de forma compartilhada para que ambos lessem os detalhes.

Eloísa explicou algumas regras e pormenores. Colocou-se à disposição para esclarecimentos, apontou onde deveriam assinar e pediu licença, deixando-os sondar os documentos, prontificando-se a atendê-los assim que a chamassem.

Evaldo e Mariinha leram sem se deterem às regras gerais padronizadas, apenas dando atenção aos dados de identificação e de compromisso financeiro. Tudo em acordo, assinaram todas as folhas, conforme solicitado e chamaram a atendente que examinou as assinaturas, perguntou sobre o cartório aonde poderia reconhecer firmas e disse que na próxima semana eles poderiam apanhar sua cópia.

Evaldo solicitou a pasta de volta, pois esquecera de anotar os dados do imóvel. Rasgou o pacote da papelaria e inaugurou o caderno de anotações: “Rua Amaro Lopes Madeira, 44, Engenho do Meio”.

Perguntou, por fim, quando poderiam visitar o imóvel:

– Já estamos casados e ainda morando em endereços separados. Precisamos fazer planos de mudanças... explicou.

– Bem! – Disse a atendente. – Vocês já assinaram tudo, falta apenas o protocolo de reconhecimento de firma, mas eu mesma posso atestar que as assinaturas conferem com seus documentos, então, nada impede que eu já antecipe as chaves para vocês conhecerem a casa e comecem os planos. Na próxima semana um de vocês vem aqui e pega a cópia do contrato. Um momento...

Evaldo e Mariinha, deixados a sós, se olharam entre felizes e cúmplices. Nem podiam acreditar que as chaves seriam entregues imediatamente. Evaldo consultou o relógio de algibeira: dez horas da manhã.

– Vamos conhecer nossa casa? – Propôs.

– Sim vamos. Não posso me conter de ansiedade. – Respondeu Mariinha.

A atendente consultou alguns escaninhos e voltou com um pequeno envelope com o número do contrato, o nome de Evaldo e Mariinha e o endereço. Passou em sua mesa de trabalho e retirou, dentre uma pilha de papéis, a cópia de um mapa do local. Sentou-se, agora ao lado do casal, pôs o mapa sobre a mesa, marcou um X no ponto sobre a Avenida Caxangá, apontando o local onde estava sendo iniciada a obra de um grande hospital da Sociedade Beneficente e Hospitalar das Usinas de Açúcar.

– Vocês conhecem? – Perguntou.

– Conhecemos, sim. Chamam de Hospital dos Usineiros. Por enquanto só tem a placa da construção e o terreno está

sendo limpo. – Disse Mariinha, comemorando a familiaridade com a área.

Ali seria o Hospital Barão de Lucena, inaugurado em 18 de janeiro de 1958 pelo Presidente Juscelino Kubitschek.

– Eu morei aqui próximo, na Rua São Mateus. – Explicou, apontando no mapa.

– Ah, que bom. Então não terão dificuldades em localizar. – Afirmou Eloísa e, em seguida, marcou um leve traço, da Av. Caxangá, até o Presídio Feminino do Bom Pastor, onde pôs mais uma marca. Riscou, dali, até a Praça do Mercado Modelo e, por fim, até a esquina das ruas Amaro Lopes Madeira com Pedro da Cunha Andrade. Nesse ponto assentou um grande X e entregou o mapa a Evaldo, junto com uma ordem carimbada, autorizando-o a receber as chaves da casa no escritório da construtora, que também identificou no mapa fazendo um círculo sobre o local.

– Aqui! – Especificou.

Levantou-se e estendeu a mão, desejando felicidades, ao que foi correspondida pelo casal no cumprimento.

Na rua, Evaldo abriu de volta o mapa para entender a localização. Nunca antes tinham ido naquela direção à esquerda da Caxangá.

Na frente do Diário de Pernambuco tomaram o bonde, que desceu pela Avenida Guararapes, atravessou a Ponte Duarte Coelho, ingressou na Avenida Conde da Boa Vista, até atingir a Praça do Derby, Rua Benfica e, por fim, desembocar na Avenida Caxangá, naquela ocasião uma única via de mão dupla.

Em frente ao enorme galpão da “*The Pernambuco Tramways & Power Company Limited*”, empresa da Inglaterra que operava a concessão dos bondes elétricos e distribuição de energia elétrica no Estado, o bonde parou para troca de condutores, enquanto o casal apreciava a distribuição da malha ferroviária interna ao galpão, formando um leque de trilhos aonde estacionavam os veículos para manutenção.

Tudo os encantava como se fosse a primeira vez que conhecessem. Apesar da ansiedade de chegada ao destino, o passeio de bonde foi uma aventura romântica para o casal que, aconchegado, de braços entrelaçados, apreciava a paisagem enquanto fazia planos para o futuro que já estava começando.

Admiravam a vista bucólica daquelas bandas da cidade. À esquerda, a partir do bairro do Cordeiro, os engenhos ainda dominavam a paisagem. No lado direito, aqui e acolá despontavam algumas construções, apenas ladeando a Avenida Caxangá, voltando a ser campinas e sítios, até as margens do rio Capibaribe. Pouquíssimos automóveis trafegavam na avenida. Mesmo os bondes eram muito escassos e, durante o percurso, apenas dois deles cruzaram aquele onde estavam, deslizando e rangendo sobre os trilhos. Mariinha ficou admirando a extensão da avenida, considerada a maior via urbana em linha reta da América Latina, com mais de seis quilômetros, desde o Museu da Abolição, no Benfica, até a entrada para o bairro da Várzea.

Conversavam sobre como seria o deslocamento de Evaldo diariamente para o centro da cidade, onde trabalhava.

Na mesma parada aonde desciam para o antigo endereço da Rua São Mateus, o timoneiro parou o bonde, atendendo ao pedido do casal, que desembarcou apreciando o lugar. Um armazém de secos e molhados pareceu o melhor lugar para pedirem informação.

No balcão, o proprietário atendeu Evaldo que pediu informações sobre o Presídio Feminino do Bom Pastor, ao que o balconista indicou uma vereda, do lado oposto da avenida, quase em frente ao armazém.

– Entrando por aquele atalho, fica logo à frente, coisa de um quilômetro, se muito. – Apontou o balconista.

– Tem algum transporte para lá? Estamos querendo chegar na Vila da Liga Contra o Mocambo. – Perguntou Evaldo.

– Transporte regular ainda não tem! Dizem que estão fazendo uma linha de bonde. Falam que a vila vai ficar grande. Vocês estão recebendo uma casa por lá? – Perguntou.

– Sim. Estamos querendo ir ver o local. – Evaldo respondeu mostrando o mapa.

O balconista olhou as indicações e apontou o outro lado da avenida, confirmando a indicação anterior.

– Vocês podem acertar uma corrida em carro de praça. Até o Presídio Feminino tem calçamento. Mas dali em diante pode ser que não esteja dando para o carro passar, devido às chuvas que caíram esta semana. Com a construção da vila, o tráfego de caminhões e as escavações de saneamento deixaram tudo esburacado e com muita lama.

– E dá para ir andando? – Perguntou Mariinha.

– Olha moça, tem gente que vai sim. Não é assim tão distante não. Até o Presídio é bom de andar... tem calçamento e muita sombra de jaqueiras e outras árvores. De lá para diante é que pode ser problema: vocês estão bem arrumados... essa sandália de salto vai doer no seu pé e vai sujar toda de lama... – Preveniui em tom pessimista.

Mariinha olhou para Evaldo e propôs: - Vamos enfrentar? E foi logo se curvando como quem ameaça retirar a sandália dos pés.

Evaldo agradeceu as informações e topou a parada.

O balconista deu de ombros, ficou observando o casal atravessar a rua, depois passou a flanela no balcão, como num rito automático, e foi cuidar dos afazeres.

Rapidamente Evaldo e Mariinha venceram o primeiro trecho, sob as sombras de jaqueiras, jambeiros e outras árvores frondosas que margeavam a estrada, emprestando sombras fresca para o passeio.

Logo se depararam com uma pequena passagem sobre um córrego na esquina de um muro alto que adivinharam ser o presídio feminino. Seguiram ao longo do muro até o portão emoldurado por belo pórtico arqueado, com uma inscrição acompanhando a curvatura, confirmando: “Colônia Penal do Bom Pastor”.



Pórtico do Presídio Feminino do Bom Pastor.

Bem em frente ao portão, o calçamento continuava, num ângulo de noventa graus. Dava para ver que era um calçamento novo, com pedras mais claras em contraste ao antigo, escurecido pelas borrachas de pneus.

Na frente de uma Capela de linhas singelas, dentro dos muros da Colônia Penal, uma freira apareceu e ficou observando o casal.

Mariinha aproximou-se do portão e cumprimentou a religiosa perguntando se aquela estrada levava até à Vila. A freira, muito simpática, veio até o pórtico e apontou a rua confirmando.

– Sim minha filha. Bom dia para vocês! – Cumprimentou entusiasticamente a religiosa. – Eu nunca estive lá, mas a toda hora passam caminhões carregando tijolos e telhas; outros com as carrocerias cheias de operários. Agora já passam, de vez em quando, caminhões com mudanças. Já tem moradores chegando. Esse casal lindo vai morar lá também?

– Sim. – Confirmou Mariinha. – Nós nos casamos domingo passado e hoje estamos querendo conhecer a casa que recebemos...

– Ah, que maravilha. Deus os abençoe e proteja vocês e sua nova moradia. Sejam muito felizes e quando estiverem por aqui, venham nos conhecer. Nossa igreja é aberta ao público

para a missa dominical e com a chegada da nova comunidade estamos pensando em projetos de educação, artesanato e outras atividades. Também temos licores produzidos aqui mesmo...

Mariinha confirmou que viria sim, mas que agora tinham que vencer esta última etapa do caminho...

– Não é distante – Afirmou a freira despedindo-se – Vão com Deus... Deus os abençoe...

Dali em diante a estrada não contava mais com tantas árvores em sua margem. A vegetação rasteira deixava o clima mais quente.

Evaldo já tinha tirado o paletó, que carregava no ombro esquerdo, enquanto a mão direita estava entrelaçada à mão de Mariinha e brincavam de deslizar como numa dança, da direita para a esquerda, ziguezagueando no acostamento da rua.

Perceberam que os trilhos do bonde estavam sendo instalados. A construção provavelmente iniciava-se na vila e seguia na direção da Avenida Caxangá, onde encontraria os trilhos existentes, da linha da Várzea.

Ficaram felizes de ver que a infraestrutura de serviços para a vila estava sendo providenciada.

Um caminhão do tipo *loré* inglês, de motor projetado para a frente da cabine, surgiu levando um grupo de trabalhadores na carroceria.

Evaldo acenou para o motorista que parou o carro sobre o calçamento. O ocupante do assento de passageiro inclinou-se na janela.

Evaldo perguntou se estavam longe da Vila Contra o Mocalambo.

– Não amigo – Respondeu o homem. – Aquela rua de onde saímos é a primeira da Vila. Assim que dobrarem nela, vão avistar um galpão da construtora. Lá eles lhe explicam.

Os trabalhadores no alto da carroceria se amontoaram na frente, curiosos com o casal tão elegante, andando a pé naquela estrada...

Evaldo agradeceu a informação e o caminhão partiu, com um aceno de mão do informante e com uma “arrumação” dos ocupantes da carroceria, que se desequilibraram com o arranque do *loré*.

Virando a esquina perceberam que ainda teriam que vencer algo em torno de um quilômetro até aonde avistavam as construções. Ficaram ainda mais animados e agora o foco da conversa era sobre as casas, à medida em que descortinavam as ruas do novo bairro.

Adiante, um grande cilindro elevado sobre torres metálicas com as inscrições: “Querosene Jacaré”. De longe se avistava o desenho de enorme jacaré, com a boca aberta e o rabo curvado, pronto para o ataque. Mariinha admirou o desenho. Quase em frente, o galpão da construtora. Evaldo foi até lá, entregou ao encarregado o documento de liberação. Após analisá-lo o funcionário apontou um grande mapa preso à parede:

– Sigam em frente. Vão avistar um grande descampado onde será construída a praça central. Contornem a “praça” e entrem à esquerda. É a Rua Amaro Lopes Madeira. É a mais curta do bairro. Sua casa fica na esquina do terceiro e último quarteirão, do lado esquerdo. – Falava enquanto fazia o trajeto com o dedo sobre o mapa.

Mariinha olhou para Evaldo, confusa com a explicação.

Evaldo apertou sua mão, como a dizer: “deixe comigo...”

– Acompanhem o calçamento, vai ser melhor. As ruas estão esburacadas e enlameadas. – Recomendou, dirigindo-se a um claviculário sobre o balcão no final da sala. De lá, gritou para confirmar: - Número 44, não é?

– Sim. Amaro Lopes Madeira, 44 – Confirmou Evaldo.

O funcionário voltou com as chaves numa argola e pediu que Evaldo assinasse o recibo de entrega.

O casal voltou para a rua. A partir daquele ponto estavam caminhando dentro do arruamento da vila e diminuíram os passos para apreciar os modelos das casas que diferiam entre si, as de esquina e as de meio de quarteirão. Comentavam animadamente, especulando qual seria o modelo da que lhes fora reservada.

Aqui e acolá algumas casas já estavam povoadas com os novos moradores.

O calçamento ainda continuava, mas a linha de bonde fazia o giro de retorno entre o depósito de querosene e o escritório da construtora.

– Isso significa que, mesmo depois que o bonde estiver entrando até aqui, vamos ter que andar este último trecho para pegar o transporte. – Comentou Evaldo.

– Mas, se estão fazendo o calçamento, é sinal de que vão alongar para adiante... – Argumentou Mariinha, sempre mais otimista.

Na próxima esquina encontraram o “Mercado Modelo”. Estava quase pronto, em fase de pintura. O grande terreno onde o prédio situava-se em nada parecia com uma praça. Era uma quadra enorme, equivalente a seis quarteirões, coberto por enorme matagal.

À direita do mercado, uma grande e bonita construção. Perguntaram a um grupo de trabalhadores nas proximidades e eles informaram que ali seria o Grupo Escolar Professor Leal de Barros e, logo atrás, o Centro Educativo Operário do Engenho do Meio.

Mariinha ficou surpresa e comentou com Evaldo que poderia candidatar-se para trabalhar ali, como professora, enquanto não avançassem com a sua escola própria.

Contornando a praça, localizaram a placa metálica indicando: Rua Amaro Lopes Madeira.

A visão não era das melhores. Havia muito mato, em alguns trechos, tão alto que entrava pelos limites dos terrenos até

encostar nas casas. Em vários pontos de alagamento havia tijolos mergulhados, aflorando o nível da água, para que as pessoas atravessassem as poças, pulando de um para o outro.

Evaldo e Mariinha pararam para apreciar o caminho que fariam.

Um jovem casal veio até a frente da casa de esquina. Ela, bem baixinha e forte. Ele, alto e espichado, magro.

– Bom dia. São novos moradores? – Perguntou a jovem, muito simpática e sorridente.

– Sim. – Respondeu Mariinha. – Viemos olhar. Queremos vir morar o quanto antes.

O casal aproximou-se para se apresentar:

– Isavan e Lourdes – Lourdinha – Completou a jovem. – Sejam bem-vindos. Eu sou farmacêutica recém-formada e nós estamos pensando em colocar uma farmácia aqui em casa. Desde logo, se precisarem de alguma orientação sobre medicamentos, podem contar comigo e em breve venham conhecer nossa farmácia.

Mariinha apontou onde seria a sua casa. Mas, de onde estavam, não dava para ver. O mato tomava conta.

Lourdinha explicou que por enquanto havia poucos serviços e que eles vibravam com a chegada de cada novo vizinho. Evaldo e Mariinha seriam o sexto casal morador da rua.

Mais uma vez desejaram boas vindas e se colocaram, simpaticamente, à disposição.

Evaldo e Mariinha entraram na rua. A emoção os dominava.

Mariinha ficou calada e circunspecta. Evaldo sabia que ela estava rezando, elevando seu pensamento à Virgem Maria, ao Menino Jesus e a Nossa Senhora de Fátima, pedindo bênçãos para o seu novo endereço, para que aquele caminho fosse percorrido sempre em paz, em comunidade com a vizinhança e

com muita harmonia. Continuavam apreciando as casas, mas Evaldo, sabedor da concentração da esposa, respeitou aquele momento, evitando comentários.

Mariinha ficou impressionada com a altura do mato que crescia, tanto na rua, quanto nos quintais das casas desocupadas. A lama também era uma constante. A trilha aberta pelas pessoas, indicava o caminho a ser seguido. Muitas vezes a passagem seguia até bem próximo à porta das casas voltando depois, de salto em salto, para a rua.

As casas que já estavam ocupadas destacavam-se por terem a frente capinadas e até aterradas para evitar a invasão de água das chuvas.

Chegaram, finalmente, à frente da casa com o número 44 preso à fachada.

Mariinha voltou a fazer suas orações pedindo proteção e felicidade para o casal e para a família que viria. Emocionou-se, deixando duas lágrimas escorrerem de seus olhos.

O número 44 da Rua Amaro Lopes Madeira, doravante o lar de Evaldo e Mariinha, era uma casinha muito simpática. Apesar do mato que a cercava, encobrendo o limite entre o terreno e a rua, a casa em si, estava bem limpa, como se recém pintada, de uma cor amarelo claro.

A fachada tinha uma ampla janela de madeira em duas folhas, também pintadas de amarelo. Um recuo da fachada guardava um pequeno terraço, cuja entrada era ladeada por dois assentos de cimento. Centralizada na parede interna do terraço, outra janela idêntica à exterior e, no extremo direito, a porta frontal da casa. As paredes eram revestidas com um reboco ondulado, formando saliências que sugeriam desenhos aleatórios.

Evaldo girou a chave mostrando o interior escuro apesar de pintado de branco. Mariinha, postada logo atrás do marido, olhou sobre seu ombro. Deram-se as mãos e pisaram por igual o pequeno batente de acesso à sala.

– Deus e Nossa Senhora de Fátima abençoem nosso lar
– Disse Mariinha, fechando os olhos em concentração de oração.

Havia duas janelas na sala: a frontal, que abria para o terraço, e outra na lateral direita, bem ao centro da parede, que dava para o quintal que confrontava com a casa vizinha.

Evaldo abriu a janela frontal e deixou mais luz entrar no ambiente, enquanto Mariinha abria a janela lateral, fazendo correr uma brisa na sala. Ambos avaliaram o espaço.

Mariinha aproximou-se de Evaldo e ambos se debruçaram na janela frontal, apreciando o terraço e a frente do imóvel, onde Mariinha sonhou, de imediato, com um jardim bem cuidado. Passou o braço pelas costas de Evaldo, recostando a cabeça em seu ombro.

– Nossa casa! Vamos fazê-la ficar linda e acolhedora... vamos criar nossos filhos e sermos felizes aqui.

Evaldo não disse nada, se fazendo de durão, porem Mariinha sabia que, no fundo, um sentimento não o deixaria falar sem denunciar a emoção. Evaldo olhou dentro dos olhos de Mariinha e se beijaram, apaixonados, emocionados, cheios de futuro, de esperanças e de planos compartilhados.

Em seguida continuaram a exploração dos ambientes: a porta ao lado da janela dava acesso ao quarto da frente. Entraram e abriram a janela, fazendo entrar uma lufada de vento e muita luz.

– Esse será o nosso quarto – comentou Mariinha, planejando: - nessa parede vou colocar o guarda-roupas, aqui a penteadeira; a cama vai ocupar este espaço central, de frente para a janela. – Volteava imaginando a mobília.

Evaldo sorriu de seus planos e a puxou pela mão, voltando à sala para visitarem os demais cômodos.

Na parede em frente à janela do terraço, um vão amplo dava acesso à cozinha e, à esquerda, outro vão mais estreito, à guisa de “corredor”, ladeado por três portas: a da esquerda dava

para o quarto central; a da frente acessava o terceiro quarto e, por fim, à direita, o banheiro. Mariinha entrou no quarto central, soltou os ferrolhos e abriu a janela que dava para o oitão lateral que confrontava com a rua de esquina (Pedro da Cunha Andrade):

– Vamos abrir todas as janelas e portas, para deixar entrar a luz e a paz... – anunciou Mariinha.

Evaldo, que havia ficado na entrada do quarto avaliando suas dimensões e acabamento, se antecipou atendendo à proposta e foi ao outro quarto para também abrir a janela. Mariinha chegou logo atrás dele, olhando sobre o seu ombro. Debruçaram meio corpo para fora, avaliando o quintal onde havia dois pés de carambola e, mais ao fundo, um pé de sapoti da altura da casa.

Depois avaliaram o banheiro: – Bem pequeno, mas enquanto formos apenas nós dois, vai dar. Vai ter que dar – Completou Evaldo, sorrindo, em referência às circunstâncias econômicas do casal.

Foram até a cozinha e abriram a porta que dava para os fundos do terreno, deixando a iluminação natural tomar conta do ambiente. A cozinha também era pequena, com uma dupla de cobogós idênticos aos do banheiro. Um balcão com a pia e, à direita, o local do fogão, com o suporte para querosene na parede.

Saíram para o quintal, avistando o pé de sapoti e um dos pés de carambola que tinha visto da janela do quarto. Bem à frente da porta da cozinha, uma fruteira que, a princípio pensaram fosse uma goiabeira, mas, tanto Mariinha, acostumada com o sítio de Afogados, quanto Evaldo, criado no interior, perceberam que havia uma diferença. Foram até a árvore que estava com diversos frutos maduros: era araçá. Puxaram os galhos flexíveis e alcançaram vários frutos deliciosos. De tão maduros, muitos caíram dos galhos ao serem puxados e Mariinha colheu todos do chão sem se fazer de rogada.

Do ponto onde estavam contemplaram a casa. Na parede de fundos, apenas a porta da cozinha, dois vãos de cobogós,

lado a lado, o primeiro da cozinha, o segundo, do banheiro. Abaixo dos cobogós da cozinha um tanque de cimento para lavagem de roupas.

– Essa será nossa primeira obra: construir uma latada aqui atrás para sombrear o tanque e garantir proteção em dias de chuva – Planejou Evaldo carinhosamente, na intenção de proteger Mariinha.

Foram até a lateral e avaliaram o mato que cobria o terreno. Evaldo mediu, em passos, até onde seria a divisa do seu terreno com a Rua Pedro da Cunha Andrade. O mato ocupava tudo sem deixar indícios dessa fronteira, mas observando pela posição do poste de madeira instalado na esquina das ruas, em frente à casa, dava para imaginar.

– É um bom terreno! – Comentou Evaldo, fazendo o caminho de volta.

Entraram na casa. Evaldo consultou o relógio: 15 horas. Só então se deu conta: Não tinham almoçado e estavam tão empolgados que nem sentiram fome. Evaldo, então, propôs iniciarem o retorno pois o caminho seria longo até a Avenida Caxangá.

Fecharam a porta dos fundos e começaram a fechar as janelas na mesma ordem em que as abriram. Ao final, dirigiram-se juntos ao quarto frontal. Fecharam a janela. Antes de saírem do quarto, Mariinha abraçou Evaldo:

– Estou tão feliz. Quero vir logo para cá. Não me importo com a distância. Na verdade, nem queria ir. Queria ficar aqui.

Evaldo abraçou-a e beijou-a. Se entreolharam. Estavam pela primeira vez a sós em sua própria casa. Voltaram a se beijar...

Na volta percorreram o mesmo caminho anterior. Ao passarem no galpão da Liga Contra o Mocambo, o rapaz que os atendera, vendo-os, perguntou sobre a casa e o caminho. Evaldo contou que não tinha sido difícil e apressou-se alegando o longo caminho pela frente.

O rapaz, que estava aguardando um transporte da Liga que o levaria ao escritório do centro, convidou:

– Vocês querem uma carona? O carro já está chegando.

Evaldo olhou para Mariinha e meneou a cabeça consultando-a, ao que ela assentiu.

Agradeceram a atenção e ficaram conversando sobre a estrutura da vila, o projeto de transporte, com o bonde devendo chegar até aquele ponto, segundo o funcionário, aproximadamente em fevereiro de 1951 e, depois, a extensão da linha até a Rua Antônio Curado com Manoel Alves Deusdará. Só não sabia quando!

Evaldo e Mariinha se animaram ainda mais com esta notícia.

O carro chegou e todos embarcaram, fazendo o caminho de volta.

De carona, em conversa animada com o servidor da Liga, Mariinha e Evaldo viajaram no assento traseiro, de mãos dadas, ela circunspecta, fazendo planos e orando pela vida que se iniciava.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

27 de novembro de 1950. Hoje foi o dia mais feliz de minha vida. Nada que eu possa dizer poderia descrever a minha gratidão a Jesus e Nossa Senhora de Fátima. Íamos apenas assinar o contrato, mas recebemos logo as chaves da casa e fomos conhecê-la. A casa é linda. A rua está meio suja, com muitas poças de lama e o mato está alto. Mas a casa é especial, de esquina, três quartos. Já fizemos muitos projetos e estou certa de que, com as bênçãos Divina, ali será o nosso recanto de paz. Estou muito feliz. Obrigado Senhor.

HOSPITAL GERAL. 9h15.

Como se estabeleceu uma pausa silenciosa, Evaldo Filho resolveu provocar a retomada dos relatos.

– Como vocês fizeram para morar na casa nova com todo aquele capinzal precisando ser limpo? – Perguntou. – Imagino que, agora, já casados e tendo recebido a casa própria, não adiriam a ida para o novo endereço.

– Tem razão. - Disse Mariinha, buscando o fio da meada para retornar às lembranças.

E os canteiros da janela brotarão os romaninhos...

1950... Mariinha sabia que poderia contar com os irmãos para um mutirão de limpeza. Mesmo assim, por via das dúvidas, não contou a real dimensão da tarefa. Para todos os efeitos iriam ajudar a limpar “um matinho”.

Programaram uma feijoada para trabalharem no sábado, 02 de dezembro e se mudariam no outro sábado, dia 09. Todos toparam arregaçar as mangas.

No final de semana seguinte Evaldo esteve na casa e deixou por lá algumas ferramentas: enxadas, ciscadores, um carrinho de mão.

Na chegada encontrou os moradores da casa em frente à sua. Tinham se mudado durante a semana: Cristóvão e Prazeres, com duas filhinhas, Elba, com três aninhos e Nice, ainda bebê, perto de completar seu primeiro aniversário.

O casal ofereceu apoio no que precisassem e, inclusive, Cristóvão se prontificou a juntar-se ao grupo para ajudar na limpeza, ao ficar sabedor do mutirão de sábado. Ansiava por novos vizinhos.

Cristóvão era um negro de grande estatura, pesando um pouco acima do padrão. Muito alegre, foi logo propondo uma

amizade que possibilitasse, aqui e acolá, uma bebericada no final de semana. Interessado em futebol, perguntou logo por qual time Evaldo torcia e ficou meio sem graça quando este lhe respondeu que não tinha paixão desportiva.

Prazeres também acompanhava o marido no estilo de vida alegre e disponível. Ficou logo curiosa para conhecer Mariinha. Esperavam fazer bons relacionamentos com a vizinhança e dar vida à comunidade que formariam.

Evaldo ficou feliz. Tudo indicava que teriam bons vizinhos.

No dia marcado, vieram os cunhados: Toinho (21), Milton (19) e Zeca (16), todos rapazes fortes e bem formados e, ainda, Dinaldo, irmão de Evaldo. Vieram também Margarida (12) e Valdemar (10), muito mais pela curiosidade com o movimento. Ambos se envolveram nas tarefas e arrastavam os arbustos em que os irmãos passavam a foice.

Cristóvão participou do movimento e ajudou a puxar algum capim arrancado, para amontoar tudo num local pré-determinado na rua lateral, pois não havia outro lugar possível para descartar todo aquele cipoal.

O dia foi de sol intenso, mas o terreno estava molhado e, por isso, não foi difícil arrancar o mato, não apenas do perímetro do terreno da casa, mas até o centro da rua lateral e todo o trecho de rua em frente à casa de Evaldo e de Cristóvão, assim os vizinhos poderiam avistar as casas, um do outro, e colaborar na segurança e apoio mútuo, caso ocorresse alguma necessidade.

Na cozinha, Mariinha se desdobrava, com o apoio de Adenilda. Sua nova vizinha, Prazeres, ia e vinha, dividida entre os cuidados com suas crianças e a preparação do almoço, levando algumas panelas para pôr no fogo em sua própria casa, já equipada.

Pararam para almoçar por volta das 14h30. Cristóvão fez uma surpresa:

– O bate-bate de maracujá é por minha conta – anunciou e foi até sua casa apanhar garrafas com a bebida preparada de véspera. Trouxe copos, pois sabia da dificuldade do casal ainda em mudança. Todos brindaram e comeram uma feijoada farta e alegre.

Depois do almoço ainda puxaram algum mato da rua e, para demarcar o terreno, fincaram ao menos quatro estacas nas esquinas e mais duas para anunciar o portão que, mesmo na inexistência de cercas, ficou decretado: seria a única passagem de acesso à casa a partir daquele momento. – Ideia de Toinho, comemorada com alegria e diversão por todos.

De fato, concluído o dia de tarefa, todos cansados, mas felizes, numa algazarra típica dos Andrades reunidos, sempre de bom humor, Toinho se postou junto às estacas do portão imaginário e cobrou que todos passassem por ali e assim foi feito.

Mariinha e Evaldo foram até o meio da rua e de lá apreciaram a casa, agora bem visível e apresentável, com o terreno limpo, todo riscado pelo ciscador, pronta para receber seus apaixonados moradores.

Durante a semana Evaldo fez algumas viagens, sozinho, até a casa e, de cada vez, deixou alguma coisa: na quinta-feira ficou de plantão para receber o quarto, mesa e cadeiras e até dormiu, pela primeira vez no novo endereço, depois de trabalhar na montagem dos móveis, o que fizera sozinho.

No sábado, se mudaram definitivamente, apesar de ainda faltarem alguns móveis e utensílios que foram aos poucos providenciando.

Mesmo com toda dificuldade – de transporte, longas caminhadas, falta de fornecedores de produtos básicos e todas as demais carências inerentes a um bairro ainda em implantação, especialmente naqueles idos de 1950, quando tudo era escasso mesmo em comunidades já assentadas, somado ao início de vida do casal com poucos recursos – aqueles dias foram deliciosos, românticos.

A saída de Evaldo, pela manhã, e sua chegada depois, no final do dia, eram acompanhadas por Mariinha que ficava no portão: pela manhã, até Evaldo chegar na esquina da Antônio Curado, acenar e desaparecer à direita, na esquina da casa dos farmacêuticos e, à noite, com o jantar pronto e tudo muito organizado e limpo para desfrutarem mais uma noite, sozinhos ou, às vezes, em conversas e planos com os moradores da frente.

Além de Cristóvão e Prazeres, o casal começou a conhecer outros moradores já instalados: o casal da esquina oposta, na última casa da rua: José Antônio e Agenilda – grávida de seu primeiro filho – outro casal adiante, no próximo quarteirão: Aguiar e Tereza. Na rua lateral, fronteira com a parte de trás da casa, Flávio e Celina, com três filhos: Suely, Célio e Cláudio. Começava a se formar uma comunidade.

No primeiro Natal em casa, Mariinha improvisou uma árvore com uma galhada de cacho de coqueiro fixada em um pedestal e a enfeitou com algodão, à guisa de neve, sobre os galhos, com diversos cartões de Natal e poucas bolinhas de aljôfar. Brindaram junto com Cristóvão, Prazeres e as crianças, Elba, a maiorzinha, muito falastrona, mostrando a boneca que Papai Noel lhe havia trazido. José Antônio e Agenilda também vieram trocar abraços.

E quando a madrugada já surgida, os pombos voltarão para o seu ninho...

1950... Os vizinhos tinham comunicado com antecedência que iriam passar a virada de ano com seus familiares. Trocaram abraços, desejaram felicidades para o ano que se iniciaria. O bairro estaria meio abandonado. Ainda assim Mariinha propôs ficarem, pois queria que a casa estivesse com todas as portas e janelas abertas e com todas as luzes acesas, naquele primeiro Ano Novo na moradia própria.

Estavam sem um rádio para acompanhar a contagem regressiva. Evaldo consultava o relógio para cronometrar os minutos finais de 1950.

O Engenho do Meio – apesar de pouco povoado, com muitas casas ainda desocupadas, pois a efervescência de chegada de moradores se deu no primeiro trimestre do novo ano – anunciou o momento da virada de ano com foguetões que explodiram no ar, a alguma distância, quando deu meia noite.

Evaldo estourou um champanhe e serviu duas taças.

– Feliz ano novo, meu amor – Brindou Mariinha.

– Feliz 1951, te amo – Respondeu Evaldo, erguendo um brinde e trocando beijos, emocionados, cheios de esperança.

1951 seria um ano intenso para os dois. Os fogos ainda ecoaram por alguns minutos. O casal foi até a frente da casa, olhou a rua deserta, poucas casas iluminadas.

Um foguete de artifício subiu a partir da rua lateral e iluminou o céu, formando um grande círculo azul que demorou a se dissipar.

– A cor do manto de Nossa Senhora de Fátima. – Comemorou Mariinha.

Naquela hora, Mariinha já estava grávida, de semanas, de seu primeiro filho, mas ainda não sabia disso.

Abraçaram-se felizes. Aquele era o seu lugar. Ali começavam nova vida.

– Feliz ano novo!

Sexta-feira, 22 de junho de 2007

HOSPITAL GERAL. 6h15.

Mariinha acordara bem cedo. Evaldo dormia e ela aproveitou para tomar um banho. Ao retornar ele ainda cochilava. Beijou-o de leve para não o despertar e foi até a janela de onde ficou apreciando o dia amanhecer, com a cidade tomando o ritmo efervescente de início de manhã. Demorou-se assim um bom tempo.

– Bom dia! – Cumprimentou o médico, quebrando a concentração de Mariinha.

Ao virar-se, percebeu que Evaldo também já estava acordado, mas ficara observando-a apreciar a paisagem, banhada por uma nesga de sol matinal. Sabia que ela o estava acompanhando desde a sua chegada, desvelada e incansável; solidária enfim, e lhe era grato. Sua presença era reconfortante. Se acordasse e não a visse ficava impaciente, inseguro. Eram muitos anos de vida juntos, cuidando um do outro. O reconhecimento de sua dedicação fez com que ele a deixasse demorar um pouco mais em suas orações enquanto apreciava a paisagem.

Por ele, não a interromperia, ela merecia um descanso. Mas foi o médico quem a tirou do transe.

– Bom dia, Dr. Ramos. – Retribuiu o cumprimento.

– E então? Como está nosso paciente? Estou muito satisfeito com a evolução do pós cirúrgico – disse, enquanto levantava o lençol para apreciar a cicatriz que já se fechava bem sequinha.

Tomou a prancheta nas mãos e leu o boletim com os registros de pressão, temperatura, horários de remédios.

– Seu Evaldo, hoje vamos começar a fazer a alimentação normal – Dirigiu-se diretamente ao paciente que o olhava tentando dobrar o tronco sobre a cama vez que não tinha mobilidade no pescoço. – Com a alimentação oral, vamos observar o funcionamento dos intestinos. Tão logo volte a funcionar, poderemos liberar o senhor para ir para casa, ok?

– Ah, doutor, que boa notícia – Comemorou Mariinha.

– Acredito que em dois dias teremos essa resposta. Vamos ter que continuar com medicações e cuidados essenciais, mas não há motivos para mantê-los aqui. Poderão ir para casa e, com essa enfermeira tomando conta – disse pondo as mãos no ombro de Mariinha – estará melhor que no hospital. – Brincou.

– Obrigado doutor. – Agradeceu Mariinha, dirigindo-se para a cabeceira da cama para acariciar Evaldo, feliz com a notícia.

– Vou comandar agora para que o senhor já receba um café da manhã leve, para irmos introduzindo aos poucos a alimentação. Ok? O senhor está ótimo – Complementou, acariciando o peito de Evaldo, que sorriu timidamente.

Quando os filhos chegaram comemoraram a possibilidade de alta. Fátima telefonou para Newton dando as boas novas, ao que o irmão anunciou, de imediato, que se programaria para ir ver o pai assim que ele estivesse em casa. Mandou beijos para Evaldo, para a mãe e para os irmãos.

Ao desligar o telefone, ficaram todos, algum tempo, em silêncio, acariciando o pai, exultantes com as boas novas.

Foi Mariinha, então, quem retomou as lembranças, passando a narrar um episódio interessante do início de suas vidas:

– Graças a Deus estamos com a perspectiva de receber alta. Mas vocês sabem que na primeira vez em que Evaldo precisou de internação, no começo de nosso casamento, eu não pude dar esta mesma assistência? Fiquei em casa, grávida, enquanto ele esteve hospitalizado. – Começou.

– Como assim? – Perguntou Marivaldo. – Que internação foi essa?

– Você ainda não era nascido. Foi justo durante a sua gravidez. – Explicou Mariinha.

Quando a notícia correu, vieram logo me dizer....

1951... O inverno daquele ano tinha se instalado de forma implacável. Peremptório. As trovoadas rimbombavam sobre as telhas como se as fosse arrastar. As ruas formaram verdadeiras lagoas e, para chegar ao calçamento da Antônio Curado, era preciso muito malabarismo. Os vizinhos, cada um nas proximidades de suas casas, improvisaram “pontes”, colocando tábuas apoiadas sobre tijolos nas extremidades. Algumas dessas passarelas eram verdadeiras armadilhas, com estrutura de apoio de até três tijolos de altura em cada extremidade e, ainda, uma “pilastra” central, pois a extensão era tal que a tábua vergava ao centro sob o peso dos transeuntes. Muitas vezes a estrutura oscilava e, vez ou outra, alguém ia ao chão – diga-se: mergulhava na água empoçada – e tinha que voltar para casa, rindo de si mesmo ou soltando improperios, de acordo com a criticidade da situação.

Mariinha estava grávida de seu primeiro filho. A barriga já bem avançada naquele início de junho, quando completaria sete meses de gravidez. Os cuidados para evitar um acidente, naquela condição, eram imperativos. Melhor se manter em casa naqueles dias: era o que ela fazia, ocupando-se dos detalhes para a chegada do bebê.

Na manhã de domingo a chuva caía torrencialmente, agravando a solidão daquele final de semana em que ficara, pela primeira vez, sozinha em casa por uma noite. Evaldo tinha ido, com a equipe da empresa onde trabalhava, para uma partida de futebol em Paulo Afonso, mas àquela hora devia estar voltando, com chegada prevista para o final da tarde.

A futura mãe abriu apenas a janela da frente da sala e contemplou por alguns minutos o horizonte cinzento. Quase

não dava para ver a casa de Prazeres, do outro lado da rua. Num determinado momento, Elba, apenas de calcinha, correu para baixo da bica do telhado, que escorria farta cascata, cavando no chão um sulco de respingos alinhado com a projeção das telhas. Pulava e gritava alegremente até que Prazeres, percebendo a brincadeira, veio lá de dentro, enxugando as mãos num pano de pratos e ralhando com a criança para que entrasse antes que pegasse um resfriado.

Mariinha, de seu posto de observação na janela que dava para o terraço, sorria com a cena. Depois de pôr a filha para dentro, Prazeres correu os olhos pelo horizonte avaliando o dia cinzento. Foi quando avistou Mariinha na janela e acenou gesticulando para dar a entender a reprovação da brincadeira de Elba. Mariinha acenou sorrindo. Prazeres entrou para dar aviamento aos cuidados e à troca de roupas da menina. Mariinha ainda ouvia as queixas sem entender por completo o que a mãe repreendia, pois o ritmo da chuva, batendo no telhado e no quintal, inibiam os outros sons.

Mariinha saiu da janela apertando os braços cruzados sobre o peito na busca de aquecimento. Sem Evaldo em casa, o almoço que sobrara do dia anterior daria para ela, assim não precisaria ocupar-se na cozinha. Foi até os quartos e confirmou que as janelas estivessem bem fechadas.

Voltou para a sala e abriu a maleta da sua máquina Elna – inovação no ramo de máquinas de costura e, então, objeto de desejo de muitas donas de casa, presente de Evaldo, aproveitando uma promoção somente para funcionários da firma onde trabalhava e que representava o equipamento – armou a máquina sobre a mesa da sala e sentou, de costas para a janela que dava para o oitão e que estava, naturalmente, fechada, pois a posição da chuva fustigava toda a parede lateral. Dava para ouvir os pingos batendo na madeira.

Começou a costurar o enxoval do bebê para matar o tempo. Um timão amarelo claro, já que não sabia se seria menino ou menina o seu primeiro rebento. Suspendeu a peça no ar e avaliou a qualidade do trabalho com aprovação e carinho. Puxou outro tecido, já cortado nos moldes de um lençol de berço,

trocou o carretel de linha por outro da cor branca para combinar com o tecido, molhou a ponta da linha nos lábios e curvou-se para passar a linha no buraco da agulha e iniciar a costura da bainha do lençol.

Foi ao se baixar, inclinando o tronco sobre a barriga saliente pela gravidez avançada, que sentiu uma espécie de tontura e voltou a erguer-se, ficando ereta na cadeira. Alisou a barriga, enquanto apoiava a cabeça com a outra mão sobre a testa e o cotovelo na mesa. Sentiu, então, um sopro frio no pescoço, na altura do cangote, como se alguma fresta na janela estivesse permitindo a entrada de ar úmido da chuva. Quis se virar para confirmar que uma folha da janela não se houvesse escancarado, mas o movimento brusco de giro na direção da parede ampliou a sensação de tontura e seus olhos foram ofuscados por uma luminosidade intensa.

Mariinha agarrou-se com as duas mãos na mesa, evitando cair com risco de magoar a barriga... Foi quando, do foco de luminosidade que a cegava para o entorno da casa, viu desenrolar-se, com clareza cinematográfica, a cena de um caminhão tombando numa curva de estrada... os homens que estavam sobre a carroceria embolavam pelo chão e Evaldo aparecia nessa visão, de pé sobre o estribo que servia de degrau para acesso à porta de passageiro da cabine, prosaicamente viajando com o braço agarrado à porta, tomando vento no rosto... com a virada do veículo seu corpo fora projetado para o acostamento e, reforçando a projeção natural, Evaldo dava impulso adicional para afastar-se do caminhão que tombava em sua direção...

Mariinha deu um grito horrorizada... sentiu que poderia desmaiar, mas tomou ar enchendo com força os pulmões... como num *flash*, a luz que servia de tela para a visão explodiu pela sala deixando-a meio ofuscada, voltando em seguida a perceber seu entorno, a máquina sobre a mesa... sua coxa impulsionando a alavanca de aceleração, fazendo o motor disparar... o lençolzinho passava rápido pela máquina, puxado pela agulha que ziguezagueava para cima e para baixo em sua função de costurar.

Mariinha, dominando a situação, puxou a perna afastando a coxa para desativar a máquina... o ruído da chuva, insistente, voltou a ser ouvido, juntamente com um chamado vindo da rua: - Mariinha... Mariinha... – tomando forças, ficou de pé e foi até a janela para ver Prazeres, sob a chuva, no portão, querendo saber o motivo do grito que ouvira de sua casa...

- Entre Prazeres. – Pediu Mariinha ainda com a voz embargada. – Saia da chuva...

Prazeres abriu o portão de madeira e avançou até o terraço, encharcada pelo aguaceiro... Mariinha abriu a porta e recebeu-a, atônita...

Prazeres a abraçou e a conduziu até uma cadeira na sala...

- O que houve Mariinha? Ouvi seu grito... Pensei que houvesse escorregado e caído... Você está bem?

- Estou bem. Meu bebê está bem... o problema é com Evaldo. Ele sofreu um acidente na estrada! – Assegurou.

Prazeres sabia da ausência de Evaldo durante aquele final de semana, pois o casal havia informado a ela e a Cristóvão, pedindo para que dessem algum apoio a Mariinha se houvesse necessidade. Ficou, entretanto, pasma com a notícia dada com tanta segurança.

- Um acidente? Como assim? Quem esteve aqui lhe informando, pois não vi ninguém na rua com toda esta chuva! – Interrogou Prazeres, apreensiva.

- Ninguém me disse. Eu vi. Tive uma visão agora mesmo e sei que aconteceu alguma coisa com ele. O caminhão virou e tombou na direção dele, que vinha na porta...

- Como assim? Uma visão? Deixe de tolices Mariinha, está tudo bem. É impressão sua por estar sozinha, grávida, ainda mais com esse tempo terrível...

Prazeres foi até a cozinha e preparou um copo de água com açúcar para acalmar Mariinha... depois voltou para próximo da jovem amiga...

Mariinha tomou alguns goles da garapa... depois começou a soluçar. Chorava copiosamente. Prazeres, de pé ao seu lado, recostou a cabeça de Mariinha contra seu vestido molhado pela chuva, alisando seus cabelos e buscando palavras de conforto, que não encontrava com facilidade, por não compreender o que de fato estava se passando...

Prazeres deixara as crianças sozinhas e, a todo momento chegava-se até a porta para avistar sua casa e certificar-se de que estava tudo bem. Nice ficara dormindo no berço e Elba observava da porta, meio assustada com a corrida que a mãe havia empreendido, orientando-a a ficar bem quietinha enquanto ela procuraria ver o que estava acontecendo na casa em frente, depois que ouvira o grito de Mariinha e esta não respondia aos seus chamados...

Na última olhada para sua casa, avistou Cristóvão chegando, todo ensopado pela chuva.

Do terraço, gritou para o marido:

– Cristóvão! – Ele voltou-se surpreso – Dê uma olhada nas meninas... eu vim aqui acudir Mariinha que passou mal... – Informou Prazeres.

– Está tudo bem? Precisa de ajuda com ela? – Perguntou Cristóvão, preocupado com o estado de gravidez da vizinha.

– Agora ela está melhor. Daqui a pouco chego aí e converso... – Disse sem maiores detalhes.

– Ok. – Respondeu o marido, saindo finalmente da chuva para entrar em casa.

Prazeres retornou à sala, agora mais tranquila para atender a amiga, que insistia que ela voltasse para casa, pois já estava tudo sob controle.

– Não senhora! Cristóvão chegou e está com as crianças. Deixe-me ter certeza de que está tudo bem com você. Que história é essa de “ter uma visão”? Você deve estar nervosa, sozinha... toda essa chuva...

– Eu me conheço, Prazeres e já tive este tipo de visão anteriormente com a cena se confirmando, depois, em realidade...

Prazeres, apesar das vestes molhadas, puxou uma cadeira para perto e sentou-se tomando as mãos de Mariinha nas suas, com o intuito de oferecer tempo para ela tomar fôlego, dando-lhe oportunidade de falar:

– Lembro de uma ocasião – começou Mariinha – em que eu ia de ônibus para a Escola Normal. Dois assentos à minha frente ia uma senhora com uma criança que olhava a paisagem pondo a cabeça para fora do veículo. Aquilo começou a chamar minha atenção. Pensei em falar com a mãe do menino alertando-a para o perigo, mas tinha receio de que ela não gostasse da intervenção e respondesse rispidamente. Segui calada, mas muito incomodada. Aquele incômodo foi crescendo e tomando conta de mim, até que aconteceu, tal como agora, de eu praticamente cegar com uma luz intensa, dentro da qual eu vi o ônibus rodopiar lateralmente e ir de encontro a um poste justo na janela onde a criança estava debruçada. Aquela imagem me atordoou momentaneamente, mas era tão vívida que não pude evitar de intervir alertando à senhora para o risco. Levantei-me do assento e inclinei-me para ela até tocar seu ombro, fazendo-a virar-se para mim. Ainda meio desesperada pela visão intensa, alertei-a sobre o risco falando de forma determinística, como se o choque fosse inevitável:

– Senhora, tire sua criança da janela porque vai acontecer um desastre e ela vai se machucar! – Disse alarmada, fazendo com que outras pessoas no ônibus também olhassem, com espanto, para mim. Graças aos Céus, a mulher, talvez assustada com a minha emoção, quase desespero, não se queixou e, imediatamente, recolheu seu filho para que se sentasse afastado da janela. Pois bem: o ônibus não rodou

mais que duzentos metros quando um outro veículo cruzou à sua frente “trancando” a passagem do motorista que, reflexivamente, puxou o volante para a direita e, logo em seguida, para a esquerda, fazendo com que o coletivo se inclinasse num ziguezague que culminou com a pancada da lateral contra um poste, exatamente na janela onde o guri se projetava, reproduzindo, tal e qual, a cena que eu vi no flash de luz. A comoção foi enorme dentro do veículo. A mulher virou-se para mim com os olhos lacrimejantes. Abraçava seu filho com força e me agradeceu em lágrimas: - Muito obrigada minha filha. Você salvou a vida do meu filho...

– E não foi somente desta vez que tive visões tão claras e premonitórias. Então, tenho certeza de que Evaldo se envolveu, ou vai se envolver, em um acidente...

– Não se retenha aqui. – Pediu Mariinha. – Eu estou bem e ficarei rezando para que não tenha acontecido nada grave. Pode ir cuidar de Cristóvão e das crianças. Eu vou me deitar um pouco. Se precisar eu lhe chamo.

Como já era quase meio-dia, Prazeres insistiu para que ela fosse almoçar em sua casa, mas ela não teria fome nem disposição para almoçar. Recusou ao convite garantindo que estava bem e queria ficar em casa.

Prazeres fez recomendações de repouso e tranquilidade e atravessou a rua, aproveitando um momento de redução de intensidade da chuva, enquanto gritava por sobre os ombros, ao fechar o portão, para que a vizinha a chamasse caso não se sentisse bem.

Mariinha fez apenas um lanche, muito mais por atenção ao bebê, e permaneceu em oração, caminhando de um lado para o outro da sala, indo até a janela e olhando a rua na expectativa de notícias.

Por volta de duas da tarde a chuva estiou e deu uma trégua, apesar de o dia permanecer cinzento. Mariinha ampliou o espaço de sua caminhada indo até o portão. Estava absorta, rezando enquanto acariciava a barriga. O olhar atento na esquina

da Antônio Curado, por onde deveria chegar algum eventual transeunte.

Foi quando avistou uma pessoa que ingressou na rua a passos rápidos, saltando entre as poças de água ou se equilibrando nas passarelas suspensas sobre elas...

Mariinha empertigou-se e apurou a vista tentando reconhecer... quando já vinha no cruzamento da primeira esquina, o personagem levantou a cabeça em sua direção e ela distinguiu Milton, um colega de trabalho de Evaldo. Segurou-se à estaca do portão e pensou em correr em sua direção para apressar o encontro e a possível notícia que ele traria... com aquela barriga não deveria se arriscar em equilibrar-se nas pontes improvisadas. Além disso, havia lugares escorregadios. Conteve-se no portão. Chamou Prazeres que já havia percebido a espera ansiosa da vizinha e, por isso, atendeu de pronto.

– Venha para o meu lado, por favor. Ali está vindo um amigo de Evaldo. Deve trazer notícias. – Pediu Mariinha.

Prazeres atravessou a rua e, logo em seguida, Milton chegou até elas. Estava tenso e preocupado sobre como se dirigir a Mariinha, apesar do apoio da vizinha. Assustou-se também por vê-la ali, de sentinela, como se já esperasse uma notícia. Porém Mariinha poupou-lhe arroubos ao recebê-lo com firmeza:

– Pode falar Milton. Eu sei que aconteceu alguma coisa com Evaldo...

Tanto Milton, quanto Prazeres, preferiram que ela entrasse para se sentar e conversar, porém Milton se antecipou, tentando tranquilizá-la:

– Está tudo bem... tudo sob controle... vamos entrar. – Sugeriu.

Mariinha se sentou para satisfazer aos dois, mas falou com tranquilidade para Milton:

– Pode dizer, eu sei que aconteceu um acidente. Como está Evaldo? Onde ele está?

Milton confirmou que ele havia quebrado uma perna, mas que, de resto, estava bem. Havia outros feridos e estavam todos no hospital do Samdu – Serviço de Atendimento Médico Domiciliar e de Urgência (criado no Governo Gaspar Dutra em dezembro 1949).

Milton contou como tinha ocorrido o acidente, a forma como Evaldo vinha, fora do caminhão, de pé no estribo da porta de passageiro e como tinha dado impulso para não ficar sob as ferragens. Mesmo assim – contou – o teto da cabine ainda atingiu seu tornozelo provocando a fratura.

Prazeres estava boquiaberta ao ouvir a descrição do acidente, tal e qual Mariinha lhe contara mais cedo.

– De que horas o acidente aconteceu? – Perguntou Prazeres ao visitante.

– Por volta das 10 horas da manhã!

Prazeres alisou os braços mostrando os pelos arrepiados, olhando, incrédula, nos olhos da vizinha... – Mariinha, pelo amor de Deus! Foi na hora mesma em que você teve a visão... – benzeu-se e continuou de boca aberta e olhos fixos em Mariinha.

– Quero ir ao hospital. – Afirmou Mariinha com firmeza – Quero vê-lo.

Ninguém conseguiu demovê-la da ideia e Milton saiu na frente, em busca de um carro de praça para acertar a corrida até o hospital.

Prazeres aguardou Mariinha trocar de roupa e, já que o carro não poderia entrar na rua devido ao alagamento, acompanhou-a até a esquina da Antônio Curado. Em algumas situações caminhava direto na água para poder ficar ao lado da gestante garantindo-lhe equilíbrio nas gambiarras. Ameaçava voltar a chover, mas, ainda bem, não tiveram que esperar. Rapidamente Milton chegou com o carro, que fez o retorno para Mariinha embarcar no assento traseiro e deslizou no calçamento, espirrando

água empoçada, enquanto Prazeres voltava, ainda incrédula, para casa.

Chegando ao hospital do Samdu, havia um protocolo impedindo a entrada de visitas naquele horário, além do que, Evaldo estava em uma enfermaria ortopédica junto com outros pacientes.

Mariinha, no entanto, conseguiu conversar com a enfermeira chefe, com seu jeito delicado e convincente, apelando para o seu estado de gestação, fazendo com que a enfermeira cedesse, sob condição de uma olhada rápida, somente para assegurar-se de que estava tudo bem. A própria enfermeira chefe deixou o seu posto de trabalho na coordenação e acompanhou Mariinha até a enfermaria, possibilitando que os dois se vissem e conversassem.

– Por cinco minutos. – Alertou a enfermeira.

Evaldo estava com a perna imobilizada. Um equipamento, colocado à altura do tornozelo, atravessava o osso de um lado para o outro e, em pinos laterais, se fixavam cabos de aço que passavam por uma roldana pendurada acima da cama, descendo, logo após, para terminarem em pesos que tencionavam todo o conjunto, fazendo com que o osso a ser recuperado ficasse em constante puxamento.

– Ele deverá ficar no hospital por pelo menos uma semana, nessa máquina ortopédica. – Explicou a enfermeira – Depois será liberado para casa, mas ainda deverá ficar outros 45 dias sem pisar sobre o pé imobilizado.

Esse tempo era o bastante para completar o período de gestação. Mariinha o fez prometer que se comportaria para a completa cura, caso contrário ele estaria ainda sem condições de ajudar, na ocasião do parto. Mesmo com dor, Evaldo sorriu e se comprometeu. Trocaram um beijo e a enfermeira cobrou o compromisso assumido quanto ao horário de visitação.

Se despediram, mas antes de chegar à porta Mariinha olhou de volta e encontrou o olhar de Evaldo, que a acompanhava. Acenaram em despedida.

Sábado, 23 de junho de 2007

HOSPITAL GERAL. 06h15.

Evaldo apresentou um pouco de febre durante a noite, mas amanheceu bem.

Agora que estava podendo tomar o café da manhã e se alimentar normalmente, estava mais feliz.

As enfermeiras deixaram a bandeja e Mariinha ajudava, levando os alimentos até sua boca, pois o soro continuava injetado em sua veia, inibindo os movimentos. Na verdade, ela gostava daquela função, gostava de estar disponível para ajudar o marido.

– Você devia se esforçar para comer um pouco mais. – Repreendeu Mariinha quando Evaldo recusou seu café da manhã, ainda pela metade. – Lembre que o médico quer ver o funcionamento dos intestinos e, para isso, você precisa se alimentar.

Comera apenas um pouco de mamão, tomou um gole do suco e aceitou uma bolacha, sinalizando com a mão que não queria mais nada.

Mariinha preocupava-se, pois justo quando estavam com promessa de receber alta, Evaldo voltara a apresentar o estado febril surgido logo após a cirurgia e, agora, se recusava a comer.

– Dr. Ramos também lhe pediu que se esforçasse, mesmo que estivesse sem apetite. – Lembrou Mariinha.

De nada adiantaram as queixas. Evaldo não quis comer mais do que já tinha aceitado.

Em particular, com Mariinha, Dr. Ramos mostrou-se preocupado com o retorno da febre.

– Não é nada bom. – Disse. – A senhora, que está sempre com ele, monitore isso. Independente das enfermeiras que fazem a verificação apenas em horários pré-estabelecidos, sempre que notar uma elevação de temperatura, peça a elas para verificarem e faça anotações. Quero saber se tem frequência constante.

Mariinha passou a ficar ainda mais próxima do marido, tocando seu braço, alisando seus cabelos, em contato, enfim, para sentir sua temperatura.

Os filhos também se preocuparam, mas isso não impediu que as narrativas prosperassem. Ao contrário, sentiram que o conforto e o clima amoroso trazido pelas lembranças eram esperados pelo paciente. Tanto que foi ele quem puxou o assunto naquela manhã, depois que Marivaldo chegou para ficar um pouco com eles.

– Olha aí, Mariinha: ontem você contou sobre meu acidente quando estava grávida. Pois aí está o próprio Marivaldo. Lembre para ele como foi a chegada do primeiro filho. – Pediu Evaldo.

– Vou contar, sim. Mas não é somente para ele. Você também gosta de lembrar todo aquele tempo, não é? – Brincou Mariinha, beijando sua testa. – Pois bem...

Amar é viver. É um doce prazer embriagador e vulgar...

1951... A gravidez avançada exigia esforço adicional de Mariinha para visitar Evaldo no Samdu.

Mesmo assim, ela foi assídua nos horários de visita para acompanhar a evolução do quadro até que ele fosse liberado para cumprir, em domicílio, o restante da convalescência.

A perna ainda não estava solidificada após o acidente, mas na última semana de julho Evaldo recebeu alta. Continuaria de licença médica para seções de fisioterapia até que voltasse a caminhar com segurança.

Somente de volta à casa, já acomodado em sua cama, foi que Mariinha lhe contou sobre a visão que tivera no exato momento do acidente. Cristóvão e Prazeres, que sempre atravessavam a rua para visitar e para conversar um pouco com o casal, ajudando a matar o tempo tedioso que parecia não correr para Evaldo, corroboraram a história de premonição que tinham testemunhado e Evaldo, que já conhecia casos contados pela esposa, ficou ainda mais impressionado, aprendendo a respeitar cada intuição da esposa.

Foi ainda no período de licença e permanência de Evaldo em casa que Mariinha começou a sentir dores anunciando a chegada do bebê.

Era o dia 12 de agosto.

A manhã estava quente. Evaldo caminhava lentamente, para cumprir ordem médica de movimentar-se em complemento à fisioterapia.

Mariinha alertou que pela terceira vez sentia “pontadas” agudas e que seria melhor adiantar-se em pedir ajuda à parteira, já que não poderia correr, de última hora.

Evaldo atravessou a rua, mais uma vez recorrendo aos amigos:

– Prazeres, por favor, acompanhe Mariinha aqui em casa enquanto vou chamar Darquinha para avaliar a situação. Ela está com dores frequentes já há algum tempo.

Darquinha, parteira residente no bairro, na Rua Francisco Bezerra Monteiro, três quarteirões acima, se comprometera a ficar alerta e já tinha ido olhar Mariinha por duas vezes nas últimas semanas – atendeu de imediato ao chamado de Evaldo. Voltaram os dois pela Pedro da Cunha Andrade. Ao passarem pela casa de Pedro e Francisquinha, o casal, que estava no jardim, logo adivinhou que a hora havia chegado:

– Mariinha vai ter neném? – Perguntou Francisquinha.

Evaldo não se reteve e respondeu apressado, mantendo os passos:

– Está sentindo contrações. Acho que vai sim.

Celina também veio até o portão e perguntou se precisavam de ajuda. A vizinhança que acompanhava a gravidez e tomou conhecimento da visita da parteira se mobilizou e ficou atenta.

Ao chegar em casa, Evaldo abriu o portão para a passagem de Darquinha. Prazeres os recebeu na porta e foi logo informando que ela estava deitada e que as contrações estavam ficando bem fortes.

Darquinha correu até a cozinha, lavou as mãos até os cotovelos, pediu a Prazeres que pusesse água para ferver, em quantidade – Melhor numa panela grande – recomendou, apanhando sua bolsa e dirigindo-se para o quarto. Evaldo estava de pé ao lado da cama de mãos dadas com Mariinha. A parteira “expulso-o” do quarto, pedindo para deixar que ela ficasse a sós com a parturiente. Fez o exame de “toque” e constatou dilatação completa, podendo sentir a cabeça da criança no colo do útero. Chamou Prazeres pela fresta da porta e ambas ajudaram a despir e posicionar a parturiente. Darquinha recomendou que Prazeres fizesse um asseio nas mãos pois precisaria de sua ajuda.

Quando saiu do quarto, Prazeres cruzou com Evaldo que, na sala, aguardava nervoso, de pé junto à mesa, sem saber como poderia ajudar ou o que deveria fazer.

– Como “estão as coisas”? – Perguntou, aproveitando a passagem de Prazeres.

– Parece que o neném vem aí. Fique tranquilo que Darquinha vai cuidar de tudo.

Evaldo a acompanhou até a cozinha e ficou de pé, no portal, assistindo a vizinha lavar os braços com muita espuma de sabão. Prazeres arrumou o que ele fazer:

– Por favor, vá até lá em casa dar uma olhada nas meninas que a gente cuida de tudo. Homem aqui só vai atrapalhar...
– Determinou a vizinha.

Evaldo saiu, encontrando Celina que tinha vindo oferecer ajuda. Abriu o portão para a vizinha.

– Prazeres está aí dentro com Darquinha. Pode entrar...
– Convidou.

Fechou o portão atrás de si e atravessou a rua para olhar Elba e Nice, que haviam ficado sós em casa. Tirou Nice do berço e, com a pequena no colo, voltou para o terraço, de onde poderia ficar assistindo aos movimentos, tentando adivinhar o que se passava.

Através da janela da sala, via quando Celina ou Prazeres passavam apressadas, saindo do quarto até a cozinha, voltando da cozinha para o quarto, carregando panelas com água, bacia, toalhas... Nice olhava com estranheza para Evaldo, tanto pela novidade daquele braço que só reconhecia das conversas com o pai e a mãe, tanto pela forma como a embalava, numa dança ritmada pelo tornozelo ainda dolorido e mais urgente do que estava acostumada. Por sorte, ou por gostar daquele embalo, não chorou e até sorria, sacudindo o corpo para que continuasse quando, eventualmente, Evaldo diminuía o ritmo, ao se dar conta do nervosismo que o dominava.

Com a experiência de Prazeres, mãe de dois filhos, Celina, que já tinha três, e com os conhecimentos e prática de Darquinha, tudo deu certo e correu com agilidade, considerando ser o primeiro filho da parturiente. Darquinha dava as coordenadas orientando Mariinha sobre os movimentos que deveria fazer para ajudar, fazendo força para a expulsão da criança, enquanto, de seu lado, ajudava no posicionamento e na passagem, até sentir a cabeça da criança totalmente em suas mãos e a completa liberação do corpo, que “espirrou” – contava ela depois – junto com líquido amniótico em abundância.

Com a passagem completa do rebento, Mariinha sentiu grande alívio, dizendo para Darquinha:

– Por maior que seja a dor do parto, ela é suportável, porque tem um sentido ao deixar, como resultado, uma criança no mundo. – Mariinha gostava dessa frase.

Darquinha cortou o cordão umbilical, virou o bebê apoiando o tórax em suas mãos para bater levemente em seu bumbum, fazendo-o sorver uma golfada de ar e descolar os pulmões.

O choro ecoou do quarto para fora até o outro lado da rua. Evaldo ouviu aliviado, suspirou e deixou uma lágrima formar-se em seus olhos. Não era de todo afeito a orações, mas estava se acostumando com a atitude de gratidão de Mariinha e elevou aos céus um agradecimento por estar tudo acontecendo a contento.

No quarto da parturiente, depois de concluídos os procedimentos de praxe e de maior urgência, Darquinha informou:

– Um menino! Está bem saudável, bem formado e com os pulmões bem fortes! – Disse com jeito de repreensão ao recém-nascido cujo choro inundava a casa.

Mariinha sentiu uma lágrima escorrer de seus olhos e agradeceu a Nossa Senhora de Fátima pelo acréscimo da família.

A parteira passou o bebê às mãos de Prazeres para os primeiros cuidados e limpeza enquanto concluía a ajuda a Mariinha.

Evaldo tomou as mãos da pequena Elba e a convidou para ver o bebê que chegara. Atravessaram a rua, os três, Evaldo e Elba de mãos dadas e Nice no colo dele.

Em casa, esbarrou em Celina que saía do quarto carregando algumas roupas para a lavanderia. A vizinha lhe sorriu e parabenizou informando que era um menino e que ambos, mãe e filho, estavam bem...

Evaldo aguardou na sala, até que Prazeres abriu a porta do quarto, parabenizou Evaldo e foi cuidar de sua própria higiene.

Logo após surgiu Darquinha, soltando das costas o laço do avental que utilizava nessas ocasiões:

– Parabéns Evaldo, vocês têm um lindo e saudável menino. Pode ir ver sua esposa. Eles estão na cama se reconhecendo. Estão muito bem.

Evaldo foi entrando, ainda conduzindo Nice nos braços. Prazeres, que retornava da lavanderia, apressou-se em tomar a criança de suas mãos, deixando-o livre.

Evaldo entrou devagar e Mariinha acenou para que ele se aproximasse: - Venha ver nosso filho, que lindo...

Evaldo inclinou-se, beijou Mariinha... sentou-se na beira da cama e debruçou-se sobre o recém-nascido, embrulhado em lençóis, somente com o rostinho de fora. Afastou o lençol sobre a cabeça do bebê e alisou seus cabelos que enchiam a cabeça por inteiro. Mariinha acompanhou o gesto de carinho com os olhos. Estava cansada, mas feliz. Ambos voltaram a se olhar emocionados e felizes.

Darquinha entrou no quarto, terminando de organizar seus instrumentos de trabalho na bolsa, enquanto passava às recomendações:

– Compre uma Água Inglesa para ela beber ainda hoje. Muito repouso nas primeiras 48 horas e boa alimentação. Pode iniciar a nutrição do bebê oferecendo o peito conforme já conversamos nos encontros que tivemos antecipadamente. Acho melhor vocês pedirem para uma pessoa mais experiente vir ajudar vocês nos primeiros dias. Qualquer coisa, podem bater na minha porta a qualquer hora que estarei disponível.

Foi até o bebê e deu mais uma olhada antes de sair – Lindo – disse. Passou carinhosamente a mão na testa de Mariinha:

– Você é forte e é boa parideira. Parabéns e se cuide. – Apertou em seguida a mão de Evaldo:

– Parabéns papai, como é o nome da criança? – Perguntou.

– Marivaldo – respondeu, quase em uníssono, o casal. Já haviam combinado que, se fosse um menino, teria o nome formado pela junção de seus nomes Maria e Evaldo.

Celina também cumprimentou o casal e aproveitou para sair junto com Darquinha.

Prazeres, com Nice no colo e Elba ao seu lado, mostrou o bebê às crianças, demorou-se mais um pouco, cuidando de detalhes de arrumação, e avisou que traria almoço para Evaldo e uma canja para Mariinha.

– Qualquer coisa que precisarem é só gritar da janela que atravesso a rua. Agora tenho que ir cuidar dessas garotas. – Disse e saiu.

Evaldo e Mariinha ficaram a sós. A casa agora tinha três habitantes. Sorriam felizes, ambos com as mãos encontradas sobre o peito do recém-chegado.

Domingo, 24 de junho de 2007

HOSPITAL GERAL. 07h00.

O domingo amanheceu com um cheirinho de fumaça no ar. Aquela região da cidade tinha poucas residências, além de ser totalmente pavimentada ou até asfaltada, o que inibia a tradição das fogueiras de São João. Mesmo assim, as fogueiras acesas na véspera, teimando em manter a comemoração junina – muito viva na cidade, no estado e em toda a região nordeste – deixavam o dia seguinte com esse cheirinho delicioso. Saudoso, também, pois a família de Evaldo e Mariinha sempre faziam sua fogueira e suas comidas típicas.

Na bandeja do café da manhã do hospital, um pedaço de bolo de milho dava o clima junino, lembrando os festejos também aos enfermos e acompanhantes.

Evaldo comeu um pouco mais, apesar de ter tido febre intermitente durante a noite. Parecia estar bem disposto e animado.

Para sua surpresa, Newton tinha vindo de Natal para visitá-lo.

Quando apareceu na porta do quarto, Mariinha foi abraçá-lo. Depois da higienização, o filho aproximou-se da cama para beijar a testa do pai, fazer-lhe um carinho e pôr em dia as notícias sobre sua saúde.

– Por aqui tem “rolado” umas sessões saudosistas, relembrando desde a nossa juventude até o nascimento de Marivaldo, que foi o “capítulo” de ontem. – Disse Evaldo, esforçando-se para demonstrar animação.

– Veio a calhar a sua vinda, hoje, porque podemos tratar da chegada do segundo filho – Sugeriu Fátima, que tinha chegado junto com o irmão.

– É verdade. Newton nasceu no Ceará. – Começou Mariinha. – Passamos um ano em Fortaleza. Mal tínhamos começado a desfrutar de nossa casa própria e surgiu essa mudança por conta do trabalho de Evaldo. A notícia da viagem chegou quase ao mesmo tempo da confirmação de gravidez.

Aos domingos na capela, bota a saia de algodão...

1952... No aniversário de um ano de Marivaldo, vieram os avós, tios e tias para um almoço no domingo, 17, uma vez que o aniversário, dia 12 de agosto, havia caído numa terça-feira. Evaldo e Mariinha tinham motivos bastante para economizarem, mesmo assim organizaram o almoço, pois, além da comemoração, queriam anunciar duas novidades para os seus familiares.

A casa esteve cheia e muito alegre, com todos tios e tias do aniversariante, tanto da parte de Mariinha quanto de Evaldo e, por incrível que pareça, havia também um tio de mesma idade: Dona Bela, mãe de Mariinha, tinha tido neném quase igual com a filha: Maurício, também com um ano de vida, era tio do aniversariante.

Mariinha preparou galinha a cabidela, lombo recheado e peixe para o almoço. Sempre foi seu costume, nessas ocasiões, deixar opções para que os convivas pudessem fazer escolhas. Todos os visitantes também trouxeram alguma coisa para viabilizar o serviço naquele evento.

A mesa foi posta no quintal lateral da casa. Antes do almoço, petiscos e cervejas acompanharam as conversas animadas. Pelo lado de dentro, as mulheres se alternavam entre preparar pratos de petiscos, que eram entregues pela janela da sala nas mãos dos alegres e falantes convidados, e ultimar o almoço.

Depois que Mariinha amamentou o bebê e o pôs para dormir, encostando a porta para preservar do barulho o ambiente onde também dormiam os primos, Jeferson (de Dinaldo e Regina) e Augusto (de Irene e André) além do tio, Maurício – verdadeira creche supervisionada pelas mães que se alternavam nos cuidados com os pequenos.

Mariinha, de pé, recostou-se em Evaldo que ocupava a cabeceira da mesa improvisada com uma porta sobre cavaletes, para comportar todos os convidados. Evaldo a abraçou pela cintura e, com uma faca, tocou algumas vezes no gargalo de uma garrafa, chamando a atenção dos demais que, aos poucos, foram encerrando os diálogos paralelos para dar atenção ao anfitrião.

– Atenção, por favor... nós temos notícias que queremos compartilhar com todos... – Anunciou Evaldo.

Na outra ponta da mesa, Toinho, com seu vozeirão grave, também tocou no gargalo de uma garrafa próxima, cobrindo a todos os que ainda teimavam em manter a conversação, para que prestassem atenção ao cunhado...

Fez-se uma pausa e todos olharam para Evaldo e Mariinha.

– Primeira notícia – Evaldo olhou sobre os ombros para Mariinha e trocaram olhares cúmplices – nós estamos esperando a chegada de um segundo bebê!

A algazarra voltou a se estabelecer, brindes foram propostos, risos acolheram a boa nova, perguntas de espanto cruzaram o ar...

Evaldo pôs a mão sobre o ventre de Mariinha que em seguida o acompanhou pondo suas mãos sobre as dele.

Evaldo bateu novamente na garrafa e continuou – Ainda não dá para notar perfeitamente, mas Mariinha já deve estar entrando no quarto mês. Só tivemos certeza na semana passada. Se for assim, em janeiro teremos mais um bebê!

– Um brinde ao novo Andrade – propôs Milton, erguendo seu copo...

– Um brinde ao mais novo Barreto Lins – comprou a briga Irene, irmã mais velha de Evaldo, que estava ao lado de André, seu marido, puxando assim o sobrenome para o outro ramo genealógico do casal.

Todos riram e fizeram um brinde. As cunhadas vieram abraçar Mariinha...

Toinho deixou correr solta a comemoração por alguns minutos, mas depois, levantou-se e ergueu novamente o vozeirão cobrando:

– Mas eram duas notícias que seriam anunciadas... qual a segunda notícia? Vamos ouvir?

As vozes foram novamente abrandando...

– Com a palavra, Evaldo. – Milton decretou, contente.

Evaldo agora levantou-se e pôs o braço sobre o ombro de Mariinha. Estava visivelmente “alegre” sob efeito da bebida.

– Bem... – demorou um pouco – esta segunda notícia também é uma notícia recente para nós dois. Eu só tomei conhecimento anteontem... – Olhou para Mariinha e, através desse olhar, passou para ela a palavra.

– Nós vamos passar uma temporada em Fortaleza, no Ceará. Evaldo vai a trabalho e talvez seja um ano ou até pouco mais que isso...

Desta feita, todos ficaram mudos. Se entreolharam...

– Vai ser bom para eles, gente. Evaldo vai por reconhecimento do seu trabalho – afirmou Dolores.

Toinho brincou, acusando a irmã de Evaldo:

– Ei como é que você sabe?

– Mariinha já nos contou, lá na cozinha, enquanto vocês estavam aqui bebendo... Nós, mulheres, acabamos sendo as primeiras, não é cunhada? – Defendeu-se Dôra.

– Isso é traição, Evaldo. Não pode. A notícia foi antecipada... – Bradou Toinho, brincalhão.

Todos riram, brindaram e cobraram detalhes, voltando a mesa ao alvoroço do encontro, enquanto o almoço era servido.

– A empresa vai abrir uma filial em Fortaleza e selecionou alguns dos funcionários mais experientes em cada processo de trabalho, para passarem o primeiro ano fazendo a capacitação do novo quadro que será admitido por lá. É uma forma de manter o padrão de trabalho – Explicava Evaldo, enquanto todos se serviam, ainda surpresos.

– E quando vocês irão? – Perguntou Zeca.

– Já no próximo mês de outubro. - Respondeu Evaldo.

– Então, Mariinha vai ter neném em Fortaleza? Vamos ter um cearense na família! – Comentou Áurea.

– E a casa? Como vão fazer com a casa neste período? – Perguntou Almerinda.

– Ainda não tomamos esta decisão. – Respondeu Evaldo
– O fato é que nossa permanência em Fortaleza tem duração limitada e, com certeza, voltaremos ao Recife. Assim, temos que manter a casa, mesmo que seja fechada.

– Só não queremos alugar, pois inquilinos podem ser um problema quando de nosso retorno – Completou Mariinha.

A conversa continuou animada até por volta das 16 horas, quando os últimos convivas se retiraram, deixando o casal sozinho.

– Mariinha, o que você acha de conversarmos com o compadre Írio para ele ficar aqui em casa? – Perguntou Evaldo, enquanto organizava os espaços, desfazendo a mesa improvisada no oitão. – Fiquei pensando nesta possibilidade desde que

o assunto surgiu. Ele está passando por um momento difícil e poderia ficar aqui durante este ano. Cuidaria da casa e economizaria o valor do aluguel.

Mariinha cuidava de dar banho em Marivaldo que, mergulhado na bacia de alumínio sobre o balcão, espalmava alegremente sobre a água, que espirrava, molhando toda a cozinha.

– É uma boa lembrança. Mas teremos que obter dele o compromisso de sair tão logo retornemos, senão seremos nós que ficaremos com o problema...

– Vamos conversar com ele sobre esta ideia e poderemos tomar uma decisão, afinal. – Completou Evaldo.

O dia tinha sido cansativo, com todos os preparos de almoço, organização e a presença de tantos irmãos, cunhados e crianças...

Evaldo não tinha costume de beber e bastou um pouco de cerveja durante o encontro para deixá-lo sonolento. Depois de um banho, deitou-se e dormiu direto, noite adentro.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

17 de agosto de 1952. No último dia 12, Marivaldo completou um ano de vida. Hoje vieram os avós e tios para almoçar conosco. Pela primeira vez recebemos os parentes para uma reunião de almoço, desde que viemos morar no Engenho do Meio. Evaldo aproveitou para comunicar a viagem para Fortaleza e a minha gravidez, da qual só tivemos certeza na semana passada porque minha menstruação sempre foi muito irregular, com intervalos de até três meses, mas chegando ao quarto mês de atraso, junto com enjoos, fui ao médico e a gravidez foi confirmada.

Muito feliz e agradecida a Nossa Senhora de Fátima por mais este rebento do nosso amor. Que venha com saúde e sintase acolhido em nosso lar, com a Graça Divina.

Ele se vai então, mas deixa a alma no Rio...

1952... O carro de praça estava na porta e Evaldo carregava as malas com a ajuda do motorista.

Mariinha já estava no sexto mês quando embarcaram para Fortaleza e a barriga não permitia que ela ajudasse com a carga pesada, assim, permanecia à parte, cuidando de Marivaldo, ambos muito arrumados e bem vestidos para a viagem.

Cristóvão, ao lado de Evaldo, ajudava no que podia, apesar de serem apenas quatro malas grandes e algumas sacolas de mão com as coisas do bebê para as primeiras necessidades.

Prazeres permanecia ao lado de Mariinha, emocionada com a despedida, desejando que tudo desse certo e que voltassem rápido.

– Não deixe de me escrever dando notícias da chegada... e mande o endereço onde vão ficar para que possamos nos corresponder... Ah, também não deixe de me avisar sobre a chegada do bebê... – alisava a barriga de Mariinha – Deus te dê uma boa hora... – Desejava com preocupação, por saber que no Ceará não havia parentes que ficasse com ela quando tivesse ninguém.

Lá da esquina oposta, no final da rua, Agenilda, encostada no portão de sua casa, com seu filho, Denizard, também de um ano, no colo, acenou para se despedir, olhando a arrumação.

Tudo organizado no táxi, Evaldo entregou a Cristóvão a chave da casa.

– Pronto meu amigo. Aqui está. Írio, que você já conhece, deve vir ainda esta semana procurar as chaves com você. Ele vai ficar aqui durante a nossa ausência. Espero que vocês façam amizade e que dê tudo certo.

Se abraçaram. Depois Evaldo abraçou Prazeres, afagou a cabeça de Elba que estava ao redor do carro preto, curiosa com tudo aquilo.

Mariinha deu um beijo em Prazeres e recebeu o abraço de Cristóvão. Acenou um adeus para Agenilda e embarcou pela porta traseira, organizando as sacolas para se ajustar confortavelmente com o bebê, mas também para se ocupar de alguma coisa que desviasse a emoção do momento, para que as lágrimas não desfizessem a maquiagem que, mesmo discreta, delineava seu rosto.

Evaldo tomou assento no banco dianteiro, ao lado do motorista.

– Até breve, amigos, no que pudermos tomaremos conta de sua casa. Um ano passa rápido e logo nos veremos. Boa viagem e não deixem de escrever – Dizia Cristóvão enquanto segurava a porta com as duas mãos, quase se debruçando para dentro do carro, um misto de quem também quer ir, com algo do tipo retardar a partida dos amigos. Finalmente largou a porta e se afastou para deixar o carro manobrar para, depois, arrancar em frente, pela Amaro Lopes Madeira.

Mariinha olhou por sobre os ombros para a sua casa fechada, ali na esquina das ruas. Depois olhou na direção da casa de Celina e a viu varrendo a rua em frente à sua casa. Na verdade, ao perceber a manobra do veículo, tinha dado uma pausa apoiando-se na vassoura para apreciar a partida dos amigos. Seus olhares se cruzaram quando o carro tomou o rumo e ambas acenaram um adeus carinhoso.

Mariinha tornou-se introspectiva, concentrando os olhos na rua à sua frente. Estava rezando, entregando sua casa nas mãos de Nossa Senhora de Fátima e pedindo proteção para a viagem que ora se iniciava.

Cristóvão e Prazeres ficaram parados no meio da rua, olhando o veículo se afastar ziguezagueando para evitar buracos na rua. Quando o carro chegou na esquina da Antônio Curado, ligou a seta para a direita e fez uma breve pausa, aguardando a passagem de outro veículo. Evaldo, da janela dianteira e Mariinha, no assento traseiro, aproveitaram a parada para acenar aos amigos que responderam com um adeus emocionado.

O carro arrancou, agora mais rápido, já que estavam sobre o calçamento, e desapareceu na divisa da casa de Isavan.

Vou indo, caminhando sem saber onde chegar...

1952... No porto do Recife, todo o movimento era muito estranho para o casal. Conheciam o cais, é verdade, mas aquela área da cidade era sempre evitada pelas famílias, pois, desde algum tempo, por ali vinham se instalando cabarés e casas de tolerância, que, mesmo à luz do dia, permitiam a algumas mulheres de aparência vulgar ficarem nas calçadas ao lado da entrada de bares, em cujo interior se avistavam vitrolas de fichas.

– Esse tipo de coisa deveria ser mais coibido – Comentou Evaldo com o motorista – a polícia deveria agir com mais energia, afinal, por aqui também transitam pessoas de bem e famílias. Muitos órgãos públicos ficam nesta área, inclusive a Bolsa de Valores e bancos.

– É mesmo uma pouca vergonha e muito descaso das autoridades. – Respondeu o motorista, enquanto deixava para trás a Ponte Buarque de Macedo, e, em seguida, virava à esquerda, da Avenida Rio Branco para a Av. Alfredo Lisboa, aguardando antes a passagem de um bonde que tomava a direção oposta.

Passaram pela Torre Malakoff, de observação astronômica, ao lado da Praça do Arsenal, ladeada de prédios com belas fachadas em estilo gótico, detalhes que Mariinha achava bonito, é verdade, mas nunca olhara com tanta admiração como agora que estava prestes a deixar a cidade em busca de outro destino.

O táxi estacionou em frente ao terminal de Passageiros do Porto do Recife. Evaldo abriu a porta traseira e deu a mão para ajudar Mariinha a sair do carro com Marivaldo, que dormira durante o trajeto. O motorista abriu a mala do auto e pôs as bagagens no chão, enquanto Evaldo dedilhava sua carteira para entregar ao motorista a soma acordada.

Um estafeta da Marinha estava de pé junto ao portão de acesso, usando boina e camiseta, com as mãos para trás quase em posição de sentido. Percebendo que o casal se destinava a embarcar, acudiu em sua direção, oferecendo-se para carregar as malas, orientando-os a segui-lo.

Atravessaram um corredor ladeado, à esquerda, por colunas arqueadas, que mostravam um jardim bem cuidado, com uma âncora decorando o pátio. À direita, enormes janelas abertas para o interior do prédio, onde se movimentavam marinheiros, estafetas e burocratas, entre pessoas que deviam ser passageiros: casais e crianças, numa sala de espera aconchegante, tudo em tonalidade branca, nas paredes, e azul, nas portas e janelas.

Entraram por uma porta ao final do corredor, de onde se avistava uma mureta, para além da qual o mar azul ondulava e um navio de porte médio balançava ancorado. Dentro da sala, um balcão bem torneado, em mogno escuro, por trás do qual alguns marinheiros e duas ou três moças recepcionavam os visitantes.

O ajudante depositou as malas no chão em frente ao balcão e Evaldo apresentou-se, exibindo documentos e passagens para as recepcionistas, enquanto Mariinha dirigiu-se a uma poltrona para se acomodar com o filho que acordara e olhava para tudo, em reconhecimento, curioso e sem entender onde estava.

Depois de algum tempo, anunciaram que o embarque fora liberado.

A saída do prédio conduzia diretamente ao cais. Passando por uma ponte de madeira com laterais de corda, à guisa de corrimão, acessava-se o convés do navio. Evaldo pôs suas mãos em Mariinha para ajudar no equilíbrio, pois a ponte balançava vez ou outra, ao influxo da maré. Mariinha agarrou fortemente seu bebê no colo e, a passos lentos, galgou a passarela, pisando finalmente no convés, onde os movimentos do mar não eram tão percebidos.

Foram conduzidos por um marinheiro, que caminhou por um corredor a bombordo, acompanhando o cais à sua esquerda. Subiram um lance de escada e ingressaram em outro corredor, com portas de ambos os lados, todas abertas, possivelmente aguardando os passageiros ocupantes das cabines. Em frente à cabine 22, o marinheiro parou e apresentou ao casal o aposento que lhes tinha sido reservado. Deu algumas orientações. Avisou que a viagem se iniciaria dentro de 40 minutos e demoraria três dias até o seu destino. Desejou boa viagem e se pôs à disposição, retirando-se em seguida.

Evaldo fechou a porta e ambos examinaram o ambiente. Duas camas metálicas separadas, encostadas nas laterais opostas do cômodo, que teria no máximo dois metros e meio em cada um dos seus lados. Acima da cama à sua esquerda, um armário com abertura para cima, na direção do teto muito baixo: somente um palmo acima da estatura de Mariinha. Uma lâmpada central, dentro de uma grade metálica, com uma luz amarelada que, vez em quando, oscilava de intensidade. Acima da cama situada à direita, duas janelas redondas mostravam o mar e o horizonte. Olhando para elas a sensação de balanço aumentava, pois a referência com a linha de horizonte mostrava a variação de altura, ora acima, ora abaixo das janelas. Toda a estrutura metálica era pintada de uma cor cinza escura, até a altura de metro e meio, e azul claro, daí para cima. O teto era branco e o contraste dava uma impressão de profundidade um pouco maior. Pelo menos tudo estava muito limpo e organizado, os lençóis cheiravam a limpeza e estavam todos embalados em plástico, dando a impressão de estarem lacrados desde a lavanderia.

Marivaldo deveria dormir entre Mariinha e a lateral da embarcação.

Naquela fase de gravidez, os enjoos naturais do período haviam passado, mas Mariinha evitou olhar pelas janelas, com medo de sentir tontura e ânsia de vômito, apesar de ser bastante resistente a esses sintomas: quando ocasionalmente uma comida lhe fazia mal e ela até preferia “pôr para fora”, chegava a beber água aferventada, ainda quente, para provocar vômito.

Mal tinham guardado suas coisas no armário, diretamente dentro das malas, pois não havia espaço para muita organização de roupas e acessórios, um estafeta bateu à porta e anunciou que todos deveriam se apresentar no convés antes da partida.

Mariinha e Evaldo saíram da cabine com o filho. No corredor alguns marinheiros se posicionavam, encostados nas paredes, a cada dois metros aproximadamente, apontando para os passageiros o caminho a ser seguido, enquanto o que lhes chamara seguiu corredor acima, batendo nas portas para a convocação dos demais.

No convés espaçoso, várias pessoas já aguardavam, observando os detalhes da embarcação ou conversando entre si. Um casal de meia idade acompanhado de duas crianças, aproximou-se e iniciavam uma conversa distraída, quando o capitão chamou a atenção de todos para sua fala.

Usando uniforme que impunha respeito, com cabelos grisalhos aparecendo sob o quepe identificado com um emblema dominado por uma âncora, o Comandante transmitia simpatia, respeito e confiança.

– Bom dia para todos. - Cumprimentou cordialmente, posicionado em uma plataforma pouco mais elevada, permitindo a todos vê-lo enquanto falava - Sejam bem-vindos a bordo do Singramares-BR, todos os que embarcaram no Recife. Aos demais, que já estavam conosco, renovo meus cumprimentos. Meu nome é Capitão Serejo! Eu e minha tripulação estamos a seu dispor e muito felizes de tê-los a bordo.

Marivaldo resmungou no colo de Mariinha e esticou-se, prestes a acordar para o almoço. Ela o acomodou e balançou o bebê, dançando ao embalo do jogo do mar, para evitar que ele começasse a chorar exigindo a refeição.

O Capitão fez uma demonstração dos equipamentos de segurança e dos comandos e apitos que seriam ouvidos em diversas situações, orientando como os passageiros deveriam se

comportar nessas ocasiões. Informou horários e regras de refeições e anunciou que partiriam imediatamente após cumprir os ritos normativos na capitania, dispensando a todos, em seguida.

Evaldo e Mariinha recolheram-se para sua cabine acompanhando o casal recém conhecido. Os meninos vinham ao lado, interessados em tudo, fingindo ser marinheiros.

– Você sabe como posso fazer as refeições do bebê? – Perguntou Mariinha, sabedora da maior experiência da nova amiga. – Eu trouxe leite em pó e outros produtos necessários, mas preciso de água quente...

– Ah, isso é fácil. O pessoal de apoio, nos corredores e na cozinha, é muito atencioso. É só pedir a um deles e você terá o que for necessário – Informou Anália.

Chegaram à frente da cabine 22. Evaldo abriu a porta e o casal, com as crianças, se despediu, seguindo pelo corredor.

– Boa viagem, nos veremos. – Cumprimentou Evaldo.

Um apito grave e longo soou. Após um minuto, novo apito e o navio começou a mover-se. Evaldo foi até a pequena janela redonda de onde pôde avistar um rebocador soltar fumaça pelo esforço de movimentar o navio de maior porte. A embarcação foi tomando direção para afastar-se do cais em marcha lenta. Fez um grande círculo até sair da barra dos arrecifes. Já fora da barra, em mar aberto, o rebocador completou o giro até pôr a proa do navio na direção norte, fazendo com que as janelas da cabine, que antes miravam o horizonte, agora avistassem o bairro do Recife a bombordo, tal como anunciara o comandante. A marcha tornou-se mais lenta até uma parada total. O rebocador liberou-se das cordas de amarração e afastou-se do navio. Trocaram um longo apito, primeiro o rebocador, depois o Singramares-BR, como um cumprimento de despedida ou desejo de boa viagem.

O rebocador soltou uma lufada de fumaça e começou a ganhar mais velocidade, agora liberado do peso que empurrava, retornando ao cais.

O Singramares estremeceu quando seus motores foram acionados com maior aceleração e começou a cortar as ondas, ganhando velocidade, deslizando próximo à costa de onde se reconhecia a Praça do Marco Zero, os prédios do Banco Central, a Torre Malakoff, o Forte do Brum, o farol na direção da Ilha do Maruim e foi se afastando cada vez mais... agora, mal dava para ver as igrejas de Olinda nos altos dos morros da cidade, até perderem de vista o continente...

A partir dali estabeleceu-se uma rotina naqueles dias, apenas saindo da cabine para as refeições ou pequenos passeios, ocasionalmente encontrando o casal que haviam conhecido ou outros passageiros com quem trocavam impressões. Não podiam se dedicar muito ao lazer, pois se revezavam nos cuidados com o bebê.

O receio de enjoo não se confirmou. Até que o navio tinha uma boa estabilidade. Somente dava uma impressão maior de balanço quando se punha os olhos no horizonte em comparação com as escotilhas ou com a varanda do navio, evidenciando a oscilação.

O céu já estava alaranjado para o pôr do sol quando o serviço de som do convés anunciou que os prédios que começavam a surgir a bombordo eram da cidade de João Pessoa, onde atracariam em meia hora. Muitos se dirigiram à murada esquerda ou à proa para verem a cidade emergir das águas, até que o navio aportou já com a cidade totalmente fora do alcance, no Porto de Cabedelo.

Era noite, por volta das 20 horas, quando o navio soou o apito de partida rumo a Natal.

Depois de jantarem houve uma programação de seresta no convés. O casal ainda ficou por uma hora ouvindo músicas e conversando. Evaldo tomou uma taça de vinho. Marivaldo começou a dormir nos braços de Mariinha e o casal preferiu se recolher.

À noite, Mariinha não conseguiu dormir. Sentia o balanço das ondas e o motor do navio vibrando nas paredes metálicas

da cabine. Ouvia o ronco de Evaldo, que não perdeu o sono. Marivaldo se mexia na cama, virava de lado a todo tempo, e Mariinha pôs um lençol dobrado e um travesseiro encostado contra a parede. Passou a noite olhando o filho e rezando para que sua estada em Fortaleza fosse tranquila. Imaginava o lugar onde iriam morar. Lembrava da casa no Recife e se perguntava se Írio tomaria conta de tudo. Pedia a proteção de Nossa Senhora de Fátima. Alisava a barriga para que o novo rebento viesse com saúde.

Enfim, o dia começou a clarear e ela teve coragem de olhar pelas escotilhas sobre a cama de Evaldo. Como tinha visão de bombordo, não conseguia ver o nascer do sol, mas na água a alvorada se refletia, alaranjando as ondas tranquilas. No horizonte dava para avistar morrotes cobertos de vegetação ou com o topo descoberto em dunas brancas que lembravam os picos nevados de lugares frios. O sol também começava a refletir naquelas dunas de areia. Olhou para o pequeno relógio de pulso. Cinco horas e quinze minutos.

Evaldo acordou e a viu naquela concentração, sentada na beira da cama, uma mão para trás tocando seu filho para não perder o contato. Os olhos dilatados como sempre ficavam quando ela saía de si mesma para mergulhar em reflexão. Ela nem percebeu que ele acordara e lhe olhava. Com certeza estava rezando e ele pensou como era bonita aquela imagem de mulher, grávida, iluminada pela luz alaranjada que entrava pela escotilha.

Depois de algum tempo olhando seu vulto, propôs:

– Quer ir para o convés para apreciar o sol nascente?

Mariinha despertou do transe, olhou em sua direção:

– Você já está acordado? Não tinha percebido.

– Acordei agora há pouco e estava lhe olhando aí, concentrada. Adivinhei que estaria rezando. E então, quer ir ver o sol nascer no mar? – Repetiu o convite.

Ela virou-se para confirmar o sono de Marivaldo, e falou baixinho:

– Ele ainda está dormindo e deve estar frio para levá-lo para fora.

Acomodou seu travesseiro e o lençol para que o bebê não se virasse na direção da beira da cama e foi saindo suavemente para não o despertar. Evaldo continuava deitado, apreciando a tarefa da esposa.

Mariinha ergueu-se suavemente da cama e ficou alguns minutos de pé, certificando-se de que a respiração do bebê ainda era de sono profundo. Ele nem se mexeu. Continuou dormindo e sugando a própria língua, embalado pelo balanço do navio.

Mariinha deu um passo na direção da cama de Evaldo, sem tirar os olhos da criança. Evaldo apertou-se junto da “parede” deixando espaço para ela, que abriu mão de olhar a criança para se aconchegar, deitando-se no calor dos lençóis de Evaldo.

Estava exausta pela noite insone, mas bem desperta com todas aquelas novidades. Aproximou mais ainda o corpo ao do marido e deixou-se embalar pelo ritmo do mar.

Por volta de seis e meia da manhã, Mariinha já havia dado banho e preparado o mingau do bebê. Estavam prontos para o café da manhã, quando sentiram que o navio parara, num tranco rápido, mas sem impacto. Evaldo e Mariinha olharam pela escotilha e viram uma cidade a bombordo e uma bela fortaleza totalmente cercada pela água do mar. Subiram ao convés. Soprava uma brisa fria. Era a cidade de Natal. O comandante estava no passadiço junto com outros passageiros e tripulantes e informava:

– Esse é o forte dos Reis Magos, marco da fundação da cidade de Natal.

O navio estava fora da barra, onde o mar quebrava forte nos arrecifes, fazendo com que a embarcação subisse à passagem das ondas, para depois baixar, enquanto se avistava uma pista lisa de água que ia, da direção do navio até as pedras, onde batia e quebrava em espirro de água e espuma que subiam tão alto a ponto de inibir a vista do Forte.

O Porto de Natal ficava adiante, no Rio Potengi. Um farol flutuante marcava a entrada da foz do rio, onde jazia a perigosa Pedra da Bicuda. Um rebocador vinha descendo o rio na direção do navio, para puxá-lo até o porto fluvial, passando com segurança pela tal pedra que representava perigo à navegação.

Após saírem de Natal, perderam o contato com a costa durante o resto do dia e ainda por toda a noite.

Pela manhã, Mariinha subiu com Evaldo para apreciar o sol nascente. Depois do café da manhã ficaram no convés por bastante tempo, em espreguiçadeiras posicionadas para observação. Mas a paisagem não mudava. Era sempre água e mais água que a deixava impaciente. Até que, por volta das nove da manhã o navio tomou rumo da costa, que foi aos poucos aparecendo e crescendo, com enormes dunas brancas, depois alguns prédios da cidade de Fortaleza.

Toda a bagagem já estava arrumada e o casal ficou no passadiço observando a cidade que os esperava.

Foram mais de meia hora margeando praias de areias brancas. Alguns edifícios altos eram avistados do navio, que parecia estar se afastando para passar direto de seu destino, singrando em frente, até que uma manobra ainda mais lenta, num giro de 180 graus, indicou que tomavam a direção certa. Olhando para a proa da embarcação, via-se, agora sim, os prédios altos e imponentes se agigantando.

A partir daí o navio parecia avançar diretamente para a cidade, com sua proa apontando para a região mais central, como se a enfrentasse. Aos poucos a marcha foi se reduzindo até que o Singramares-BR parou seus motores e estacionou, aguardando para ser rebocado para a atracação em um cais que

avançava, perpendicularmente, mar adentro. Ficou assim por dez minutos. Parecia intimidado pela cidade que encarava.

O rebocador saudou o navio com um apito grave, que foi correspondido pelo Singramares-BR.

Depois de um leve impacto a estibordo com a amarração do rebocador, voltaram a se mover, deslizando lentamente com a força da pequena embarcação que puxava o navio, dirigindo-o para a Ponte Metálica, na Praia de Iracema.

O Comandante Serejo, que assistia à manobra, conversava com os circunstantes:

– Vocês têm sorte de desembarcar aqui, pois, apesar da estrutura estar exigindo reformas, é bem central, enquanto está prestes a ser inaugurado o novo porto, na Enseada de Mucuripe, que vai ser bem equipado, mas dista cerca de seis quilômetros do centro da cidade. Já agora, em 53, ele será inaugurado, sendo este o último ano de operação da Ponte Metálica, que, mesmo sendo uma bela estrutura, está aqui há cerca de um século - Informou.

O navio aportou e o desembarque foi autorizado. Mariinha e Evaldo se despediram de pessoas que lhes tinham ficado mais próximas e se prepararam para descer. O Comandante Serejo e um contingente da tripulação, enfileirados próximos à descida, agradeciam a companhia durante o trajeto, desejando boa permanência em terra, para os que desembarcavam.

Mariinha orou pedindo à Virgem Maria que transformasse aquele agouro em realidade.

Desceram no cais, assemelhado a uma ponte estreita, e nele fizeram uma longa caminhada, com Mariinha protegendo Marivaldo do sol forte daquela manhã, até chegarem em terra firme, para ingressarem, de fato, na estação de Terminal de Passageiros.

– Realmente essa estrutura precisa ser melhorada – Reclamou Evaldo.

Mariinha pisou o chão com o pé direito e ergueu uma prece pedindo bênçãos para a temporada naquela cidade.

Estavam em Fortaleza.

Segunda-feira, 25 de junho de 2007

HOSPITAL GERAL. 06h50.

Newton retornou a Natal na madrugada. Estava no período de planejamento pedagógico para o segundo semestre na Universidade onde exercia a direção do Curso de Administração. Suas vindas ao Recife ficavam limitadas aos finais de semana ou férias. No meio do ano tinha recesso acadêmico com suspensão das aulas, mas as atividades administrativas continuavam.

Quando ele se despediu, no domingo, Evaldo estava com febre e dormia sob efeito de antitérmicos que o deixavam sonolento.

Mariinha aproveitou que o marido estivesse dormindo para conversar com o filho sobre sua preocupação com o retorno da febre, que também era objeto de atenção do médico que o acompanhava.

Newton viajou preocupado com a saúde do pai, justo agora, quando havia a possibilidade da alta hospitalar.

Fátima veio logo cedo para acompanhar sua mãe. Luiz Carlos também se organizou para passar uma parte do dia com os pais.

Evaldo continuava sonolento, sob efeito dos remédios. Esse era mais um motivo para continuarem conversando, visto que, ouvindo a voz de Mariinha, ele se sentia seguro de sua presença.

– Foi bom Newton ter vindo ontem, justo quando lembramos a nossa viagem para o Ceará. Foi um período tranquilo o que passamos em Fortaleza quando ele nasceu. – Contou Mariinha. – Apesar de que sentimos uma certa ansiedade até nos

adaptarmos. Muitas coisas são diferentes nos costumes e na estrutura da cidade. Foi em Fortaleza que comemos pela primeira vez mungunzá cozido com mocotó de boi. Dá para perceber a diferença cultural?

Fátima fez uma careta, franzindo a testa.

Sempre no meu coração, perto ou longe estarás...

1952... Para o turista, chegar em lugar novo representa muitas oportunidades, dado à urgência de aproveitar cada momento, conhecer e desfrutar ao máximo. Isso acarreta alegria e descontração.

Porém, a pessoa que chega para ficar, mesmo não sendo de forma definitiva, ao pisar o chão, tem o corpo presente, mas a mente viaja no tempo produzindo sentimentos de ansiedade:

– O que me aguarda? Será que vai dar certo? Serei bem recebida? – Divagava Mariinha.

Apesar da fé, era esse o móvel de seus pensamentos naquela ocasião. Rezava, sim, porém, assustada e ansiosa. Muito mais pedindo força e proteção para o enfrentamento do novo, do que apoio para os projetos imediatos e de futuro. Ela não estava no momento presente. Projetava-se nos meses vindouros:

– Como será a nossa casa? Quem vai me ajudar na hora do parto? Como vamos nos adaptar à cultura local? – Sua mente fervilhava.

– Mariinha? - A voz de Evaldo a despertou do transe para alertar que, no balcão alfandegário, a atendente aguardava a documentação dos passageiros.

– Ah? Sim, claro! Procurou em sua bolsa de mão os documentos do casal e do filho, entregando-os para conferência.

A atendente após alguns carimbos e devolveu os documentos, desejando boas-vindas a Fortaleza.

Mariinha sorriu em resposta.

– Vamos ficar um ano, a trabalho. É bom receber votos otimistas.

Sem se dar conta, vez em quando ela repetia, para si própria e externalizava nos diálogos, como um mantra, que estava ali por apenas um ano, a trabalho.

Na saída do terminal, alguns poucos carros de aluguel estavam enfileirados “fazendo a praça”. Evaldo negociou o valor da viagem até o Hotel Estoril, onde tinham reserva para os primeiros dias. Tudo estava sendo pago pela firma onde trabalhava.

O hotel era bom e puderam se acomodar confortavelmente. Saíram para conhecer alguns pontos da cidade. Almoçaram um delicioso peixe em um restaurante praiano e, logo em seguida, voltaram para o hotel. Era uma terça-feira e Evaldo deveria se apresentar no trabalho na manhã seguinte. Tinham que aproveitar o tempo para repousar da longa viagem.

Dormiram uma noite reparadora e confortável, apesar de Mariinha ainda sentir a sensação ondulante do navio.

No dia seguinte Evaldo regressou do trabalho com a notícia de que os colegas que lhe antecederam indicavam um endereço para aluguel: era a Vila de Fátima, num bairro operário longe do centro. Teria folga pela manhã para ir com Mariinha conhecer o endereço e, caso desse certo, cuidar de papéis para ocupar o imóvel, pois o tempo no hotel deveria ser o menor possível.

– Ao menos o nome da vila já é do meu agrado. – Comentou Mariinha, otimista e receptiva.

A casa tinha quase a mesma dimensão que a do Recife e estava em bom estado. Eram cerca de doze casas com a mesma fachada: um terraço de entrada arqueada se projetava à frente. Sala, dois quartos, banheiro maior que o da casa deles e uma cozinha equipada com um balcão.

Um dos colegas de Evaldo já estava habitando uma casa na mesma vila e acompanhou a visita para indicar o caminho e apresentar o casal ao proprietário. Mostrou que ficava próximo ao ponto de transporte, o que era outra excelente vantagem. Fecharam negócio.

Tudo teve que ser comprado para a nova casa, pois tinham deixado os móveis no Recife. Um fogão, mesa e cadeiras, cama e roupeiro para iniciar com o essencial. Aos poucos veriam o que mais era necessário para aquele ano de permanência. Evaldo receberia uma ajuda de custos adicional ao salário, que poderia ser poupado para o retorno. Esse era o plano do casal.

Aquele período transcorreu rápido, apesar de às vezes parecer interminável. Não puderam conhecer tudo na cidade e arredores. Em parte, por conta do projeto de economizar. Por outro lado, numa cidade estranha, com um filho de pouco mais de um ano e outro chegando, não dava para sair de casa com frequência.

Mesmo assim, o depoimento de Mariinha sempre foi positivo:

– Um dos períodos mais tranquilos de minha vida. Dona Da Guia, uma senhora que me acompanhou, cuidou de tudo com esmero. Depois de meu parto, não me deixava fazer nada e preparava caldos e comidinhas deliciosas para o meu resguardo.

Em janeiro, veio o bebê: mais um menino. Evaldo queria chamá-lo de Neuton, em homenagem a um irmão falecido, enquanto Mariinha queria homenagear seu pai, assim, seria Manoel.

Acabaram negociando uma composição: Neuton Manoel.

A rotina no cuidado com os dois filhos parecia acelerar o tempo e o ano deslizou numa rapidez que só foi notada já no segundo semestre.

O aniversário de dois anos de Marivaldo foi comemorado apenas para não passar em branco. Longe da família, vieram

dois colegas mais aproximados de Evaldo com as esposas e filhos.

Em janeiro de 54, Evaldo recebeu a notícia do retorno que aconteceria na primeira semana de fevereiro. Voltariam agora com duas crianças e, na verdade Mariinha estava com três meses de uma terceira gravidez, mas ainda não tinha certeza disto. Ao todo foram um ano e cinco meses fora de casa. Mas tinha sido um período bom.

Durante este tempo não tinham perdido o contato com os vizinhos. Mariinha escreveu a Prazeres contando as novidades e a aproximação do retorno.

Evaldo informou a Írio sobre a necessidade de recuperar a casa e começaram a providenciar os preparativos para a viagem de regresso. Esse foi o planejamento que Mariinha fez com maior prazer, contando os dias. Não que não tivesse gostado de Fortaleza, mas, no Recife estavam suas raízes: sua casa, família, amigos.

Uma coisa negociou com Evaldo: voltariam de avião. Não estava disposta a fazer outra viagem daquela, de navio. Ainda mais agora com duas crianças.

– Comprei as passagens para o sábado, dia 13 de fevereiro. – Comentou Evaldo enquanto jantava, segurando sobre a perna o filho mais velho, Marivaldo, que teimava em pôr as mãos em seu prato para alcançar tiras de macarrão que levava à boca, lambuzando-se de molho de tomate.

– Agora, no retorno, não terei a mesma folga que foi dada quando viemos para cá. Explicou - Na segunda-feira terei que trabalhar. Estou tentando negociar mais um ou dois dias na semana seguinte para nos organizarmos.

– Seria ótimo para arrumarmos tudo – Mas de qualquer forma só de voltarmos para a nossa casinha, eu já estou feliz – comentou Mariinha.

– Por falar nisso – Acrescentou Evaldo - Írio telefonou hoje para a empresa e me disse que já está providenciando a

saída. Deixará a casa livre no próximo final de semana. Vai se mudar para uma região que está sendo ocupada próximo ao Campo do Ibura...

– Você ainda chama de Campo do Ibura? O nome atual é Aeroporto Guararapes – corrigiu Mariinha, brincalhona – Afinal é lá que vamos chegar de avião... temos que falar o nome certo, muito chique – sorriu acompanhada por Evaldo, se pavoneando em gestos teatrais, por viajar de avião pela primeira vez.

– Tudo está se encaixando, Graças a Deus e a Nossa Senhora de Fátima – Complementou Mariinha, voltando ao sério.

HOSPITAL GERAL. 16h15.

No final da tarde a febre continuava e Evaldo começou a apresentar dificuldade respiratória. Havia secreção que o fazia tossir.

Mariinha ligou para o médico que ficou de verificar a situação no dia seguinte, quando viesse para a visita, pois durante toda a tarde e noite da segunda-feira tinha cirurgias agendadas.

Mariinha não dormiu nessa noite, desdobrando-se em atenção ao marido e preocupada com o estado febril que persistia.

Terça-feira, 26 de junho de 2007

HOSPITAL GERAL. 07h15.

Pela manhã Fátima telefonou logo cedo querendo notícias do pai.

– Passei quase toda a noite em claro, minha filha, preocupada com uma tosse que seu pai vem apresentando desde ontem à noite. – Explicou Mariinha.

– Vou ter uma tarefa inadiável agora cedo, mas logo em seguida passo por aí. – Prometeu.

Luiz Carlos e Marivaldo vieram no começo da manhã.

– Encontramos Carlos Alberto na portaria. – Anunciou Luiz Carlos ao chegar ao apartamento. – Conversamos com ele, atualizando toda a condição de papai. Como ele está?

– Passou a noite com um pouco de tosse. Eu acompanhei todo o tempo. As medicações o fizeram dormir. Ainda está sonolento. – Explicou Mariinha.

– Eu estou acordado! – Remendou Evaldo, como se re-preendesse a esposa. – E estou querendo ouvir a continuidade sobre o nosso retorno de Fortaleza.

– Você é impossível, não é? – Brincou Mariinha com a disposição de Evaldo em se manter à escuta, participando aqui e acolá das narrativas.

Mariinha atendeu ao pedido, relembando o Engenho do Meio daqueles tempos.

Os filhos se acomodaram no sofá triplo disponibilizado para visitantes, preparando-se para ouvir os relatos e reminiscências da mãe.

Outro lar não quero ter além daquele que sonhei...

1954... Não foi em bom estado que encontraram a casa. Fora um ano e meio sem manutenção e com um uso – diga-se de passagem – bem predatório.

Mariinha deixou-se cair numa cadeira e sua vontade era chorar, chorar muito pela tristeza de encontrar tudo tão diferente do que vinha imaginando no caminho: chegar em casa, começar a desfazer as malas, organizar o guarda-roupas... ver Marivaldo correr no quintal reconhecendo seu espaço (a casa de Fortaleza tinha apenas um pequeno terreno na parte de trás).

Evaldo, que estava percorrendo o quintal, entrou pela porta da sala e a encontrou ali sentada, com Neuton no colo. Pararam, sem palavras, um olhando nos olhos do outro, como que se perguntando: - E agora?

As paredes sujas, riscadas e em alguns lugares com reboco caindo devido a umidade. Janelas e portas riscadas e com lodo. Móveis precisando, no mínimo, de uma boa limpeza ou mesmo de reparo. O terreno em volta da casa só não era tal como na primeira visita, mas o mato alto circundava todo o terreno.

- Não. Não vou chorar, pois não constrói, só piora a percepção das coisas. Nossa Senhora de Fátima há de me dar forças e recuperaremos tudo. – Disse Mariinha para si mesma.

- Vamos arregaçar as mangas – Propôs Mariinha, otimista, levantando-se com urgência. – Primeiro o que pode ser feito de imediato. Depois pintaremos tudo e iremos aos poucos refazendo nosso cantinho para deixá-lo do nosso jeito.

Puseram para dentro as malas que ainda estavam no terraço.

Mariinha procurou uma vassoura, mas não encontrou nenhuma. Foi pedir socorro na casa de Prazeres que lhe cedeu vassoura e vasculhador de teto com vara longa para alcançar o telhado.

Começaram a faxina, esquecendo qualquer cansaço de viagem.

– Primeiro deixe-me fazer o quarto da frente para colocarmos Neuton. Depois cuidamos do resto – Propôs Evaldo já pegando o vassourão de teto.

– Não! Segure ele que eu faço isso – Contornou Mariinha e antes que ele pudesse reclamar outra opção, passou o filho para os seus braços, foi ao banheiro, pôs uma roupa mais solta, tirou os sapatos, amarrou um lenço na cabeça e começou a espanar, tirando as teias de aranha e excesso de poeira das telhas e caibros e dos recantos altos das paredes. Fechou a porta para evitar que a poeira fosse para a sala. Bateu a cama com um pano, retirando o que caíra em cima da mesma e iniciou a varrer tudo, deixando uma montanha de poeira e polia amontoada próximo à porta. Passou um pano úmido nos móveis, bateu novamente a cama e depois trouxe as malas para o quarto. Procurou um lençol limpo e, dobrando-o em dois, forrou um pedaço da cama. Pôs cadeiras na lateral para fazer barreiras contra queda e tomou Neuton que dormia tranquilo nos braços do marido, debruçou-se devagar para deitá-lo no quarto já limpo.

Evaldo antecipou o serviço, espanando a sala, e Mariinha, ao deixar o quarto, iniciou a varredura. Assim foram tratando os demais cômodos: Evaldo à frente espanando as telhas e paredes e Mariinha varrendo o chão.

Marivaldo andava por todos os lugares, curioso. Ainda estava com a roupa da viagem. Melhor assim, calçado com sapatinhos fechados, camisa por dentro da calça que lhe ia até os joelhos e suspensórios, duplo na frente e cruzados nas costas. Estava protegido. Mesmo assim, de vez em quando recebia a recomendação de ir brincar em outro lugar para evitar a poeira. E esse foi o processo mais trabalhoso da faxina: deixar tudo em condições aceitáveis, no menor espaço de tempo, sempre de olho e cuidando de Marivaldo, agora já acostumado com Elba, Nice e Prazeres, que tomou para si parte da atenção com as crianças para permitir o trabalho do casal.

– Vocês vão almoçar conosco – anunciou Prazeres, mais em tom de comunicado, que de convite – Não aceitamos recusa, tanto porque vocês não vão ter condições de preparar almoço, quanto porque queremos rever os amigos.

Assim foi, ainda que com um almoço rápido para voltarem à faxina.

Ao final do dia, tudo estava nos seus lugares, apesar de ainda requerer manutenção.

A casa da Amaro Lopes Madeira passou, então, por uma “obra” não planejada que durou quase dois meses. Primeiro a limpeza do quintal, que Evaldo já tratou de iniciar no domingo seguinte à chegada, permitindo a Marivaldo arriscar suas primeiras corridas em campo limpo.

Utilizando as economias que fizeram durante o ano no Ceará, trocaram algumas mobílias, compraram colchões novos em “Seu Cabral”, que os confeccionou sob medida, um para a cama do casal, um para Marivaldo e outro para o berço de Neuton.

Evaldo pintou a casa por inteiro, aproveitando os finais de semana. A própria Mariinha ajudou a pintar as portas e janelas, intercalando pinceladas com os cuidados com as crianças.

Depois de tudo limpo, foi a vez das reformas. Uma cerca de varas apoiada em estacas, foi levantada por Evaldo, com a ajuda do vizinho e de alguns rapazes que foram assalariados para isso.

Aproveitando o embalo, Evaldo levantou o alpendre que desde a primeira visita havia imaginado na parte de trás da casa, cobrindo a lavanderia e estendendo uma varanda na mesma dimensão da cozinha, avançando por dois metros na direção do fundo do quintal, até próximo ao tronco do pé de araca.

A nova área foi uma bênção para Mariinha: agora podia lavar roupas na sombra; uma mesa foi colocada no alpendre, possibilitando estender para a nova área alguns trabalhos da cozinha e até fazer almoços de final de semana.

Para facilitar a supervisão do sono ou o atendimento às necessidades das crianças, foi improvisada uma passagem do quarto frontal para o segundo quarto, somente fazendo a quebra da parede, à guisa de porta, apenas com um varal onde se estendeu uma cortina para a privacidade do casal. Assim, Neuton passou a dormir no “quarto do meio”, junto com Marivaldo.

Outra benfeitoria da ocasião, que perdurou ao longo dos anos, foi a construção dos jardins na frente da casa: uma calçada em duas vias, com o centro vazado, dividia a frente da casa em duas partes, nas quais foram construídos, simetricamente, canteiros de tijolos no formato de triângulos e retângulos centrais.



Rabiscos do projeto dos canteiros.

O projeto foi de Mariinha e Evaldo o executou tal e qual, para que ela plantasse suas flores preferidas – angélicas, margaridas e rosas, mas que também foram invadidos por pés de pinhões (cujas folhas serviam para as benzeduras feita por Dona Maria, negra rezadeira centenária, que fora escrava e vinha até a casa para rezar as crianças contra “mau olhado”, “espinhela caída” ou “peito aberto”) e de sabugo (de cujas flores Mariinha fazia xaropes para curar eventuais gripes e tosses – delicioso xarope de ameixa com flores de sabugo e folhas de figo, que também crescia na lateral esquerda do jardim).

No vão entre as duas calçadas de acesso foram plantadas nuvens: uma planta de galhos secos perpendiculares, com

uma viscosidade que rasgava as meias de *nylon* de Mariinha (Mas a escolha fora dela!) e cujo topo era dominado por florezinhas azuis que emprestavam beleza singular à passarela.

Em abril a casa era outra, e estava novamente em plena harmonia para receber seu quinto componente, cuja gravidez somente foi confirmada no final de fevereiro, quando a família já estava no Recife.

A reforma e recuperação da casa foi seguida da compra de móveis adequados e de um Santuário, dominado pela imagem de Nossa Senhora de Fátima, secundada por outros Santos, em gesso ou madeira, que atraíam a atenção das crianças desejosas de brincar com aquela “igrejinha” de madeira e vidro ou impressionados com as imagens.

Também nessa ocasião a casa seria ainda mais especificamente equipada, para caracterizar o destino a que serviu por vários anos: o de Escola Particular de Jardim da Infância e Alfabetização: o Externato 6 de Janeiro.

O viés empreendedor de Evaldo nunca deixou escapar oportunidades.

Ao retornarem de Fortaleza, encontraram mudanças no Engenho do Meio que lhe reacendeu a ideia, já compartilhada entre ambos, de aproveitar o diploma de Normalista de Mariinha e abrir a escola.

O bairro tinha crescido. O bonde agora competia com ônibus e entrava até a esquina da Rua Antônio Curado com a Manuel Alves Deusdará, que era a rua final da Vila Contra o Mocambo e que agora já havia incorporado uma nova etapa de casas chamada desde logo (e até hoje) de “Vila Nova”.

Nesse terminal do ônibus, também surgira uma padaria de grande dimensão, com um enorme balcão que dominava toda a fachada de grandes portas sempre abertas, desde as cinco e trinta da manhã, até as 20 horas. Isavan Camelo e Lourdinha haviam inaugurado sua “Farmácia Camelo”. Vários comércios estavam funcionando e havia mercado para muitos outros empreendimentos. Era hora de pensar na Escola.

Mariinha, mesmo com a barriga enorme e com os dois mais novos já aprontando suas trelas, cuidou dos registros na Secretaria de Educação e, enquanto a burocracia para licenciar o funcionamento avançava, todas as noites, depois do jantar, o casal conversava para anotar todas as necessidades demandadas, mas principalmente para sonhar com o projeto.

Finalmente, em junho, o registro da escola foi concluído na Secretaria, assim poderiam iniciar o ano letivo de 1955 matriculando os primeiros alunos, dentre os quais Marivaldo já poderia ser um deles, para iniciar o processo de socialização escolar.



Marivaldo (próximo à porta, 5 anos) e Newton (mais à frente, 4 anos) no terraço da Amaro Lopes Madeira, 44, com duas primas. Abril de 1957.

HOSPITAL GERAL. 15h00.

Depois do almoço, um pigarro irritante começou a incomodar Evaldo. A higiene bucal não sanou o problema que evoluiu para uma tosse, em princípio intermitente e seca, mas aos poucos se intensificando e deixando clara a presença de secreção.

Mariinha telefonou para Dr. Ramos para tratar do problema.

– Estou preocupada, Dr. Ramos. A febre manteve-se durante toda a tarde e a tosse está mais forte. Queria uma opinião sua, pois não vou ficar tranquila aguardando até a sua visita de amanhã. – Expressou-se solicitando ajuda do médico amigo.

Dr. Ramos veio, como prometido, por volta das 19 horas. Examinou Evaldo e todos os registros. Solicitara, por telefone, antes de sua vinda, um exame de sangue, e recebeu o resultado no próprio apartamento, passando à leitura atenta do laudo.

Ao sair do apartamento, chamou Mariinha ao corredor e lhe comunicou sua desconfiança de que um processo infeccioso estivesse provocando a tosse. Iria recomendar exames de secreção para certificar-se. Mas acreditava que o melhor, desde logo, seria transferi-lo para uma UTI, onde poderia receber cuidados mais eficazes.

A confirmação da infecção hospitalar veio como um balde de água fria na expectativa de alta. Novos medicamentos foram introduzidos.

Evaldo foi mais uma vez transferido para a Unidade de Tratamento Intensivo. Novamente o apartamento foi desocupado e Mariinha permaneceu em sua convicção de não abandonar o hospital, para estar por perto caso houvesse alguma necessidade e, assim, voltou a acomodar-se na recepção, sendo acompanhada à noite por seu filho, Luiz Carlos.

Sábado, 28 de julho de 2007

HOSPITAL GERAL. 14h15.

Durante um mês Mariinha acompanhou Evaldo apenas nos horários de visitas da UTI. O uso de aparatos médicos próprios de uma Unidade de Tratamento Intensivo, de um lado, conforta os familiares pela certeza de que a assistência é permanente, mas dá uma certa angústia ver a pessoa querida com tantos fios e tubos e todos aqueles *bip's* e gráficos dos equipamentos de supervisão.

O cansaço podia ser notado no olhar e no andar de Mariinha. Durante todo este período ela estava se acomodando na recepção e se alimentando na pizzaria próxima ao hospital.

Luiz Carlos voltou a vir pernoitar com ela todas as noites. Carlos Alberto visitou-a mais vezes durante o dia, pois dali da recepção poderia conversar um pouco, sem acessar a área interna do hospital. Mariinha aproveitava para caminhar em frente ao hospital enquanto conversava com o filho.

Newton veio mais uma vez durante o período de internação na UTI e entrou para falar com o pai por três vezes. Ficou conversando com a mãe na recepção e tentou levá-la em casa, como fizera logo quando Evaldo tinha realizado a cirurgia. Mas, agora, era mais difícil convencê-la. Com o agravamento da situação ela não arredaria pé daquela recepção, aguardando o horário de visitas.

Marivaldo, Fátima e Evaldo, também estiveram constantemente participando das visitas nos horários programados e ficavam com a mãe na recepção, como forma de apoio e conforto, levando-a – ao menos para lhes fazer companhia – à lanchonete ou à pizzaria, todos também preocupados com ela.

Finalmente, neste sábado, 28 de julho, Evaldo deixaria a UTI, retornando ao apartamento.

Quando Dr. Ramos anunciou o retorno para o apartamento, Mariinha elevou de imediato o pensamento aos céus. Nossa Senhora de Fátima e os bons espíritos foram logo invocados em agradecimento.

Evaldo chegou ao apartamento por volta das 10 da manhã, antes do horário de visitação. A limitação para falar era, agora, mais severa, pois a implantação de uma traqueostomia para sucção quando necessário, só permitia a vibração das cordas vocais quando fechada. Assim, para falar, Evaldo precisava levar o dedo à garganta para obstruir o equipamento temporariamente implantado.

Contudo, parecia estar com saudades das conversas, pois tão logo acordou de um cochilo no começo da tarde e encontrou no quarto seus filhos Marivaldo, Evaldo, Fátima e Luiz Carlos, fez sinal com a mão gesticulando como se perguntasse pela continuidade.

– O que você quer? – Perguntou Mariinha, atenciosa.

– Acho que ele está pedindo para continuar as histórias da família. – Interpretou Luiz Carlos.

Evaldo sinalizou um dedo positivo. Todos sorriram da sua presença de espírito.

– Acho que tínhamos parado as lembranças depois de nosso retorno do Ceará. Foi no período em que tive Fátima. – Disse Mariinha, abraçando a filha. – Fátima chegou num momento crucial da política no Brasil e a situação me assustava...

E quando esse milagre acontece, tudo é diferente...

1954... O mundo político efervescia naquele ano. Nesse assunto Evaldo sempre teve um posicionamento firme e respeitado.

Em agosto, a gravidez de Mariinha chegava ao seu último mês e sua barriga estava enorme, muito bonita. Justo nesse mês a situação nacional se agudizava.

Após o seu retorno de Fortaleza, o casal ampliara o seu relacionamento na vila do Engenho do Meio, somando-se a um grupo de moradores que discutiam as necessidades de melhorias para o bairro. Esse grupo inaugurou o chamado Clube dos Vinte, para simbolizar o número de participantes que inicialmente se reuniam para as discussões: Evaldo, Aguiar – também morador da Amaro Lopes Madeira, Joca – proprietário da Panificadora Engenho do Meio e cujas ambições políticas incluíam o projeto de se tornar o primeiro vereador do bairro – Fernando (apelidado de “pé de bombo”, devido a um pé sempre enfaixado, por causa de uma gota, doença que o afligia) e outros engajados no desenvolvimento do bairro.

Pelo menos uma vez por semana Evaldo se reunia no Clube dos Vinte. Os simpatizantes do Partido Social Democrático – PSD e da UDN – União Democrática Nacional (partido conservador de oposição a Getúlio Vargas) debatiam também dentro daquele grupo, cada um expondo e defendendo sua tese ideológica. Ainda mais que aquele era ano de eleições gerais que aconteceriam em outubro, despontando como candidatos ao governo de Pernambuco os nomes do General Cordeiro de Farias, pelo PSD, contra o engenheiro João Cleófas, pela UDN. As arengas e opiniões políticas permeavam as reuniões do Clube dos Vinte, além das discussões de progresso do bairro, coisas indissociáveis.

Mariinha não gostava de opinar em questões políticas. Tinha sua preferência, claro, mas só se pronunciava com discrição e nunca em fórum público. Às vezes membros do grupo se encontravam em sua casa para conversar com Evaldo sobre os projetos e sobre as contas do Clube, que eram registradas por Evaldo. Fatalmente a questão política vinha à tona. Mariinha preferia, então, manter distância do assunto.

Naquele ano, com todas as incertezas do cenário eleitoral, não era incomum que as reuniões do Clube avançassem um pouco mais em debates políticos.

No dia 5 de agosto, uma emboscada que ficou conhecida como Atentado da Rua Toneleros, intentou o assassinato do jornalista Carlos Lacerda, no Rio de Janeiro, sem alcançar seu objetivo, mas resultou na morte do Major Rubem Florentino e as investigações revelaram a participação de membros da Guarda Pessoal do Presidente Getúlio Vargas. Três dias após, o Chefe da Guarda confessou ser o mandante da tentativa de assassinato. As opiniões recrudesceram e a situação política do país tornou-se insustentável, com reflexos nas disputas eleitorais dos estados.

Os membros do Clube dos Vinte se reuniam com maior frequência sob alegação de discutir a fundação de uma Cooperativa de Consumo no bairro, mas as discussões políticas eram o mote das conversas, após debatidos os projetos locais.

Em 12 de agosto, dia em que Marivaldo completava três anos, o jornalista Carlos Lacerda sugeriu que os militares exigissem a renúncia de Vargas e o assunto dominou a roda de amigos que foram até a casa de Evaldo para as comemorações de aniversário. Enquanto as crianças brincavam no quintal lateral, os adultos, sentados em um círculo de cadeiras, discutiam a situação do país.

No domingo, 22 de agosto, os Generais do Exército lançaram o “Manifesto do Generais” e exigiram a renúncia de Vargas.

O clima ficou mais tenso. A reunião do Clube dos Vinte se alongou e Mariinha, talvez assustada com a situação, começou a ficar nervosa e sentir dores.

Darquinha, parteira do primeiro filho, voltara a ser solicitada para o parto que se avizinhava e já tinha visitado Mariinha por duas vezes para acompanhar a gestação, foi requisitada para verificar se o bebê estava a caminho, mas diagnosticou “rebate falso”. Não havia dilatação nem contrações para o parto. Evaldo foi avisado e retirou-se da reunião para estar em casa acompanhando a esposa.

As dores diminuíram, mas não abandonaram de todo a gestante, que estava tensa com o noticiário.

Por volta das 10 horas da manhã da terça-feira, dia 24, Mariinha trabalhava no balcão da cozinha, ouvindo a Rádio Tamandaré, quando a música foi interrompida e o noticiário, em edição extraordinária, anunciou que o presidente Getúlio Vargas cometera suicídio no Palácio do Catete no início daquela manhã, após saber que sua proposta pessoal de afastamento temporário do governo, até o final das investigações do Atentado da Rua Toneleros, fora recusada pelos Generais do Exército.

Getúlio teria dado um tiro no próprio coração e fora encontrado, ainda de pijamas, com meio corpo fora da cama, tendo morrido logo após as primeiras tentativas de socorro, na presença de sua esposa, Dona Darci e sua filha, Alzira Vargas – Detalhou o noticioso.

Mariinha estremeceu. Evaldo estava na rua, no trabalho. Vieram à tona memórias da Intentona Comunista de 35, quando tinha sete anos... o sítio de Afogados sendo invadido por soldados que, ali, chegaram a cavar trincheiras; ou quando, dias depois, em outra situação de susto, seu pai fora obrigado a retirar das prateleiras da estante, livros da Maçonaria para colocá-los em um buraco previamente cavado no quintal, onde seriam queimados, caso se ouvisse o repicar dos sinos da igreja dos Remédios – sinal combinado para avisar que haveria uma “batida”; a lembrança de seu pai, agitado e célere, iniciando a incineração quando os sinos efetivamente repicaram e, na sequência, os companheiros da Maçonaria chegando, nas carreiras, para avisá-lo de que fora um alarme falso, evitando assim a perda de acervo valioso de títulos e de livros de escrituração Maçon...

Parecia que estava tendo uma das suas visões premonitórias...

Pôs os meninos para dentro e fechou a porta.

Moveu o *dial* do rádio em busca de novas informações. A PRA-8 - Radio Clube de Pernambuco e a Rádio Jornal do Comércio, com seu famoso slogan – “Pernambuco falando

para o mundo”, só tratavam do suicídio e especulavam sobre uma revolta armada ou sobre a alternativa de sucessão constitucional, com o vice, Café Filho – potiguar conservador que poderia atender aos requisitos ditados pelos militares para manutenção da ordem – assumido a Presidência...

Não seria fácil falar com Evaldo. Telefone, só encontraria na panificadora de Joca. Não podia deixar os meninos sozinhos, fechados em casa, ainda mais com a barriga de nove meses e, de qualquer forma, Evaldo, com certeza, já estava sabendo das ocorrências daquela manhã.

Rezava com fervor, para que a paz se estabelecesse no Brasil... para que Evaldo estivesse bem... para que nada de mal viesse a acontecer com a sua família...

Começou a sentir muita pressão e as dores se iniciaram novamente.

Queria chamar Prazeres para que ela ficasse ao seu lado. Abriu a janela da frente para ver se avistava a vizinha amiga e chamar por ela... quem avistou foi Evaldo que chegava ao portão, tendo largado mais cedo para ver como ela estava...

– Graças a Deus e a Nossa Senhora de Fátima, Evaldo... olhe os meninos... eu preciso me deitar... estou sentindo dores novamente. Estou assustada com esta situação.

– Não vai acontecer nada. – Disse Evaldo, tentando tranquilizar – o clima é de manutenção das instituições e de respeito constitucional. Fala-se que ainda hoje Café Filho assumirá, pois ele está sendo apoiado pelos militares como solução para a crise. Ele próprio havia sugerido a Getúlio que ambos renunciassem conjuntamente, abrindo espaço para um governo de coalizão até as novas eleições presidenciais, previstas para o próximo ano, mas o ministro Tancredo Neves aconselhara Getúlio a não seguir este caminho, pois o considerava um golpe do vice-presidente. Getúlio acatou o conselho, até porque nunca confiou em Café Filho, desde que o nome lhe fora quase imposto para concorrer a vice-presidência (cuja eleição era independente da de presidente na legislação vigente). Ao saber da recusa de sua

proposta de renúncia, Café Filho comunicou a Getúlio que, assim, já não lhe devia lealdade e ocuparia o Catete, de um jeito ou de outro... então os militares não se opõem à sua ascensão como presidente no lugar de Vargas... – Garantiu Evaldo – Isso poderia ser bom para o Brasil, pelo menos não haveria maiores perturbações da ordem... – Resumiu tentando acalmar Mariinha (“apesar de que só vai adiar uma inevitável revolução armada”, pensou, sem falar) e foi com os meninos para próximo do rádio escutar a evolução do caso, sob os chiados então dominantes nas transmissões ao vivo, feitas por telefone, direto do Rio de Janeiro.

Antes do meio-dia Mariinha levantou-se e disse que iria tomar um banho. Ao sair do banheiro, voltou para a cama e pediu a Evaldo que fosse chamar Darquinha para examiná-la, por descargo de consciência – gostava muito dessa expressão.

Evaldo desligou o rádio para não a deixar ainda mais nervosa e saiu em busca da parteira.

Darquinha fez um exame de toque e disse a Evaldo que ela, agora, estava realmente entrando em trabalho de parto. Mas que era apenas o início e teriam algum tempo. Deixou sua valise com instrumentos na casa de Evaldo e foi terminar seu almoço prometendo voltar em seguida.

Até a noite Darquinha já havia visitado sua paciente a cada duas horas, mas como as dores não houvessem aumentado, deixou a casa de Evaldo por volta das 22 horas, prontificando-se a vir atender a qualquer hora em que fosse chamada, mas achava que ainda não seria esta noite a chegada do bebê.

Mariinha não dormiu direito, incomodada pelas dores esparsas e pelo nervosismo que lhe dominava.

Evaldo também dormiu pouco, parte porque assistia a esposa em suas necessidades, parte porque estava ávido por notícias políticas, apesar de ter tomado conhecimento de que Café Filho já havia sido empossado como 18º Presidente do Brasil, o que acenava para as garantias constitucionais, funcionamento das instituições e manutenção da ordem, dado o apoio militar da

sucessão, apesar de, pessoalmente, o perfil do potiguar não lhe agradar.

Às cinco da manhã os meninos ainda dormiam no quarto ao lado.

Mariinha levantou-se, afastou a cortina da passagem entre os dois quartos e puxou os lençóis para proteger as crianças. Beijou os filhos e foi para a cozinha, andando lentamente, devido às dores persistentes. Pôs água para ferver para fazer um cafezinho. Foi quando sentiu um formigamento nas pernas, onde passou a mão num gesto automático: era líquido amniótico escorrendo. A bolsa se havia rompido.

Voltou para a cama e chamou Evaldo que ainda cochilava informando-o de que a hora tinha chegado.

Evaldo atravessou a rua naquele começo de manhã de sol ainda nascente. Por sorte Darquinha já estava acordada e saiu de pronto, acompanhando-o no retorno para casa.

O parto foi rápido e Darquinha apanhou o bebê comunicando: - É uma menina.

O choro ecoou no quarto onde o próprio Evaldo auxiliava a parteira em seu ofício.

- Evaldo, pegue-a aqui para que eu possa concluir o trabalho com Mariinha.

O bebê veio para o seu colo, ainda carente de limpeza, o que não lhe inibiu de beijar sua face chorona e repetir, encantado:

- Uma menina!

Mariinha, já aliviada das dores que sentia desde a véspera, anunciou:

- Fátima. Maria de Fátima.

Evaldo aproximou-se da esposa permitindo-lhe ver o bebê. Sentou-se à beira da cama e ficaram os dois a mimar a

recém-chegada, sem sequer se aperceberem do trabalho que Darquinha ainda concluía na parturiente.

Marivaldo acordou com o choro do bebê e surgiu na porta do quarto, descalço, de olhos apertados de sono.

Darquinha alertou sorrindo e apontando com a cabeça

– Temos visita! – Disse a parteira em tom de brincadeira.

Mariinha chamou-o para conhecer a irmã.

Evaldo, que num braço acomodava a filha recém-chegada, ergueu Marivaldo com a outra mão, sentando-o em sua perna para que visse o rosto de Fátima, que agora alternava um minuto de silêncio para em seguida contrair o rosto e voltar a chorar.

Como se lhe fizesse eco, o choro de Neuton também veio do segundo quarto. Evaldo acomodou os lençóis com o bebê, ao lado de Mariinha, e foi buscar o outro filho, que também se juntou ao grupo, mesmo sem entender nada do que estava acontecendo.

A família agora tinha cinco almas...

Mariinha sorria e chorava a um só tempo, movida pela emoção do momento.

Domingo, 29 de julho de 2007

HOSPITAL GERAL. 08h15.

Evaldo continuava se restabelecendo, apesar de ainda com cuidados intensivos. As reuniões familiares no apartamento permaneciam sem alteração e os olhares de Evaldo conferiam os filhos que estavam presentes, depois fixavam-se em Mariinha, que o acariciava.

Luiz Carlos, percebendo o silêncio prolongado, deu o mote de retomada dos depoimentos, lembrando onde os haviam interrompido.

– Mamãe, você tinha pedido que lhe lembrasse de conversar sobre as atividades empreendedoras de papai. Fale sobre isso! – Pediu Luiz Carlos.

– Ah, sim! O Externato 6 de Janeiro é o mais conhecido e lembrado pelos filhos, até porque, pelo menos alguns de vocês passaram por ele. Porém, tal como já falamos, Evaldo sempre manifestou espírito empreendedor e os projetos foram muitos. Podemos lembrar do começo. – Propôs Mariinha, continuando a explicação.

O futuro seria bem grande, só eu e você...

1955... A chegada de Fátima não retardou o início do projeto da Escola. Em janeiro Evaldo comprou as cadeiras adicionais que dariam possibilidade da escola funcionar. Um grande quadro negro foi afixado ao lado da janela que dava para o quintal, bem atrás do birô da professora, em plena sala.

Marivaldo, aos 4 anos, sentava-se nas cadeiras, curioso com a nova organização. E não apenas sentava fazendo trenzinho: também inventava desafios, espaçando as cadeiras para caminhar sobre elas, passando de uma para outra.

– Marivaldo, tu para com essa brincadeira senão vai acabar caindo!... Alertavam os pais.

Até que um dia, de fato, ao pular entre as cadeiras, perdeu o passo e desequilibrou, caindo entre elas, o que provocou a quebra de um braço, disparando uma corrida dos pais para providenciar a imobilização. Passado o susto, tudo voltou a ser sorrisos e novas tentativas de passar sobre os “abismos” entre as cadeiras, culminando com a proibição terminante da brincadeira.

Glinaura e Maria vinham do interior e se sucediam passando temporadas na casa para ajudar Mariinha no cuidado das crianças e com o preparo das refeições, liberando a professora para exercer o magistério.

Com o anúncio da abertura do Externato 6 de Janeiro, as mães da vizinhança começaram a visitar a casa para as entrevistas de matrículas. Em março, com seus primeiros 8 alunos, Mariinha inaugurou a escola onde os três primeiros filhos foram alfabetizados e bem preparados na iniciação dos conhecimentos.

Passado o primeiro ano, o Externato migrou da sala para o quarto da frente, com conseqüente transferência do casal para o último quarto da casa, bem menor. Depois, em 1960, mudou novamente, ganhado um novo espaço, agora transferido para um galpão construído nos fundos da casa, especificamente com esta finalidade.

O galpão era espaçoso. Equipado com longas carteiras escolares, comungadas por quatro estudantes cada, em duas fileiras separadas por corredor central, permitindo o aumento do número de alunos.

As laterais do galpão eram todas de cobogós, tipo venezianas, inclinadas para fora, permitindo a ventilação sem distrair

os alunos. O acesso se dava pelo oitão lateral direito, com a porta voltada para o alpendre construído para sombrear a lavanderia e a cozinha.

A Escola durou até 1965. Nesses dez anos por ela passaram várias crianças do bairro, algumas das quais se tornaram, depois, médico, administrador, advogado, contabilista etc.

O regime utilizado para a inserção dos filhos, carregava um rigor apropriado ao objetivo de separar a condição de mãe, da de professora: os filhos tinham que se arrumar, pôr a farda da escola e sair de casa, para encontrar os alunos externos.

Depois de se juntarem àqueles, formavam uma filhinha, do menor para o maior e, somente então, podiam entrar de volta, agora na escola, onde assistiriam às aulas, chamando-a de professora, fazendo o recreio no quintal junto com os demais, sem direito a usar espaços da casa que também não estivessem franqueados aos demais.

Também é notável a influência da escola na formação das crianças, independente do seu vínculo como aluno, porém, pela acessibilidade aos instrumentos didáticos no ambiente doméstico: a biblioteca disponível, ampliando a curiosidade e gosto pela leitura; as mesas de estudo, que permitiam a realização de “deveres de casa” de forma mais estruturada; o quadro negro, que facilitava as reuniões domésticas para rabiscar e acompanhar, com ampla visibilidade dos jogadores, a brincadeira de força, na qual se indicava a primeira letra de uma palavra secreta, acompanhada de tantos riscos a serem preenchidos quantas fossem as letras que a compunham. Essa brincadeira era frequentada, também, por visitantes. Denizard, filho de Agenilda e José Antônio, da mesma idade de Marivaldo, era campeão, comemorado e apontado como modelo para que os filhos se empenhassem.

O melhor exemplo desse empenho veio de Fátima quando, aos cinco anos – ainda sem saber ler, porém já alfabetizada – insistiu em ser protagonista, condutora de uma seção, coisa que ela já tinha feito antes, a partir da consulta à palavra, copiada de um texto. Nessa noite os irmãos, pai e mãe além de

Denizard, deram a ela o giz permitindo-a jogar. Fátima assumiu o quadro vaidosa, com um papel escondido na mão e, olhando para o tal papel, riscou no quadro a letra F para iniciar a palavra, acompanhada de nada menos que 24 traços a serem preenchidos. Todos duvidaram da palavra, mas ela checou a sua “cola” e insistiu para que todos prosseguissem com a brincadeira, pois ela tinha certeza sobre a proposição que fazia.

Após muitas tentativas, todos já “enforcados”, ela finalmente preencheu as lacunas copiando, cuidadosamente, do cartão: “FelizNatalePrósperoAnoNovo”. A ocasião foi divertida e marcou o histórico da brincadeira, mas também é demonstrativa de como a escola e seus equipamentos provocaram a introdução precoce no interesse pelas letras e desenvolvimento intelectual.

O Externato 6 de Janeiro também foi responsável pela aceleração do prestígio do nome do casal no bairro. As reuniões com os pais, o respeito dos próprios alunos e a qualidade da escola, tanto pelo progresso intelectual dos pupilos, quanto pela formação moral, angariara, para o casal, o reconhecimento da comunidade.

Antes mesmo da escola, eles eram respeitados por seu comportamento amoroso invejável, por sua participação social e pela disponibilidade solidária.

Quando sobrevinham crises conjugais em terceiros, Mariinha era procurada para ouvir as lamentações e reclamações e aconselhar sobre o modo de agir.

Um costume vigente dizia que, se a cama de núpcias fosse arrumada por uma pessoa bem casada, o novo matrimônio também daria certo, e isso era causa de requisição para Mariinha servir de “arrumadeira” para nubentes.

Em caso de doença, Mariinha era acionada – até no meio da noite – para aviar os cuidados, conduzir para um médico ou para Isavan ou Lourdinha e até para opinar com um diagnóstico em casos menos graves de resfriados, papeira, sarampo ou captopora, entre outros.

Nas ocorrências de morte no bairro, Mariinha se fazia presente para dar suporte psicológico aos entes queridos ou para transmitir a má notícia, com seu jeito tranquilo e pacificador de preparar o ouvinte, a ponto de permitir que a informação fosse recebida com menor impacto e, ainda, sob sua supervisão assistencialista.

Da parte de Evaldo, era o seu modo de interpretar os eventos econômicos e políticos que o fazia respeitado, ao lado de seu estilo sóbrio e calado.

Mesmo com pouca formação acadêmica, Evaldo, que tinha o costume de ler o Jornal do Commercio e o Diário de Pernambuco, de ponta a ponta, estava sempre bem informado. Em casa, a leitura do jornal tinha um rito que era respeitado por todos: ele fazia questão de ser o primeiro a abrir cada caderno do jornal. Se alguém se antecipasse a ele, tinha que ter grande habilidade em dobrar de volta o caderno utilizado, de forma impecável, pois qualquer amasso, qualquer folha fora da posição o deixava contrariado a ponto de não ter mais motivação para ler o restante da edição.

Sua participação no Clube dos Vinte e na Cooperativa o colocava entre as outras figuras mais influentes do bairro: comerciantes, profissionais liberais e autoridades. Todos gostavam da opinião de Evaldo, que costumava ouvir calado e elucubrar até que fosse chamado a opinar ou até que a situação exigisse sua intervenção, antes de se transformar em crise. Ai sim, era a vez de se ouvir a fala de Evaldo, em geral definitiva.

Em casa, era assim com os filhos: se precisava de algo, dava o comando, mas se não era atendido, não pedia uma segunda vez. Assumia ele próprio a tarefa e, a partir daí, seria perda de tempo tentar desculpar-se ou pedir para assumir o restante da empreitada. Ele ia até o final, digno e altivo. Quanto ao desatencioso, sabia que não conseguiria, tão cedo, sua compreensão e a volta ao carinho efusivo. Assim, todos lhe atendiam de pronto, sem esperar segunda ordem.

Sua capacidade empreendedora também era admirada. Era homem de iniciativa e de ação.

Mas, sem dúvida, não eram as atividades ou qualidades isoladas que proporcionavam ao casal a credibilidade angariada no bairro, mas a “liga”, a união, observadas, o amor do qual ninguém duvidava, a solidariedade de um para com o outro, o apoio mútuo, a educação primorosa que passava para os filhos, e, por fim, a disponibilidade para servir.

Segunda-feira, 30 de julho de 2007

HOSPITAL GERAL. 09h10.

Choveu quase a noite inteira, uma chuva fininha e intermitente. Mariinha dormira cedo, vencida pelo cansaço e inspirada pelo ronco suave de Evaldo, que também começara a cochilar logo depois da refeição noturna.

Por volta de meia noite, Mariinha acordou com a entrada da enfermeira que cumpria a ronda noturna para administração medicamentosa e verificação dos equipamentos. A partir de então o sono lhe fugiu. Não quis acender a luz para dar seguimento à leitura do livro que ora acompanhava. Foi até a janela. Ficou admirando o reflexo das luzes dos carros no asfalto molhado: ora prateado pelos faróis, ora avermelhado ao espelhar as luzes traseiras.

Ninguém na rua. Todos recolhidos devido à chuva.

Mariinha gostava de apreciar a paisagem e o contraste das cores. Ficou ali, em oração, refletindo a respeito de tudo quanto vinham conversando naqueles dias. Sobre sua vida, sua família, a saúde do esposo tão amado. Sentia-se feliz e agradecida por tudo.

Gratidão sempre foi uma constante em sua vida. Gratidão a Deus e aos bons espíritos. Lembro de cada espírito familiar que por certo os assistia naquela conjuntura: Dona Lídia, mãe de Evaldo, Luiz, seu irmão que tantas vezes lhe havia visitado em espírito para proporcionar ajuda e consolo. Elevou a eles seu pensamento e veio para próximo da cama apreciar o marido que dormia. Voltou depois para o seu lugar para tentar repousar, preparando-se para a jornada seguinte. Já seriam por volta das duas horas da madrugada quando conseguiu cochilar novamente.

Pela manhã o apartamento voltou a ganhar vida com a presença dos filhos.

Sem que precisasse cobranças, Mariinha continuou narando as incursões do casal pelas atividades de negócios que ousaram durante a vida, desde ainda jovens, até os dias atuais.

– Até recentemente ainda nos arriscamos com atividades extras para completar a renda e, muito mais, para nos sentirmos ocupados e úteis, participativos. – Disse, iniciando a conversa sob os olhares atentos de todos.

És malandrinha, não precisas trabalhar...

1965... Quando a escola encerrou suas atividades, o galpão foi transformado em criatório de galinhas. Preenchido com cama de pó de serra, bebedouros pendurados aos caibros do telhado, junto com lâmpadas de aquecimento. O galpão recebeu cem pintos de um dia, para postura e engorda, atividade que também durou por volta de dois anos até se encerrar.

A partir daí o galpão ficou sem atividade negocial e serviu de extensão da cozinha, até receber uma reforma que passou a porta de acesso para o lado do oitão da Pedro da Cunha Andrade, sob o pé de carambola, transformando-o em Centro Espírita, para retirar de dentro de casa as reuniões de um grupo de estudos de evangelho, que vinham acontecendo há algum tempo.

O Externato 6 de Janeiro foi o empreendimento de maior destaque para o casal, possibilitando um trabalho conjunto de grande visibilidade social, no qual Mariinha fazia a parte acadêmico-pedagógica e Evaldo, os controles administrativos financeiros.

Mas não foi o único.

Ainda solteiro, Evaldo transpirava iniciativas empreendedoras.

Desde atividade comercial, na qual viajava ao interior do estado para comprar queijos, artesanatos e produtos sertanejos para revender em casa e na vizinhança, até a atividade agrícola, para a qual sempre teve pendor. Para desenvolver esta atividade, fez parceria com Balman, na criação de gado, com uma vacaria instalada na própria rua, no fundo do quintal da casa do vizinho. Depois, em sociedade com o mesmo vizinho, comprou um terreno em São Lourenço da Mata, no qual iniciaram a plantação de mandioca e outros produtos agrícolas. Sem sucesso, venderam o terreno para a instalação de uma fábrica de fósforos.

Em seguida, em iniciativa isolada, comprou um terreno em Camaragibe – naquela ocasião, distrito do Município de São Lourenço da Mata (emancipado em 1963, reincorporado à antiga sede no ano seguinte e, finalmente definitivamente emancipado em 1982).

Em Camaragibe, Evaldo fez investimentos contínuos, porém nunca chegou a ter retorno da terra. Nos anos de 1966 a 1968, visitou o sítio quase que semanalmente, tendo se ausentado apenas em situações muito especiais. Neuton, que amava acompanhar o pai na supervisão semanal da terra, quando este ia pagar ao morador pelo trabalho realizado na semana e encomendar novas tarefas, era companhia constante. O filho chegou a fazer uma cerca viva em torno do terreno, toda com pés de pitanga intercalados entre cada estaca da cerca de arame farpado. Para preparação das mudas, Neuton coletava as sementes de pitangas de um pé existente em frente à janela do quarto de Fátima e semeava-as em latas, cujos fundos eram retirados com abridor de latas e as bocas, voltadas para baixo, eram simplesmente destampadas na hora de levar a planta para a terra. Assim, enquanto Evaldo tratava dos negócios, Neuton cavava entre duas estacas e plantava as latinhas que eram, a cada semana, transportadas para o terreno.

Evaldo também empreendeu na área industrial, tendo implantado, em parceria com Albérico e Júlio – dois marceneiros mais experientes – uma fábrica de móveis, que foi instalada nos

fundos de sua casa. Ali produziam mesas, cadeiras, guarda-roupas, estantes, bufês etc. Mais uma vez, problemas com os sócios inviabilizaram a continuidade do negócio.

A criação de porcos, em pocilga construída também no quintal de casa, prosperou por algum tempo, com a procriação e engorda dos suínos para venda. A última porca foi Brasinha e o trabalho demandado, para um retorno pífio, foi a causa da extinção. A suinocultura durou paralelamente com a marcenaria, pois as atividades podiam ser exercidas concomitantemente, sob a supervisão de Evaldo. Mas o encerramento da marcenaria decretou, também, o fim da criação.

Naquela ocasião, aconteceu um episódio em que, Seu Remar, vizinho do casal na Rua Pedro da Cunha Andrade, passou na esquina numa manhã de domingo, em direção à feira do mercado. Mariinha estava varrendo a frente de casa e Evaldo estava lendo seu jornal no terraço, de onde não podia ser visto pelo vizinho.

– Bom dia Dona Mariinha! Como vai o esposo? – Cumprimentou Remar.

Mariinha, tendo escutado de forma equivocada, entendeu que ele perguntara: “como vão os porcos?”

– Ah, Seu Remar, eu dei fim. Deus me livre daquilo. – Respondeu, coerente com o que tinha escutado.

Seu Remar estancou incrédulo. Boquiaberto, voltou a questionar para ter certeza do que ouvira:

– Dona Mariinha, pelo amor de Deus, o que a senhora está dizendo?

– Seu Remar, somente quem cuida é que sabe o trabalho que dá. Não! Nunca mais. – Confirmou Mariinha, convicta.

Seu Remar não se conteve e atravessou a rua aproximando-se com a respiração tensa.

– Dona Mariinha? O que está me dizendo? – Repetiu assustado.

Da nova posição assumida em frente da casa, Seu Remar conseguiu visualizar Evaldo em seu “posto de observação” dominical, lendo os jornais e, por sobre as folhas, Evaldo também enxergou o vizinho se aproximando. Abaixou o caderno do jornal e o cumprimentou:

– Bom dia, Remar. Como vai? – Disse Evaldo, recepcionando-o.

Seu Remar, então, parou perplexo. Olhava para Mariinha, depois para Evaldo.

Mariinha, percebendo que um grande equívoco pairava no ar, interrompeu a tarefa, apoiando-se na vassoura para confirmar a pergunta que lhe fora feita.

– Dona Mariinha, eu perguntei; “como vai o esposo”. – Reforçou Seu Remar, atrapalhado.

Mariinha sem se controlar, caiu no riso, tentando explicar que houvera lhe entendido perguntar sobre “os porcos”.

Risos generalizados e alívio de Seu Remar, que também era admirador do casal e não assimilara a resposta recebida.

Evaldo ainda teve atividade empreendedora externa, instalando no Bairro de Jardim São Paulo a Serralharia Novo Horizonte, para fabricação de janelas, box de banheiro e outras esquadrias em alumínio. Também nesse negócio teve um sócio e acabou descobrindo que a gestão não estava sendo conduzida com lisura, pois o parceiro desonesto reservava para si encomendas que seriam da empresa. Assim, encerrou mais esta atividade.

Outro grande investimento em negócio foi a compra de um terreno no distante município de Lagoa dos Gatos, na Zona da Mata de Pernambuco.

Para esse empreendimento também chegou a fazer apostas altas. Comprou uma caminhonete Chevrolet C-10 e negociava bananas de produção própria do Sítio São Jorge, trazendo as frutas para a CEASA, no Recife, ou mesmo vendendo-

as em casa. Também nessa propriedade, plantou café para pequeno consumo interno e mandioca, parte para venda *in natura*, parte para produção de farinha, em parceria com os proprietários locais de Casas de Farinha e, um pouco ainda, para a produção de massa de mandioca em atividade familiar prosaica, na margem do açude da propriedade.

Chegou a se mudar para a cidade sede do município, a seis quilômetros do sítio, mas os filhos, que a essa altura já eram independentes (inclusive com Newton já casado) não conseguiram acompanhar o sonho do pai, fazendo com que, sozinho, ainda mais com as limitações físicas de uma espondilite que lhe limitava os movimentos, desistisse do projeto, vendendo as terras.

A última empreitada empreendedora de Evaldo e Mariinha foi a representação de perfumaria de uma marca que adota a revenda a partir de parceiros cadastrados.

De início, nessa nova tarefa, Mariinha ainda tinha energia para visitar os clientes e fazer a venda proativa, o que a tornou uma vendedora de nível reconhecido. Depois, com as necessidades de saúde de Evaldo e suas próprias limitações, as vendas desaceleraram, a ponto de atender apenas a clientes fiéis que iam à sua casa, tanto para encomendar, quanto para receber os produtos, de forma passiva, até que desistiram da atividade, parando totalmente o negócio, no qual também trabalharam juntos, com Evaldo fazendo as previsões de estoque e os controles financeiros e Mariinha, executando a parte comercial.

Terça-feira, 31 de julho de 2007

HOSPITAL GERAL. 08h35.

Evaldo amanheceu bem-disposto, apesar de todo o procedimento requerido na atual situação.

Quando as enfermeiras saíram do apartamento, após os cuidados de início do dia, Fátima tinha chegado e estava ao lado da cabeceira, acariciando o pai.

– Tudo bem? – Perguntou, mesmo sem esperar resposta.

Mas Evaldo fez questão de responder. Levou a mão ao aparelho de traqueostomia e arriscou:

– Tudo dentro da vontade de Deus. Estou bem. – A voz aparecia num misto de assobio e rouquidão.

– Não fale. – Recomendou Fátima, carinhosamente. – A gente se entende no olhar, não é?

– Eu gosto mais de ouvir. – Completou Evaldo.

– Ah, está gostando de ficar ouvindo, não é? – Brincou Mariinha.

– Gosto também de vocês por aqui. – Completou Evaldo, tampando o equipamento na garganta.

– Já pensou se fossem todos? – Alertou Mariinha em tom alegre. – Nem caberiam neste quarto. Já somou o total, entre filhos, noras e genro, netos e até bisnetos? Nós somos felizes de ver hoje uma família numerosa e saber que vieram todos de um amor incondicional...

– Somente os filhos, já formam um número bem considerável. – Corroborou Fátima.

– Sempre admiramos e quisemos uma família numerosa.
– Completou Mariinha.

Margarida vai à fonte, vai encher a cantarinha...

1955... A “escadinha” – como Evaldo chamava, referindo-se às diversas fases de crescimento dos filhos – foi se formando mais ou menos com os mesmos intervalos entre cada gravidez.

Quando Fátima completou um ano de vida, em agosto, Mariinha já estava com cinco meses de gestação de Carlos Alberto, que chegou no começo de dezembro, no dia 06.

No ano seguinte, 1956, o prazo ainda se reduziu, pois Evaldo Filho nasceu quando ainda faltavam três dias para Carlos Alberto completar seu primeiro ano, apesar de que sua chegada só era prevista para o próximo mês de janeiro.

Mesmo sem Mariinha ter absoluto controle de suas datas de gestações, visto ter uma irregularidade menstrual que não lhe possibilitava perceber quando estava grávida, senão depois de sinais mais efetivos além da suspensão dos ciclos, o casal afirmava que este último filho havia se apressado e nascido aos oito meses de gravidez.

Depois de Evaldo Filho houve uma interrupção um pouco maior, ocorrendo a sexta gravidez em 1959, com todo o preparativo para a chegada do bebê em janeiro de 60.

A chegada dos filhos estava emparelhando, dois a dois, a cada mês de aniversários: Marivaldo e Fátima, em agosto; Evaldo e Carlos Alberto, em dezembro; e, agora, chegaria um para fazer parilha com Neuton, no mês de janeiro.

Porém, esta gravidez, mesmo tendo chegado ao final, não concretizou o incremento da prole.

Sob o comando Divino, esse incidente marcaria a vida do casal.

Difícil no amor é saber renunciar...

1960... Na madrugada do dia 14 de janeiro, já aos nove meses de gravidez, Mariinha acordou e viu, entrando em seu quarto, o cunhado Lula, irmão de Evaldo que falecera há quase dois anos, vítima de agravamento de um ferimento de guerra, adquirido na Campanha da Itália, em Monte Castelo.

Lula era muito ligado ao casal e Mariinha teve, ao longo da vida, após sua morte, várias visões e sonhos nos quais o cunhado lhe dava notícias e alertas sobre ocorrências iminentes que careciam de alguma providência.

Na aparição que alarmou Mariinha, naquela madrugada, Lula lhe alertava sobre a necessidade de ir, com urgência, a uma maternidade em busca de auxílio médico, pois um quadro emergencial estava por se desenrolar para a chegada do bebê.

Ela, por sua vez, questionava essa necessidade, pois estava bem e vinha sendo acompanhada por Darquinha, que tinha feito seus partos anteriores, com exceção de Neuton, que nasceu em Fortaleza, apesar de ter sido, também, em casa. Porque, agora, procurar um hospital?

Lula, então, insistiu para que ela acordasse Evaldo e pedisse para sair em busca de ajuda médica. A partir daí, Mariinha teve a visão de um hospital, no qual ela estava chegando numa maca, com uma movimentação de urgência ao seu redor. Um médico – que ela não conhecia, mas que depois identificou como sendo o Dr. Lucas, que de fato a atendeu no Hospital Barão de Lucena – se aproximava, a examinava e constatava a necessidade de uma intervenção cirúrgica imediata. Ao redor, enfermeiros e enfermeiras obedeciam, impulsionando a maca, com rapidez, pelos corredores...

Mariinha saiu daquele transe assustada... sentou-se na cama e acordou Evaldo, que já percebera sua inquietação:

– Está sentindo alguma coisa? Quer que eu vá buscar Darquinha?

– Não meu filho (sempre o chamava assim). Quero ir para um hospital, agora!

– Como assim? Está se sentido mal? – Assustou-se Evaldo, sentando-se de pronto.

– Não. Eu estou muito bem, mas precisamos ir agora! – Rogou Mariinha, que já se pusera de pé, arrumando, numa valise, algumas roupinhas do enxoval.

Contou rapidamente a visão que tivera e Evaldo, conhecedor dos resultados de tais visões, não tinha motivo para duvidar de que devia atender ao seu apelo.

Providenciou a localização de um carro e acordou Cristóvão para que ele e Prazeres, mais uma vez, olhassem as crianças.

– O que houve, Evaldo? Mariinha está bem? – Perguntou Cristóvão em falas sussurradas para não despertar as crianças ainda adormecidas.

Evaldo explicou os motivos da corrida para o hospital e informou que telefonaria para Dona Bela, mãe de Mariinha, vir cuidar dos meninos logo pela manhã.

O carro de praça iluminou a rua com seus faróis, vindo em busca da parturiente.

Prazeres cruzou a rua e veio encontrar Mariinha, já de pé, na sala, arrumada para partir. Prazeres lhe abraçou desejando que tudo estivesse bem e desejando-lhe uma “boa hora”. Ficou no terraço vendo o carro partir com o casal. O dia estava começando a clarear, com a aurora deixando entrever as sombras dos enormes pés de jumbo em frente à sua casa, do outro lado da rua. Fechou, atrás de si, a porta, assumindo o comando da casa de Mariinha, enquanto as crianças ainda dormiam.

No hospital tudo transcorreu exatamente como na visão de Mariinha, que, mesmo já tendo passado por situações como

aquela, se assustou ao ver Dr. Lucas se aproximar, com sua bata verde-claro e feições que ela já conhecia antes de vê-lo pessoalmente.

– Placenta prévia! Urgente para o centro cirúrgico! Preparem todo material, vamos iniciar a anestesia imediatamente para uma cesariana. – Ordenou o obstetra, ao diagnosticar que a placenta se descolara do útero e vinha assumindo a passagem antes que a criança pudesse emergir.

A maca deslizou pelos corredores sem tempo para que o casal se despedisse. Mariinha via novamente todas as cenas que vislumbrara em seu quarto, horas antes.

Leila, a segunda menina do casal, foi conduzida à UTI neonatal após seu nascimento, via cesariana. Mas resistiu pouco tempo. Como a placenta se houvesse descolado, o bebê permaneceu no ventre sofrendo o esforço de sobreviver livre da proteção placentária, mergulhada diretamente no útero. Seu coração, dilatado pelo esforço físico, ganhara proporções muito acima do que normalmente um recém-nascido teria. O médico explicou que, caso tivesse sobrevivido, sofreria grandes limitações devido a problemas cardíacos. Assegurou que, se o casal não tivesse procurado assistência com a urgência com que o fez, a mãe também teria corrido sério risco de vida.

Leila foi batizada na própria maternidade. Mariinha não chegou a ver o bebê, que viveu poucas horas. Quando despertou totalmente dos efeitos da anestesia, os procedimentos de partida da filha, após tão breve passagem, já haviam sido providenciados por Evaldo, seguindo recomendação médica para que poupasse a mãe de maior aprofundamento da dor.

A perda do bebê uniu o casal numa solidariedade que elevou ainda mais seu amor e carinho mútuo. As crianças mais velhas, que já esperavam um novo irmãozinho, também permaneceram solidárias e cuidadosas com a mãe, quando esta retornou da maternidade sem o rebento.

Do evento restou uma promessa que marcaria o costume de Mariinha: nunca mais usou batom de cor viva ou voltou a pintar as unhas. Isso porque, após a cirurgia, quando Evaldo voltou a vê-la, encontrou-a pálida pela perda sanguínea e sentiu-se impactado pelo contraste das unhas pintadas de vermelho. Aquilo o assustou e orou pedindo por sua sobrevivência. Depois, narrando o episódio, Mariinha assumiu que jamais voltaria a se pintar. Uma espécie de “promessa” em gratidão.

Com sofreguidão mil venturas previ...

1970... Superada aquela situação, Mariinha ainda teve um último filho, “ponta de rama”: Luiz Carlos, cuja chegada tardia divide a prole do casal em duas gerações: Marivaldo já tinha 18, Newton completara 17, Fátima 16, Carlos Alberto iria completar 15 e Evaldo se aproximava dos 14 – os cinco da primeira geração cresceram juntos, experimentando as vivências da primeira infância e juventude em equiparação de idades. Agora recebiam Luiz Carlos, um bebê que podia ser cuidado de forma compartilhada pelos pais e pelos irmãos, que não perdiam a oportunidade de tê-lo nos braços, ensinar a andar e acompanhar as travessuras infantis de começo de vida.

Newton, particularmente, ligou-se com tal apego ao novo membro da família, que passou a ter o tratamento de “Migo” – corruptela de “Amigo” – quando Lula começou a falar, apelido que se conservou para sempre, inclusive com reciprocidade: tanto um quanto o outro chamam-se, mutuamente, de “Migo”.

Newton fazia questão de carregá-lo ao colo quando iam para Lagoa dos Gatos, depois, sob o pretexto de que “conhecesse o mundo”, o levava em passeios de bicicleta, fazendo questão de acompanhar seu crescimento e evolução com carinho desvelado.

Com a chegada de Luiz Carlos, o casal completara sua posteridade direta e já estava breve o crescimento da família pela agregação de noras, genro e, depois, mais quinze netos: Juliana, Marcelo, Mariana e Hugo (de Marivaldo e Ilma), Leila e

Natali (de Newton e Nádia), Gabriela e Daniel (de Fátima e Djalma), Lúdia, Hugo (de Carlos Alberto e Marta), e, ainda, Larissa (de Carlos Alberto e Irene), Danielle (de Evaldo e Mércia – esta, filha de Agenilda e José Antônio, vizinhos desde o começo do bairro), ainda Lorena (de Evaldo e Gislene) e, por fim, Pedro Henrique e João Victor (de Luiz Carlos e Nalva).

Desses netos, a descendência ainda se ampliou com mais oito bisnetos: Samuel, Maria Elis (estes chegados com o casal em vida), Anna Luiza, Gabriel, Maria Letícia, Maria Helena, Isabella e Marcelo Filho (até esta data, outubro de 2019).



Newton, aos 18 anos, com Luiz Carlos (Migo) durante a reforma da casa (1971).

Quarta-feira, 01 de agosto de 2007

HOSPITAL GERAL. 07h50.

O mês de agosto se iniciava. Era o terceiro mês que estavam empenhados na busca de restabelecimento da saúde de Evaldo.

Os filhos se revezavam para estar, sempre, pelo menos um, presente no hospital, junto com Mariinha. Mesmo que tal revezamento nunca tivesse sido planejado de forma explícita, cada um dedicava o tempo possível e sabia claramente os limites de horários e disponibilidades dos demais.

Depois da passagem pela UTI a febre não se manifestara e Evaldo permanecia atento, querendo notícias de cada um, o quê Mariinha atendia, lhe passando as informações quando estavam a sós, sobretudo quanto a Carlos Alberto, que inclusive tinha vindo na recepção na tarde do dia anterior, e Newton, cujos telefonemas para ela ou para algum dos irmãos, eram diários.

Quando Luiz Carlos chegou, Mariinha e Evaldo conversavam justo sobre como estava cada um. Luiz, então, observou:

– Até hoje vocês se ocupam de administrar, ou ao menos acompanhar, cada um dos filhos. Imagino a trabalhadeira que tiveram quando todos eram pequenos, dependentes de vocês. Considerando a quantidade de filhos que mamãe enumerou ontem, como era a divisão de tarefas entre vocês para manter tudo em ordem?

– Nunca chegamos a negociar explicitamente a competência de cada um. Mas, de forma implícita, aos poucos, até pela nossa disponibilidade, fomos assumindo diferentes responsabilidades. – Alegou Mariinha. – Somente uma coisa ficou estabelecida entre nós dois: nunca um desfaria a decisão já tomada pelo outro. Os pedidos que implicassem em alguma liberalidade

eram antes negociados com ambos, de forma que os filhos – digo, vocês – não nos passasse a perna.

Marivaldo, que tinha chegado enquanto ela explanava a metodologia, questionou:

– Mas, quando o pedido era mais ousado, para uma saída noturna, por exemplo, quando éramos adolescentes, vocês ficavam mandando de um para o outro: “Vá pedir a seu pai...” você dizia; “Isso é com sua mãe...” rebatia ele! Não era assim?

– Ah, mas não era mesmo. – Consertou Mariinha. – Vocês podiam nem perceber, mas se eu discordasse, a resposta era: “Deixe-me conversar com seu pai” ou, “Vamos conversar com seu pai hoje à noite”, de forma que estaríamos juntos buscando um consenso; já, quando eu concordava, dizia: “Peça a seu pai”, não é que estivesse “empurrando” para ele. Era um sinal – que ele entendia – de concordância, que era checado por seu pai, ao questionar: “Já falou com sua mãe?” Se ainda não tivessem falado, significava que o processo estava iniciando agora, logo, era a vez de ele dizer: “Vá pedir a sua mãe” ou parava ali, até uma decisão conjunta. Caso vocês já houvessem falado com o outro, nós saberíamos que era porque não havia oposição, assim dava-se o veredicto final.

– Ah? Era assim? Passei batido! – Lamentou Marivaldo, em tom brincalhão.

Risos generalizados.

– Pois é. Agora já podemos revelar o segredo, não é meu filho? – Concluiu Mariinha, senhora de si, mas solicitando a cumplicidade do marido. – Não teríamos tido sucesso se não houvesse divisão de tarefas e compartilhamento de decisões.

Por outro lado, tenho plena certeza que qualquer de vocês que houvesse decifrado a charada, jamais seria capaz de usar de desonestidade para burlar a regra. Essa confiança, respeito e honestidade, não tenho dúvidas de termos inculcado em cada um de vocês, seja pelo discurso ou, mais ainda, pelo modelo de nossas ações.

Dito isto, Mariinha aproveitou o “mote” para continuar divagando sobre o assunto.

Da boca faz o tinteiro; do bico, pena molhada; dos dentes, letra miúda; dos olhos, carta fechada...

Anos 60... A condução cotidiana de uma família, numa “escadinha” de diferença de idades como a que Mariinha e Evaldo tiveram que conduzir, não é nada fácil.

Mas, eles tiveram muito sucesso e desempenharam, com maestria, seus papéis de pai e mãe.

As intervenções de Evaldo no processo de educação – e até mesmo de convivência – eram menores, dada a sua ausência exigida pelo mundo do trabalho, como provedor. Mas não foi, de forma alguma, um pai ausente.

A disciplina exigida era rígida, sem ser rígido na forma de cobrar o cumprimento de regras.

Como já comentado, Evaldo foi criado em ambiente rigorosamente ortodoxo. Seu pai usava de rigor a ponto de não permitir que alguém se sentasse à mesa sem estar completamente vestido, sendo que, ele próprio, chegava a usar paletó para as refeições mais formais.

Em sua infância, assobiar dentro de casa, era proibido:

– Coisa de cocheira. – Dizia Seu Manoel se alguém ouzasse. E a punição era exemplar!

Esses princípios permearam, até certo ponto, seu ideal de educação para a família, amenizado pelas observações mais modernizantes de Mariinha.

Pode-se dizer que Evaldo era até flexível – ou aprendeu a ser ao longo dos anos.

De religião católica, levada a sério em seus ritos e liturgias, chegou a ser “coroinha” – ajudante do padre nas cerimônias litúrgicas da Igreja de Ipojuca.

Assim, a educação religiosa fez parte das obrigações dos filhos, que todos os domingos tinham que ir à igreja assistir à missa dominical, comportados, com seus terços e, Fátima, até com véu na cabeça: Costume arraigado naquele tempo.

Aos poucos, à medida que ganharam autonomia relativa, na adolescência, os filhos continuaram indo à igreja, mas muitas vezes permaneciam ao fundo da assembleia ou mesmo do lado de fora, na calçada, onde a juventude do bairro se reunia para, depois da missa, passear no calçamento da Antônio Curado, subindo e descendo a rua, olhando as meninas e, estas, os rapazes na fase da “paquera” inocente.

Evaldo também foi inicialmente severo com alguns costumes, mas, aos poucos, foi cedendo.

Por exemplo, não aceitou fácil o modismo das sandálias japonesas. Criticava que “aquelas riatas”, como chamava, não eram condizentes com os costumes masculinos:

– Não criei filhos homens para isso! – Rechaçava.

Idêntico comportamento foi anunciado quando começaram a surgir calças com zíper na braguilha.

Com o tempo, rendeu-se e começou a usar, ele próprio, os chinelos de “riata” e as calças de zíper.

O corte de cabelos dos filhos homens, também era supervisionado por ele. Cabelos longos não foram bem aceitos por logo tempo. O corte “*Jack Demis*” era recomendado a Seu Neco ou a Pirrita – barbeiros de sua preferência – e não havia chororô em contrário.

As atividades de trabalho “pesado” e manutenção, eram também da responsabilidade de Evaldo, das quais participava com seu esforço pessoal e com a supervisão geral da distribuição de tarefas e avaliação da qualidade dos resultados.

Uma delas, periodicamente, em geral com a aproximação do final de ano, era o mutirão de limpeza e manutenção da casa. Um ou dois finais de semana de trabalho intenso, com todos os cinco filhos envolvidos em tarefas de acordo com o porte

e a força de cada um: os maiores subiam nas escadas para pintar as partes mais altas das paredes. Os menores concluíam a tarefa daí para baixo.

Havia também a pintura de rodapé, com pequenos pinéis, um cordão estirado para garantir o nível horizontal uniforme da pintura, de cerca de dez centímetros de altura, em vermelho xadrez.

No quintal, um grande tonel metálico era o repositório da cal virgem – diferente das atualmente hidratadas – que fervia ao ser adicionada à água, formando bolhas e deixando a lateral do tonel numa temperatura bem elevada. A “goma arábica” – uma cola fornecida em tabletes endurecidos que se desmanchavam no calor e serviam para dar mais aderência da tinta à parede – também era adicionada à mistura fervente.

Quando as latas e baldes usados pelos “pintores” se esvaziavam, dirigiam-se para o quintal onde Evaldo, pessoalmente, manipulava o conteúdo do tonel, mexendo com uma madeira grande antes de abastecer os baldes, visto que o contato com a cal poderia provocar queimaduras importantes.

Para completar o grande mutirão de pintura de paredes, vinha a pintura das portas e janelas, que avançava durante a semana com a ajuda até mesmo de Mariinha, esforço do qual Evaldo participava pouco, pois já tinha voltado à sua rotina de trabalho. Mas a supervisão era exercida com rigor – pela manhã, antes de sair, ou quando voltava à noite – apontando possíveis pontos onde a pintura estivesse com falhas, reclamando de eventual baixa produtividade ou, ainda, determinando as tarefas do dia seguinte.

Outro grande mutirão que representava trabalho duro para os filhos, mas que acabava se transformando numa atividade prazerosa, com almoço especial e convivência sadia, agora lembrada com saudade, era a manutenção da cerca em volta da casa.

Em duplas, os filhos eram designados para cavar os buracos onde seriam fincados, a cada dois ou três metros de distância, os moirões de sustentação: um filho usava o cavador e outro, agachado, retirava, com o uso de uma quenga de coco, a terra fofa escavada. Depois as estacas eram fincadas e aterradas com pedras que lhe davam firmeza. Finalmente, o buraco era completado com terra.

Firmadas as estacas de mourão, os rolos de cerca eram abertos, estirados e presos aos postes com grampos em formato de U que, se não manipulados com destreza, faziam o martelo espirrar na curvatura e acertar o dedo do incauto que saía aos pulos, segurando a mão machucada e ouvindo as queixas de Evaldo, criticando a falta de cuidado e a “moleza” do chorão. Mas, se o machucado fosse realmente merecedor de cuidados, lá ia ele pressionar com algodão e Elixir Sanativo e dar uma “dispensa” ao acidentado ou realocá-lo para outra atividade que não arriscasse magoar a região ferida, adicionando carinho paterno ao curativo.

A escavação do “buraco do lixo” também era outra epopeia familiar.

Por muitos anos não houve coleta de lixo no bairro e a metodologia adotada para desfazimento de restos produzidos era o aterro sanitário no fundo do quintal, opção adotada pela vizinhança, com a escavação de buracos onde se jogava os resíduos domésticos, para serem compactados e aterrados.

Em princípio, com as crianças ainda menores, esses buracos eram escavados por contrato informal de serviço tratado com Marlindo (Mau), Reginaldo (Regi) ou outro disposto à empreitada.

Evaldo demarcava o local e as dimensões do buraco, em geral um quadrado em torno de dois metros de lado por outro tanto de profundidade. Nesse tempo, a participação das crianças era a de perturbar o trabalho, subindo no “morro” de barro resultante da escavação ou entrando no buraco para brincar de “trincheira”, com o desafio de subir de volta daquela profundidade que, para suas estaturas de então, era significativa.

Como atividade inspirada nestes “buracos de lixo” derivou a “caça ao tesouro”, pois muitas vezes uma escavação levava à coincidência de locais onde antes houvera outro “buraco”, fazendo aparecer carrinhos, bonecas ou soldadinhos, saudosos brinquedos que tinham permanecido enterrados por anos. A alegria de achar aqueles “tesouros” era tão grande que, em similitude, as próprias crianças produziam, deliberadamente, o enterro de alguma caixinha contendo “preciosidades”, providenciando o desenho de “mapas do tesouro” com distâncias contadas a partir dos troncos das árvores ou dos limites do terreno do quintal, para depois promoverem uma “caça ao tesouro”.

Essas “preciosidades” à guisa de tesouro, eram pedras de colares de fantasia de Mariinha, botões perolizados de suas roupas e, uma vez, até uma sandália cujas riatas eram perpassadas de pedrinhas coloridas, tais como balas “*drop’s*” tomou sumiço para que as pedras – imaginários diamantes e rubis – restassem enterradas em algum pretense “baú pirata”.

Depois, quando mais maduros, os próprios filhos escavaram alguns “buracos de lixo” sob a supervisão de Evaldo, até que, finalmente, a coleta passou a ter regularidade, através de caminhões da Prefeitura, com um trabalhador em baixo, jogando os depósitos de lixo (feitos de pneus) para outro trabalhador que ficava em cima da carroceria, esvaziando o conteúdo e devolvendo o depósito enquanto organizava, com auxílio de um garfo enorme, a lixaria, em compartimentos com tampas deslizáveis para fechamento.

Essa era a tecnologia da época. Provavelmente uma escavação feita hoje no terreno ao redor da casa revelará um acervo precioso de material doméstico e de brinquedos, num verdadeiro achado “arqueológico”.

Mas não eram somente tarefas pesadas que uniam a família em mutirões. As ocasiões que requeriam cardápio especializado levavam Evaldo para a cozinha. De fato, na época junina, a canjica de milho e a pamonha eram produzidas por ele, desde o debulhar do milho – com a ajuda dos filhos e de Mariinha, mas sob sua direção – até o enchimento das bolsas, formadas com a

palha das espigas, para o molde das pamonhas, além do plantão no pé do fogo para ficar mexendo a canjica até a fervura.

Na semana Santa, o preparo do quibebe, da farofa d'água e até do peixe de coco, tinha a participação parcial ou exclusiva de Evaldo. E tudo ficava uma delícia.

Além dessa culinária eventual, Evaldo gostava de se envolver pessoalmente na preparação de comidas típicas. E era de fato um envolvimento de cabo a rabo, pois até mesmo o abate era, às vezes, por sua conta, com a ajuda de Balman, Cristóvão ou outro vizinho.

Certa feita um carneiro chegou vivo do interior e todo o processo, desde o abate até a degustação de um delicioso sarapatel de miúdos e carne, servida guisada e assada, proporcionou um evento festivo e marcante, com casa cheia e almoço farto.

Alguns bacurins – como ele chamava os porquinhos – de sua criação própria também já foram eleitos para um dia de churrasco e sarapatel.

Para Evaldo a exceção ao estilo sóbrio e severo era o carnaval, época comemorada com maior liberalidade, até em adesão ao estilo recifense de brincar (ou “pular”) a festa.

No último dia de trabalho da semana pré-carnavalesca Evaldo se demorava após o expediente e chegava em casa de cabelos brancos cobertos de talco. Vinha “alegre” por efeito de umas doses ingeridas no caminho de casa. Chegava cantando músicas carnavalescas (*Oh abre alas que eu quero passar*), dedo em riste e derramando talco na cabeça dos próprios filhos.

Mariinha tomava o controle até falando muito sério com o marido, para conduzi-lo ao banheiro para um choque térmico, mas também acabava sorrindo da situação. Até porque, no carnaval, também ela se munia de baldes de água para atingir os vizinhos, que muitas vezes também invadiam a morada do casal para ensopá-los com banhos, que também inundavam o terraço, sala, ou cozinha, sem reclamações, ao contrário, terminando tudo em festa e frevo.

A casa, nessa ocasião, recebia decoração de serpentina pendentes dos caibros da sala e terraço. A música alta, tocando os frevos pernambucanos, e o preparo de bate-bate de maracujá para recepcionar os amigos ou servir aos passantes vestidos de “La ursa”, uma tradição herdada da Europa, típica dos carnavais de então – uma espécie de urso amarrado por uma corda acompanhado do seu caçador e domador com a presença de um bloco de batucadores cantando um refrão repetitivo:

*“A La Ursa quer dinheiro
Quem não der é pirangueiro”.*



La Ursa do carnaval pernambucano. (Foto: Internet)

Evaldo gostava do carnaval, e estes grupos já conheciam a amabilidade de tratamento na Amaro Lopes Madeira, 44, assim, se dirigiam para lá, parando no portão, ou mesmo sendo convidados a entrar para uma apresentação particular, enquanto saboreavam um bate-bate e tomavam uma caneca de feijoada para recuperar forças.

Eram La Ursas, Caboclinhos, com seus chocalhos e pontas de lança, ou ainda os chamados Blocos de Sujo.

Seu slogan na criação dos filhos sempre foi “prefiro que façam as coisas em casa, onde tenho supervisão, do que na rua, escondidos e sem controle”.

Esse slogan favoreceu um ambiente agregador, fazendo com que a casa 44 da Amaro Lopes Madeira, fosse polo de atração para os jovens amigos dos filhos e da filha.

Quando trabalhava em JL Moutinho, Evaldo criou o hábito de manter em casa uma caixa de cervejas, cuidando do reabastecimento. Assim, sempre havia uma caixa com cervejas em casa e, quando nos dias de sábado o caminhão da empresa passava fazendo a distribuição no comércio do bairro, fazia também a visita domiciliar parando na porta de Evaldo para apanhar os cascos vazios e deixar outra grade cheia, em entrega doméstica exclusiva.

Os ensaios de quadrilha de São João aconteciam na frente de casa ou, depois da reforma feita em 1971, no terraço que passou a existir onde antigamente fora o quintal lateral direito.

Na véspera de São João, dia da dança definitiva da quadrilha, Evaldo conseguia, com os fornecedores da empresa, uma lona enorme que era aberta na rua, em frente à casa, sobre estacas elevadas, para que a dança se desenvolvesse protegida de eventual chuva.

Depois da quadrilha na rua, a festa continuava dentro de casa ainda por um bom pedaço da noite, com forró e quentão ou cerveja geladinha.

Cristóvão também gostava da brincadeira e levantava um pau de sebo junto com Evaldo e Flávio, para desafiar os jovens a subirem para apanhar uma soma em dinheiro.

No Natal, era Mariinha quem dominava a organização da comemoração.

Era tradição armar a árvore e decorar a casa apenas na noite da véspera de Natal. Muitas vezes as crianças já tinham ido dormir quando Mariinha organizava tudo para surpreendê-las na manhã de Natal, com seus presentes postos sob a árvore que não existia quando eles tinham ido dormir, completando a surpresa.

Muitas vezes a curiosidade dos filhos antecipava essa descoberta ainda pela madrugada, quando o primeiro acordava, notava a alteração da paisagem da sala e passava a acordar os demais para sondarem os presentes.

A família nunca foi abastada e até passou, em alguns momentos, por situações de necessidade, mas as festas e os presentes para os filhos eram sagrados, ainda que com coisas muitos simples, decoração improvisada e comidinhas bem limitadas. Mas nunca faltou.

Também era de responsabilidade de Mariinha a orientação escolar, seja como professora, seja em atividades de reforço ou na imposição da disciplina para que os deveres e horários escolares fossem cumpridos.

Desde cedo as atividades voltadas para o desenvolvimento cultural foi uma preocupação e uma ação bem executada em parceria.

Para os filhos, quando crianças, Mariinha arrumava tempo, entre as tarefas domésticas, para sentar-se na cama, com travesseiros contra a cabeceira, cercada pelos filhos, exercitando, para eles, a leitura de revistinhas e álbuns infantis. Caras e bocas eram improvisadas para dar vida aos personagens, fazendo com que cada um tivesse personalidade e voz diferentes durante a leitura, que era acompanhada com atenção.

O incentivo à leitura veio também na forma de aquisição de coleções infantis, infanto-juvenis e livros deixados à disposição de todos em uma estante acessível.

A coleção “Antes que aprendam na rua”, com diversos volumes dedicados a diferentes idades, tratava de sexualidade e das transformações físicas durante a adolescência.

O conteúdo ilustrado, trazia explicações sobre o desenvolvimento do corpo, diferenças entre meninos e meninas, menstruação, gravidez, masturbação etc.

Esses livros eram deixados, convidativamente à vista, para serem folheados pelos que assim se interessassem, e surtiu o efeito desejado. Sobretudo (diga-se de passagem) pela curiosidade despertada pelas ilustrações.

A atitude dos pais foi, antes de tudo, modelo a ser seguido, proporcionando melhor resultado do que exemplos ou orientações.

A imagem dos pais fazendo suas leituras e dando tratamento cuidadoso, seja aos livros, seja aos jornais ou mesmo às revistinhas em quadrinhos, deixou claro o comportamento esperado para com a leitura.

Evaldo criou o costume de trazer para casa, todo final de semana, uma revistinha em quadrinhos. As crianças corriam para recebê-lo e disputavam a posse da revistinha. Ele estabeleceu a regra de entregar a revista ao primeiro que o recebesse na chegada.

Nos finais de semana Evaldo se deitava depois do almoço e pedia uma revistinha para ler e se distrair antes do cochilo. Ocorre que, em geral, os filhos brincavam de recortar as figurinhas dos personagens para fazer colagem. Notou então que Neuton sempre as guardava intactas e as disponibilizava para sua leitura, enquanto os demais já não tinham mais a revistinha presenteada dias antes. Decretou então que as revistinhas seriam entregues para a guarda do filho, que passou a colecioná-las com tanto cuidado que mesmo revistas muito antigas podiam ser encontradas no fundo do gavetão, sem nenhum amasso ou risco e, até, ainda com o cheirinho de tinta de impressão.

O fim dado a esta coleção foi um verdadeiro rito de passagem do colecionador para a maturidade. (Para constar, seguido depois de grande arrependimento – mas isso é outra história!).

Quinta-feira, 2 de agosto de 2007

HOSPITAL GERAL. 09h00.

Doutor Ramos veio logo cedo para a visita rotineira a seus pacientes.

Ao entrar no apartamento, encontrou Mariinha acomodando o travesseiro sob a cabeça de Evaldo.

– Essa é uma enfermeira incansável. – Brincou. – Seu Evaldo tem sorte de ser o meu único paciente, em apartamento, com os cuidados intensivos de uma UTI. – Disse se aproximado e acariciando o braço de Evaldo, que sorria o seu conhecido sorriso, tímido e silencioso.

– Graças a Deus, estamos com três dias sem febre. Como está se sentindo? – Perguntou Dr. Ramos.

Evaldo apontou para o conduto da traqueostomia e pôs o polegar para baixo, sinalizando sua inquietação com o dispositivo.

– Ah, isto aí tem que ficar ainda algum tempo, até termos debelado, por completo, o problema. Pode ser ruim para falar, mas ajuda na respiração e no trabalho da enfermagem. – Ponderou o médico. – Vamos aguardar um pouco mais. Tenha paciência.

Paciência era o que não faltava a Evaldo que suportava, sem queixas, todos os procedimentos necessários ao seu tratamento.

Fátima chegou quando o médico ainda estava presente.

– Olha aí. Chegando mais carinho. – Anunciou Dr. Ramos. – Eu já estou sabendo que este é o apartamento mais visitado do hospital. Está vendo como o senhor é bem querido?

Evaldo Filho chegou logo após a saída do médico. Cumprimentou o pai e a todos, alojando-se próximo à cabeceira, aos pés de Evaldo, que procurava lhe manter sob o olhar.

– E então? Já iniciaram os diálogos de hoje? Ontem à noite eu estava lembrando de uma época em que o pessoal da vizinhança ia lá para casa ver televisão. – Comentou o filho recém-chegado. – Eu era muito pirralho, não lembro de tudo, mas sei que foi uma festa a chegada da TV lá em casa.

– Sim, você estava na faixa dos seis anos aproximadamente. Eu lembro de muita coisa. – Acrescentou Fátima. – Mesmo assim, não lembro detalhes. Mas sei que a TV, lá em casa, deu muito prestígio para a gente. Todo mundo queria ser nosso amigo para poder ter acesso à novidade.

– De certa forma foi um trabalho adicional para mim, pois tinha que ficar atenta a quem chegava e como se comportava... – Relatou Mariinha.

Evaldo, em seu leito, esboçou um sorriso como se as lembranças estivessem desfilando em sua memória.

Nosso apartamento agora vive à meia luz...

Em 1960 surgem no Recife as duas primeiras emissoras de televisão: a TV Rádio Clube, canal 6, e a TV Jornal do Comércio, canal 2. A chegada da TV foi mais um elo na cadeia de eventos de prestígio e reconhecimento do casal no bairro.

Isso porque era uma raridade as pessoas terem aparelhos de televisão em casa. Primeiro, porque era uma novidade na cidade, apesar de que a televisão tinha sido introduzida no Brasil uma década antes, em setembro de 1950, com a inauguração da TV Tupi, em São Paulo. Segundo, porque os aparelhos receptores eram muito caros.

Ocorre que Evaldo trabalhava numa loja de eletrodomésticos, a SODIMA, que adotou como estratégia de introdução do novo produto, a disseminação do seu conhecimento através da tática de colocar aparelhos nas casas de alguns de seus funcionários para que a vizinhança pudesse assistir aos programas. Assim a família passou a dispor, em primeira mão, dessa modernidade. Periodicamente o aparelho era trocado por outro, de forma a evitar que o uso contínuo inviabilizasse a futura comercialização em loja.

Foi então que chegou uma das primeiras TVs do bairro e assistir televisão na casa de Seu Evaldo e Dona Mariinha tornou-se parte da programação da garotada e até dos adultos.

As emissoras entravam no ar por volta das 8 horas da manhã, colocando no vídeo um sinal “padrão” contendo um círculo e vários desenhos geométricos sobrepostos, com linhas verticais e horizontais, tudo para permitir o ajuste da imagem, com alargamento ou redução do foco horizontal e/ou vertical até que o círculo parecesse, de fato, com um círculo (às vezes a aparência era oval). A música “O Guarani”, de Carlos Gomes, anunciava que a emissora estava iniciando sua programação para o dia, com uma oratória que concluía “desejando a todos uma boa imagem e diversão”.

Em seguida, a programação do dia deslizava na tela, mostrando “Nossa programação para hoje”, com as atrações previstas e respectivos horários, que seguia até meia noite, quando anunciavam que “estavam encerrando as transmissões no dia de hoje, para manutenção dos equipamentos”, tocando o Hino Nacional para, em seguida, encher a tela de risquinhos (formiguinhas, diziam alguns) ao sair do ar.

Muitas vezes o aparelho de TV era ligado antes mesmo do tal sinal de ajuste, quando ainda faltavam alguns minutos para o início. Assim que a tela se estabilizava, sumindo com o chiado e mudando os risquinhos típicos de “fora do ar”, pela imagem do tal sinal de ajuste, já havia uma comemoração, anunciando que a programação iria começar. Às vezes, nessa hora, já tinha gente na frente da casa para acompanhar a programação

do dia e memorizar o horário previsto para seu programa favorito.

Um dos expectadores, com trejeitos afeminados, certa vez manifestou sua alegria ao ouvir na programação do dia o seu seriado favorito:

– “*Oba, hoje tem Jim das Selvas*” – Comemorou melodiosamente.

Foi assim que a expressão ficou famosa na ala jovem dos telespectadores (apelidados de *televizinhos*), repetida pela criança com risos e gozações.



Seriado “Jim das Selvas” nas tardes da TV, nos anos 1960.

Os programas seriados, como Jim das Selvas, Rin tin tin, Lassie, Patrulha Rodoviária, Batman, entre outros, eram os mais esperados pela faixa infanto-juvenil, que se apinhava, na janela do terraço, para assistir aos episódios, com privilégio para alguns, selecionados por Mariinha, que podiam entrar (ainda que fosse para sentar no chão!) por serem mais bem-comportados.

Mas os adultos também se aglomeravam e eram recebidos por Evaldo para assistirem, de dentro de casa, aos programas jornalísticos ou a *vídeo-tapes* de futebol, cujo resultado já era conhecido por se tratar de jogo ocorrido na semana anterior. Nas ocasiões de jogos, até mesmo uma cervejinha era servida ou trazida pelos convidados.

Uma imagem emblemática marca esses eventos: Seu Melo, da Cooperativa, com seu corpo obeso espalhado (com sobra) em uma das cadeiras de madeira, com seu vozeirão sinalizava aos demais convivas, abrindo os braços e espalmado as mãos – como se fosse parar carros no trânsito – para que todos calassem e prestassem atenção, pois seria exatamente neste lance, aos 35 minutos do primeiro tempo, que iria acontecer o gol! Toda a plateia se debruçava para a frente. Alguns até se levantavam para apreciar o gol já sabido de todos, enquanto os mais apaixonados, que decoravam a sequência de passes precedentes aos gols, narravam, inquietos, junto com o locutor: “-bola lançada para Pelé, que dribla fulano, lança para sicrano, que recebe de volta na grande área...” De repente, todos estavam de pé, prontos para o abraço... – “recebe com o pé direito, dribla para o esquerdo e lança a bola e é Goooooooooolllll...” A sala virava uma festa, havia brindes, esvaziavam-se os copos...

E olha que Evaldo sequer era aficionado de futebol. Para ele, melhor era estar com a família e assistir a um filme dos Três Patetas, Mazzaropi ou ao programa local de auditório: “Você faz o show”, de Fernando Castelão — na TV Jornal do Commercio ou “Noite de Gala”, gravado no Rio de Janeiro, com Flávio Cavalcanti e seu famoso jargão: “Nossos comerciais por favor!”



Programa “Você faz o show”, na TV Jornal do Commercio, canal 2, nos anos 60, sob o comando de Fernando Castelão.

A maior parte da vizinhança não sabia que os aparelhos eram da SODIMA, em exposição para publicidade, e o respeito pela família ganhou mais pontos com aquela modernidade disponibilizada para todos.

Como curiosidade, registre-se o processo de ajuste muitas vezes necessário para a correção de imagem que, não raro, flutuava, passando, de cima para baixo, ou de baixo para cima, com maior ou menor velocidade, ou mesmo estacionando a meio caminho, tal qual um elevador que parasse entre dois andares: assim, a testa do apresentador ficava em baixo e o seu peito em cima ou o céu e as cabeças dos cavalos e mocinhos, na metade de baixo, enquanto que as patas dos cavalos levantavam poeira na metade superior da tela, sobre suas próprias cabeças.

Os aparelhos vinham equipados com botões “horizontal” e “vertical”, para serem usados nestas ocasiões, para os devidos ajustes. Os fabricantes só não tinham ainda se tocado quanto à praticidade de localização de tais botões, pois os mesmos vinham na parte traseira dos equipamentos que, diga-se de passagem, eram imensos em sua profundidade, para comportarem o tubo de imagem e a “floresta” de válvulas que iam acendendo aos poucos, ganhando brilho até que a TV esquentasse e produzisse imagem depois de inquietante espera.

Dessa forma, era impossível a uma única pessoa, fazer o ajuste sem um ajudante, pois o braço não era tão longo que lhe permitisse girar o botão atrás do aparelho, enquanto seus olhos ainda estivessem alcançando a tela...

A solução: um dos filhos era eleito para ir para trás da TV, enquanto Evaldo, na frente do aparelho, ia orientando:

– Ainda está subindo... agora começou a descer... está melhor, diminuiu a velocidade de descida... mas ainda está descendo bem lento... parou no meio... só um pouquinho mais... Não, não... começou a subir de novo... Pronto, aí!

Outra solução viável era pôr um espelho diante do aparelho e ficar atrás da TV visualizando, pelo reflexo, o resultado de sua ação sobre o botão.

– Danado é que este tempo ainda dá saudades, mesmo com toda dificuldade imposta. Vá entender! – Comentou Evaldo Filho provocando risos em todos.

Sexta-feira, 3 de agosto de 2007

HOSPITAL GERAL. 08h00.

Sem alteração de saúde, a sexta-feira foi dia de visita ampliada. Alguns dos netos vieram pela manhã, em passagem rápida, para ver o avô. As aulas começariam na segunda-feira, encerrando o período de recesso junino nas escolas. Era a oportunidade de estarem com ele antes de retomarem o corre-corre dos estudos.

À tarde permaneceram no apartamento Evaldo Filho, Marivaldo e Fátima, que chegara já no final do dia.

– Como foi a conversa de ontem? - Perguntou Marivaldo.

– Relembramos sobre a televisão lá em casa, nos anos 60, e os nossos televisinhos. – Respondeu Evaldo Filho. – Eu não lembro de tudo, mas ontem fiquei sabendo muitos detalhes.

– A televisão era uma novidade, mas mesmo antes dela – e também depois – lembro que nossas incursões nas artes, no cinema especificamente, e na vida social, até que não foram raras, considerando as dificuldades da época, os custos e o trabalho que deveria ser programar e executar uma saída com família tão numerosa. – Relatou Marivaldo.

– Realmente não era fácil. Mas sempre foi prazeroso. E fizemos o possível para que vocês tivessem uma visão do mundo exterior, fora do cenário exclusivo do lar. – Complementou Mariinha.

Acorda minha bela namorada, a lua nos convida a passear...

A formação cultural incluía cinema, sempre que cabia no bolso e quando um novo filme era comemorado como de conteúdo familiar, de fundo moral ou emocional. Os filmes e desenhos animados dos estúdios Walt Disney, principalmente, estavam no cardápio.

Não era fácil conduzir toda aquela meninada ao cinema, mas filmes como “*Thomazina: um grande amor nunca morre*”, “*Somente os fracos se rendem*”, “*Mary Poppins*”, “*A noviça rebelde*” e os desenhos “*Bambi*”, “*A Bela Adormecida*” e “*Branca de Neve e os sete anões*” estiveram na agenda do casal.

O teatro falhou, mas também essa arte foi programada para ser apresentada aos filhos. No dia em que a estreia aconteceria a sessão foi cancelada deixando, tanto as crianças, que já estavam programadas para a novidade, quanto o casal, frustrados.

Passeios de finais de semana também eram uma forma de diversificar opções para a prole: domingo no zoológico de Dois Irmãos – registre-se, com percurso feito a pé entre o Engenho do Meio e o parque zoo-botânico, passando pela Cidade Universitária, vazia de estudantes em dias de domingos, convidando para as correrias dos meninos pela ampla Avenida Reitor Joaquim Amazonas.

No horto, após visita aos animais, se escolhia um local entre as árvores, numa das colinas do zoo, onde era forrada uma toalha para o lanche, tipo *pic-nic*. Ali, Mariinha ficava absorta, contemplando a mata, rezando, observando sua família feliz com aquela atividade diferente.

Um dia inteiro na recém-inaugurada colônia Águas Finas, com direito a almoço e repouso em um chalé, no aniversário de 15 anos de Fátima; a cidade do Cabo, com passeio de trem; São João em Tacaimbó... Programações que ocorreram desde a infância até a juventude, como no caso da vaquejada em Frei Miguelinho, quando o cortejo foi ampliado com a presença de Ilma

e Nádia, então namoradas dos dois filhos mais velhos, dando continuidade à tradição dos passeios em família.

As esporádicas visitas à Praia de Boa Viagem movimentavam a casa e criavam um clima totalmente diferente, desde a sua programação e planejamento, gerando a expectativa e a contagem regressiva para o final de semana.

Na véspera do passeio Mariinha fazia compras especificamente para o evento, incluindo os lanches e até sandálias “japonesas” novas, caso as em uso já estivessem desgastadas. Destaque-se a ocasião em que, não sem esforço econômico financeiro – por pequeno que possa parecer o investimento, ele era multiplicado por cinco, ainda mais em tempos de vacas magras – Mariinha comprou sandálias novas e, uma das crianças, ao chegar à praia, cuja maré estava em movimento de baixa mar, deixou a sandália, em dia de estreia, à beira mar, o que fez com que as ondas, que puxavam fortemente, as arrastassem, sendo vão o esforço para conseguiu encontrar o par de calçados novinho que desapareceu mar adentro.

A agitação de um dia de praia começava na noite da véspera, quando, previamente, Mariinha descascava laranjas para serem apenas “destampadas” no alto antes de serem chupadas à beira mar, quando os lábios já estavam ressecados pela água salgada (delícia); sanduíches eram preparados sob olhares pídões – e até com a ajuda dos filhos que se propunham a uma linha de produção: um cortando os pãezinhos, outro colocando o recheio de queijo ou carne moída e, mais um, para envolver em guardanapo com um palitinho de dente espetado no alto... tudo era arrumado em uma bolsa.

As roupas de banho eram separadas para serem vestidas pela manhã sem a demora de ainda serem localizadas. Vestir toda a tropa não era tarefa que pudesse deixar espaço para demoras. Tudo tinha que ser programado.

A manhã era, na verdade, madrugada e o passeio, viagem, pois o percurso exigia baldeação entre dois ônibus. Assim, o sol ainda não tinha nascido quando todos eram acordados, porém sem dar trabalho, uma vez que a ansiedade colaborava no

despertar, quando Mariinha e Evaldo vinham nos quartos tocar nos ombros e chamar pelos nomes de cada um, anunciando que chegara a hora de ir à praia.

Seguia-se o ritual de visitar o banheiro, vestir calção e maiô, comer alguma coisa – nem que fosse uma fruta, antes de sair. Ainda estava escuro e os vizinhos dormiam, o que exigia a orientação para manter certo comportamento silencioso para não acordar a todos, enquanto o cortejo descia a rua.

O ônibus saía do terminal às cinco da manhã e, às vezes, era preciso acelerar o passo para estar na esquina da Antônio Curado antes de sua passagem. Evaldo acenava pedindo parada ao ônibus, ainda de farol e luzes internas acesas, e supervisionava a subida dos cinco: Marivaldo, Neuton, Fátima, Carlos Alberto, Evaldo – não necessariamente nesta ordem – Mariinha tinha subido na frente para já estar dentro do ônibus, controlando a movimentação e a escolha dos assentos – que vinham todos vagos naquela hora no final de semana – pois se deixasse à escolha dos próprios filhos, cada um ocuparia uma fileira diferente, para irem sentados próximos às janelas.

Na chegada à cidade, quando o sol ainda frio já tinha tomado conta do céu, todos desciam no terminal, na Avenida Guararapes em frente ao Edifício Trianon. Seguiam caminhando pela Rua do Sol, margeando o Capibaribe. Cruzavam a Rua Nova, na subida da bela Ponte da Boa Vista e continuavam pela Floriano Peixoto, correndo na Praça Joaquim Nabuco para espantar os pombos que estivessem sentados sobre a estátua que apontava para o céu em pleno e eterno discurso. Finalmente chegavam ao terminal do ônibus de Boa Viagem, ao lado da Casa de Detenção – hoje Casa da Cultura – e nova operação de embarque se dava na condução que iria atravessar trecho tão longo quanto o anterior, porém mais saboroso para as crianças, pois cortava paisagens menos conhecidas, por ser um trajeto pouco frequentado.

Quando o coletivo atingia a Avenida Conselheiro Aguiar – naquela época mão dupla, antes da abertura da Domingos Ferreira – e já dava para avistar o azul do mar, as crianças ficavam

indóceis e perguntando a todo momento se já era hora de descer.

Evaldo e Mariinha gostavam de ficar em frente à Casa do Navio, ao Edifício Acaiaca ou ao Castelinho e a referência para os mais velhos e espertos era o Edifício Holiday – naquela ocasião ainda novo – de arquitetura arredondada e um dos mais altos de Boa Viagem, podendo ser avistado de longe, fazendo-os orgulhosos de já conhecerem o local, levantarem antecipadamente e anunciar: – É agora!

Um registro dessas ocasiões permaneceu quando, em 1966, durante um desses passeios, Múcio, vizinho de rua (casa nº 21, em frente), encontrou o casal e filhos e tirou uma foto para a posteridade.



Praia de Boa Viagem – 1966 – Mariinha, Evaldo, Neuton e Marivaldo.
(Foto: Múcio)

Um evento que não pode deixar de ser noticiado, apesar de avançar espetacularmente no tempo, foi a comemoração das Bodas de Ouro do casal, no ano 2000.

Evaldo, sempre comedido nas despesas que não fossem declaradas essenciais – não por “regulação” exagerada, mas devido à limitação financeira – só não ousou endividar-se, mas gas-

tou o quanto foi demandado para comemorar à altura o acontecimento. (aliás, duas ocasiões especialmente o levaram a liberar orçamento sem questionar a validade do esforço: o casamento de Fátima e os 50 anos de seu casamento: em ambos estava pleno de felicidade).

A casa da Amaro Lopes Madeira nunca tinha recebido, em conjunto, toda a parentada, tanto de Mariinha, quanto de Evaldo: irmãos e irmãs, cunhados e cunhadas, sobrinhos, todos os filhos e os respectivos agregados, dos filhos e dos sobrinhos, cada um com suas proles.

Evaldo providenciou pessoalmente a encomenda, na cidade de Tracunhaém – famosa pelas cerâmicas – de conjuntos para servir feijoada, desde a grande travessa até os pratos e tigelas de caldinho, tudo identificado com a gravação do evento no barro cozido.

Romeu e Margarida, assim como outros convidados, guardam até a atualidade esse material oferecido como brinde.

Marivaldo providenciou a impressão de um convite associando os 50 anos de casamento à mesma comemoração da chegada da TV no Brasil: “50 anos no ar” – dizia a brochura muito bem elaborada.

Ao fundo do terreno, abaixo dos pés de sapoti e carambola, Evaldo armou tendas e providenciou mesas e cadeiras para tentar acomodar os convivas.

Evaldo e Mariinha transitavam entre os convidados transbordando felicidade, rejuvenescidos e incansáveis na tarefa de atender a todos.

Esse foi, sem dúvida um dia memorável e emblemático do estilo como o casal conduziu sua convivência social.

Apesar da limitação financeira, a dose do que puderam oferecer foi exata e perfeita para garantir a aquisição de deliciosa memória para os filhos, netos e familiares. A escassez nos fez valorizar ainda mais tudo que vivemos.

Sábado, 4 de agosto de 2007

HOSPITAL GERAL. 10h15.

No sábado, Newton chegara de Natal no começo da manhã. Tinha saído em viagem ainda na madrugada para ganhar o máximo de tempo do final de semana com o pai e com a família.

A reunião com os irmãos ocorreu, claro, no hospital, pois o foco de todos era a saúde do pai e, sabedores da chegada do irmão, somado à maior disponibilidade de tempo devido ao final de semana, estavam todos presentes.

Quando o assunto pendeu para as reminiscências que se desenrolavam por ali, Luiz Carlos tomou a palavra, em tom bem-humorado, mas expondo o julgamento de quem duvida de tanta harmonia.

– Quem ouve essas conversas fica pensando que vocês eram uns santos. – Criticou Luiz Carlos desafiando os irmãos. – Eu não era nascido nesta época, mas duvido que vocês, todos numa mesma faixa etária, não tivessem seus momentos de travessura e até de intriga, dando trabalho a papai e a mamãe. Fala sério... – Provocou.

– Claro que tinha, e acredito que tenhamos dado um trabalho daqueles. – Disse Newton sorrindo. - Eu próprio lembro de muitas brigas e algazarras.

– E não fique só de lembrar, como se estivesse de fora. – Atalhou Marivaldo – Você fazia parte e muitas vezes foi até protagonista.

– Ninguém aqui escapa de ter provocado algumas “perturbações da ordem”. – Acusou Fátima. – Todos fomos traquinas.

– Eu era o menor e, por isso, dei menos trabalho. – Esquivou-se Evaldo Filho. – Não foi mamãe?

Evaldo sorria em seu leito, satisfeito e orgulhoso de sua família.

– Espera aí. – Interveio Mariinha. – Deixem-me contar, antes que surja aqui uma briga, tal como nos velhos tempos. – Alertou, puxando o assunto. – Pelo menos, saindo de mim, não haverá relato tendencioso. Mas, apesar de tudo, não tenho queixas. Os conflitos foram administráveis e naturais de um time tão grande.

Abro a porta temeroso, expressivo, esperançoso de te encontrar a sorrir...

Em casa, além das atividades intelectuais, as brincadeiras e arengas infantis também dominavam o ambiente. Impossível ser diferente com uma casa tão cheia de crianças. Ainda mais que Mariinha preferia ter todos sob as vistas.

Quando menina, testemunhara o desaparecimento de uma criança bem na rua onde morava e acompanhou todo o sofrimento e desespero dos pais. Isso lhe marcou tão profundamente, que tinha verdadeiro pavor à ideia de perder um filho de vista.

Mariinha tolerava boa parte das situações, se impunha em outras tantas e se preocupava com as trelas mais ousadas que poderiam acontecer fora de sua vista. Na implícita divisão de tarefas entre o casal, a vertente da segurança, da orientação psicossocial, pedagógica e médica, cabia a ela.

Subir no pé de araçá para brincar de dirigir um veículo imaginário era uma das atividades lúdicas preferidas. Sentados nos galhos da árvore, os meninos imitavam os sons de um motor e suas diversas trocas de marcha, o chiado dos freios e, para fingir os solavancos e trabalho dos amortecedores, balançavam os galhos do araçá que – ainda bem – são fibrosos, emprestando-lhes flexibilidade e tornando-os difíceis de quebrar.

Às vezes este veículo “era um ônibus”, que parava para a subida e descida de passageiros imaginários, com o barulho típico da abertura de portas – naquela ocasião feita através de um mecanismo cuja alavanca era puxada pelo motorista – no caso, um galho da árvore ao alcance das mãos. O modelo era o ônibus adquirido pelo vizinho, José Antônio – batizado com o nome do filho: “Expresso Gúbio” – que ficava estacionado na rua, com acesso inevitável das crianças quando o proprietário se descuidava, ou, ainda, os ônibus que enfileiravam-se em frente à casa de Seu Umbelino para serem pintados, com a arte dominada pelo vizinho, que, a pincel, abria os letreiros ou desenhava a logomarca das empresas.

Às vezes, na brincadeira sobre o pé de araquá, também ocorria o atrevimento de passarem da árvore para o telhado da casa, tornando a brincadeira perigosa.

Outra opção era o pé de sapoti, este muito mais alto que o araquá e que, quando Mariinha não encontrava algum dos filhos, ia logo se certificar de que não estivesse lá no alto, encostado ou deitado nos galhos bifurcados do sapotizeiro.

Os jogos de bola eram mais comuns, em geral no oitão esquerdo: De cada lado do terreno eram colocados tijolos ou outros marcadores para formar as “traves” do gol e as “equipes” eram escaladas para a disputa. Tanto melhor, pois ficava mais próximo da cozinha e eles poderiam ser escutados ou vistos com uma simples espiada da porta de trás ou da janela da sala (que preferencialmente ficava fechada nessas ocasiões, para evitar que a bola fizesse estragos dentro de casa).

É verdade que nem sempre as soluções de “faltas” e “pênaltis” eram resolvidas sem conflito e, nesses casos, lá ia Mariinha decidir a arbitragem (o que podia incluir o final da partida) antes que a briga se tornasse mais séria.

Suas plantas também sofriam, pois as bolas que passavam dos limites do campo improvisado, na direção da frente da casa, acertavam, em cheio, suas margaridas, beneditas ou a roseira central (muitas vezes furando as bolas nos espinhos). Mas,

para ela, era preferível os estragos nas plantas do que tê-los fora de vista.

A eventual perfuração da bola na roseira trazia, em consequência, outra atividade que exigia a supervisão ou a preocupação de Mariinha: o reparo do furo com uma faca ou chave de fenda aquecida: a ferramenta era posta para “avermelhar” no fogão, com a ponta exposta ao fogo e, após aquecida, era usada para derreter algum pedaço de borracha de bola anteriormente abandonada, ou mesmo um plástico de cabo de escova de dentes, material que era usado para tampar a perfuração do espinho.

De vez em quando isso resultava em queimadura e na corrida de Mariinha para aplicar Unguento Picatro de Butezin, remédio que, ao lado de Elixir Sanativo e Cássia Virgílica, nunca faltava em sua farmácia doméstica.

Nem tudo era somente trela ou traquinagem. Muitas vezes as brigas ultrapassavam os limites da convivência pacífica e extrapolavam os conceitos de educação semeados pelos pais.

Era preciso uma intervenção mais rigorosa, com imposição de castigos ou severas preleções, algumas vezes alongadas por uma jornada inteira. Talvez fosse uma estratégia utilizada para demonstrar a indignação da mãe ou para massificar a informação do comportamento adequado que deveria imperar. Talvez fosse, por outro lado, uma inquietação real da própria Mariinha, mas o fato é que, o cometimento dessas faltas levava a um sermão repetitivo e uma falação que poderia demorar um dia inteiro ou até recomeçar nos dias seguintes, de tal sorte que, para os filhos, fora melhor que a mãe houvesse aplicado um castigo físico imediato, porém de efeito cessante com maior rapidez.

Seja como for, o castigo, dessa forma impingido, produzia, como efeito, uma reflexão forçada e até cansativa a ponto de causar arrependimento no infrator. Pior era que o discurso atingia também os não infratores, que se viam forçados a escutar o queixume, a indignação e, às vezes, o choro sentido, pela “ineficácia do esforço em educar”, pelo “não merecimento daquela

atitude, depois de tanta dedicação da mãe”, entre outras formas de pressão psicológica.

A certeza de que a mágoa tinha passado só aliviava os filhos quando Mariinha começava novamente a cantar enquanto trabalhava. Sim, pois ela sempre o fazia, mas enquanto estivesse com a mágoa ou queixa “atravessada na garganta” – como ela própria dizia – ela não cantava. Só debulhava a queixa.

Domingo, 5 de agosto de 2007

HOSPITAL GERAL. 08h30.

No domingo, mais uma vez todos estiveram no hospital. Newton viajaria no final do dia. Carlos Alberto esteve na recepção e todos desceram para conversar do lado de fora, à sombra das árvores do estacionamento. Trocaram abraços e puseram em dia as novidades, mas, sobretudo, se solidarizaram em conversas sobre a saúde do pai, especialmente para colocar Carlos Alberto a par de tudo.

Quando subiram de volta, Mariinha estava lendo uma página do Evangelho Segundo o Espiritismo para Evaldo. Todos se concentraram em escutar, sem apartes.

Após concluir a leitura, Mariinha fechou o Evangelho e voltou-se, junto com Evaldo, para os filhos.

Luiz Carlos brincou:

– Pronto, chegaram os filhos para interromper o casal e quebrar o clima de cumplicidade. – Censurou, sob risos dos demais.

– Nada disso. – Posicionou-se Mariinha. – Se há uma coisa que vocês nunca fizeram foi perturbar o clima nos momentos que tínhamos reservados para nós dois. Eu sempre cuidei disso, tanto para que seu pai tivesse um ambiente apropriado para o repouso, quanto para que nós tivéssemos a garantia de diálogo e tempo reservado para o casal.

– Ah, eu lembro, e acho que todos nós notávamos essa preocupação e carinho. – Corroborou Fátima.

– Vocês tinham o dia inteiro para brincar, fazer barulho, e até brigar. Eu entendia e atendia a essa necessidade de vocês.

Aprendi isto em psicologia da criança e do adolescente, quando estudei pedagogia. Ali era como se vocês estivessem no “re-creio”. Havia a disciplina para as tarefas e os estudos e também tinha a hora de se recolherem. Era hora de Evaldo repousar. – Ensinou Mariinha, detalhando seu método.

Tudo que você queira, tudo farei por você...

Uma prática adotada por Mariinha era a de absorver para si o lado trabalhoso da educação, permitindo as brincadeiras mais barulhentas ou que provocassem mais bagunça, apenas nos horários de sua exclusiva supervisão. Nos momentos em que Evaldo estivesse em casa tudo deveria ser mantido em perfeita ordem e a paz deveria imperar para o seu conforto e tranquilidade. Assim, ao final da tarde as brincadeiras cessavam e a fila do banho começava a andar, já que eram cinco para compartilhar um banheiro.

O jantar das crianças era servido e todos deveriam estar arrumados para a chegada de Evaldo, o que era anunciado repetidas vezes caso os filhos ainda se demorassem ou restasse indícios de balbúrdia:

– Seu pai está chegando cansado e precisa encontrar tudo em ordem para garantir seu repouso. Vamos encerrando estas brincadeiras! – Determinava, rigorosa.

Às vezes, não apenas a cessação das brincadeiras, mas até mesmo a ordem para que todos fossem para a cama, era uma exigência, caso Evaldo demorasse, ou quando os ânimos estavam acesos na criançada. Caso contrário, tudo estando normal, Evaldo era recebido pelos filhos com o carinho retribuído por uma rápida conversa e os agrados filiais de lhe trazer os chinelos e guardar os sapatos, ou de pegar um colo em suas pernas para uma “cavalgada” simulada pelo balançar de joelhos, principalmente com Fátima, que sempre se engalinhava em seu colo, razão porque ganhou dele o apelido de “xamixuga”, corruptela de sanguessuga, devido ao “grude” de seus carinhos.

Depois dessa recepção, quando Evaldo se encaminhava para o banho, fechada a porta do banheiro, os filhos em geral deveriam se recolher para que o casal pudesse jantar à vontade desfrutando o silêncio.

Uma coisa é certa: nem Mariinha nem Evaldo nunca bateram nos filhos, como era costumeiro fazer-se naqueles tempos. Seu sistema educacional baseava-se no modelo, na prevenção pela informação clara do que poderia advir de um deslize e na preleção reparatória, quando constatado o erro.

Funcionou.

A extraordinária atenção de Mariinha por Evaldo impregnou os filhos de um amor também extremado pelo pai, sobretudo pela continuada informação de que ele merecia e necessitava atenção, repouso, tranquilidade e harmonia, seja pela jornada de trabalho que deveria encontrar refazimento de energias no lar pacificado, seja pelo período de longa e sofrida doença óssea, que viria se instalar, dando ocasião a um discurso reforçado pela informação do sofrimento e das dores que ele carregava.

O alerta de Mariinha sobre o processo doloroso imposto pela doença, confirmado em testemunho pessoal, quando das incursões aos médicos e do receituário de remédios impostos, acabaram por dar aos filhos uma forte impressão da instabilidade da saúde e até uma incerteza da presença do pai entre eles, o que acarretou mais atenção ainda quanto à manutenção da paz doméstica, sobretudo na presença de Evaldo.

Mariinha foi, assim, um amortecedor para as pancadas, concedendo aos filhos uma certa liberdade para extravasamento das energias de infância e juventude e, de outra vertente, aparelhando para o marido um ambiente controlado, de paz, carinho e tranquilidade.

Administrou as dificuldades, inclusive de caráter financeiro;

Rendeu-se à personalidade de Evaldo, abdicando e renunciando a muitas intenções pessoais;

Proporcionou, o quanto pôde, aos filhos, qualidade em educação formal e geral; e espaço para desenvolvimento lúdico, esportivo, cultural e pessoal;

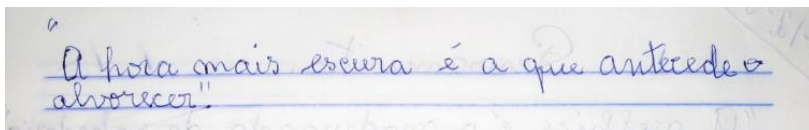
Para si, represou, de um lado, as enxurradas de pressões conjunturais e estruturais e liberou, do outro, o fluxo necessário para harmonizar demandas com possibilidades.

Segunda-feira, 6 de agosto de 2007

HOSPITAL GERAL. 04h15.

Eram quatro horas da manhã. Mariinha tinha ido até a janela contemplar o horizonte para ver se já começava a clarear o dia. Ainda estava tudo escuro.

“A hora mais escura da madrugada é a que antecede o amanhecer” gostava de dizer, filosofando sobre momentos difíceis, cujas dores mais intensas sinalizam, às vezes, o limiar da cura.



Voltou-se para organizar as cobertas sobre Evaldo. Estava frio. O soro pingava suas últimas gotas intravenosas.

Mariinha saiu no corredor e acenou para a plantonista na ilha de balcões da enfermagem. Tudo estava silencioso no hospital àquela hora e as luzes dos corredores ainda estavam apagadas, somente com uma pequena luminosidade a cada intervalo entre portas cerradas. A luz de chamado do apartamento ao final do corredor estava acesa, deixando um rastro vermelho no chão de linóleo reluzente.

Quando a enfermeira, uma jovem muito nova e franzina, de feições carinhosas e olhar acolhedor, veio trocar o soro, pegou as mãos de Mariinha e preocupou-se com ela, como se, dela, fosse filha:

– A senhora não dormiu? – Perguntou. – Precisa de alguma coisa?

– Não minha filha, obrigada. Eu dormi sim. É que hoje um filho meu está pegando a estrada logo agora pela madrugada, para viajar. Veio somente passar o final de semana e ver o pai. E nessas ocasiões, eu não me desligo. Estava rezando para que ele fizesse uma boa viagem e, daí, fiz logo o “circuito” de lembranças, passando, em pensamentos, pela casa de cada um, para imaginar suas rotinas de começo de dia, recomendando-os a Deus e a Nossa Senhora de Fátima: Alguns ainda dormindo, outros levantando para trabalhar ou ir para a escola, pois meus netos retornam às aulas hoje. – Explicou Mariinha, segurando com carinho as mãos da moça.

Falavam aos sussurros para não perturbar Evaldo.

– Puxa vida. Que lindo. Todas nós, às vezes, comentamos sobre a senhora, aqui desde que seu esposo entrou no hospital em junho, sempre tão carinhosa conosco. – Confessou a enfermeira. – Mais admirável ainda quando nos aproximamos para contemplar toda a sua serenidade e dedicação, como agora me surpreende ao cuidar, aqui, do seu esposo, e lá fora, em oração, de cada filho e neto, um viajando, outro trabalhando ou indo para a escola. Parabéns. A gente sente conforto conversando com a senhora.

– Meu amor, todos nós estamos no mundo para servir. Eu admiro a missão de vocês, aqui cuidando de enfermos carentes e frágeis, dedicando suas noites, enquanto muitos jovens da sua idade estão lá fora gastando sua saúde. – Respondeu Mariinha, aproveitando para evangelizar. – Se não estivermos mutuamente nos apoiando, perderemos uma grande oportunidade de praticarmos o “amai-vos uns aos outros” que o Cristo ensinou.

– Posso lhe dar um abraço? – Pediu a jovem enfermeira, com os olhos marejados de lágrimas, e ambas se apoiaram num gesto humano tão importante para o refazimento da alma.

– Se precisar de qualquer coisa, estamos aqui fora. – Disse a jovem, retirando-se para dar continuidade à sua missão apoiadora da medicina.

O dia começava a amanhecer e Mariinha foi até a janela continuar em oração.

Mais tarde, com a chegada de Luiz Carlos, estava comentando o diálogo com a enfermeira, quando Fátima também chegou e participou do assunto.

– É muito bonita a área médica, quando é exercida com amor ao próximo. – Apregoou a filha.

– Falando nisso, mamãe sempre teve uma saúde muito forte, pelo que lembro. – Disse Luiz Carlos. – Foi enfermeira da família em muitos casos, mas basicamente só precisou de assistência cada vez que foi dar à luz. Estou certo?

– Quem tem criança, tem que ser enfermeira: um corte aqui, uma queimadura acolá, uma queda num dia, uma febre em outro... doenças da infância: catapora, sarampo, papeira, todos vocês tiveram. Mas sempre de forma moderada. – Respondeu Mariinha. – Somente Neuton, que teve uma doença severa, chegamos até a pensar que poderíamos perdê-lo; e, depois, a doença crônica de seu pai – a espondilite – que nos fez correr em hospitais e buscar a enfermagem espiritual, Graças a Deus.

Sempre no meu coração, na alegria e na dor...

Foi na década de 1960 que Evaldo começou a sentir fortes dores lombares. As constantes visitas a médicos acabaram apontando a doença que se instalava de forma irreversível.

O excesso de cálcio estava fazendo com que suas vértebras se solidificassem impedindo os movimentos da coluna.

A recomendação de movimentação e exercícios físicos não reduziram o processo. O alpendre construído atrás de casa, passou a ter mais uma utilidade quando Evaldo começou a fazer,

diariamente, flexões e alongamentos, pendurando-se na estrutura de madeira do telhado.

Os remédios administrados davam o retorno na forma de alívio da dor, mas não revertiam a doença.

Nada disso, entretanto, reduziu o ritmo de trabalho de Evaldo, que continuou assíduo em seu emprego, sempre em traje formal, de paletó e gravata.

As dores provocadas pela calcificação da coluna, assim como a sua solidificação, quase que soldando as vértebras num osso único e sem flexibilidade, alteraram, entretanto, a postura de Evaldo.

A posição ereta e o impedimento de virar-se lateralmente ou de dobrar o pescoço lhe impuseram uma imagem diferenciada: se cochilasse vendo televisão, quem o visse pelas costas imaginava que estivesse atento ao programa, visto que o cochilo não lhe fazia tombar a cabeça, que permanecia fixa sobre o pescoço bem verticalizado. Para cruzar uma rua, seu procedimento de verificação de segurança de trânsito antes da travessia exigia um sapateado que conduzia todo o corpo para a direita e, depois, novo sapateado, de passos curtos, para virar, de corpo inteiro, para a esquerda e, somente depois, cruzava a rua com o rosto e olhar fixos à frente.

Sentado em um ônibus ou auditório, pode até ter sido confundido algumas vezes como pessoa vaidosa ou soberba, que não dava atenção a um vizinho ou conhecido que eventualmente ocupasse assento a seu lado, vez que a firmeza do pescoço não lhe deixava ver além do foco ocular, portanto, quase exclusivamente à frente, tal como se utilizasse viseira. Os desavisados que não conhecessem a doença se queixavam pela falta de cumprimento, desconhecendo que na verdade sequer tinham sido avistados. Quem sabia do problema se adiantava em cumprimenta-lo, o que exigia de Evaldo ritual de reconhecimento singular, no qual girava todo o tronco sobre a cadeira para poder direcionar seu campo de visão para a lateral, daí, reconhecido o recém-chegado, podia até rolar uma conversa longa, porém

sempre sem o famoso olho-no-olho, pois durante o diálogo ele estaria de olhos fixos à sua frente.

Se precisasse opinar sobre alguma estrutura acima da linha dos olhos, como nas manutenções da casa, que continuou comandando e supervisionando – ocasião em que queria conferir o telhado ou a pintura no alto das paredes – o ritual de inclinação era ainda mais curioso, pois ele espalmava uma mão na parte de trás do pescoço e a outra nas costas, no final da coluna, determinado nesse intervalo o segmento que deveria acompanhar, sem flexão, a inclinação necessária para que a vista alcançasse o ponto de observação desejado. Era como se ele apoiasse e desse suporte ao próprio peso durante a inclinação, para depois forçar o retorno à posição vertical, levantando o peso do corpo na altura do pescoço.

No período do sítio em Lagoa dos Gatos, essa postura foi muito utilizada nas atividades que exigiam sua experiência para escolher as pencas de bananas que já estavam no ponto de colheita para serem derrubadas. Lá estava a imagem de Evaldo, apoiado nas próprias mãos sob a coluna e o pescoço, inclinando-se para visualizar o alto das bananeiras e determinar o corte.

Como pode ser verificado na crônica religiosa, esses momentos de dores, em geral são os grandes fortalecedores da fé e motivadores da busca por explicações e conforto para além do corpo físico.

Com o casal não foi diferente e, mais uma vez juntos, conheceram e migraram para nova crença que passaram a comungar.

HOSPITAL GERAL. 10h40.

O telefone tocou e Mariinha olhou a tela. – É Newton. – Falou e passou a atender.

– Graças a Deus... Seu pai está bem, foi um dia tranquilo... Outro, meu filho... Transmito sim. Beijo em todos por aí.

– Desligou informando aos demais que o filho chegara bem. Uma preocupação a menos.

Fechou os olhos por uns instantes para elevar o pensamento a Deus em agradecimento pelas notícias do encerramento da viagem na paz. Aquela “sessão” de orações estava encerrada – e atendida – as demais seguiam seu curso de sempre.

Terça-feira, 7 de agosto de 2007

HOSPITAL GERAL. 11h35.

– Nenhum dos meninos veio hoje pela manhã? – Perguntou Evaldo.

– Evaldo Filho esteve aqui quando você estava cochilando. Fátima telefonou, estava em reunião e passa aqui no final do dia. Newton também ligou e Luiz Carlos deve estar chegando para ficar com você enquanto vou almoçar. – Mariinha fez o “relatório”.

– Pronto, aí está ele. – Completou ao ver o filho que chegava e fazia o asseio de praxe para se aproximar.

– O que estavam fofocando a meu respeito? – Perguntou Luiz, irreverente.

– Seu pai estava perguntando por vocês. – Esclareceu Mariinha.

– Com saudades, meu velho? – Luiz Carlos brincou, aproximando-se do pai para beijar sua frente.

Mariinha também beijou Evaldo e saiu rapidamente para almoçar. Quando voltou, Evaldo Filho também tinha chegado e os dois filhos conversavam entre si, sob o olhar do pai.

– Pronto, ela pode tirar esta dúvida. – Apontou Luiz Carlos.

– O que foi? – Perguntou Mariinha.

– A gente estava em dúvida sobre o momento em que vocês se tornaram espíritas. – Explicou Evaldo Filho. – Eu dizia que foi quando papai começou com problemas na coluna.

– Exatamente. Ou aproximadamente. Mas o problema de saúde foi que nos levou a conhecer a doutrina mais profundamente. – Esclareceu Mariinha.

Sofre, porque a dor vai ensinando a gente a amar...

A calcificação óssea, diziam, devia-se ao excesso de cálcio ingerido por Evaldo desde a infância. Muito leite, muito alimento rico em cálcio – até pó de casca de ovos – eram ingeridos para manter uma estrutura óssea firme. Mas, agora, o excesso se manifestava e provocava dor e paralização. Além da coluna, os joelhos e maxilar começavam a querer travar e a doer quando forçados aos movimentos exigidos no caminhar e na mastigação.

Mariinha estava preocupada e atenta. Já administrara situação problemática de saúde com o filho Neuton, que passara um ano obedecendo à recomendação de permanecer rigorosamente deitado para curar um “desvio na coluna” – mais tarde melhor identificado como hérnia de disco, depois de incessantes e sofridas visitas a médicos com diagnósticos os mais diferentes, incluindo o de tuberculose, para explicar a dor nas costas reclamada pelo filho quando tentava correr ou, até mesmo, sorrir.

Naquela ocasião, Mariinha pensou que iria perder o filho, que emagreceu substancialmente após um ano de cama sem quaisquer exercícios físicos, justo na fase de adolescência e desenvolvimento muscular. Deu trabalho e preocupação acompanhar aquela imobilização, exigindo que as refeições e as necessidades fisiológicas fossem feitas sem levantar-se da cama.

Na ocasião, Evaldo improvisou uma porta para apoiar o colchão dando-lhe inclinação, com o objetivo de facilitar a vida do jovem doente. Os irmãos, preocupados, traziam mimos, como peões e bolas de gude ganhas em jogos na rua, para agradar o irmão. Enfim, todos sofreram solidários com a dor de um único.

Mariinha não queria que isso voltasse a acontecer.

Ainda mais com Evaldo, que era arrimo de família, o que provocaria, secundariamente, um acirramento da situação financeira familiar.

O clima de preocupação e a busca de diagnóstico e solução para o problema levou-os, finalmente, a atender ao conselho que lhes fora dado para que se consultassem com a espiritualidade.

– Vocês já ouviram falar em Espiritismo? – Perguntou um amigo do casal – Médiuns conseguem se comunicar com espíritos do além-túmulo e alguns obtêm verdadeiros milagres na forma de remédios ou até intervenções cirúrgicas espirituais testemunhadas como de muito sucesso. – Concluiu o orientador.

Mariinha já ouvira falar de Dona Do Carmo, irmã de Bernadete, uma vizinha da Rua Pedro da Cunha Andrade. Buscou conhecer seu trabalho mediúnico e ficou sabendo que ela “recebia” um espírito, incorporando um médico chamado Dr. José de Lins.

Entretanto o marido de Dona Do Carmo não queria que ela praticasse o ritual em sua residência, apesar de a mesma teimar devotando-se à causa, pois acreditava que sua missão de ajudar não poderia ser negada a quem precisava e, por isso, se planejava para receber o espírito do médico apenas quando o marido estava fora.

Isso limitava, em muito, as possibilidades de Mariinha e Evaldo se consultarem com a entidade, vez que o horário de consultas era incerto.

Os primeiros contatos aconteceram, então, na residência de Dona do Carmo, na Várzea, sob agendamento de Bernadete, que informava a Mariinha sobre a disponibilidade da médium.

Evaldo, em princípio, relutou. Porém, por insistência da esposa e da dor crucial que o arrebatava, aceitou comparecer a algumas dessas sessões.

Dona do Carmo era uma senhora de proporções agigantadas. Não tão gorda, mas de aparência pesada, quadris largos e andar lento e balançado.

Cabelos grisalhos, em geral um tanto descuidados e soltos sobre os ombros. Olhar tímido, ainda mais acentuado pelo fato de ter a pálpebra do olho direito caída sobre o globo ocular. Porém o destaque mais notável em seus traços era sua fala mansa e arrastada, de uma rouquidão natural que emprestava ainda mais a sensação de que ela lhe falava em segredo, baixinho, em tom carinhoso e confortante.

O médico espiritual foi quem de fato apontou o diagnóstico correto e indicou os remédios que, se não curariam, mitigariam as dores tornando-as suportáveis.

O casal, até então católico praticante, começou a se interessar pelos mistérios do Espiritismo. Como não era de índole passiva, mas, bem pelo contrário, tinha características empreendedoras e de liderança, focalizou nos estudos, mergulhando em livros e mais livros até que ambos reconhecerem os aspectos de filosofia, ciência e religião, trilogia que o espiritismo preconiza como seu estandarte definidor.

A partir da dificuldade de realização de sessões mediúnicas na casa de Dona Maria do Carmo, Mariinha ofereceu a casa da Amaro Lopes Madeira para que ela realizasse tais reuniões. Assim, apesar de acontecer de forma irregular, as sessões mediúnicas começaram a ocorrer em sua casa, com presença de pessoas das mais variadas condições e diversidade de lugares, que acorriam quando informados de que haveria uma reunião.

Dona do Carmo sentava-se em uma cadeira, conversando naturalmente, centrada em sua própria personalidade. Depois, se concentrava por um ou dois minutos, estremecia, levantava as mãos antes repousadas sobre as pernas e começava a falar com uma voz firme e num timbre diferenciado, anunciando, com a mudança, que já ali se encontrava o Dr. José de Lins:

– Graças a Deus, Graças a Deus e Graças a Deus – saudava a todos sempre com esta abertura.

Depois reconhecia as pessoas, tomava as mãos dos consulentes nas suas, percorria a palma da mão e pressionava as pontas dos dedos. Entrevistava, na condição de anamnese e, às vezes, apalpava o ventre, o pescoço ou outra parte citada como problema. Ditava, então, o remédio a ser administrado.

Vários episódios foram testemunhados, nos quais o espírito recomendou remédios que ainda eram desconhecidos no Brasil, ditando endereços e nomes de pesquisadores ou laboratórios que, em outro país, desenvolviam soluções ainda em fase de testes, mas cujos pedidos eram atendidos, via correios.

Em outros casos, diagnosticou problemas que não estavam sendo reconhecidos pelos médicos terrestres. Num desses episódios, disse que as dores de uma paciente eram provenientes de uma sutura que, erroneamente, fora feita durante uma intervenção cirúrgica, prendendo, junto, uma parte do intestino. Precisaria de nova intervenção. Procurados depois, os cirurgiões não quiseram dar ouvido à indicação, mas, sondando exatamente sobre a dobra intestinal indicada, acabaram constatando, surpresos, a veracidade da informação, solucionando assim o problema.

A doença de Evaldo foi o móvel da procura. A introdução foi através da oportunidade, com Dona do Carmo. O aprofundamento se deveu ao espírito aberto e participativo do casal. A partir daí, Mariinha e Evaldo se tornaram fortes pregadores e difusores da doutrina espírita.

Em casa, inauguraram um grupo de estudos do Evangelho e dos livros de catalogação Kardecista. Começaram a participar de centros espíritas no próprio Engenho do Meio, depois na Federação Espírita de Pernambuco. Tornaram-se colaboradores da Campanha do Quilo: ação de coleta de doações através de pedidos de porta em porta nos bairros.

Seus exemplos e atitudes arrastaram consigo alguns dos filhos para a mesma fé.

Evaldo, com seu jeito participativo, tomou para si tarefas nos grupos espíritas dos quais participou, fazendo a escrituração e cuidando da documentação.

Quando o Externato 6 de Janeiro parou de funcionar, o galpão construído nos fundos do quintal passou a ser utilizado como centro espírita, aproveitando a estrutura de bancas que proporcionava assento para um número maior de participantes nas reuniões de quartas e sábados.

Doravante, sem interrupção, Evaldo e Mariinha compartilharam mais este elo no enlace de suas vidas. A leitura do Evangelho não ficou para trás em nenhuma situação.

Seja em viagem, seja no hospital, seja numa hora tardia devido a algum compromisso que ocupasse o início de sua noite, mas, antes de deitarem, no encerramento do dia, a leitura do Evangelho acompanhada de oração fervorosa de agradecimento e de piedade pelos necessitados, passou a ser rotina, não obrigatória, mas prazerosa e concentrada na comunicação com a dimensão espiritual.

A paralização do joelho foi motivo de uma cirurgia médica e os movimentos foram restabelecidos com sucesso.

A espondilite não cessou e, ao final da vida, Evaldo tinha a coluna totalmente solidificada, porém com as dores cruciais que sentia, sob controle. Solidificou-se também, entretanto, sua fé e sua dedicação ao Espiritismo.

Quarta-feira, 8 de agosto de 2007

HOSPITAL GERAL. 07h10.

Fátima passou no hospital a caminho do trabalho. Ainda era bem cedo.

O médico, Dr. Ramos, passou no apartamento quando ela conversava com a mãe, preocupadas com uma pequena elevação de temperatura ocorrida durante a noite.

Dr. Ramos administrou medicamentos apropriados e disse que, de fato, era preocupante a recaída observada, pois além da febre, ao auscultar o peito, era notável que havia dificuldade respiratória.

Mãe e filha conversavam baixinho, enquanto Evaldo cochilava sob efeito de sedativos.

Luiz Carlos chegou, interrompendo o diálogo entre as duas.

– Meu filho, está tudo em ordem lá em casa? – Perguntou Mariinha. – Seu pai perguntou, preocupado se as contas de água e luz estavam sendo recolhidas por vocês.

– Fiquem tranquilos. Diariamente eu passo lá e os meninos (Pedro Henrique e João Victor) também vão durante o dia, fazem uma limpeza, apanham a correspondência, varrem as folhas da carambola... – Atestou Luiz Carlos. – Sua casa está preservada e Evaldo Filho está cuidando da parte financeira, fazendo os pagamentos exigidos.

– Papai sempre foi muito cuidadoso com a casa. – Observou Fátima. – Afinal é o mesmo endereço desde que vocês se casaram, não é?

- Sim. Desde o começo de nossa vida a dois. Poucas vezes nos afastamos, como no caso de nossa ida a Fortaleza.

Sei que voltarás ao salão grenat que era o nosso ninho...

A casa da Rua Amaro Lopes Madeira, 44, foi o lar de Evaldo e Mariinha durante toda a vida do casal. Mas, a bem da verdade e para constar, além do *gap* de um ano passado em Fortaleza, dois outros períodos também se seguiram fora desse endereço.

Um deles, bem curto, de cerca de dois meses apenas.

Foi quando o telhado original foi substituído por laje, em 1973.

Dois anos antes, a casa passara por uma primeira reforma substancial. Apesar disso, a família permaneceu durante a obra. Naquela ocasião houve a ampliação dos quartos com o deslocamento da parede lateral esquerda, reduzindo o quintal na direção da Rua Pedro da Cunha Andrade. Além disso foi feita a cobertura total do quintal direito, construindo uma parede na divisa da casa com o vizinho, o que acrescentou um grande terraço onde antes era o oitão. A cozinha também foi ampliada.

A colocação da laje, em 1973, no entanto, foi uma obra radical, na qual toda a cobertura original de telhas sobre madeiras foi retirada, a inclinação do telhado foi alterada com o acréscimo da altura em alguns pontos e, por fim, toda laje foi lançada e concretada. Não dava para permanecer durante a construção e a família mudou-se para uma casa alugada por temporada, no próprio bairro, na Rua Salvador Vidal, 37, entre a Costa Sepúlveda e a Francisco Bezerra Monteiro, próximo à Reitoria da UFPE.

De lá poderiam supervisionar a reforma com constantes visitas, bastando uma caminhada até o endereço fixo, o que era feito diariamente.

A acomodação nesse novo endereço ocorreu quando os primeiros cinco filhos já estavam numa faixa etária juvenil e a

vizinhança deve ter se admirado do movimento que a família emprestou à morada, com muita música, encontros de jovens e de motos de um grupo amigo do mais velho, Marivaldo. Churrasquinhos e entra e sai constante movimentaram a rua naqueles dias.

Mesmo assim, a família deu graças aos céus quando a obra ficou pronta e a mudança de retorno os trouxe de volta ao velho e amado endereço.

Outra saída temporária da casa foi no período de gestão do terreno em Lagoa dos Gatos.

Na tentativa de seguir adiante com o empreendimento assumido, que lhe exigia viagens semanais entre o Recife e Lagoa dos Gatos, Evaldo propôs, e Mariinha assumiu, o projeto de irem morar naquela cidade do interior de Pernambuco.

O clima interiorano, não somente em termos de temperatura – com termômetros marcando mínimas extremas – mas, também, pela convivência pacata e pela paisagem bucólica, era atraente. O que até então impedira a ida do casal fora a dificuldade imposta pela hipótese, até então aventada, de morar no próprio sítio. Essa alternativa não era viável. Mariinha ponderava a dificuldade de morar sem a disponibilidade de uma infraestrutura mínima, pois a casa do sítio São Jorge não tinha sequer energia elétrica, não contava com banheiro, distava seis quilômetros de ladeiras íngremes até a sede do município. Além disso, Luiz Carlos, o filho mais novo, então com 14 anos e ainda sob os cuidados dos pais, estava em fase escolar e precisava frequentar as aulas, o que era inviável caso subissem a Serra da Besoura para se instalar na morada do Sítio.

O projeto apresentado em 1984 considerava estabelecer morada na “rua” – como diziam os lagoagatenses’ ao se referirem à sede do município, relativizando com a área rural.

Uma casa foi alugada nas proximidades do centro para viabilizar a mudança. Assim, Evaldo estaria na cidade, o que agilizaria sua ida ao sítio para as providências cotidianas exigidas pela atividade agrícola a que se dedicava.

A essa altura, somente os filhos mais novos, Evaldo Filho e Luiz Carlos, ainda moravam com os pais. Os demais estavam casados e independentes. Evaldo Filho, por um período e Fátima, depois, assumiram a casa do Engenho do Meio até o regresso dos pais.

Em Lagoa dos Gatos, Luiz Carlos frequentou a Escola Municipal, tocou na banda da Escola e, com facilidade, ajustou-se ao ambiente local.

O projeto, no entanto, foi definitivamente abandonado dois anos após a mudança, com retorno do casal ao seu endereço tradicional e a conseqüente venda do sítio São Jorge, que também entrou para a história de Evaldo e Mariinha com saudosas memórias.

Quinta-feira, 9 de agosto de 2007

HOSPITAL GERAL. 08h10.

Na quinta-feira, dia 09, Evaldo voltara a apresentar um estado febril, apesar de não ter a temperatura muito elevada. Sob efeito de medicamentos, a febre cedia. Logo depois, retornava.

– *Os sonhos mais lindos, sonhei... de quimeras mil um castelo ergui...* – Cantarolava Mariinha, enquanto alisava os cabelos do marido.

– Hum... hoje é dia de musical? – Perguntou Fátima enquanto entrava no apartamento.

– Ele estava inquieto e a música o acalma, não é meu filho? – Disse Mariinha interrompendo o canto.

– Nossa casa sempre teve esta sonoridade. – Lembrou Fátima. – Mamãe dava o toque da trilha sonora.

– Houve um tempo, quando nós assumimos o comando musical, em que o som eletrônico tomou conta do endereço: Jimmy Hendrix, Beatles, Renato e seus *Blue Caps*, Creedence, Bee Gees, Fevers e a jovem guarda. – Lembrou Marivaldo, que também chegara e percebera o assunto. – Mas a trilha sonora desse casamento, esteve mesmo na voz de mamãe. – Concordeu.

A sorrir, a cantar e a sonhar...

Prazeres era quem dizia que o casal Evaldo e Mariinha tinham bastante trilha sonora para servir de fundo musical na eventualidade de um filme.

Quem, como Prazeres, morou nas vizinhanças ouvia Mariinha soltar a voz – inegavelmente maviosa – quando estava no tanque, na cozinha ou na faxina doméstica.

Os filhos do casal guardam consigo as lembranças das suas canções preferidas, e não as tem mentalmente gravadas nas vozes dos cantores do rádio, mas na voz de Mariinha, assim como acompanhadas pelos seus arranjos que, às vezes, diferia um pouco da música originalmente gravada. Da mesma forma, as letras das músicas sofriam eventualmente pequenas adaptações, ou porque Mariinha havia entendido de forma diversa do original ou porque adaptava conscientemente para customizar ao seu prazer.

– Essa música que mamãe estava cantando, “Fascinação” é a música que mais me faz lembrar de casa. – Comentou Luiz Carlos – É uma canção muito bonita. Pena que atualmente no rádio ela só é cantada pela metade, sendo que sua segunda parte está quase esquecida.

– Mas, na voz de Mariinha, a letra é completa – disse Evaldo, lembrando.

Mariinha, retomou a música, agora para todos os presentes:

*Os sonhos mais lindos sonhei.
De quimeras mil um castelo ergui.
E no teu olhar, tonto de emoção,
Com sofreguidão mil venturas previ.
O teu corpo é luz, sedução,
Poema divino cheio de esplendor
Teu sorriso prende, inebria, entontece,
És fascinação, amor...
A sorrir a cantar e a sonhar,
Nossas bocas se uniram então
E nos vendo os campos sorriam,
Nos vendo as flores se abriam.*

*Mas o destino mau certo dia chegou
E sem o teu o meu coração secou.*

*Hoje sombras sou do que fui
Minhas ilusões o destino levou.
Nada mais existe, desde que partiste.
E em meu coração só saudade ficou.
Vivo com o passado a sonhar,
Vendo-te ainda em meu coração
Mas, tudo promessa, quimeras, mentiras,
De tua fascinação.*

Apesar de muito citada como a música central do cenário da Amaro Lopes Madeira 44, os ecos daquela trilha sonora não se restringem a somente esta música.

Talvez um estilo, sim, pudesse ser marca registrada: a valsa.

Mariinha amava as valsas e na entonação de voz que fazia, nos falsetes e, principalmente na interpretação, as valsas imperavam em seu repertório.

– Qual a origem de seu repertório musical, mamãe? – Perguntou Fátima.

Eu sempre gostei de acompanhar a programação das rádios. – Respondeu Mariinha. – Não somente as músicas, mas até mesmo as notícias e disputas entre preferências por determinado cantor. Não é à toa que houve um período chamado de “Era do Rádio” nas décadas de 20 e 30. As valsas eram o estilo musical da época. Eu não podia ir a apresentações ao vivo – que por sinal eram raras por aqui – mas sempre que podia estava de ouvido colado no rádio. Assim aprendi as letras e cantava junto. – Complementou.

– E quem eram os seus cantores preferidos? – Insistiu Fátima.

– Carlos Galhardo, que era o intérprete de Fascinação, era um deles. Houve também uma briga amorosa entre Dalva de Oliveira e Herivelto Martins. Eles trocaram publicamente queixas pessoais na forma de versos que gravaram profusamente para

se agredir ou até pedir perdão. Quem ganhou foi o público com um sem número de canções belíssimas. – Explicou Mariinha.

– Uma que gosto é de Herivelto: “Não posso lembrar que te amei” – Lembrou passando à interpretação.

*Não, eu não posso lembrar que te amei
Não, eu preciso esquecer que sofri
Faça de conta que o tempo passou
E que tudo entre nós terminou
E que a vida não continuou pra nós dois
Caminhemos, talvez nos vejamos depois*

*Vida comprida, estrada alongada
Parto à procura de alguém, ou à procura de nada
Vou indo caminhando sem saber onde chegar
Quem sabe na volta te encontre ainda no mesmo lugar*

*Não, não...
Não, não... eu não posso lembrar que te amei...*

Havia emoção no ar, com toda aquela sessão saudosista. Marivaldo enxugou duas lágrimas que embaçavam sua visão. Como ninguém falasse, Fátima tomou a palavra:

– Quando era criança eu confundia a poesia cantada nas valsas de mamãe com falas dedicadas a papai, de acordo com a letra e a julgar pela emoção que a música impunha.

– Acho que esse era o caso – comentou Marivaldo – Pelo menos no meu ponto de vista, quando a ouvia cantar “Sempre no meu coração”. Achava lindo. Mas ficava confuso quando nos últimos versos ela falava “e se nunca mais voltares”... e eu pensava: como assim? Por que ela considera a possibilidade de ele não voltar?

Todos sorriram da inocência do pensamento, inclusive Evaldo, torcendo o canto da boca e meneando a cabeça.

Mariinha relembrou a canção:

*Sempre no meu coração
Perto ou longe estarás
E ao ouvir esta canção
Sei que jamais me esquecerás*

*Sempre no meu coração
Na alegria e na dor
Lembrarei com emoção
Que um dia tive o teu amor*

*Sempre no meu coração
O teu nome guardarei
E na minha solidão
Em minhas preces rezarei*

*E se nunca mais voltares
Pra ter fim os meus pesares
Guardarei teu vulto, então
Sempre no meu coração*

– Uma letra que, ao menos nos versos iniciais, me fazia cantar com o pensamento voltado para nós dois era a música “Duas almas”. – Comentou Mariinha, demonstrando que também se identificava com os poemas cantados, em sintonia com os filhos. – Só não gostava, lá pelo meio da música, de um verso que fala numa sombra... Aí eu cantava sem me identificar nos versos, mas, de qualquer forma, concordava com o seu final.

Voltou a fechar os olhos para cantar suavemente e, assim que ela começou, todos reconheceram a letra e música e se entreolharam emocionados.

*Duas almas que o destino
Um dia escolheu
Pra amar em desatino
São duas: tu e eu*

*Amor quase loucura
Loucura de querer
Que tempo de ventura
Vivemos sem saber*

*Que um dia nos caminhos
Que cruzaram nossas almas
Surgiu a sombra do ódio
Pra apagar o sol do amor
E desde aquele instante
Melhor fora morrer
Nem perto nem distante
Podemos viver*

A sessão musical estava se alongando, mas ninguém poderia dizer que estivesse cansativa. Todos queriam ouvir mais alguma daquelas músicas que foram, de fato, a trilha musical do seu lar.

Todos permaneceram calados por algum tempo. Cada um com seus pensamentos e suas reminiscências. Cada um talvez cantarolando mentalmente uma das músicas que povoaram a sua infância.

Todos felizes.

Evaldo começou a cochilar e os filhos saíram de mansinho para permitir seu repouso, embalado pelas canções cujos ecos sobrevivem.

Sexta-feira, 10 de agosto de 2007

UM TÁXI PARA A RUA AMARO LOPES MADEIRA, 44, POR FAVOR.

HOSPITAL GERAL. 06h15.

Lá embaixo, os carros se moviam agitados naquele início de manhã ensolarada e, dos tetos polidos, o sol refletia, variando a tonalidade de acordo com a cor de cada automóvel.

Mariinha, da janela, apreciava o movimento crescente no trânsito e nas calçadas. Pessoas caminhavam com maior ou menor celeridade. Pareciam tão miúdos vistos do alto.

Seu pai, certa feita, lhe dissera que uma forma ideal de olhar o mundo era subindo em um prédio e olhando do alto as pessoas agitadas lá embaixo. Dizia ele que, assim, se podia ter ideia de quanto éramos pequenos.

Olhando à esquerda dava para avistar uma parte da marquise do estádio de futebol, após a ponte sobre o Rio Capibaribe, e uma onda de crianças, com camisas rubro negras, que descia de um ônibus e era guiada para o estádio. Seria uma visita de torcedores infantis? Seriam alunos de alguma escolinha de futebol?

O agito daquela juventude dava trabalho a um casal que se esforçava, gesticulando e indicando a rota a ser tomada.

Mergulhada em divagações, Mariinha passou a considerar em seus pensamentos o detalhe existencial da renovação da vida, a infância e toda aquela energia que precisava ser conduzida para desfrutar o melhor, sem fugir da disciplina exigida para a convivência em sociedade e para a evolução espiritual.

Todas aquelas almas, umas caminhando, outras em seus automóveis, umas se dirigindo para o centro, outras para a

periferia, cada uma com seus motivos, com seus destinos planejados para o momento mais imediato, mas nem todos com planos para o longo prazo. Nenhum sequer sabendo o que lhes aconteceria até o final do dia.

“A gente põe e Deus dispõe”, pensou Mariinha, tal como gostava de falar.

Orava pedindo paz para aquelas almas, paz para o mundo: “Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa Paz”.

Pedia saúde para Evaldo e depois desfiava uma relação de lembranças, visitando mentalmente cada um dos filhos, netos, bisnetos, rezando pelos enfermos retidos ali mesmo, no hospital, quem sabe em momento de expiação...

A infecção levou a um estado febril e de desconforto respiratório, implicando em mal-estar geral. Apesar da elevação de temperatura e dificuldade respiratória devido à secreção, Evaldo permanecia no apartamento, com procedimentos de sucção e controles de sinais vitais por equipamentos ligados ao paciente.

Luiz Carlos estava sempre presente para permitir que Mariinha pudesse, ao menos, fazer as refeições e tomar banho, tendo alguém atento às necessidades mais urgentes de Evaldo.

A agitação de Evaldo ficou clara quando ele não avistou Mariinha, que tinha ido ao banheiro e Luiz Carlos, notando que o pai procurava apoio, talvez necessitando alguma coisa, se aproximou oferecendo ajuda.

– Diga, papai. Quer alguma coisa? – Perguntou.

– Peça “**um táxi para a Rua Amaro Lopes Madeira, 44, por favor**”. – Evaldo solicitou, demonstrando claramente que estava delirando devido à febre que evoluía.

– Está bem, papai. Vou providenciar. – Respondeu sem admoestação, tratando, no entanto, e naturalmente, de informar à enfermagem sobre a elevação da febre.

Danielle havia chegado, junto com o pai – Evaldo Filho – e Gislene. O Dia do Estudante caíria no sábado, como na escola

haveria somente festa antecipando as comemorações para esta sexta-feira, preferiu usar o dia sem aulas para ver o avô, que lhe dirigiu algumas palavras quando ela chegou e segurou sua mão.

Depois de algum tempo Evaldo e Gislene se ausentaram, deixando-a no hospital.

Logo depois, chegava Irene. Cumprimentou a todos, acariciou Evaldo, dando notícias de Carlos Alberto que mandara abraço carinhoso para o pai.

Evaldo requisitava cada vez mais a presença de Mariinha. Há alguns dias antes, para cortar o cabelo que a estava incomodando, foi preciso Gislene ir até o hospital fazer o “serviço domiciliar” de forma que ela não se ausentasse.

Naquele dia, especialmente, todos os presentes acompanhavam a dor que claramente se agudizava. Irene posicionada na cabeceira da cama, aos pés de Evaldo, fazia uma oração. Foi uma das primeiras a perceber que Evaldo começava a demonstrar ansiedade.

No sofá, Luiz também orava. Seu olhar cruzou o de Irene e percebeu a agonia de Evaldo. Alertou a mãe, fazendo com que Mariinha rapidamente se aproximasse tomando a mão esquerda do marido, para propiciar visibilidade, pois que há algum tempo ele tinha perdido a visão através do olho direito.

Danielle também se aproximou e segurou a mão direita do avô, mas foi a última a perceber a gravidade do momento...

– Eu não sabia que vovô estava indo... só percebi isso quando vovó começou a falar com ele e vi que Irene rezava, concentrada, na cabeceira da cama, enquanto Luiz Carlos, no sofá, de olhos fechados, também fazia suas orações... foi quando entendi a situação. Quis chorar e saí do quarto por um instante, voltando em seguida para junto de todos... – Conta Danielle.

Evaldo permanecia de olhos fechados. Mariinha iniciou uma conversa com o marido, pedindo-lhe que abrisse os olhos, ao que Danielle emocionou-se. Mariinha sempre esteve bem

próxima e orientando a situação para requisitar Paz. Porém a firmeza com que enfrentou aquele instante, foi excepcional.

Dirigindo-se ao amor de toda a sua vida, Mariinha começou seu diálogo de despedida:

– Vá tranquilo... obrigada por tudo que você me proporcionou na vida... pelo seu carinho e dedicação, por nossos filhos, netos e bisnetos... eu faria tudo novamente... se eu tivesse que escolher, seria você novamente... sempre... – confessou com suave firmeza, pleno domínio emocional e começou a cantar baixinho, enquanto lhe acariciava: “os sonhos mais lindos sonhei, de quimeras mil um castelo ergui...”

Evaldo estreitou o suave aperto de mãos que transmitia à esposa e à neta, uma de cada lado e, certamente, sentia a intensidade da presença da nora, Irene, a seus pés.

Danielle percebeu a palidez que começava a dominar seu semblante, o suor que brotava de seus poros e como aos poucos sua ansiedade anterior se transformaram em paz e passividade.

Somente após chamar a equipe do hospital é que Mariinha relaxou o cumprimento de sua missão e deu-se o direito de chorar. Ainda assim permaneceu atenta para consolar a neta, a nora e o filho, rogando tranquilidade e afirmando que ele – Evaldo – agora estava bem.

Era o mês de agosto de 2007, dia 10. Foram quase 57 anos, desde o juramento de que seria até que a morte os separasse.

No quarto, agora vazio, Mariinha, Irene e Danielle analisavam o relato de Luiz Carlos sobre o de pedido que Evaldo fizera para que chamassem um táxi.

O endereço estava claro e bem definido em sua cabeça: Rua Amaro Lopes Madeira, 44, no Engenho do Meio.

Por quantas vezes ele teria declinado este endereço para que um motorista guiasse na direção da paz, do conforto, do apoio, da convivência, da família, do amor?

Naquele momento ele estava em delírio febril e no âmago, no mais profundo de sua mente, o raciocínio lógico deixou-se comandar pelo lado emocional: Quando se está numa situação difícil, a busca do lugar seguro, o recolhimento para o abrigo, o repouso do guerreiro, a trincheira de apoio, a tábua de salvação, é algo tão natural quanto a reação biológica de distribuição de adrenalina, de retesamento de músculos preparando para a corrida ou para a luta. Não carece de raciocínio lógico. É pura emoção.

O recanto de paz tinha endereço, tinha a assistência de quem ficava de plantão até que ele dobrasse a esquina, tinha música suave anunciando “*os sonhos mais lindos...*”, ecoando em sua mente uma certeza de que “*voltarás, pois hás de lembrar que foste feliz... nunca houve alguém que quisesse o bem que eu sempre te quis.*”

Domingo, 9 de agosto de 2009

Caminhemos, talvez nos vejamos depois...

Quando Mariinha retornou para sua casa, depois de todos aqueles dias no hospital, caminhou lentamente e percorreu com o olhar cada recanto, cada compartimento.

A história estava nas paredes, nas portas e janelas, desde a primeira vez em que as abriu. Escrita nos planos e nas realizações compartilhadas.

Não queria mais ficar ali, pois não lhe importava “a casa”. Preferia a lembrança do lar. Mas veria isso depois.

Aproveitou a reunião dos filhos, que ainda a circundavam com carinho e apoio naquele momento.

– Preciso conversar uma coisa com vocês. – Iniciou entre insegura e frágil. – Nesses dias em que estive no hospital notei uma alteração no meu seio esquerdo. Não quis dizer nada porque sabia que, tanto Evaldo quanto vocês, iriam forçar a minha visita a um médico e era tudo que eu não queria naquela hora. Primeiro, porque eu não queria trazer mais preocupações para ele. Segundo porque não queria sair do seu lado. Mas agora é hora de cuidar disso.

Baixou a lateral da blusa que usava, derrubando-a sobre o ombro e fazendo-a deslizar pelo braço, expondo, assim, o seio para o exame dos filhos.

A pele alva, contrastando com a auréola escura inibiu, em princípio, o direcionamento dos olhares, exceto de Fátima, cuja condição de mulher excluía o segredo que para os demais, homens, tinha sido revelado apenas na primeira infância.

Seios que os amamentara, de cujos mamilos brotara o leite da vida junto com os carinhos que estimulam as ligações eternas entre mães e filhos.

Todo o quadrante lateral externo apresentava coloração e textura diferente da aparente maciez do entorno restante. Uma cor escura, tal como se houvesse sido atingido por uma pancada forte, dessas que deixam ronchas, e uma textura rugosa, tal como uma casca de laranja.

Ela já tinha mostrado a Danielle numa das visitas da neta, mas pedira segredo. Essa responsabilidade pesou enormemente e Dani resolveu contar ao pai, rogando-lhe que não intervisse. Também à irmã, Marluce, Mariinha confidenciou o problema.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

17 de agosto de 2007. Foi no hospital que comecei a sentir minha mama esquerda apresentar uma mudança. É como se houvesse uma massa ao redor do mamilo. Não falei nada aos meus, pois a situação já estava bastante complicada e era eu quem ficava com ele.

Pedi muita ajuda a Deus e comecei a usar uma pomada dando massagem. Pedi também ajuda a esta equipe e tenho a certeza de que fui atendida, pois tudo voltou ao normal. (Nota do autor: Refere-se a equipe espiritual)

Quando voltei para casa comecei a sentir a mesma mudança na mama direita. Usei o mesmo processo. Tenho melhorado bastante, mas ainda está endurecido. Não doe nada.

Não havia muito o que dizer. Reclamar, pelo fato de não haver alertado mais cedo? Isso poderia ser produtivo? Sem que fosse necessária uma assembleia para discutir o assunto, os irmãos chegaram a um consenso, anunciado pela voz de Fátima.

– Mamãe, amanhã mesmo vamos a um médico para ouvir sua opinião e iniciar o tratamento que recomendar. – Aconselhou, sem alardes, antes que alguma outra manifestação trouxesse debate ou especulações para a cena.

– Uma outra coisa que quero discutir com vocês é sobre esta casa. – Mariinha tomou a palavra de volta. – Quero deixar Luiz Carlos aqui, com a concordância de vocês para que a casa fique com ele. Eu quero ir morar em outro lugar, senão morro de saudade no espaço que sempre compartilhei com seu pai. Espero que vocês entendam.

– Claro, mamãe, não haverá disputa nem desavença quanto às decisões que forem tomadas – Afirmou Newton, sem discordância dos demais.

De imediato, Mariinha deixou a casa da Amaro Lopes Madeira, onde vivera uma vida inteira com Evaldo.

Passou a morar com Carlos Alberto, no bairro das Graças. A escolha baseou-se no fato da clínica médica, onde começou a cuidar da mama, localizar-se na rua imediatamente atrás da casa do filho. Manifestou, entretanto, a intenção de morar sozinha, mas teria que aguardar a liberação de valores a receber para fazer tal investimento.

Para garantir acomodações que lhe dessem o máximo de autonomia, custeou a adaptação de um recanto em separado, com banheiro individual, formatando uma suíte apropriada para sua permanência transitória até mudar-se para um lugar definitivo.

Foi durante sua permanência com Carlos Alberto que a doença foi confirmada. Ao receber a notícia, Mariinha demonstrou, pela primeira e única vez, o impacto natural de quem toma conhecimento de tão indesejável diagnóstico.

Carlos Alberto, percebendo a crise de ansiedade que acometera sua mãe, e achando-se impotente para ajudar, telefonou para Marluce, que o mais imediato possível acudiu para ajudar a irmã.

Marluce esteve presente de forma intensiva desde a internação de Evaldo. Com a confirmação da doença de Mariinha, era natural que ela fosse lembrada para prestar o devido socorro. Desde então, Marluce acompanhou a irmã às sessões de quimioterapia e às visitas médicas, fazendo-se uma presença carinhosa e importante, tanto na logística, quanto – e principalmente – no conforto psicológico e espiritual.

Tão logo resolveu as questões de seguro e pensão, Mariinha voltou a manifestar desejo de morar sozinha.

A preocupação dos filhos era garantir que tal mudança não inviabilizasse a necessária assistência e apoio. Como o apartamento conjugado ao de Evaldo Filho estivesse fechado há algum tempo, essa poderia ser uma boa solução, desde que ela aprovasse a localização:

– Se quiser olhar um apartamento vizinho ao meu, seria interessante, assim estaríamos próximos para o caso de qualquer necessidade sua. – Sugeriu Evaldo Filho.

Desde a primeira visita, Mariinha simpatizou com o apartamento. Danielle a surpreendeu de pé, de frente para a porta fechada, dizendo:

– Um dia você vai ser meu – como se falasse com o imóvel.

Danielle localizou a proprietária e explicou a situação. Na verdade, ela pretendia alugar, mas, ao conhecer Mariinha mudou de opinião de imediato:

– Se isso vai fazer a senhora feliz, eu lhe vendo.

Mais surpreendente ainda foi a negociação, pois Mariinha perguntou o preço já mostrando preocupação por não dispor de muito dinheiro. Em resposta, a proprietária perguntou de quanto dinheiro ela dispunha e, ao ouvir o valor – realmente, não muito – confirmou:

– O apartamento é da senhora!

Fez a entrega das chaves inclusive com todos as mobílias que estavam no apartamento, assinando os papéis necessários para a transação. No dia da transferência, a antiga proprietária (que tinha algum parentesco com a ex-vizinha do Engenho do Meio, dona Celina) passou nas Lojas Americanas, comprou um liquidificador e presenteou Mariinha: uma prova da total empatia desenvolvida no encontro.

Como o apartamento estivesse fechado, uma reforma necessária foi imediatamente iniciada, sob a supervisão de Evaldo Filho que patrocinou diversos itens necessários para deixar o apartamento confortável.

A mudança definitiva para seu novo apartamento foi feita no final do ano seguinte.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

08 de novembro de 2008. Dia em que cheguei ao Curado. O apartamento ainda não estava pronto e eu fiquei na casa de Evaldo.

O início da quimioterapia trouxe as mazelas secundárias comuns a estes tratamentos. Curiosamente, no entanto, Mariinha não se queixava de dores, incômodos físicos, enjoos. Sua única dificuldade de lidar com aquele momento foi expressa na queda de cabelos. Ainda assim, seu lado humilde a fez sentir-se sob o risco de estar se curvando à vaidade, pelo que se desculpava em oração.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

20 de dezembro de 2008 – Realmente um pouco apreensiva principalmente quanto à queda do cabelo. Confesso que chorei, mas Jesus, que sabe do meu coração, compreende e sei que perdoará minha fraqueza, pois Ele bem sabe que é meu médico e amigo de todas as horas.

Danielle, agora tendo a avó como vizinha de porta, desdobrou-se em zelo e atenção. Foi, sem dúvida, mais um refrigério para a situação que exigia acompanhamento constante.

Durante esse período diversas ocorrências fixaram uma relação de confiança e intimidade entre ambas.

Certa feita, Mariinha conversou com a neta sobre uma visão de luzes coloridas que dizia avistar no teto do apartamento quando se deitava. As luzes, dizia ela, dançavam e se alternavam em cores. Certa feita Mariinha acordou Evaldo Filho para que ele confirmasse a visão. Mas eles não viam as luzes alegadas. Danielle ficou, então, para dormir com ela, juntas, na mesma cama. A neta suspeitava que fossem reflexos provenientes dos faróis de automóveis na rua... mas não via luz alguma.

No segundo dia em que Danielle foi dormir com a avó, Mariinha anunciou para a neta:

– Começou o espetáculo...

Sentindo a angústia de Mariinha, que inclusive aventava a hipótese de que as visões “seriam avisos de que iria partir”, Dani decidiu-se a assumir que, naquele momento, compartilhava a visão. Tal anúncio deixou Mariinha feliz, pacificando seu espírito.

A disponibilidade da neta só não encontrava guarida e aceitação, quando se tratava de expor seu corpo. Sempre recatada, Mariinha preferia cuidar-se por conta própria. Mas, nas vésperas de seu internamento, cedeu à necessidade de ajuda, quando, em situação crítica, Danielle carinhosamente permaneceu do lado de fora do box, preocupada e insistindo para ajudar no asseio durante o banho:

– Vovó, não feche a porta... estou aqui para ajudar...

Aos poucos, a neta foi se “infiltrando”, dando apoio ao segurar um braço, ajudando como podia, até que a avó aceitou e deixou-se ser banhada. Danielle notou que ela chorava emocionada.

– Por que está chorando? – Perguntou carinhosamente.

– Há anos, eu era quem dava banho em você. Hoje, é você quem dá banho em mim... mas estou chorando de felicidade!

Vencida a timidez, Mariinha encorajou-se e pediu:

– Você passa hidratante em mim?

Danielle atendeu ao pedido. A “terapia” trouxe alívio e após a massagem Mariinha permaneceu imóvel, deitada, sentindo-se confortada ao ponto de dormir.

– Você devia ser enfermeira. Tem muita paciência e dedicação para tratar as pessoas.

Talvez essa experiência tenha sido impulsionadora da decisão. No final de 2009, Danielle matriculou-se para cursar enfermagem, profissão a que se dedicou até a chegada da filha, Maria Letícia, em junho de 2016.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

No dia 15 de janeiro de 2009 fiz a 1ª química desta etapa... Gislene e meu filho fazem grande esforço e me dão muito agrado e um carinho tão especial, só Deus sabe o quanto agradeço e sou feliz.

No dia 28, tomei a injeção para os ossos e depois fui para a casa de Carlos Alberto. Foi um dia cansativo, mas tudo terminou bem. Danielle estava comigo, pois é minha companheira permanente.

Gratidão e doação. A permanência desses sentimentos nos depoimentos e anotações de Mariinha não deixam dúvidas de que seus momentos de orações, na verdade insondáveis, pois sempre silenciosos, eram muito mais para agradecer e oferecer-se do que para pedir.

Se sua vida foi exígua de conforto produzido por riquezas ou bens materiais, no seu modo de ver parece ter sido plena de

satisfação, por valorizar pessoas e detalhes, pequenos carinhos e lembranças.

E isto sempre foi motivo de gratidão.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

06 de janeiro de 2009. Hoje é aniversário do dia em que conheci Evaldo. Deus lhe dê amparo e que esteja muito bem onde estiver.

Apesar de tudo sou feliz e agradeço com o coração cheio de alegria pelo apartamento que Ele me presenteou.

Meu apartamento é um oásis de luz onde me comunico com a espiritualidade e converso durante as noites sem sono.

Sou feliz e agradeço por tudo que tenho e procuro ser útil em todos os momentos.

Em seu aniversário, Mariinha volta a fazer referência à perda de cabelos, porém sinalizando o esforço de aceitação natural de seu estilo de personalidade.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

16 de fevereiro de 2009 – Meu aniversário. Completei 81 anos. Jesus ajuda-me a aceitar com mais carinho a queda do meu cabelo. Realmente é cruel e o visual não é agradável. Procuro gostar assim mesmo. Tenho colocado lenço e vou procurando me adaptar.

Em abril, Mariinha aproveitou uma oportunidade de viajar até Natal para estar com seu filho, Newton e rever os irmãos também ali residentes.

30 de abril de 2009 – Passei uns dias em Natal, com meu filho, Newton e minha nora, Nádia. Pude rever meus irmãos,

Valdemar e Margarida e meus cunhados, Romeu e Ana. Passeamos muito. Natal é uma cidade da qual gostei desde a primeira vez em que estive lá. Foram dias muito felizes e agradeço a Deus pela oportunidade.



Mariinha em Natal, abril de 2009.

Foram dois anos exatos de luta contra o câncer, de tratamento intensivo com quimioterapia e períodos de fortes enjoos.

Ainda assim, sem queixas e sempre afirmando felicidade, mesmo convivendo com a saudade e com ansiedades quanto à doença e seu tratamento.

Sobretudo, seu amor por Evaldo, patente em quem testemunhou a vida de ambos, ficou também registrado em suas últimas anotações:

CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARIINHA.

10 de julho de 2009 – Jesus meu Irmão e Amigo Maior: são tantas as experiências vividas que sinto necessidade de transferi-las para o papel. Agradeço a Jesus pela força que

me deu o tempo todo no hospital, por haver me dado a graça de estar presente junto àquele que foi e é a alegria da minha vida. Como agradeço à sua mãe por tê-lo trazido para ser o pai dos meus filhos, o companheiro, o amigo, o irmão, o pai, o confidente, o parceiro que, embora exigente, sempre demonstrava, mesmo sem palavras, o quanto era importante para ele a minha presença.

Tivemos uma vida plena de amor e experiências que nos fizeram crescer para Deus, entendendo que Ele sempre estava entre nós, nos dando força e coragem para vencer as dificuldades, que foram muitas, mas todas elas vencidas com muito amor.

Sinto realmente muita saudade e às vezes só melhora com muitas lágrimas, mas tenho certeza de que me foi dada sempre a oportunidade de aceitar, de renunciar, em favor da compreensão e da harmonia.

Jesus sempre esteve presente em todos os momentos, nunca me deixando sentir só.

Evaldo foi para mim, desde o primeiro instante em que o conheci, um bálsamo que ajudou a trilhar o caminho com muita segurança e a certeza de que o amor que nos uniu é eterno. Lembro sempre com ternura e muita saudade e espero em Deus que ele esteja bem e que seu caminho seja sempre iluminado.

No domingo, dia 09 de agosto de 2009, Dia dos Pais, véspera do aniversário de dois anos do desencarne de Evaldo, Mariinha completou seu ciclo.

ANOTAÇÕES DE NEWTON

No dia 7 de agosto ela começou a sentir dores e tremores. Meus irmãos a levaram ao hospital. Na tarde deste dia, eles me ligaram avisando que o médico havia reunido os filhos

para comunicar que não haveria regressão do quadro. Mãe deveria ficar internada para receber cuidados no hospital. Deu a meus irmãos duas possibilidades: 1) uma UTI com aplicação de medicamentos para alongar a vida por mais alguns dias, talvez uma semana. Nós poderíamos vê-la duas vezes ao dia nos horários de visita. Haveria algum sofrimento. 2) A alternativa seria administrar um sedativo potente que a faria dormir (uma espécie de coma induzido). Ela não sentiria dor. Nós poderíamos ficar com ela em um apartamento, mas a falência seria mais rápida.

Esta segunda opção foi a adotada. Eles me aconselharam a viajar para o Recife e me perguntaram se eu queria que esta medicação fosse aplicada apenas depois de minha chegada para que eu pudesse vê-la ainda acordada.

Autorizei que o procedimento fosse imediato, mesmo antes de minha chegada. Achei injusto fazê-la sofrer.

Chequei no Recife na manhã seguinte, dia 08 de agosto. Ela já estava “dormindo”.

Eu fui privilegiado por assistir sua passagem. Fiquei no hospital para pernoitar entre o dia 08 e 09 de agosto.

Fátima, minha irmã, havia levado para o hospital uma caderneta para anotações. Ela me recomendou que registrasse ali todos os eventos ocorridos sempre que um médico ou enfermeira fizessem qualquer procedimento.

Mamãe estava com a respiração forte, forçada. De qualquer ponto do apartamento dava para ouvi-la respirando.

Por volta das 4 horas da manhã de domingo, ela tomou uma respiração forte e, em seguida, eu não ouvia mais sua respiração. Pensei que ela estava indo embora naquele momento. Me aproximei e fiquei alisando sua cabeça. Li uma página aleatória do Evangelho Segundo o Espiritismo, que estava na cabeceira. Anotei na caderneta: “4 horas. Mamãe alterou seu ritmo de respiração. Agora não se ouve mais aquela respiração forçada. O ritmo é pausado e suave. Parece estar dormindo tranquilamente”.

Às 10 horas da manhã, estávamos com visita de algumas pessoas que moravam no Engenho do Meio. (Lígia, Raquel, Débora e Nice)

Conversávamos, mas eu não descuidava de ficar observando-a. Agora mais atentamente pois não tinha mais a respiração alta para acompanhar. A única forma de ficar atento era observando os movimentos respiratórios.

Foi mais ou menos nesse horário que eu parei de dar a atenção ao que as visitas falavam e me levantei da cadeira aonde estava para me aproximar, rápido, da cama. Os presentes estranharam perguntando “o que foi?”

Chequei perto. Pus a mão em seu peito e verifiquei que não subia. Alisei sua testa e senti que começava a esfriar.

Registrei na caderneta de Fátima: “10h15. Mamãe parou de respirar”.

Demos as mãos e rezamos um “Pai Nosso”.

Em seguida fui até a enfermaria do andar e pedi que verificassem nossa suspeita.

Como era Dia dos Pais, meus irmãos demoraram um pouco em casa para as homenagens dos filhos antes de ir para o hospital. Estavam já a caminho quando lhes telefonei avisando.

Coube a mim assisti-la nesse momento.

Durante os dois anos após a morte de papai, acho que mamãe sofreu mais pela ausência dele do que pela doença.

Veio a Natal duas vezes neste período e ficou comigo uma semana de cada vez. Passeamos muito. Ela gostava de Natal.

Acho que cumpriu sua missão, como ela gostava de dizer, e teve uma passagem, de certa forma, tranquila.

Eu penso que ela foi bem assistida no desenlace. Acredito que estas 6 horas (entre as 4 da madrugada e 10 da manhã),

quando a respiração já ficou tranquila e sem esforço, a espiritualidade já estava presente tratando dos procedimentos e assistência ao “desligamento”. Penso que àquela hora em que a respiração mudou de ritmo, seu espírito já foi desligado parcialmente do corpo físico. Já não havia dor. Às 10 horas, o processo foi concluído e a levaram de forma bem assistida.

Ela tinha muitos amigos no outro lado e muito conhecimento e fé sobre a transição e o funcionamento do Mundo Espiritual. Além de muito mérito, é claro, pois sem mérito do outro lado ninguém consegue furar a fila nem pagar propina, nem ser privilegiado pelas amizades e influências. Tudo é muito justo. Isto deve ter pesado a seu favor. (Ver Notas do Autor na p. 301)

Sua vida foi de abdicação e renúncia, boa parte para acomodar seus desejos às condições econômico-financeiras e de mãe de uma prole considerável – ambos, fatores inibidores das possibilidades – mas em boa parte, e talvez a mais significativa, foi renúncia e abdicação em favor de realizações do marido, que sempre foi por ela colocado em primeiro plano.

– Às vezes me pego pensando se foi valiosa a decisão. – Comentou Newton, em conversa com Fátima, depois que tudo estava acomodado. – Mamãe não somente abdicou. Ela quase se anulou para viver o amor por papai. Pode uma pessoa abrir mão de sonhos, de vontades pessoais, para estar sempre disponível, acompanhar e seguir a outrem?

– Meu irmão. – Exortou Fátima com sua reflexão certamente orientada e disciplinada pela vivência do consultório de psicologia – Com que certeza nós podemos afirmar que ela tinha outros planos e ambições que não a dedicação a papai? Alguma vez você a viu chorando ou reclamando por sonhos abandonados ou sequestrados? De outra vertente, algum de nós pôde testemunhar atitudes impositivas da parte dele?

– De fato, devo lhe dar razão. – Refletiu Newton. – Os projetos parecem ter sido sempre compartilhados. E nem todos foram de iniciativa ou interesse exclusivo de papai. Diversas

ideias vieram dela e foram apoiadas e assumidas por ele. Parece que havia um contrato implícito, um acordo psicológico sobre as áreas de atuação de cada um. Ele esteve à frente das ações e ela conduziu a organização das coisas. Desde os empreendimentos até a nossa educação.

– Mais ou menos isso. – Conciliou Fátima – O que importa são as escolhas que fazemos e o respeito como elas são acolhidas. Estou bem certa de que houve acolhimento de ideias e escolhas, de ambas as partes. Da forma como vemos o mundo, sob nossas perspectivas, podemos querer censurar. Mas a pergunta correta é: eles foram felizes com as suas escolhas?

– Disso não tenho dúvidas. – Concluiu Newton – Não sou eu quem afirma. Ela própria assim declarava. Mas, tenho outra dúvida: A escolha final, de manter em segredo uma doença que precisava ser atendida precocemente, não teria sido, esta, uma abdicação irracional? A pessoa não deve cuidar primeiro de si mesma para, então, estar disponível para o outro?

– Vou lhe responder propondo uma reflexão: Será que tem que ser sempre assim, independente de análise conjuntural? –Fátima desafiou o irmão, provocativa.

– Em verdade compreendo que tudo deva ser relativizado. – Ponderou Newton, revendo sua posição anterior. – Perguntei, pois já pensei no ocorrido como sendo uma prova de que se pode “morrer por amor”, mas minha razão recusou entender assim.

– Eu penso que foi, essa também, mais uma escolha e que temos de respeitá-la. – Argumentou Fátima. – Relativizando, como disse você, pondere a idade dela, os próprios medos de enfrentamento que boa parte das pessoas sentem ao se deparar com sintomas de doenças importantes das quais prefeririam fugir. Essa estatística é preocupante na área médica. Muitas pessoas retardam o início de tratamentos e até a busca de diagnóstico, por medo de enfrentar a realidade. No caso dela, some-se, ainda, o seu desejo de estar ao lado da pessoa amada, numa

situação que ela talvez desconfiasse que fosse terminal, por todo seu histórico de saúde, pela idade dele...

Parou um minuto olhando nos olhos do irmão e deixando-o racionalizar o que dissera.

– Considero que nem possamos censurá-la nem, menos ainda, vangloriá-la por ter “morrido por amor”. – Complementou Fátima. – Foi uma simples questão de tomada de decisão. A morte foi uma consequência, mas a escolha de permanecer ao lado dele, esta, foi por amor.

– Você tem toda razão, irmã. Ficar ao lado dele foi uma decisão pautada no amor. Olhando o diário dela, fica claro que, independentemente dessa dedicação, ela não estava disposta a enfrentar a doença, pois um ano depois, ela ainda escreveu que não queria se submeter aos procedimentos médicos. Penso, então, que ela não morreu por amor: Ela viveu por amor.

– Ela viveu *para* o amor. O amor da vida dela. – Corrigiu Fátima. - Poucas pessoas têm esse mérito. Para a maioria isso é apenas um sonho. – Concluiu.

Ela concretizou o seu sonho.

Domingo, 10 de janeiro de 2010

DIA DO IRMÃO.

Carlos Alberto agitava uma vara na tentativa de derrubar algumas carambolas, mas reclamava que as mais maduras estavam se machucando ao cair no chão.

Luiz Carlos, então, se antecipou e começou a subir na árvore, fazendo gozação do irmão:

– Você fica aí medroso, rapaz, só reclamando. A melhor forma de conseguir as melhores carambolas é subindo no pé! – Berrou Luiz Carlos, já alcançando, com agilidade, os galhos mais altos.

– Vá se amostrando viu? Mas tome cuidado para não cair daí, senão ou vai se machucar e dar trabalho pra gente, ou vai ser você o motivo da gozação. – Repreendeu Fátima.

Marivaldo aproximou-se para observar o que estavam aprontando, mas não vendo perigo para o irmão mais novo, juntou-se à atividade e ficou embaixo da árvore, apontando os frutos maduros:

– Aquela ali, mais na ponta do galho! – Orientou, enquanto pegava as frutas que Luiz Carlos jogava lá de cima.

– Espera aí que vou buscar uma sacola lá dentro de casa. – Ofereceu-se Newton que, de longe, observava a cena.

– Para que vocês estão tirando tanta carambola? – Perguntou Evaldo Filho.

– Para o suco na hora do almoço. – Gritou, lá de cima, Luiz Carlos.

- E vocês não vão tomar cerveja, não é? Onde já se viu churrasco com suco de carambola? – Complementou Evaldo Filho, desafiando os irmãos.

- Pronto, já vão começar a farra. Mas é bom umas carambolas para fazermos um suco e matarmos a saudade. – Corrigiu Fátima.

- Verdade, Fátima! O sabor do suco de carambola é sempre uma viagem ao passado. – Concordou Newton, que voltara com uma sacola para as frutas, que estavam amarelas e rechonchudas. Ótimas para um suco.

O pé de carambola era o único que restava das fruteiras originais do quintal, e a reunião dos irmãos sob a árvore naquele janeiro de 2010 tinha o tom da saudade dos tempos de brincadeira ao redor da casa.

- Lembram do outro pé de carambola, aquele que ficava de frente para a janela do nosso quarto? – Perguntou Carlos Alberto.

- Ele foi sacrificado na época da reforma. – Disse Marivaldo.

- Antes esta parede ficava um metro e meio para trás e nós dormíamos, os quatro, no mesmo quarto. Era um aperto. – Lembrou Marivaldo – Enquanto Fátima dormia no último quarto, sozinha. – Reclamou em tom de brincadeira.

- Pois é. São as vantagens de ser a única mulher numa casa cheia de homens. – Justificou Fátima sob risos generalizados.

A manhã estava agradável e todos foram se acomodando por ali mesmo, no quintal, desfiando um rosário de lembranças: lembra disso? Lembra daquilo? E naquele dia? Lembra?

- E então, Carró? Que ideia foi essa de criar o Dia do Irmão? – Perguntou Newton, dirigindo-se a Carlos Alberto, pelo apelido de infância.

– Claro. Vocês já perceberam que até então não se falava no Dia do Irmão? – Explicou Carró – Tem dia das mães, dos pais, do amigo... até dia da sogra, apesar do anedotário contra elas. Mas não tem – ou não tinha – o Dia do Irmão. Por isso fiz a proposta para que esse dia aconteça, anualmente, no segundo domingo após o ano novo, dessa forma, todo mundo consegue passar o *réveillon* nos seus programas pessoais, mas logo em seguida, os irmãos se reúnem para se rever. Não fora assim e correríamos o risco de nos dispersarmos.

A ideia foi aplaudida por todos e brindada como data a ser sempre reverenciada.

Carlos Alberto sempre foi o mais espirituoso, criativo e brincalhão dentre os irmãos, e era de se esperar que saísse dele a ideia para a comemoração desse dia.

– Lembram daquele dia em que mamãe solicitou a Carró para ele raspar o coco que ela iria usar para um bolo? – Perguntou Marivaldo, aguçando as lembranças.

– Ah, lembro sim. – Respondeu Newton. – Mamãe sempre distribuía tarefas entre a gente: lavar nossas cuecas ou as roupas que sujávamos jogando bola em dias de chuva, eram obrigações de cada um, mas varrer a casa, lavar os pratos, pôr o lixo para a rua ou carregar o botijão de gás para aguardar o caminhão em dia de entrega, essas tarefas ela alternava. Ora determinava um, ora outro.

– Pois é. – Atalhou Marivaldo. – Só que, nesse dia, ela pediu a Carró para raspar o coco, quando na verdade já tinha determinado para ele essa mesma tarefa em duas ocasiões seguidas. Carlos Alberto, sempre criativo e irreverente, foi até ela, que trabalhava na pia, segurou-a, carinhosamente, pelas bochechas e balançou seu rosto para lá e para cá, como se faz com bebês:

– Tão bonitinha... por que tem que ser eu de novo? Porque não pede a outro, para alternar? – Brincou Carró.

Mariinha, sorrindo com a presepada do filho respondeu:

– É que você raspa tão direitinho, os flocos ficam tão fininhos nas suas mãos, enquanto seus irmãos tiram os pedaços. Faça isso para mim. Você sabe que eu lhe amo. – e apertou de volta as bochechas do filho.

– Ah, então estou sendo punido pela competência? Pois agora, já sei! – Ameaçou.

– Até parecia que iria entregar o coco todo quebrado e aos pedaços. Que nada. Caprichou mais ainda, agora que sabia o que agradava à mãe e tinha recebido os elogios. – Completou Fátima.

– Mas o exemplo de como uma pessoa pode “ser punida pela competência” ficou para sempre. – Disse Carró.

– Mamãe sabia reconhecer e elogiar. – Lembrou Newton. – Nunca esqueci de um livreto ilustrado que ganhei num dos encerramentos de ano letivo do Externato 6 de Janeiro, quando ela premiava as melhores notas e outros destaques. Para mim foi uma surpresa quando fui chamado, pois eu nem era aluno daquela turma. Mas ela se utilizava de minha habilidade para desenhar e, às vezes, me pedia para fazer figuras ilustrativas nas provas ou trabalhos, ou ainda para escrever, com letras desenhadas, alguma mensagem no quadro negro, em datas comemorativas. Daí, naquele dia, ela agradeceu essa ajuda e me deu o livreto, com a anotação na primeira página: “*A Neuton, pela colaboração durante o ano letivo*”. Foi muito gratificante e significativo para mim. Nunca esqueci. Nem sequer o nome do livreto: “O galo Frederico!”

Todos sorriram e brindaram o encontro.

Com razão! Até então não havia notícia de um dia do irmão. Pesquisas atuais (2019) apontam timidamente para o que parece ser muito mais uma proposta que um consenso formalizado. Alguns sites propõem o dia dez de abril, outros apontam o dia cinco de setembro. Mas sequer a mídia, que se aproveita de todos estes eventos para os transformar em sucesso comercial, se referem a estas datas, ou a qualquer outra, como o dia do irmão.



Os filhos, no quintal da Amaro Lopes Madeira, 44.
Domingo, 10/01/2010

(Da direita para a esquerda, na ordem de nascimento: Marivaldo, Newton, Fátima, Carlos Alberto, Evaldo e Luiz Carlos).

Ao que parece, Carlos Alberto, em 2009, foi o precursor da ideia de ofertar uma data para comemorar essa ligação parental tão importante.

Para os filhos de Mariinha e Evaldo – pelo menos – a partir de 2010, o Dia do Irmão entrou no calendário como proposta de nunca perderem o vínculo e o amor que herdaram dos pais.

A cada dia do irmão, as lembranças de Mariinha e Evaldo tomam conta dos depoimentos dos seis e, ao menos por enquanto, o encontro continua a acontecer na Rua Amaro Lopes Madeira, 44.

NOTAS DO AUTOR

Sobre os Registros e Anotações

Muitos documentos – fotos, registros civis etc. – não foram localizados pelos filhos após o falecimento de Mariinha. Mas uma caderneta tipo agenda, preenchida como diário, cartas trocadas pelo casal e um manuscrito que iniciava a redação de um livro autobiográfico de Evaldo serviram de subsídio com muitos dados utilizados para a cronologia e reposição dos fatos (em alguns casos através de técnica de análise de discurso) ou transcritos como citações.

Várias narrativas são fruto de depoimentos e memória viva.

A “Anotação de Newton” à página 289 é cópia do texto de e-mail que o autor enviou para Anita Angelim, amiga e admiradora de Mariinha, quando aquela buscou informações ao saber de sua passagem.

Aqui e acolá, o autor exercitou a ficção para dar detalhes a diálogos de alcova ou para romancear fatos cujas narrativas familiares não desciam a tantos detalhes quanto os que o livro apresenta.

Quando não pareceu haver embargo de nenhuma ordem, os nomes originais foram preservados. O Hospital Geral, citado, e o nome do médico – Dr. Ramos – são fictícios.

Sobre Adenilda

Adenilda, colega da Escola Normal, citada nos capítulos sobre a juventude de Mariinha, foi sua amizade mais fiel e duradoura. A presença dela na família foi uma constante e era chamada de tia Adenilda pelos pequenos. Foi tomada como madrinha de batismo de Marivaldo, o primogênito.

Depois a família transferiu-se para Natal, Rio Grande do Norte. Amaury, seu irmão, foi um dos fundadores do CVV Samaritanos em terras potiguares.

Quando Newton passou a morar em Natal, Mariinha deu indicações sobre Amaury (para intervenção do filho, junto à TELERN, na obtenção de número telefônico de fácil discagem para o CVV) e, posteriormente, cruzou informações para que o endereço da amiga fosse localizado. Coincidentemente Newton morava no mesmo bairro, a Cidade Satélite: ele na Rua dos Plátanos 2106, Adenilda e sua filha, Núbia, na Avenida dos Caiapós.

Obstinada no projeto de construção da Capela do Menino Jesus de Praga no terreno vizinho à sua casa, faleceu antes de ver o projeto concluído, mas deixou as estruturas montadas.

Em 2009, quando estive em Natal, Mariinha fez questão de visitar a amiga e ficaram longas horas a conversar, por certo trocando reminiscências.

Sobre o período em Arcoverde

Evaldo viajou a Arcoverde para Gerenciar o Hotel Rex, naquela cidade.

É interessante destacar deste fato a prova de como sua educação primária foi sólida e lhe habilitou a exercer cargos de gerência geral e de práticas contábeis, com excelentes resultados, tal como os registros indicam.

Esse período em Arcoverde foi de grande sacrifício para ambos, uma vez que se apoiavam mutuamente na busca de conforto para as situações que cada um vivia.

Foi também uma época que ficou bastante documentada, vez que o casal apaixonado trocou abundante correspondência, num total de 104 cartas, entre o dia 02 de junho de 1948 a 14 de janeiro de 1949.

Quanto à grafia Neuton/Newton

O leitor deve ter percebido uma alternância na grafia do nome do segundo filho do casal (o autor). Ora está escrito Neuton, ora consta Newton. Esclareço.

A grafia pretendida por Evaldo seria “Neuton”, com “u” e assim foi declarado em Cartório. Ocorre que no registro o nome foi assentado com “w”.

Evaldo não percebeu a diferença e, para todos os efeitos, dentro da família e vizinhança do tempo de menino este nome permaneceu, inclusive com a pronúncia fechada no “u”.

No Externato 6 de Janeiro, durante o processo de alfabetização, foi assim que o nome foi ensinado.

Quando Neuton foi se inscrever para o exame de admissão ao ginásio a secretaria do colégio alertou que a ficha de inscrição estava sendo preenchida em desacordo com a Certidão de Nascimento.

Somente então o erro foi percebido. E não apenas na grafia do nome. O sobrenome Barreto também fora grafado com dois “T’s”: Barretto. (Curiosamente, em uma das cartas do período em Arcoverde, Evaldo assinou o seu nome por extenso e, nessa carta seu sobrenome também está grafado com dois “T’s” – a carta era endereçada ao cunhado Toinho, por isso menos informal já que as cartas para Mariinha eram assinadas apenas como “Evaldo”)

Corrigir o erro no registro do filho significaria ter que voltar a Fortaleza para solicitar a errata. Preferiu-se, então, aderir ao formato do documento e, daí em diante, Neuton Barreto passou a assinar Newton Barretto, num esforço para reiniciar a assinatura que já então começava a ganhar personalidade.

Assim, até hoje é fácil distinguir os relacionamentos familiares e de infância, que ainda o chamam de Neuton. Já os relacionamentos posteriores, de escola a partir do ginásio ou de trabalho, o chamam de Newton.

Preferimos nestas páginas conservar o marco temporal, fazendo referência à primeira forma gráfica até a adolescência e, daí em diante, com a nova grafia.

Sobre o acidente em Paulo Afonso.

O capítulo que trata sobre o acidente ocorrido em Paulo Afonso em 1951, do qual Mariinha teve uma premonição, foi objeto de discussão construtiva entre os irmãos, quando da primeira revisão dos escritos e houve alguma discordância sobre a conjuntura, sem que tivéssemos chegado a um consenso.

A versão apresentada é a que povoa a memória do es-criba, a partir, é claro, dos relatos ouvidos dos pais.

Para Marivaldo, a viagem teria ocorrido a trabalho e o pai viria sentado em um caminhão sem portas (relativamente comuns naqueles tempos), com o pé apoiado sobre o para-lamas.

Para Luiz Carlos, a versão também é esta só que o carro seria um caminhão do exército, não ficando claro o que seu pai estaria fazendo em uma viatura militar.

Não havendo consenso, responsabilizei-me, como es-criba, pela versão que minha memória guarda.

Sobre a viagem a Fortaleza.

Todos os filhos concordam que Evaldo foi a Fortaleza entre 1952 e 1953, a trabalho, com a missão de implantar algum procedimento; ele trabalhava na Elna, uma fábrica alemã de máquinas de costura e que na ocasião lançava no Brasil uma máquina portátil que virou sonho das donas de casa. A Elna estaria abrindo uma filial em Fortaleza e Evaldo, junto com outros funcionários mais experientes, teria sido escolhido para acompanhar o primeiro ano de implantação, para garantir capacitação mantendo uniformidade com os processos utilizados no Recife.

Nenhum dos filhos tem certeza se era a abertura de uma filial ou alguma campanha de lançamento da máquina no mercado cearense.

Papai trabalhou quase toda a vida com a área comercial. Na ocasião em que os aparelhos de TV eram levados para exposição em nossa casa, por exemplo, ele trabalhava na SODIMA – Sociedade Distribuidora de Máquinas S.A. Loja que vendia aparelhos eletrodomésticos, que naquela ocasião eram lançamentos inovadores no mercado.

Sobre a trilha sonora.

Um dos capítulos mais polêmicos para escrever foi o da trilha sonora do casal.

Eram muitas as músicas cantadas por Mariinha e o costume de cantar enquanto fazia as tarefas domésticas foi uma constante em sua vida. Assim, os acordes de muitas canções ecoam na memória dos filhos.

Na ocasião em que escrevia este capítulo, o exercício da lembrança foi tão significativo que às vezes, já de sono cravado, vinha na memória do autor a voz de sua mãe cantando uma música. Para não esquecer, levantava-me e anotava ao menos uma parte do refrão ou da abertura da música e, no dia seguinte, a lista aumentava.

Desta maneira, o capítulo ficou gigante devido à quantidade de músicas registradas.

Na revisão, o autor fez um exercício de conservar somente quatro canções mais significativas. Porém não querendo abrir mão do levantamento de tantas lembranças, resolveu incluir o repertório mais amplo (ainda que não esgotado) em um Anexo.

AGRADECIMENTOS

Em qualquer trabalho o risco de escrever agradecimentos é sempre muito grande. Isso porque é possível cometer injustiças por deixar de citar alguém ou até pela percepção dos citados, que podem se magoar por não aparecerem na ordem de relevância que julgam que mereciam.

Por isso é comum se acrescentar, veladamente, uma seção de DESCULPAS, nem que seja na forma de um parágrafo (como esse) dentro dos agradecimentos, onde o autor se escusa pelo esquecimento de alguém. Apesar de que isso seja imperdoável.

Especificamente nesse livro, literalmente (e literariamente) uma saga familiar, devo agradecer a todos da família, por terem povoado as circunstâncias descritas, mesmo que seu nome não esteja explícito na narrativa. Pertencer à família Andrade e à família Barreto Lins já merece um ato de gratidão, porque o amor que permeou e permeia as nossas relações é a inspiração e o foco desse escriba. Obrigado!

Correndo o risco antes declarado de ser injusto ou de não agradar, sinto que devo gratidões particulares.

Honrando a premissa da família, cito primeiro o meu núcleo familiar:

Minha esposa, desde o início ouviu minhas ideias e foi me “dando corda” para ir em frente; me alimentou com dados que ela – de muito melhor memória que a minha – detinha a partir de conversas com a sogra e, além disso, foi a primeira – como leitora voraz que é – a quem entreguei o resultado e pedi crítica: Muito obrigado, Nádia.

Meus irmãos que, mesmo estando eu distante, responderam a questionamentos e me cederam subsídios, me enviaram fotos, documentos ou me fizeram relatos e depoimentos esclarecedores: Marivaldo, Fátima, Evaldo e Luiz Carlos: Obrigado, meus irmãos! (Saudade).

Marivaldo e Luiz Carlos tomaram para si a tarefa de revisar o texto original, percebendo detalhes que fugiram à minha atenção. Luiz Carlos pôs foco no cenário e ocorrências, já que esteve muito próximo durante a enfermidade. Marivaldo emprestou sua habilidade de revisor gráfico para localizar eventuais erros ortográficos ou gramaticais. Obrigado, Migo. Obrigado, Marivaldo.

Aqui em Natal, meu primo, Eudes, colaborou cedendo documentos de seu acervo, me incentivou a ir adiante e, posteriormente, executou detalhada e preciosa revisão. Obrigado, meu primo!

Minha tia, Margarida, a quem credito citações bibliográficas que apurei em seu livro “...e assim eu vi: memórias”, e ainda clarificou prontamente dúvidas que lhe submeti pessoalmente: Obrigado, minha tia!

Minha sobrinha Danielle pesquisou para mim alguns dados no Recife. Obrigado, Dani.

Minha sobrinha Gabriela franqueou anotações que lhe foram presenteadas pela vó, de cujos registros extrai muita informação, sobretudo do período de 1948. Obrigado, minha sobrinha.

Minha prima Mirian respondeu, lá de Maceió, às consultas que lhe fiz, ajudando com dados sobre a família Barreto Lins: Obrigado, Mira.

Meu amigo Hipoange leu os originais e contribuiu com observações, inclusive quanto à localização do Grupo Escolar Amaury de Medeiros, onde coincidentemente também estudou, trazendo à tona mais uma circunstância do destino: a escola ficava em frente à Pensão onde Evaldo se hospedou ao chegar ao Recife. Até então os registros de memórias entre os irmãos consideravam que o colégio se localizasse no bairro da Torre. Obrigado, amigo Hipoange.

... eu sabia que esqueceria alguém. Desculpe-me! E, em tempo, muito obrigado!

REFERÊNCIAS

COSTA, Bruno Santos Moraes. **Educando para a castidade: um olhar da igreja católica sobre a educação sexual nos anos 30** (Sec. XX). Dissertação (Mestrado) UFPE – CE Educação, 2007 (p. 76)

Disponível em https://repositório.ufpe/bitstream/123456789/4523/1/arquivo5442_1.pdf acessado em 27/05/2019 às 11:26.

Composição: *Dom Aquino Correia – Bispo de Cuiabá.*

FIGUEIREDO, Margarida Andrade de. **...e assim eu vi: memórias**. Natal. Edição do autor. 2005.

LINS, Evaldo Giraldes Barreto. **Queluz. – Memórias**. Manuscritos – Obra inacabada e inédita

SITES PARA E-VISITAÇÃO

Sítio de Vó

<https://www.google.com/maps/@-8.0834449,-34.9031959,3a,75y,115.45h,90.69t/data=!3m6!1e1!3m4!1sBocRx-pcn9B1qup2keLcazA!2e0!7i13312!8i6656>

Casa à Rua São Mateus, 129.

https://www.google.com/maps/@-8.0404428,-34.9366259,3a,60y,277.82h,85.47t/data=!3m6!1e1!3m4!1sOvH4UcmRzn_ok_YosRFUjQ!2e0!7i13312!8i6656

Casa do Estrada do Barbalho

https://www.google.com/maps/@-8.0361722,-34.9401672,3a,75y,103.71h,71.98t/data=!3m6!1e1!3m4!1sMU-AEowk7y_HwzfQiy6U2uA!2e0!7i13312!8i6656

Casa da Rua Conde de Irajá, 414.

<https://www.google.com/maps/@-8.046036,-34.907308,3a,60y,306.57h,90.25t/data=!3m6!1e1!3m4!1sJJWQ-aCv67f3WU86U1mluQ!2e0!7i13312!8i6656>

Casa da Rua Salvador Vidal, 37.

<https://www.google.com/maps/@-8.0542191,-34.9421936,3a,75y,113.77h,80.98t/data=!3m6!1e1!3m4!1s7XiPdob-ffLJsQQA1c7ldDg!2e0!7i13312!8i6656>

Largo da Paz: Igreja e Coreto da Praça.

<https://www.google.com/maps/@-8.0804369,-34.9064538,3a,75y,156.98h,102.64t/data=!3m6!1e1!3m4!1sPfptzDRhY0NFYdju7ryGyg!2e0!7i13312!8i6656>

Escola Normal (1950)

https://www.google.com/maps/@-8.0578412,-34.8827082,3a,60y,45.59h,96.03t/data=!3m6!1e1!3m4!1sVp3_BvRKv4XKPYB5OhjxSQ!2e0!7i13312!8i6656

Escola Normal atualidade.

<https://www.google.com/maps/@-8.0548828,-34.8821701,3a,75y,93.66h,100.42t/data=!3m6!1e1!3m4!1sh7FTnp0jK6lKvxsM-iVyeA!2e0!7i13312!8i6656>

Cine Moderno

https://www.google.com/maps/@-8.0645204,-34.8814605,3a,75y,117h,99.29t/data=!3m6!1e1!3m4!1s2pYG1p_HVT2jN8AXOR16bA!2e0!7i13312!8i6656

Arcoverde – PE

http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcp_pe/arcoverde.htm



Estação Ferroviária de Arcoverde (Atualmente desativada)
Ipojuca – PE

<https://www.google.com/maps/@-8.398374,-35.0647201,3a,75y,137.65h,96.34t/data=!3m6!1e1!3m4!1s6GZ5AdeXl1JDA75GzP9cIA!2e0!7i13312!8i6656>

Rua Amaro Lopes Madeira, 44 – Engenho do Meio – Recife - PE

<https://www.google.com/maps/@-8.0577295,-34.9409964,3a,75y,89.29h,92.18t/data=!3m6!1e1!3m4!1sCSrG-d96p1zjgW-i2TKb1g!2e0!7i13312!8i6656>

Lagoa dos Gatos – PE

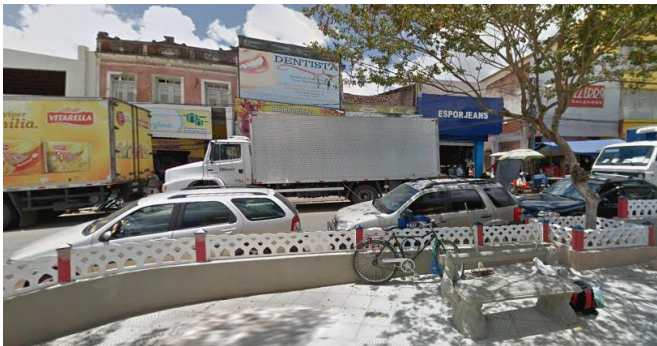
<https://www.google.com/maps/@-8.6554206,-35.9034838,3a,75y,266h,87.32t/data=!3m6!1e1!3m4!1sGF667uA-YotHMI0VgeoUqNw!2e0!7i13312!8i6656>

Grupo Escolar Amaury de Medeiros.

https://www.google.com/maps/@-8.0802934,-34.9080078,3a,60y,185.55h,83.78t/data=!3m6!1e1!3m4!1sHPcJ3vGk_COkbYOsARSlrw!2e0!7i13312!8i6656

Escada – PE

<https://www.google.com/maps/@-8.3611291,-35.2366796,3a,90y,65.31h,88.29t/data=!3m6!1e1!3m4!1sJ56oE3g6mXFcm4-Gwj1Veg!2e0!7i13312!8i6656>



Praça Barão de Escada, 65 – provavelmente a casa vermelha encoberta

ANEXO

TRILHA SONORA

REPERTÓRIO CANTADO POR MARIINHA

Letras de músicas inesquecíveis e saudosas, assim como registros de autoria musical, que no capítulo dedicado ao cancionero foram excluídos para dar o tom coloquial à fala.

Sobre Fascinação.

A música original, “*Fascination*”, é uma canção popular francesa de 1905, escrita por Maurice de Féraudy (1859-1932) e Dante Pilade Fermo Marchetti (1876-1940). Foi traduzida para a língua inglesa em 1932, por Dick Manning e interpretada por Jane Morgan em 1957 para trilha do filme “*Love in the afternoon*” – lançado no Brasil como: “Amor na tarde”, estrelado por Audrey Hepburn – e depois gravada por Dinah Shore e por Nat King Cole.

A versão brasileira, de Armando Louzada, em 1943, foi interpretada por Carlos Galhardo no mesmo ano.

A bem da verdade, registre-se, Mariinha alterava algumas letras de canções e foi dessa forma que acabou fixando os versos na memória dos filhos. Não o fazia de propósito, mas por algum erro de audição que acaba reproduzindo.

Porém, ao fixar a letra de músicas contribuiu com um lado positivo ao perpetuar o cancionero. Esse foi o caso ocorrido com “Fascinação” cuja letra da música tem duas partes que foram bem memorizadas pelos filhos. Entretanto, depois que Elis Regina gravou apenas a primeira parte, com estrondoso sucesso como tema de novela, os versos centrais e a segunda parte ficaram esquecidos, quase desaparecendo do cancionero popular, a ponto de apreciadores e conhecedores da gravação original já a terem solicitado a seresteiros famosos que respondem, surpresos à pedida: “Segunda parte de ‘Fascinação’? Como assim?”

A música é muito bonita e sua letra original combinava quatro partes:

Os primeiros versos apresentavam um cenário de sonho e castelos erguidos para comemorar o amor, num ritmo “*andante*”.

Porém, o “*andante*” ganha celeridade, passando a “*allegro*” ou mesmo “*presto*” para cantar a estrofe central que anuncia união, beijos e flores se abrindo.

Depois desta aceleração – que às vezes fazia com que Mariinha tomasse como par um dos filhos, para largar os talheres de preparação do almoço e valsar em rodopios pela sala – o ritmo desacelerava para um quase recitado “*largo*”, quando é anunciada a chegada de um destino mau!

Em seguida a música volta ao ritmo “*andante*” com a mesma melodia da primeira parte para encerrar com um cenário de solidão, quimeras e mentiras.

– É quase uma ópera! – Lembrava Mariinha.

Fascinação

(versão brasileira, de Armando Louzada)

*Os sonhos mais lindos sonhei.
De quimeras mil um castelo ergui.
E no teu olhar, tonto de emoção,
Com sofreguidão mil venturas previ.
O teu corpo é luz, sedução,
Poema divino cheio de esplendor
Teu sorriso prende, inebria, entontece,
És fascinação, amor...*

*A sorrir a cantar e a sonhar,
Nossas bocas se uniram então
E nos vendo os campos sorriam,
Nos vendo as flores se abriam.*

*Mas o destino mau certo dia chegou
E sem o teu o meu coração secou.*

*Hoje sombras sou do que fui
Minhas ilusões o destino levou.
Nada mais existe, desde que partiste.
E em meu coração só saudade ficou.
Vivo com o passado a sonhar,
Vendo-te ainda em meu coração
Mas, tudo promessas, quimeras, mentiras,
De tua fascinação*

Eles se amaram no Rio

Composição de Harry Warren e Osvaldo Santiago, gravada por Carlos Galhardo:

*Ouçã esta linda história
De amor e glória
De uma noite azul*

*Ouçã a canção dolente
Que embala a gente
Sob a Lua lá do Sul*

*E o amor nasceu
Ao se encontrarem no Rio
Em um café numa noite de estio
Um sonho então viveu (E o sonho então se deu)*

*Ele a sorrir lhe diz:
-Quero que sejas só minha
Ela responde que a sorte mesquinha
Não quer vê-la feliz*

*Esqueça ela lhe pede a chorar
Mostrando que não pode
As cadeias do destino
De repente quebrar*

*E ele se vai então
Mas deixa a alma no Rio
Leva consigo um mundo vazio
Que é seu coração*

Salão Grenat

Francisco Petrônio

*Queres negar que é saudade,
Chamando de curiosidade,
O que estou a sentir,
Abro a porta temeroso,
Expressivo, esperançoso,
De te encontrar a sorrir.*

*No salão grenat,
Paira pelo ar, nota esmaecida,
Do perfume teu, (Um perfume teu)
Resto de canção,
Que foi minha vida,
Triste e em solidão,
Teu piano está, como eu estou,
Sentindo aumentar,
Da saudade, a dor,
De quem me abandonou.*

*Sei que hás de voltar,
Ao salão grenat,
Que era o nosso ninho,
Tornarás a ter,
Todo o meu amor,
Todo o meu carinho,*

*Sei que voltarás
Pois hás de lembrar,
Que foste feliz,
Nunca houve alguém,
Que quisesse o bem,
Que sempre te quis...*

Ouvindo-te

Vicente Celestino

Basta!

O castigo que vens dando

Estás

Pouco a pouco me matando

Canto, de ti só ouço o contracanto

No entanto queria ver

Justo seria conhecer

Quem vivo a amar e adorar

A tua voz estou a ouvir

No entanto eu queria a ti sentir

És tão cruel, que mal te fiz

Que mesmo sem te ver sempre te quis?

E teu prazer é que eu sofra de amor

Por ti

Que te ame sem te ver

Meu bem-te-vi

E bastaria

Que uma só vez te visse, flor

Depois morrer dizendo (Pra morrer dizendo)

Bendito amor

Se ninguém te ama

Oswaldo Barbosa e José Reis. (1958)

*Se ninguém te ama
Ninguém me ama também
Somos dois corações solitários
A procura de alguém*

*Tantas bocas beijei
Procurando encontrar
Um sincero carinho
Mas como tu não achei
Um amor de verdade
Por isso vivo sozinho*

*Os meus dias são tristes vazios
São tristes os meus dias
Minhas noites são noites de inverno
São noites vazias*

*Quem me dera poder transformar
Em amor de verdade
Nossa sincera amizade*

Eu não posso lembrar que te amei

Herivelto Martins.

*Não, eu não posso lembrar que te amei
Não, eu preciso esquecer que sofri
Faça de conta que o tempo passou
E que tudo entre nós terminou
E que a vida não continuou pra nós dois
Caminhemos, talvez nos vejamos depois*

*Vida comprida, estrada alongada
Parto à procura de alguém, ou à procura de nada
Vou indo caminhando sem saber onde chegar
Quem sabe na volta te encontre ainda no mesmo lugar*

Não, não...

Não, não... eu não posso lembrar que te amei...

Duas almas

Don Fabian e Ewaldo Ruy.

*Duas almas que o destino
Um dia escolheu
Pra amar em desatino
São duas: tu e eu*

*Amor quase loucura
Loucura de querer
Que tempo de ventura
Vivemos sem saber*

*Que um dia nos caminhos
Que cruzaram nossas almas
Surgiu a sombra do ódio
Pra apagar o sol do amor*

*E desde aquele instante
Melhor fora morrer
Nem perto nem distante
Poderemos viver*

Renúncia

Mário Rossi e Roberto Martins.

*Hoje não existe nada mais entre nós
Somos duas almas que se devem separar
O meu coração vive chorando e a minha voz
Já sofremos tanto que é melhor renunciar*

*A minha renúncia
Enche-me a alma e o coração de tédio
A tua renúncia
Dá-me um desgosto que não tem remédio*

*Amar é viver
É um doce prazer, embriagador e vulgar
Difícil no amor é saber renunciar*

Malandrinha

Música de Marino Pinto, gravada por Nelson Gonçalves

*A lua vem surgindo cor de prata
No alto da montanha verdejante
A lira de um cantor em serenata
Reclama na janela a sua amante*

*Ao som da melodia apaixonada
Das cordas de um sonoro violão
Confessa um seresteiro à sua amada
O que dentro lhe dita o coração.*

*Oh linda imagem de mulher que me seduz
Ah! se eu pudesse tu estarias num altar
És a rainha dos meus sonhos, és a luz
És malandrinha não precisas trabalhar.*

*Acorda minha bela namorada
A lua nos convida a passear
Seus raios iluminam toda a estrada
Por onde nós havemos de passar...*

*A rua está deserta, oh! vem, querida
Ouvir bem junto a mim o som do pinho
E quando a madrugada, já surgida
Os pombos voltarão para seus ninhos.*

*Oh linda imagem de mulher que me seduz
Ah! se eu pudesse tu estarias num altar
És a rainha dos meus sonhos, és a luz
És malandrinha, não precisas trabalhar!*

Fracasso

Núbia Lafayette

*Relembro com saudade o nosso amor
O nosso último beijo e último abraço
Porque só me ficou da história triste desse amor
A história dolorosa de um fracasso*

*Fracasso por te querer assim como eu quis
Fracasso por não saber fazer-te feliz
Fracasso por te amar como a nenhuma outra amei
Chorar o que já chorei, fracasso eu sei.*

*Fracasso por compreender que devo te esquecer
Fracasso porque já sei que não te esquecerei
Fracasso, fracasso, fracasso, fracasso afinal
Por te querer tanto bem e te fazer tanto mal.*

Errei sim

Ataulfo Alves (da briga de Dalva de Oliveira com Herivelto Martins)

Errei sim

Manchei o teu nome

Mas foste tu mesmo o culpado

Deixavas-me em casa

Me trocando pela orgia

Faltando sempre com a tua companhia

Lembro-te agora

Que não é só casa e comida

Que prende por toda a vida

O coração de uma mulher

As joias que me davas

Não tinham nenhum valor

Se o mais caro me negavas

Que era todo o teu amor

Mas se existe ainda

Quem queira me condenar

Que venha logo

A primeira pedra me atirar.

Tudo acabado

J. Piedade e Oswaldo Martins
(Dalva de Oliveira da briga com Herivelto)

*Tudo acabado entre nós
Já não há mais nada
Tudo acabado entre nós
Hoje de madrugada*

*Você partiu e eu fiquei
Você chorou e eu chorei
Se você volta outra vez
Eu não sei*

*Nosso apartamento agora
Vive à meia luz
Nosso apartamento agora
Já não me seduz
Todo egoísmo
Veio de nós dois
Destruímos hoje
O que podia ser depois*

Foi somente uma vez

Núbia Lafayette

*Foi somente uma vez
Que amei na vida
Foi somente uma vez
E nada mais*

*Uma vez nada mais em meu peito
Guardei a esperança
A esperança que é a luz do caminho
Desta solidão*

*Uma vez nada mais
Entrega-se a alma
Com uma doce e total renúnciação
E quando esse milagre realiza
O prodígio de amar-se...*

*Tudo é diferente
Toca os sinos e um coro de anjos
Canta uma canção.*

Que será?

Marino Pinto e Mário Rossi
(Cantada por Dalva de Oliveira na briga com Herivelto)

Que será?

*Da minha vida sem o teu amor
Da minha boca sem os beijos teus
Da minha alma sem o teu calor*

Que será?

*Da luz difusa do abajour lilás
Se nunca mais vier a iluminar
Outras noites iguais*

Procurar

*Uma nova ilusão, não sei
Outro lar
Não quero ter além daquele que sonhei*

Meu amor

*Ninguém seria mais feliz que eu
Se tu voltasses a gostar de mim
Se teu carinho se juntasse ao meu*

Eu errei

*Mas se me ouvires me darás razão
Foi o ciúme que se debruçou
Sobre o meu coração.*

Pedacinhos do céu

*Vejo em teus olhos lindos (ou negros?)
Fogo roubado ao sol
Luz das estrelas
Sombras da noite
Lágrimas do meu amor*

*Tudo que você queira
Tudo farei por você
Só não me peças
Que eu te esqueça
Antes eu quero morrer*

*Eu tirarei pedacinhos do céu pra você
Serás meu bem
Meu doce amor
E deixarei em teus lábios o mel da paixão
Sem teu amor
Tudo é sombra em meu coração...*

Perfídia

Original de Alberto Dominguez

*Sofre a tua dor resignadamente
Sofre como eu sofri por ti também.
Sofre, porque a dor vai ensinando a gente
A amar e um dia querer bem*

*Te amei, como ninguém te amou, querida
De ti o menor gesto adorei,
Esquecida da própria vida.*

*Perfídia mandaste em troca eu não esqueci.
Das rosas, das orquídeas, das violetas
Que eu dava a ti.*

*Distraída no ambiente luxuoso
Em que sempre vivias,
Tu deixaste que murchassem as flores
E o buquê de fantasia.*

*E agora,
Que adoras a quem te magoa,
Perdoa pelo bem que te quis,
Perdoa e serás feliz!*

Ouçã

Maysa Matarazzo

*Ouçã,
Vá viver a sua vida com outro bem
Hoje eu já cansei
De pra você não ser ninguém.*

*O passado não foi o bastante
Pra lhe convencer
Que o futuro seria bem grande,
Só eu e você*

*Quando a lembrança
Com você for morar
E bem baixinho
De saudade você chorar*

*Vai lembra que um dia existiu
Um alguém que só carinho pediu
E você fez questão de não dar
Fez questão de negar*

Ninguém chora por mim.

Evaldo Gouveia

*Quando a notícia correu
Vieram logo me dizer
Mas a verdade é que eu
Já estava farto de saber*

*Um comentário é fatal
A um grande amor que chega ao fim
E quem sou eu, afinal
Para mudar coisas assim*

*Os meus problemas são meus
Deixem comigo
A solução
Os meus fracassos, só a Deus
E que eu revelo quantos são*

*Um conselho é tão fácil de dar
Cada um cita exemplos no fim
Mas se um dia eu tiver que chorar
Ninguém chora por mim.*

Margarida vai à fonte

Canção portuguesa. – Composição de João de Vasconcelos e Sá

É preciso dizer também que, apesar de ser usada por ela para ninar, muitas vezes Mariinha a cantava nas atividades domésticas e, de forma alguma tem a conotação de cantiga de ninar, no cancionário de Portugal. É antes cantada num ritmo bem compassado, tipo fado.

*Margarida vai à fonte
Margarida vai à fonte
Vai encher a cantarinha*

*Margarida vai à fonte
Margarida vai à fonte
Vai à fonte e vem sozinha*

*Tão pequena a casa dela
Tão pequena a casa dela
Fica à beira do caminho*

*E os canteiros da janela
E os canteiros da janela
Brotarão os romaninhos*

*Aos domingos na capela (Margarida quando passa)
Aos domingos na capela (Margarida quando passa)
Bota a saia de algodão (Leva a saia de algodão)*

*Quando ri e quando chora
Quando ri e quando chora
Bota os olhos no chão*

Pombinha quando tu fores

Cantiga popular brasileira

Pombinha, quando tu fores

Escreve pelo caminho

Se não achares papel

Nas asas dos passarinhos

Da boca faz o tinteiro

Do bico pena molhada

Dos dentes letra miúda

Dos olhos carta fechada

A pombinha voou, voou, voou

A pombinha foi embora e deixou

Hino de Primeira Comunhão

Hoje é meu dia

Hoje venho, oh minh'alma,

Dar-te a comer pela primeira vez...

Dar-te a comer pela primeira vez...

Hino do III Congresso Eucarístico Nacional, que aconteceu no Recife, em 1939, e reuniu um mar de gente, de todo Brasil, no Parque Treze de Maio. Foi uma semana inteira de evento e na ocasião Mariinha era adolescente. O hino foi tocado nas rádios e nas igrejas e ensinado nas escolas.

Mariinha cantava apenas até o primeiro refrão!

*Aos clarins do Congresso Sagrado,
Pernambuco se ergueu varonil
E o Recife se fez, lado a lado,
Catedral aonde reza o Brasil*

*Eia sus oh Leão, Leão do Norte
Ruge ao mar o teu grito de fé
Creio em Ti, Hóstia Santa, até a morte
Quem não crê
Brasileiro não é...
Quem não crê
Brasileiro não é.*

*Viva a hóstia e na praia tão linda
Onde os lírios se abrem a cantar
Canta o mar e os coqueiros de Olinda
Batam palmas aos hinos do mar*

*Eia sus oh Leão, Leão do Norte
Ruge ao mar o teu grito de fé
Creio em Ti, Hóstia Santa, até a morte
Quem não crê
Brasileiro não é...
Quem não crê
Brasileiro não é.*

*Viva a hóstia e nos rasgue horizontes
Nestes céus do Cruzeiro do Sul
Onde mais do que todos os montes
Guararapes rebrilha no azul*

*Eia sus oh Leão, Leão do Norte
Ruge ao mar o teu grito de fé
Creio em Ti, Hóstia Santa, até a morte
Quem não crê
Brasileiro não é...
Quem não crê
Brasileiro não é.*

*Viva a hóstia, a seus pés lhe roguemos
Sob as bênçãos da Virgem no além
Pela Pátria que tanto queremos
E respondam os Anjos: Amém*

*Eia sus oh Leão, Leão do Norte
Ruge ao mar o teu grito de fé
Creio em Ti, Hóstia Santa, até a morte
Quem não crê
Brasileiro não é...
Quem não crê
Brasileiro não é.*

Composição: Dom Aquino Correia – Bispo de Cuiabá.

O AUTOR

Newton é cearense de nascimento, pernambucano de criação e potiguar de coração. Segundo filho de Evaldo e Mariinha, aprendeu as primeiras letras e a análise sintática e morfológica com a mãe, no Externato 6 de Janeiro. Administrador e Mestre em Administração, aposentado e com tempo livre pôde, agora, exercer sua primeira incursão – há tempos adiada – pela escrita, que considera uma arte junto com a pintura, que também pratica, ambas entendidas por ele como capazes de transmitir imagens internalizadas dando-lhes visibilidade para os demais, em cores, detalhes e emoções. Essa é a tentativa que arrisca, nesse primeiro ensaio, de pintar com letras.

Contatos: newlins@hotmail.com

Delirando por influência de febre provocada por enfermidade que ceifaria sua vida, Evaldo requisitou para junto de si o filho mais novo, Luiz Carlos, e pediu: “Chama um táxi para a Rua Amaro Lopes Madeira, 44”

Este era o seu endereço desde o casamento com Mariinha.

Emblematicamente, o pedido representava a fuga da situação de sofrimento pela qual passava; significava a esperança de retorno ao lar onde fora feliz e tivera apoio e carinho ao longo de sua vida ao lado de Mariinha.

Quando um casal compartilha 57 anos de vida harmoniosa e, mais que isso, amorosa, não se pode desperdiçar o exemplo, no mínimo para entender a receita dessa união e – quem sabe? – reproduzi-la.

Sem a pretensão de escrever uma biografia, o autor se ocupa em girar em torno dos acontecimentos, vinculando-os à sequência cronológica, aos fatos mais evidentes do casal, permitindo-se a criação de diálogos de alcova e aproveitando para viajar no tempo e na história, pelo Recife do final dos anos 1940 até a década de 1960.

No prefácio, Fred Sizenando indica: “Como quem pinta uma tela, Newton dá vida em cores vivas à narrativa em tempo recente, no retorno ao passado e na transcrição de depoimentos de múltiplas origens”. Fred conclui: “As vidas de Evaldo e Mariinha viram um livro que vale um filme. Emocione-se leitor!”